

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANTONIO SUCENA LEON

EXPERIMENTOS COM ECTOPLASMA NA FRANÇA DE 1920 NO INSTITUTO DE
METAPSÍQUICA INTERNACIONAL

RIO DE JANEIRO

2016

Antonio Sucena Leon

Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica
Internacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial necessário à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas

Rio de Janeiro

2016

Antonio Sucena Leon

Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica
Internacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial necessário à obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: ____/____/____

Regina Maria Macedo Costa Dantas, Doutora, HCTE/UFRJ

Ricardo Silva Kubrusly, Doutor, HCTE/UFRJ

José Otávio Pompéu, Doutor, HCTE/UFRJ

Luiz Eduardo Azambuja Sauerbronn, Doutor, Politécnica/UFRJ

Dedicatória

Aos mestres Franz Anton Mesmer (1734-1815); Hippolyte Léon Denizard Rivail- Alan Kardec (1804-1869); Elena Petrovna Blavatskaya- Helena Blavatsky (1831-1891); William James (1842-1910); Léon Denis (1846-1927); Sigismund Schlomo Freud - Sigmund Freud (1856 -1939); Gustave Geley (1868-1924); Carl Gustav Jung (1875-1961); Donald Woods Winnicott (1896- 1971); Waldo Vieira (1932-2015).

Agradecimentos

À minha orientadora Regina Maria Macedo Costa Dantas, que aceitou me acompanhar nesta jornada acadêmica e que depositou sua confiança em mim. Aprendi muito com ela, que me deu a oportunidade de não só fazer a pesquisa, mas de amadurecer enquanto pessoa e profissional. Seu exemplo é notório, pensando a UFRJ como um campo de atuação, arregaçando sempre as mangas para o trabalho sem medo. Simplesmente contagiante.

A meus pais, Alberto Leon e Nisa Sucena e a meus irmãos, Catarina Leon, Giuliano Leon e Josef Leon, por serem a minha referência.

À minha esposa Juliana Puppín Duarte que carinhosamente me incentivou e apoiou inclusive durante minha viagem e imersão nos arquivos do Instituto de Metapsíquica Internacional.

Ao amigo Victor Augusto Sahate e a meus cunhados, Glenda Puppín Duarte e Diogo Puppín Duarte, que me acolheram durante a viagem de pesquisas para a realização deste trabalho.

Aos amigos Alexandre de la Roca Tavares, Renaud Evrard, Giancarlo Kind Schmid, Catia Raposo e Cristina Porto Arakaki que de diferentes formas me ajudaram durante minhas descobertas.

Aos membros da banca, Ricardo Silva Kubrusly, José Otávio Pompéu e Luiz Eduardo Azambuja Sauerbronn que gentilmente aceitaram o convite para participar desta banca.

Às imprescindíveis Mariah Martins e Gabriela Evangelista pelo acolhimento e suporte, sempre muito alegres e gentis.

Aos professores do HCTE, com quem tive contato, pela contribuição acadêmica e pelo acolhimento.

Ao Programa HCTE como um todo, faço votos de que continue sendo um local que acolhe a todos, “como o mar acolhe os rios sem fazer distinção”. Vivi algo muito especial no HCTE, um local de aceitação, respeito e abertismo em que os diferentes conviviam com suas diferenças de forma fraterna.

Ao Instituto de Metapsíquica Internacional por me permitir acessar todos os seus documentos sem restrições e por toda a generosidade em me receber de braços abertos.

OLHO QUE TUDO VÊ

Iconográfico dilema místico:

O mundo é uma intensa cegueira

À procura de saída do breu

Luz das ciências e religiões

Inaptas a invisualidade reina.

No marco da urbe que se confunde

Fumaça misturada ao fog invernal

A humanidade se apoia em muletas

De ideologias, partidos e crenças

Se arrastando desmotivadamente

Tateando velhas moedas de níquel.

No alto do prédio o olho outdoor

Digital e brilhante observa seco

O Logos da fornalha dos caprichos

Olho que tudo vê, icônico, rei

Sem lágrimas, remelas ou pálpebra.

(Schmid, 2014, p. 121)

RESUMO

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente trabalho pretende ser uma reconstrução histórico-cronológica do Instituto de Metapsíquica Internacional, analisando os experimentos com ectoplasma realizados pelo Instituto na década de 1920 e pelo seu embrião, o laboratório de Gustave Geley, localizado na Avenida Suffren, fundado em 1918. Tem como proposta a existência, neste período, de duas escolas de metapsíquica, a Escola Francesa e a Escola Inglesa e, como objetivo, questionar, baseado nas fontes primárias, se haveria ou não indícios de fraude nos experimentos. Objetiva também entender o que se deu para a diminuição das pesquisas com ectoplasma posteriormente. Na metodologia, foram utilizadas fontes primárias como cartas, documentos, discursos, revistas e livros da época. Os resultados obtidos apontaram para duas Escolas de Metapsíquica: uma Escola Francesa, ligada aos fenômenos chamados objetivos e uma Escola Inglesa, ligada aos fenômenos chamados subjetivos ou intelectuais. Concluí não haverem os tais indícios de fraude por parte dos Médiuns frente às fontes primárias. Também concluí que a diminuição dos experimentos com ectoplasma no Instituto de Metapsíquica Internacional ocorreu devido à mudança da diretoria do Instituto por ocasião da morte de Gustave Geley, estando seu substituto, Eugene Osty, mais inclinado a considerar a Escola Inglesa de metapsíquica e os fenômenos subjetivos.

Palavras Chave: História do Instituto de Metapsíquica Internacional, ectoplasma, metapsíquica, parapsiquismo.

ABSTRACT

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This paper aims to be a reconstruction of the institutional history of Institut Métapsychique International, based on ectoplasm experiments conducted by the Institut in the 1920s and by its predecessor Gustav Geley's laboratory, located at the Suffren Avenue in 1918. This study suggests the existence, in this period, of two schools of metapsychique, the French School and the English School. The objective is to question the truth of the experiments and, based on primary sources, identify if there was any evidence of fraud. This paper also aims to understand the reasons for the subsequent decrease in research on ectoplasm. The applied methodology analysed primary sources such as letters, documents, speeches, magazines and books from the time. The results pointed out to two metapsychique schools, one French linked to the phenomena called objective, and the other a English school linked to the phenomena called subjective or intellectual. I concluded that the primary sources didn't show any evidence of fraud from the mediums. I've also concluded that the decrease in the experimentation with ectoplasm at the Institut Métapsychique International occurred due to the change of the Institute's directors board, after the death of Gustav Geley. His substitute Eugene Osty was more inclined to consider the English School of metapsychique and the subjective phenomena.

Palavras chave: History of Institut Métapsychique International; ectoplasm, Metapsychique, paranormal

RÉSUMÉ

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

L'objectif de ce travail est une reconstruction de l'histoire institutionnelle de l'Institut métapsychique international, en se basant sur les expérimentations portant sur les ectoplasmes conduites par cet institut au cours des années 1920 et auparavant (1918) par Gustave Geley dans un précédent laboratoire, situé avenue de Suffren. Cette étude suggère l'existence, à cette période, de deux écoles de métapsychique, l'une française et l'autre anglaise. Nous chercherons à faire la lumière sur ces expérimentations et, en nous basant sur des sources primaires, à identifier les éventuelles preuves de fraude. Ce travail vise également à comprendre les raisons du déclin subséquent dans l'étude de l'ectoplasmie. La méthodologie employée s'appuie sur l'analyse de sources primaires, telles que des lettres, documents, conférences, revues et livres de l'époque. Les résultats indiquent l'orientation de deux courants de la métapsychique, l'un, en France, tourné vers les phénomènes dits objectifs, et l'autre, favorisé en Angleterre, tourné vers les phénomènes dits subjectifs ou intellectuels. Je conclus que les sources primaires ne montrent aucune preuve de fraude de la part des médiums. Je conclus également que le déclin de l'étude expérimentale de l'ectoplasmie à l'Institut métapsychique international est lié au changement de direction de l'institut, après la mort de Gustave Geley. Son successeur, Eugène Osty, était plus enclin à considérer l'école anglaise de métapsychique et les phénomènes subjectifs.

Mots-clés: Histoire de l'institut métapsychique international; ectoplasme; métapsychique; paranormal.

ZUSAMMENFASSUNG

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Die vorliegende Arbeit fokussiert die institutionelle Geschichte des Internationalen Metapsychischen Instituts (*IMI*). Dabei analysiert sie sowohl die dort in den Zwanziger Jahren als auch jene im Jahre 1918 in dessen Vorgängereinstitut, dem Gustave Geley Labor, durchgeführten Ektoplasma-Experimente.

Diese Arbeit schlägt für jene Zeit die Existenz zweier Metapsychischer Schulen vor: die Französische und die Englische Schule. Ziel der Arbeit ist es, auf Primärliteratur basierend zu erörtern, ob Anhaltspunkte auf Fälschungen innerhalb der Experimente zu finden sind. Darüber hinaus beschäftigt sie sich mit der Frage, was zum Rückgang der Ektoplasma-Forschung geführt hat. In der Methodologie wurden Primärquellen wie Briefe, Dokumente, Diskurse, Zeitschriften sowie Bücher dieser Zeit zur Analyse verwendet. Die Ergebnisse deuten auf zwei Metapsychische Schulen hin, zum Einen die Französische Schule, die im Zusammenhang mit den sog. objektiven Phänomenen steht und zum Anderen die Englische Schule, die in Verbindung mit den sog. subjektiven bzw. intellektuellen Phänomenen steht. Die Arbeit kommt zu dem Ergebnis, dass, ausgehend von den Primärquellen, keine Indizien auf Betrug oder Fälschung seitens der Medien festzustellen sind. Ebenso konnte geschlussfolgert werden, dass die Abnahme an Ektoplasma-Experimenten im Internationalen Metapsychischen Institut als Folge des Wechsels der Institutsleitung zu sehen ist. Nach dem Tod des Institutsleiters Gustave Geley wurde dieser durch Eugene Osty ersetzt, welcher stärker den subjektiven Phänomenen der Englischen Metapsychischen Schule verbunden war.

Stichwörter: Geschichte des Internationalen Metapsychischen Institut (*IMI*), Ektoplasma, Metapsychik, Parapsychismus.

RIASSUNTO

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Il presente lavoro intende essere (fare) una ricostruzione storica e cronologica dell'Istituto Internazionale di Metapsichica, (a partire dell'analisi degli) analizzando gli esperimenti con ectoplasma condotti (realizzati) dall'Istituto nel 1920 e per il suo embrione, il laboratorio di Gustave Geley, situato in Suffren Avenue, fondato nel 1918. Ha come proposta l'esistenza, in questo periodo, di due scuole di metapsichica, la scuola francese e la scuola inglese e, come obiettivo, interrogare, basandosi in fonti primarie, se ci sarebbero o no prove (indizi) di frodi negli esperimenti. Ha anche come scopo capire a cos'è dovuta la diminuzione di ricerche con ectoplasma posteriormente. Nella metodologia, fonti primarie sono state usate come lettere, documenti, discorsi, riviste e libri del tempo. I risultati acquistati hanno indicato due scuole di metapsichica: una scuola francese, legata a fenomeni detti obiettivi e una scuola inglese, legata a fenomeni detti soggettivi o intellettuali. Ho concluso che non ci sono tali indizi di frode dalla parte dei mediunici in rispetto alle fonti primarie. Ho anche concluso che la diminuzione in esperimenti con ectoplasma nell'Istituto Internazionale di Metapsichica si è dovuta al cambiamento del consiglio amministrativo dell'Istituto, in occasione della morte di Gustav Geley, essendo il suo sostituto, Eugene Osty, più inclinato a considerare la scuola inglese di metapsichica e i fenomeni soggettivi.

Parole chiave: Storia dell'Istituto Internazionale di Metapsichica, ectoplasma, metapsichica, parapsichismo.

RESUMEN

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Resumen: El presente trabajo anhela ser una historia institucional del Instituto de Metapsíquica Internacional analizando los experimentos con ectoplasma realizados por el Instituto en la década de 1920 y por su embrión, el laboratorio de Gustave Geley, en la Avenida Suffren, en 1918. Así tiene como propuesta la existencia, en este periodo, de dos escuelas de metapsíquica, la Escuela Francesa y la Escuela Inglesa. Como objetivo cuestiona, basado en fuentes primarias, se habría evidencias de fraude en los experimentos. También tiene como objetivo entender lo que se ha dado para la disminución de las investigaciones con ectoplasma. Como metodología fueron utilizados fuentes primarias como cartas, documentos, discursos, revistas y libros del período. Los resultados obtenidos señalaran a dos escuelas de metapsíquica, una Escuela Francesa vinculada a los fenómenos chamados objetivos y una Escuela Inglesa vinculada a los fenómenos chamados subjetivos o intelectuales. He concluido no haber evidencias de fraude, con respecto a los médiums, delante de las fuentes primarias. Además he concluido que la disminución de los experimentos con ectoplasma en el Instituto de Metapsíquica Internacional fue debido a un cambio en la junta directiva del Instituto a causa de la muerte de Gustav Geley siendo su sustituto Eugene Osty más inclinado a considerar la Escuela Inglesa de Metapsíquica y los fenómenos subjetivos.

Palabras-clave: Historia del Instituto Metapsíquico Internacional, ectoplasma, metapsíquica, parapsiquismo.

摘要,摘要,提炼

LEON, Antonio Sucena. Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

摘要:

这项工作是重建国际形而上学研究所的历史和纪年表。1918年 Gustavo Geley 实验室建立在 Suffren 大街，1920年在这所实验室内开始用物质化现象研究实验。这项研究的目的就是一个争议，在这些来源里是否存在欺诈行为。另一个目的就是想了解到底发生了什么缩减了这项研究。在那个年代里，这种方法来源于信件、资料，演说、杂志和书籍。结论指向了两个形而上学的学院：一个是法国的，他们关注于客观现象，另一个是英国的，他们关注于主观现象或智能现象。研究结论表明，根据这些来源，对于调查敏感人群中没有欺诈迹象。还有对于国际形而上学研究所缩减实验，是因为 Gustave Geley 的死亡让董事会产生了变动，取而代之的是 Eugene Osty，他更倾向于英国玄学学院和主观现象。

关键词：国际形而上学研究所的历史，物质化现象，形而上学，通灵能力

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto de Rocco Santolíquido	33
Figura 2 – Foto de Jean Meyer	39
Figura 3 – Foto de Gustave Geley	44
Figura 4 – Exteriorização de ectoplasma pelos dedos	98
Figura 5 – Gênese de um rosto em um monte de substância ectoplásmica	100
Figura 6 – Cabeça feminina de dimensões reduzidas, mas completamente materializada	102
Figura 7 – O mesmo que na Figura 6, fotografada com uma câmera colocada de lado	103
Figura 8 – Ampliação da Figura 7	103
Figura 9 – Cabeça feminina em formação, à custa de um cordão com substância ectoplásmica proveniente da boca de Eva	105
Figura 10 – A mesma cabeça feminina da Figura 9, em um estado de formação mais avançado.....	106
Figura 11 – Ampliação da cabeça feminina da Figura 9	106
Figura 12 – Outra ampliação da Figura 9	107
Figura 13 – Mais uma ampliação da Figura 9	108
Figura 14 – Rosto de mulher de dimensões reduzidas. A parte inferior da face foi melhor materializada que o topo	109
Figura 15 – Cabeça de mulher materializada na mesma sessão que a Figura 14, ampliada. Nota-se a materialização perfeita dos lábios; um cabelo grosso e preto caindo para baixo do pescoço	111
Figura 16 – Ectoplasma oriundo dos orifícios da face	113
Figura 17 – Cabeça feminina com uma espécie de corpo embrionário, feito de um aglomerado de substância, que leva para o canto da boca	113
Figura 18 – A mesma cabeça que na Figura 17. Fotografia tirada um instante após. A figura estava a cima e a direita do médium, na abertura da cortina	114
Figura 19 – Cabeça feminina movendo-se em volta de Eva	115
Figura 20 – A mesma cabeça feminina um instante depois	116
Figura 21 – A mesma cabeça feminina em uma outra posição	116
Figura 22 – A mesma cabeça feminina um pouco tampada pela cabeça de um	

colaborador	117
Figura 23 – A mesma cabeça em via de desmaterialização. Reabsorção pela boca de Eva	117
Figura 24 – A mesma cabeça em outra posição e ampliada	118
Figura 25 – Ampliação da Figura 24	118
Figura 26 – Ampliação da Figura 20	119
Figura 27 - Manifestação apresentando o formato de uma mão	134
Figura 28 – A aparição da substancia escura, espessa e fibrosa	137
Figura 29 – Sobre o ombro esquerdo de Eva, sobre o qual sua cabeça se inclina, os quatro dedos de uma mão esquerda grosseiramente esboçada	143
Figura 30 – Entre o queixo de Eva e sua roupa, como que retido pelo queixo, pendia o que parecia ser a pequena fotografia de um rosto humano	148
Figura 31 – Mais uma foto em que entre o queixo de Eva e sua roupa, pendia o que parecia ser a fotografia de um rosto humano	150
Figura 32 – Da boca de Eva pende algo parecido com um pequeno rosto plano	164
Figura 33 – Planta baixa do laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional	189
Figura 34 – Mão direita de uma criança, com o dedo indicador esticado e os outros dobrados	208
Figura 35 – Fotografia do dorso das mãos direita e esquerda, da mesma dimensão da mão de crianças de cinco a sete anos	209
Figura 36 – Fotografia da face palmar das mãos direita e esquerda, da dimensão da mão de crianças de cinco a sete anos	209
Figura 37 – Molde de um pé de criança	211
Figura 38 – Face dorsal de um pé de criança	212
Figura 39 – Face palmar de um pé de criança	213
Figura 40 – Parte inferior do rosto, lábios, queixo e barba	214
Figura 41 – Na base, no nível do pulso e no dorso da mão, apresentam-se regiões lisas e flácidas, onde os detalhes da pele estão como que apagados	216
Figura 42 – Mão com dedo indicador em riste	217
Figura 43 – Face palmar da mão com dedo indicador em riste	218
Figura 44 – Molde 3: moldes do dorso e palma de mãos	219
Figura 45 – Molde 6: face palmar	220

Figura 46 – Molde 6: face dorsal	220
Figura 47 – Molde 1: face dorsal	221
Figura 48 – Molde 1: face palmar	221
Figura 49 – Molde de duas mãos entrelaçadas, a direita e a esquerda	245
Figura 50 – Face dorsal e palmar do mesmo molde	246
Figura 51 – Moldes parciais de mãos obtidos na mesma sessão	247
Figura 52 – Ante pé	248
Figura 53 – Molde de mão	249
Figura 54 – Mão com dedo em riste	251
Figura 55 – Mão com polegar em gancho	252
Figura 56 – Molde achatado	253
Figura 57 – Molde de uma mão feminina.....	262
Figura 58 – Mesmo molde da Figura 57, face dorsal	263
Figura 59 – Molde de duas mãos juntas	264
Figura 60 – Mesmo molde da Figura 59 em posição diferente	265
Figura 61 – Moldes de duas mãos, direita e esquerda sobrepostas	266
Figura 62 – Moldes de duas mãos, direita e esquerda, juntas com os dedos entrelaçados	267
Figura 63 – Foto de Jean Guzik	280
Figura 64 – Documento do Manifesto dos 34	289
Figura 65 – Disposição dos participantes	319
Figura 66 – Organização da sala	357
Figura 67 – Organização da sala	363

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	26
1. BASTIDORES DA FUNDAÇÃO	32
1.1. Rocco Santolíquido	33
1.1.1. O conhecimento da Metapsíquica	35
1.1.2. A personalidade	36
1.2. Jean Meyer	39
1.3. Gustave Geley	44
1.4. O encontro das três personalidades idealizadoras e responsáveis pela fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional, Gustave Geley, Rocco Santolíquido e Jean Meyer	52
1.5. Os bastidores da fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional	56
1.6. Bastidores de fenômenos Metapsíquicos ante a fundação do Instituto	65
1.7. O momento histórico para os fenômenos metapsíquicos e a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional	66
1.8. O fim da Primeira Guerra Mundial	67
1.9. Conclusão	70
2. O CONTESTO DO ECTOPLASMA NA DÉCADA DE 1920	71
3. EVA CARRIERE	79
3.1. A Médium	80
3.2. Os experimentos no laboratório de Gustave Geley, na Avenida Suffen com Eva Carriere	87
3.2.1. O controle	88
3.2.2. O Fenômeno	89
3.2.3. Sessões ocorridas no laboratório de Gustave Geley em 1918	96
3.2.3.1. Sessão do dia 11 de janeiro de 1918	96
3.2.3.2. Sessão do dia 15 de janeiro de 1918	99
3.2.3.3. Sessão do dia 07 de fevereiro de 1918	100
3.2.3.4. Sessão do dia 12 de fevereiro de 1918	101

3.2.3.5. Sessão do dia 26 de fevereiro de 1918	104
3.2.3.6. Sessão do dia 01 de março de 1918	108
3.2.3.7. Sessão do dia 05 de março de 1918	110
3.2.3.8. Sessão do dia 08 de março de 1918	111
3.2.3.9. Sessão do dia 11 de março de 1918	114
3.3. As experiências de Eva Carriere com ectoplasma na “Society for Psychical Research”	120
3.3.1. Condições prejudiciais a experimentação	121
3.3.2. O Comitê de estudos da “Society For Psychical Research”	125
3.3.3. O Controle	126
3.3.4. O relatório da “Society For Psychical Research”	131
3.3.4.1. Sessão III ocorrida em 26 de abril de 1920	131
3.3.4.2. Sessão IV ocorrida em 28 de abril de 1920	135
3.3.4.3. Sessão IX ocorrida em 10 de maio de 1920	138
3.3.4.4. Sessão XI ocorrida em 13 de maio de 1920	144
3.3.4.5. Sessão XVII ocorrida em 21 de maio de 1920.....	145
3.3.4.6. Sessão XXI ocorrida em 28 de maio de 1920	151
3.3.4.7. Sessão XXV ocorrida em 5 de junho de 1920.....	155
3.3.4.8. Sessão XXXIV ocorrida em 21 de junho de 1920.....	156
3.3.4.9. Sessão XXXVI ocorrida em 24 de junho de 1920.....	158
3.3.4.10. Sessão XXXVIII ocorrida em 26 de junho de 1920.....	159
3.4. Conclusão	174
4. M. FRANCK KLUSKI	177
4.1. O Médiun	177
4.2. Apresentação lógica dos fatos	188
4.2.1. Organização geral das sessões	188
4.2.2. Substância primordial e fenômenos luminosos	194
4.2.3. Materialização de membros humanos	200
4.2.3.1 Constatação de materializações de membros humanos pela visão	200
4.2.3.2 Constatação de materializações de membros humanos pelo tato	201
4.2.3.3 Moldes de membros humanos materializados	203
4.3. Relatos	207
4.3.1. Sessão de 15 de novembro de 1920 - 5ª sessão	208

4.3.2. Sessão de 27 de dezembro de 1920 - 10ª sessão	208
4.3.3. Sessão de 31 de dezembro de 1920 - 11ª sessão	210
4.4. Discussão sobre a autenticidade metapsíquica dos moldes	222
4.5. Experiências de Materializações com o Sr. Franek Kluski	230
4.6. Materializações de rostos humanos	231
4.7. Observações analíticas	231
4.7.1. Sessão de 12 de novembro de 1920 – 3ª sessão	232
4.7.2. Sessão de 14 de novembro de 1920 – 4ª sessão	233
4.7.3. Sessão de 20 de novembro de 1920	233
4.7.4. Sessão de 20 de novembro de 1920 – terceira parte	233
4.8. Movimentos de objetos sem contato e raps	236
4.9. Materialização de formas animais	238
4.10. Manifestações de Ordem Intelectual	238
4.11. Experimentos realizados em Varsóvia	243
4.11.1. Novos moldes de membros materializados	243
4.11.2. Novos Moldes Materializados em Varsóvia, de abril a maio de 1922	258
4.11.3. Exame de impressões digitais	258
4.11.4. A propósito da imitação fraudulenta dos moldes	259
4.11.5. A nova série de moldes	261
4.12. A ação de Kluski sobre a agulha imantada	268
4.13. Novas experiências com o médium F. Kluski em junho de 1924	270
4.13.1. Sessão do dia 20 de junho de 1924 no escritório de trabalho do Kluski às 22h	270
4.13.2. Sessão de 30 de junho de 1924	272
4.14. Novas experiências com o médium F. Kluski em julho de 1924	275
4.14.1. Sessão de 3 de julho de 1924	275
4.14.2. Sessão de 11 de julho de 1924 às 23h	276
4.15. Conclusão	278
5. JEAN GUZIK	280
5.1. As sessões que se realizaram em Paris, com Guzik, de novembro de 1922 até maio de 1923, no Instituto de Metapsíquica Internacional	281
5.1.1. O Controle	282
5.1.2. Os Fenômenos	287

5.1.3. As sessões do médium Jean Guzik no Instituto de Metapsíquica Internacional em Varsóvia, similitudes	291
5.1.3.1. Sessão de 14 de setembro de 1921, às 21 horas, em Varsóvia, na casa do príncipe Lubomirski	291
5.1.3.2. Sessão de 26 de maio de 1923, às 20h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	293
5.1.4. Fenômenos luminosos, materializações visíveis, pneumatofonia	295
5.1.4.1. Sessão de 13 de setembro de 1921, às 17 horas, em Varsóvia, no Consulado da Dinamarca, um velho hotel com quartos enormes	297
5.1.4.2. Sessão de 15 de setembro de 1921, às 18 horas, na casa do Príncipe Lubomirski	297
5.1.4.3. Sessão de 29 de setembro de 1921, às 17 horas, no apartamento do Príncipe Lubomirski	298
5.1.4.4. Sessão de 29 de setembro de 1921, às 21 horas, na casa do comandante de M. (da Missão Militar Francesa)	299
5.1.4.5. Sessão de 19 de abril de 1922, às 17 horas, na casa de Madame Wodzinska	299
5.1.4.6. Sessão de 21 de abril de 1922, às 17 horas, na casa de Madame Wodzinska	300
5.1.4.7. Sessão de 30 de abril de 1922, às 17 horas, na sede da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos	300
5.1.4.8. Sessão de 3 de dezembro de 1922, às 21 horas no salão do Prof. Richet	300
5.1.4.9. Sessão de 5 de dezembro às 16 horas, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	302
5.1.4.10. Sessão de 11 de dezembro de 1922 no Instituto de Metapsíquica Internacional.....	303
5.1.4.11. Sessão de 12 de dezembro de 1922 no Instituto de Metapsíquica Internacional.....	304
5.1.4.12. Sessão de 15 de dezembro de 1922 no Instituto de Metapsíquica Internacional	304
5.1.4.13. Sessão de 17 de dezembro de 1922, às 17 horas, no Instituto de Metapsíquica Internacional	307
5.1.4.14. Sessão de 17 de dezembro, às 21 horas, no Instituto de Metapsíquica	

Internacional	307
5.1.4.15. Sessão de 9 de maio de 1923, às 21h30, no Instituto de Metapsíquica Internacional	308
5.1.4.16. Sessão de 2 de maio de 1923, as 21h30, no Instituto de Metapsíquica Internacional	308
5.1.5. Telecinésia e sensação de toques e contatos	309
5.1.5.1. Sessão de 9 de abril de 1923, às 16h30, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional	312
5.1.5.2. Sessão de 10 de abril de 1923, às 16h30, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional	313
5.1.5.3. Sessão de 11 de abril de 1923, às 20h30, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional	314
5.1.5.4. Sessão de 12 de abril de 1923, às 20h30, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional	315
5.1.5.5. Sessão de 13 de abril de 1923, às 16h30, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional	315
5.1.5.6. Sessão de 14 de abril de 1923, às 21h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	316
5.1.5.7. Sessão de 15 de abril de 1923, às 16h30, no salão particular do Dr. Geley	317
5.1.5.8. Sessão de 16 de abril de 1923, às 20h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	318
5.1.5.9. Sessão de 17 de abril de 1923, às 16h30, no salão do Dr. Geley	319
5.1.5.10. Sessão de 18 de abril de 1923, às 20h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	320
5.1.5.11. Sessão de 19 de abril de 1923, às 16h30, no salão do Dr. Geley	321
5.1.5.12. Sessão de 20 de abril de 1923, às 16h30, no salão do Dr. Geley	323
5.1.5.13. Sessão de 21 de abril de 1923, às 20h30, na sala de jantar do Doutor Bord	324
5.1.5.14. Sessão de 22 de abril de 1923, às 16h30, no salão do Dr. Geley	325
5.1.5.15. Sessão de 23 de abril de 1923, às 11h da manhã, no salão do Dr. Geley	326
5.1.5.16. Sessão de 23 de abril de 1923, sessão da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	327

5.1.5.17. Sessão de 24 de abril, às 15h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	327
5.1.5.18. Sessão de 25 de abril, às 20h30 da noite, na casa do Professor Cunéo	331
5.1.5.19. Sessão de 27 de abril de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	331
5.1.5.20. Sessão de 28 de abril de 1923, às 21 horas da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	333
5.1.5.21. Sessão de 29 de abril de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	334
5.1.5.22. Sessão do 30 de abril de 1923, às 21 horas da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	335
5.1.5.23. Sessão de 1 de maio de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	335
5.1.5.24. Sessão de 2 de maio de 1923, às 20h30 da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	336
5.1.5.25. Sessão de 3 de maio de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	337
5.1.5.26. Sessão de 4 de maio de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	338
5.1.5.27. Sessão de 5 de maio de 1923, às 20h30 da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	338
5.1.5.28. Sessão de 6 de maio de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	339
5.1.5.29. Sessão de 7 de maio de 1923, às 21h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	339
5.1.5.30. Sessão de 8 de maio de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	340
5.1.5.31. Sessão de 9 de maio de 1923, às 8h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	341
5.1.5.32. Sessão de 10 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	342
5.1.5.33. Sessão de 11 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	343

5.1.5.34. Sessão de 12 de maio de 1923, às 20h30 da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	343
5.1.5.35. Sessão de 13 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	344
5.1.5.36. Sessão de 14 de maio de 1923, às 20h30 da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	344
5.1.5.37. Sessão de 15 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	345
5.1.5.38. Sessão de 16 de maio de 1923, às 8h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	345
5.1.5.39. Sessão de 17 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	346
5.1.5.40. Sessão de 18 de maio de 1923, às 21h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	347
5.1.5.41. Sessão de 19 de maio de 1923, às 8h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	348
5.1.5.42. Sessão de 20 de maio de 1923, às 4h30 no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	348
5.1.5.43. Sessão de 21 de maio de 1923, às 8h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	349
5.1.5.44. Sessão de 22 de maio de 1923, às 2h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	350
5.1.5.45. Sessão de 23 de maio de 1923, às 8h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	351
5.1.5.46. Sessão de 24 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	351
5.1.5.47. Sessão de 25 de maio de 1923, às 21h da noite, na casa do Dr. Bour	352
5.1.5.48. Sessão de 26 de maio de 1923, às 8h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	353
5.1.5.49. Sessão de 27 de maio de 1923, às 4h30, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional	354
5.2. Experiências com o Médiun Jean Guzik em Baden-Baden	355
5.3. Conclusão	367

CONSIDERAÇÕES FINAIS	368
REFERÊNCIAS	373
ANEXO A – Carta de Rocco Santolíquido à Charles Richet em 03 de outubro de 1918	379
Tradução ANEXO A	381
ANEXO B – Carta de Oliver Lodge à Charles Richet em 16 de outubro de 1918	383
Tradução ANEXO B	385
ANEXO C – Carta de Rocco Santolíquido à Charles Richet em 08 de novembro de 1918	388
Tradução ANEXO C	390
ANEXO D – Decreto de reconhecimento de utilidade pública do Instituto de Metapsíquica Internacional	393
ANEXO E – Verbetes Ectoplasma da Enciclopedia da Conscienciologia	394

INTRODUÇÃO

Há séculos o pensamento humano é habitado pelo interesse no magnetismo animal, na manipulação da energia do cosmo, nas mancias, na cura de enfermidades, no afastamento de maus espíritos, no contato com os mortos e em todos os fenômenos relacionados aos xamãs, pajés, bruxas, curandeiros, videntes e outros. A denominação que essas práticas recebem varia dependendo da época e da cultura. Verificou-se ao longo dos últimos séculos que as pesquisas com energia, mesmerismo e ectoplasma se transformaram ganhando mais ou menos destaque de acordo com as mudanças socioculturais e com os paradigmas da ciência.

A motivação para este trabalho vem do fato de, na atualidade, nos deparamos com as mais variadas possibilidades de pesquisa sobre questões relacionadas às energias emanadas pelo homem e que causam alguma repercussão correlacionada ao ectoplasma. Pesquisadores como Waldo Vieira, Carl Gustav Jung, Wilhelm Reich e Dean Radin são exemplos de estudiosos que, nos séculos XX e XXI, aprofundaram o estudo nessa área sob uma perspectiva científica.

A Enciclopédia da Conscienciologia define o ectoplasma da seguinte forma: “O ectoplasma é o exsudato energético, semimaterial, de características viscosa, leitosa, quase transparente, retrátil, contendo propriedades químicas similares aos componentes intracelulares orgânicos, mais facilmente perceptível quando emanado do soma do parapsíquico ectoplasta, durante transes mediúnicos de efeitos físicos, promotores dos fenômenos de materializações”¹.

O interesse em desenvolver este estudo foi uma semente plantada desde minha tenra infância, pela observação do trabalho realizado tanto por minha avó paterna quanto pela materna. Ambas foram reconhecidas médiuns de cura à época em que atuavam. Sylvia de Oliveira Leon, minha avó paterna, chegou a ser matéria de revista de grande circulação chamada Fatos e Fotos, na década de 1970 e escreveu uma série de livros no mesmo período com diversos temas com o título, Nós a Vocês, Obreiros Mediúnicos

¹ O verbete ectoplasma da Enciclopédia da Conscienciologia encontra-se no anexo E do presente trabalho.

Grandeza Astral (1971). Já Zélia de Carvalho Sucena, minha avó materna, recebeu o mesmo reconhecimento como médium de cura sendo objeto de pesquisadores norte-americanos, como Lindsay Hale, professor da Universidade do Texas, que inclusive escreveu um livro (Lindsay, 2009). Minha infância e juventude teve no paranormal, no parapsiquismo e no uso de energias algo cotidiano e rotineiro. Muitos dos fenômenos descritos ao longo deste trabalho foram vivenciados por mim e meus irmãos na infância e juventude. Aos vinte e um anos conheci o trabalho de Waldo Vieira e passei a me aprofundar no estudo do parapsiquismo com um viés científico. A partir da prática da Tenepes² iniciada aos vinte e nove anos de idade, de mais de uma década de pesquisas e docência ligadas ao Parapsiquismo e às energias da Consciência, o tema ectoplasma se tornou uma especialidade de meu interesse. Neste trabalho optei em colocar uma lente de aumento sobre a década de 1920, em Paris e no Instituto de Metapsíquica Internacional. Nesta Instituição e neste período o investimento em pesquisas com o Ectoplasma foi bem grande, sendo sempre citado por qualquer pesquisador interessado no assunto. Assim, meu desejo foi mergulhar fundo nas fontes primárias e não apenas pesquisar, mas também sentir o que foi esse período e o que de fato aconteceu.

Em 1918, o embrião do Instituto de Metapsíquica Internacional, o laboratório de Gustave Geley, situado na Avenida Suffren, em Paris, realizou diversos experimentos com ectoplasma. Na década de 1920, o Instituto dominou as pesquisas sobre ectoplasma no mundo, exercendo uma grande liderança no estudo da Metapsíquica Objetiva, ou seja, aquela ligada a fenômenos físicos supostamente produzidos pelo ectoplasma. Assim, deu-se início ao que passarei a denominar de Escola Francesa de Metapsíquica em oposição ao que chamo de Escola Inglesa, mais interessada na Metapsíquica Subjetiva, ligada aos fenômenos de ordem intelectual. Essa dicotomia será melhor explorada ao longo do trabalho.

² “A Tenepes (tarefa energética pessoal) é uma técnica energética assistencial, praticada no estado de vigília física ordinária, programada, realizada diariamente, em parceria com um amparador, no mesmo horário, no qual o praticante doa suas energias visando a auxiliar diretamente as consciências extrafísicas carentes de energia ou enfermas, intangíveis e invisíveis à visão humana comum; ou consciências intrafísicas projetadas, ou não, próximas ou à distância, também carentes de energia ou enfermas” (Vieira, 1995).

O exame da implantação do Instituto de Metapsíquica Internacional, chama a atenção para um ponto que distingue a França de outros países, como por exemplo, da Inglaterra e do surgimento da Society for Physical Research, em Londres, no que se refere à criação de instituições científicas de estudos parapsíquicos. Na França, era dada uma ampla publicidade aos experimentos com ectoplasma, inclusive na busca por comprovações científicas, os experimentos eram realizados na presença de importantes personagens do cenário cultural e político. Isso porque não bastava comprovar o fenômeno em um laboratório, se buscava também ter testemunhas idôneas para o fato. De certa feita, trinta e quatro personalidades chegaram a assinar um documento atestando a veracidade dos fenômenos presenciados. Tal documento entrou para a história como o manifesto dos 34 e é explorado no capítulo 5.

Ao lado das razões de êxito dos experimentos das instituições, não menos importante é estudar as causas de sua decadência. As pesquisas com ectoplasma alcançaram seu apogeu na década de 1920 e nas décadas seguintes diminuíram, dando lugar a experimentos subjetivos da chamada Metapsíquica Subjetiva ou intelectual, alinhada à Escola Inglesa de Metapsíquica.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo maior pesquisar os experimentos com ectoplasma realizados durante a década de 1920, na França e no Instituto de Metapsíquica Internacional. Ou seja, investigar como ocorriam os experimentos, sua organização, os cuidados para evitar a fraude, os procedimentos de controle, os fenômenos, sua descrição e também quem eram os médiuns e os pesquisadores envolvidos. Objetivo verificar os vários aspectos que permeavam os experimentos na década de 1920, explorando os valores e regras nas pesquisas com ectoplasma neste período. Também constituirá foco da pesquisa o contexto em que os experimentos estavam inseridos. Usando as palavras de Latour (1987), meu objetivo é abrir a caixa preta desses experimentos.

Propõe-se a seguinte hipótese de classificação dos estudos metapsíquicos, na década de 1920, qual seja, a existência de duas escolas com foco distintos: uma Francesa, inclinada a fenômenos mais objetivos como Ectoplasma e Materialização; e uma Inglesa, mais inclinada a

fenômenos subjetivos e intelectuais.

A metodologia utilizada para o trabalho foi analisar as fontes primárias por meio de diferentes documentos, entre cartas e periódicos obtidos nos arquivos do Instituto de Metapsíquica Internacional. Tais fontes foram acessadas pessoalmente no período de pesquisa no arquivo do próprio Instituto de Metapsíquica Internacional em Paris³. A pesquisa de documentos e periódicos sobre os experimentos dos três famosos médiuns: Eva Carriere (1886-1969), Kluski (1874-1946) e Guzik (1876-1928), me motivou a indagar sobre os indícios de fraudes nesses experimentos e sobre o que fez com que a pesquisa com ectoplasma deixasse de ser predominante no Instituto de Metapsíquica após a década de 1920?

A presente pesquisa seguirá o referencial teórico da Metapsíquica, considerando autores com Geley (1924) e Bisson (1924). Incluirá também os estudos de Vieira (1995), bem como de outros estudiosos reconhecidamente envolvidos na temática, de modo a permitir o aprofundamento no tema proposto.

Justifica-se o trabalho pela contribuição ao entendimento do Instituto de Metapsíquica Internacional e de seus experimentos com o ectoplasma, contribuindo para a história das pesquisas parapsíquicas. Além disso, pretende-se produzir uma literatura nacional sobre o tema. As questões relacionadas à metapsíquica e ao ectoplasma são não apenas do interesse dos pesquisadores em parapsiquismo, mas abrangem interessados de outras áreas de conhecimento, entre elas, da história, da física, como também da sociedade, de um modo em geral, contribuindo para expandir o campo teórico relacionado ao assunto.

É importante ressaltar que, ao longo do trabalho, as sessões de experimentos são descritas de forma narrativa, mas guardam fidelidade com o conteúdo de sua fonte. Todas as sessões com Gustave Geley, na condição de diretor, estão detalhadamente descritas. Acreditamos que o trabalho provocará questionamentos sobre o padrão dos experimentos com ectoplasma na década de 1920, realizados no Instituto de Metapsíquica Internacional e suas relações com a sociedade. Assim, irá colaborar para

³ A pesquisa foi realizada durante o mês de fevereiro de 2015.

ampliar a visão dos pesquisadores e de outros interessados no tema da parapsicologia com narrativas inéditas. Dessa forma, o trabalho está dividido em cinco capítulos.

No capítulo 1 são expostos os bastidores da fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional, as circunstâncias e razões pelas quais foi criado, os obstáculos que teve de vencer e os fatores de êxito. Na oportunidade, será exposto o seu espírito, ou *etos*, seu impacto na sociedade e as principais personalidades envolvidas na sua fundação.

No capítulo 2 é abordado o estado das pesquisas da época em relação à ectoplasma. As pesquisas com ectoplasma nesse período eram consideradas o que havia de mais avançado dentro da Metapsíquica. Como poderá ser atestado pelas cartas trocadas entre Rocco Santolíquido (1854-1930), Charles Richet (1850-1935) e Oliver Lodge (1851-1940). Ao mesmo tempo, durante a década de 20 (nossa delimitação temporal), o Instituto sofreu uma campanha de difamação, desencadeada por jesuítas e por teólogos da Igreja Católica. Este cenário hostil será apresentado, incluindo as opiniões dos espíritas e dos cientistas, estes últimos clamando pela replicabilidade dos fenômenos.

No capítulo 3 são analisados os experimentos realizados com a médium Eva Carriere (1886-1969), no laboratório de Gustave Geley (1868-1924), que foi o embrião do Instituto de Metapsíquica Internacional e na *Society for Physical Research*, evidenciando a dicotomia entre a Escola Francesa e a Escola Inglesa na prática. A médium Eva é até hoje citada em decorrência da polêmica gerada entre as duas Instituições (Berger, 1991), (Tocquet, 1963), (Amadou, 1957).

No capítulo 4 são analisados os experimentos com o médium Kluski. Na época, seus moldes de parafina causaram grande repercussão. As sessões são bem controladas e a parafina é maceteada de forma a comprovar que os moldes foram de fato produzidos durante as sessões. Moldadores de renome de Paris também periciaram os moldes e não conseguiram replica-lo da mesma forma como foi produzido.

No Capítulo 5 o médium Guzik é objeto de análise, bem como é exposta a condição em que foi realizado o *manifesto dos 34*⁴, em que grandes personalidades de Paris participaram dos experimentos. Tais personalidades se submetiam inclusive a ficar acorrentadas umas às outras para presenciarem o fenômeno e testemunharem qualquer tentativa de fraude.

Esta divisão, que atende à necessidade de discutir os problemas que parecem mais importantes, fez com que o trabalho se concentrasse, sobretudo, nos médiuns, chamados ectoplastas, que participaram dos experimentos nesse período.

⁴ Manifesto de intelectuais, cientistas e políticos atestando a veracidade dos fenômenos.

CAPÍTULO 1 – BASTIDORES DA FUNDAÇÃO

Andando em Lyon, em um momento, Santoliquido se virou para Geley e disse: “Meu amigo, a guerra acabou, acabou, vitória. É necessário se apressar para criar o Instituto”. Geley ficou olhando para Santoliquido e questionando sobre o que fazer. Escrever uma carta imediatamente a Gramont para expor o projeto e pedir sua opinião foi a resposta de Santoliquido. (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8. Tradução nossa).

O presente capítulo tem três objetivos principais, quais sejam: relatar o encontro das três personalidades idealizadoras e responsáveis pela fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional, Gustave Geley, Rocco Santoliquido e Jean Meyer; expor os bastidores da fundação baseados em fontes primárias como cartas e discursos obtidos no arquivo do Instituto de Metapsíquica Internacional e na Revista de Metapsíquica; Analisar o contexto histórico da fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional.

Foi do encontro, da soma de suas capacidades e da colaboração, por diversos meios, destes três homens, que nasce, em 1917, na Avenida De Suffren, um laboratório, o mesmo que, em 1919, depois de um decreto ministerial reconhecendo sua utilidade pública em 23 de abril, foi transferido ao imóvel da Avenida Niel nº 89, tendo sido nomeado "Instituto de Metapsíquica Internacional", marcando a história da parapsicologia e das investigações parapsíquicas.

A vida substitui rapidamente seus atores. Em uma década, consumiu os três fundadores. Doutor Geley, o mais jovem, encontrou uma morte trágica num acidente de avião em 15 de julho de 1924. O Professor Santoliquido morreu em 25 de novembro de 1930. A morte de Jean Meyer, em 13 de abril de 1931, finaliza a extinção das três personalidades às quais o Instituto de Metapsíquica Internacional em Paris deve, particularmente, sua existência. Cabe destacar que, além das três personalidades, o professor Charles Richet ajudou fortemente o Instituto por meio de seu apoio moral, seus conselhos e sua preciosa colaboração. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1931. p.89).

1.1. Rocco Santolíquido



Figura 1 – Foto de Rocco Santolíquido.

Rocco Santolíquido nasceu em Florença, Basilicata, na Itália em 30 de abril de 1854, concluindo seus estudos de medicina na mesma Cidade e recebendo em 1878 o título de doutor. Oito anos depois, destacava-se de tal forma por seus trabalhos que a faculdade de medicina de Nápoles o encarregou da cadeira terapêutica, quando tinha então 32 anos de idade. Tomando consciência da pouca eficácia dos medicamentos nas doenças mais mortais, quais sejam, as epidêmicas, ele firma seus interesses no estudo da aplicação dos meios para preveni-las. Uma vez aberto um concurso para médicos higienistas, ele se apresentou e ficou em primeiro lugar, entrando logo após na administração sanitária do Ministério do Interior,

que o encarrega do ensino da legislação sanitária na Escola de Aperfeiçoamento da Higiene. Rapidamente notado, ele se torna, em seguida, assistente do Professor Pagliani, Diretor Geral da Saúde Pública e, em 1902, sucede-lhe nesta função, o que o torna um grande mestre da Saúde Pública na Itália. Assim que chega ao cargo, este homem talhado para dirigir e organizar percebe que sua primeira tarefa deveria ser liberar a Administração da Saúde Pública da servidão ministerial. Seus esforços pacientes conquistaram, por sua administração, a autonomia. A partir de então, senhor de suas ações, dedica-se arduamente à realização de seu projeto: defender o público contra as epidemias, protegendo também os animais. Apenas alguns poucos anos lhe são suficientes para que consiga dotar a Itália de uma legislação sanitária exemplar. Eliminou a malária que assolava alguns países; instituiu de forma tão eficaz quanto possível a profilaxia das doenças venéreas; destinou créditos para ajudar a construir qualquer obra que interessasse à Saúde Pública. A este considerável trabalho de administrador higienista de grandes iniciativas, acrescentou um mandato legislativo. De 1905 a 1919, ele representa, na Câmara dos Deputados, os eleitores de Basilicata. A organização da saúde de seu país o fez compreender que a luta contra as epidemias só seria eficaz por meio de uma ação coordenada internacional. Ele viaja então a outros países para difundir esta ideia. Em 1907, representa a Itália na Conferência Internacional, a partir de onde é criado o Escritório Internacional de Saúde de Paris, do qual ele foi presidente até 1916, ano em que o nomeiam presidente da Comissão Interaliada para a alimentação dos exércitos em campanha. Ele havia pedido demissão, em 1912, da função de Diretor Geral da Saúde Pública da Itália para se dedicar às grandes questões de saúde internacional. Como Conselheiro de Estado da Itália, ele se fixa quase que completamente em Paris, apenas deixando o centro de suas atividades para algumas curtas estadias em Genebra, junto à Liga das Nações, em Milão e Roma, onde sua presença era, por momentos, solicitada. Ao fim da guerra, a Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, fundada em Paris em abril de 1919, lhe pede que seja seu Conselheiro técnico, papel que desempenha até sua morte. Após alguns anos ele toma a iniciativa de instituir, na Itália, com a intenção de estender em seguida a todos os países, pesquisas e leis em prol da

extinção da tuberculose dos trabalhadores, a começar pelos da indústria. A XIV Conferência Internacional da Cruz Vermelha, reunida em outubro de 1930 em Bruxelas, o felicita e agradece por esta iniciativa. É com o intuito de continuar tais pesquisas nos meios industriais da Itália que, encorajado pelo Governo que lhe abre as portas das fábricas, que este homem de 76 anos de idade, de saúde precária após ter saído de uma clínica, em Neuilly, onde acabara de operar um dos pés, chega a Milão, de chinelos, só aceitando deixar o trabalho quando seus amigos médicos o convencem a internar-se em uma clínica para cuidados de urgência. Ali ele continua trabalhando até a hora em que o coma, precursor da morte, apaga sua consciência. Santolíquido pensava apenas no bem comum e se contentou em viver modestamente de seu trabalho (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 466).

1.1.1. O conhecimento da Metapsíquica

Em setembro de 1906, enquanto trabalhava como Diretor Geral da Saúde Pública, encontra em casa, ao voltar de uma viagem, uma grande novidade: seu filho, sua sobrinha e seus amigos faziam uma “mesa branca”. Ele os recrimina por esta superstição ridícula. Eles pedem então que não os condene sem julgamento. Certo de poder provar a futilidade do procedimento, ele aceita fazer o teste, declarando que não se convenceria se não obtivesse repostas a perguntas apenas pensadas. Seu espanto foi grande quando constatou que as sete questões mentais que formulara sucessivamente receberam respostas satisfatórias. Dessa forma, sua curiosidade cresce e ele continua, em seu tempo livre, a consultar a mesa. Ele percebe que quem produzia o fenômeno era sua sobrinha Luise, e obtém a partir disto a expressão motora do conhecimento supranormal dos avisos e premonições que lhe trazem a certeza de que aquilo que é trazido pelos cinco sentidos não é a única forma de conhecimento⁵. Na época em que se maravilhava com o espetáculo, novo para ele, deste estranho meio de conhecer a realidade, ele estava bem longe de suspeitar que teria mais tarde

⁵ Ele publicou esta série de sessões em um pequeno livro: “Observations d’un cas de médiumnité intellectuelle.” (Editions Jean Meyer).

um papel a desempenhar na história das propriedades paranormais do psiquismo humano. Um curioso encadeamento de fatos iria prepará-lo. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 466).

Obrigado a morar em Paris durante a guerra por suas funções de Higienista Internacional, Santoliquido conhece acidentalmente o Dr. Geley, que a mobilização havia removido de Annecy. Rapidamente ele o contrata como secretário. Suas conversas, durante as horas livres, versavam sobre metapsíquica. Sonhavam com a criação de um laboratório especialmente preparado para esta ciência. Acabaram conhecendo inesperadamente um homem que reunia as raras qualidades de compreensão da importância da metapsíquica, de ser dono de uma fortuna e de ser generoso: Sr. Jean Meyer. Da colaboração destes três homens nasce, em 1919, o Instituto Metapsíquico Internacional. O Sr. Jean Meyer foi o Fundador, o Professor Santoliquido foi o Primeiro Presidente e, Doutor Geley, o Primeiro Diretor. Até 1929, Santoliquido foi o Presidente em exercício, depois, Presidente Honorário. Imagina-se qual teria sido sua tristeza quando um brutal acidente aéreo leva o Doutor Geley, colaborador dos primeiros tempos. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 468).

1.1.2. A personalidade

Eugene Osty, o sucessor de Gustave Geley na Diretoria do Instituto, relatou que durante seis anos pôde relacionar-se ininterruptamente com Santoliquido. Pouco a pouco, conseguiu penetrar em sua personalidade tão difícil de se conhecer, pois que não se permitia mostrar-se. Santoliquido era tão reservado que apenas deixava escapar as palavras indispensáveis. Diante de seu olhar impassível, os entusiasmos esfriavam-se; mas enganavam-se quando se deixavam desanimar, pois nestes casos uma resposta tardia vinha rapidamente revelar que ele compartilhava do gosto daquele que lhe tinha ido falar e que ele ajudaria a construir os resultados. Tendo constatado a realidade de muitos fenômenos metapsíquicos, Santoliquido estava bastante convencido de que esta ciência se tornaria a ciência das ciências, aquela destinada a coroar a todos quando viesse à luz, vislumbrando que, por trás da realização material da vida, havia uma

inteligência que queria e sabia desta realização. Este grande médico dos corpos previa uma era da saúde moral que inauguraria a descoberta demonstrável do espírito animador da matéria. Ele não se permitia emitir nenhuma explicação dos fenômenos, dizendo-se incompetente, pois seria um simples expectador da obra metapsíquica, e não um pesquisador. Quando acontecia a Osty de pedir sua opinião sobre o significado deste ou daquele fato, Santoliquido respondia: "Você sabe, meu caro amigo, respondia Santolíquido, que o que falarei não tem nenhum fundamento. Eu constatei este fato e nunca o estudei. Pretendo apenas ajudar àqueles que pesquisam". Apresentava Santolíquido, neste relato, muita prudência e modéstia (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 468. Tradução nossa).

Enquanto Osty preparava e, depois, enquanto realizava-se, o III Congresso Internacional de Pesquisas Psíquicas em Paris, em 1927, Santoliquido escutava sem nada dizer as propostas de Osty de forma desanimada. Osty planejava transformar o congresso em reuniões, onde cada um fizesse um relatório provisório de uma ou de várias questões que pudessem fazer com que os congressistas ficassem mais bem equipados para a pesquisa. Aqueles que assistiram à sessão final do Congresso de Paris presenciaram Santoliquido fazendo duas solicitações impressionantes, que Osty só pôde compreender depois. No momento em que o Doutor Tanagra propôs que o local do próximo congresso fosse Atenas, Santoliquido pede que a aceitação definitiva do lugar fosse adiada para dali a seis meses. Quando Osty lhe perguntou, depois da sessão, sobre o motivo deste adiamento, ele respondeu que havia sonhado com uma criação capaz de satisfazer os congressistas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 469).

Alguém nesta mesma sessão propôs, apoiado pelo consentimento de todos, a criação de um Comitê Superior dos Congressos, tendo como membros MM. Charles Richet, Oliver Lodge e Hans Driesh. Santoliquido diz ao Presidente, Professor Charles Richet: - "Seria-me muito útil participar também deste comitê, se não se importar". Richet propõe aos congressistas a sua nomeação. Um dos presentes, encontrando ocasião de resolver uma rixa, levanta-se para protestar com argumentos ridículos contra a nomeação. Dois outros congressistas, um americano e outro inglês, acharam por bem imitá-lo. Santoliquido retira então sua proposta, já que não tinha o consentimento geral. Quando, depois da

sessão, Osty o abordou perguntando: “Qual interesse você tinha em tornar-se membro de um comitê superior teórico?” “Isto – respondeu – teria sido útil para os objetivos a que me proponho; eu lhes apresentarei no momento em que eles se tornarem tangíveis”. Alguns meses mais tarde, na volta de uma viagem a Genebra, para onde ele ia frequentemente por conta de seu cargo na Sociedade das Nações, ele disse a Osty: “Você agora vai compreender o sentido das minhas solicitações durante o Congresso. Eu esperava que os congressistas me conhecessem o bastante para saber que não tenho quaisquer motivos mesquinhos pessoais a ditar minhas demandas. Mas eu não os decepcionarei. Em Genebra, palco da vida mundial, eu preparei um Centro Internacional permanente para reuniões, onde os pesquisadores em metapsíquica possam se encontrar em conferências e congressos, em uma atmosfera tão séria que nem mesmo os mais sábios poderão se queixar. As coisas se realizarão como nos congressos científicos mais organizados. A rigidez e a existência de uma secretaria permitirão longos preparativos e a certeza da implementação das melhorias escolhidas por voto. Eu encontrarei o dinheiro necessário ao bom funcionamento desta organização. Um comitê interino, composto por respeitados professores universitários e personalidades científicas conhecidas, será constituído. Gostaria de fazer parte?” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 469. Tradução nossa).

Tendo pedido demissão do Comitê Francês de Congressos, Osty aceitou seguir Santoliquido em sua nova criação, convencido de que ele ali faria qualquer coisa de muito útil para a metapsíquica. Sr. Santoliquido, Professor Hans Driesh, Doutor Young, Professor Grandjean e Osty fizeram, no intervalo de poucos meses, algumas conferências neste centro. O primeiro congresso deveria acontecer em outubro de 1930; foi adiado para o feriado da páscoa de 1931, pois o Sr. Santoliquido teria de assistir ao Congresso da Cruz Vermelha que aconteceria em Bruxelas nos mesmos dias de outubro. Santoliquido deixa Paris em 4 de novembro de 1930, momentaneamente, para dirigir, em Milão, uma nova organização da prevenção à tuberculose que ele havia iniciado. A doença o surpreende em pleno trabalho e, em 25 de novembro de 1930, ele vem a óbito (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1930. p. 470).

Este foi o Professor Rocco Santoliquido. Homem de poucas palavras e muita ação, que nunca desanimou. Segundo Osty, ele costumava repetir a seguinte máxima, que gostaria de ver Osty adotar:

“Os obstáculos são apenas a medida da dificuldade para atingir um objetivo. Desanimar-se por eles seria ilógico. Eles

nos ensinam simplesmente que ainda não temos os meios necessários para superá-los, e que será preciso encontrar outros". (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.6, 1930. p. 470. Tradução nossa).

1.2. Jean Meyer

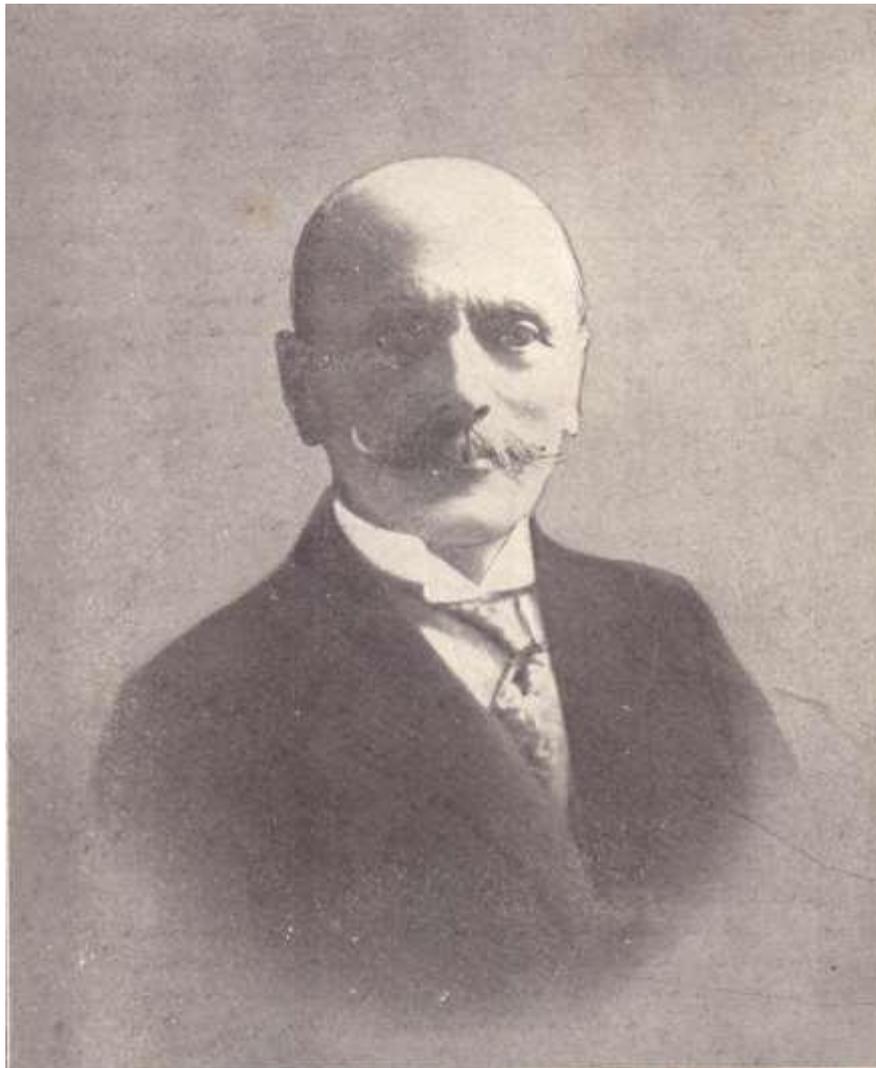


Figura 2 – Foto de Jean Meyer.

O fundador do Instituto de Metapsíquica Internacional nasceu em 8 de julho de 1855 em Riken, na Suíça, e morreu em 13 de abril de 1931, em Béziers, na França. Foi um filósofo, escritor, pesquisador e filantropo suíço. Foi uma das mais destacadas figuras do espiritismo no início do século XX.

Possuindo grande fortuna material, tornou-se espírita após a leitura das obras de Allan Kardec e Léon Denis, dedicando-se, a partir de então, à

divulgação do espiritismo. Nesse sentido, no período de 1916 a 1931, ano de seu falecimento, foi o diretor-proprietário da "Revue Spirite", periódico fundado por Allan Kardec. Em 1917 fundou, em sua própria residência, a Vila Valrose, em Paris, a União Espírita Francesa, junto com Gabriel Delanne e Léon Denis, além de ter sido membro de numerosas entidades científicas quer na França quer em outros países.

Dedicou-se ao estudo do aspecto filosófico e científico da Doutrina Espírita, atendendo ainda à sua parte filantrópica, tendo amparado financeiramente várias instituições assistenciais, dentre elas uma obra erguida em Lyon, pelas senhoras Stephen e Dayt. Financiou a divulgação do Espiritismo através das "Edições Meyer" e a manutenção de instituições como a "União Espírita Francesa".

Em 1916, o Professor Rocco Santoliquido, Conselheiro de Estado e ex-diretor do Serviço de Saúde da Itália, ocupava em Paris o cargo de Presidente da Comissão Sanitária Aliada. As circunstâncias fizeram com que estivesse ao seu lado o Doutor Geley, como seu assistente. Em seu tempo livre, eles frequentemente se debruçavam sobre as grandes questões decorrentes dos fenômenos psíquicos e esperavam pela fundação de um laboratório onde cientistas pudessem proceder ao seu estudo metódico. O que chamamos de "acaso" os levou a um importante comerciante de Béziers, Sr. Jean Meyer, que rapidamente interessou-se pelos fenômenos psíquicos e desejou contribuir materialmente para seus estudos (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.2, 1931, p. 89).

A maioria das pessoas que, por força das circunstâncias, torna-se inesperadamente testemunha de algum fenômeno parapsíquico, sente-se intelectualmente desorientada e, diante do que os surpreende, em geral acaba tendendo diretamente para a explicação da teoria espírita. Atribuir à intervenção de um espírito desencarnado um fato que se acredita não ser possível de ser realizado por um ser humano é uma inclinação difícil de superar para a maior parte das pessoas na época. Quando Jean Meyer, que até então se dedicava à atividade comercial e industrial, toma contato com o fenômeno metapsíquico, ele vai, assim como muitos outros, alguns muito valorosos, diretamente ao espiritismo. A leitura dos livros de Allan Kardec e Leon Denis muito o seduz, sem dúvida porque não deixam nada inexplicado.

Contudo, ele então aceita completamente tais doutrinas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 90).

Meyer era um fervoroso adepto do Kardecismo quando, em 1916, concordou com Geley e Santoliquido sobre a utilidade de fundar um laboratório de pesquisa. Convencido de que o trabalho a realizar seria difícil e longo, ele assume o papel de assegurar a existência material deste laboratório garantindo a sua criação e manutenção, e deixa o Doutor Geley e seus colaboradores trabalharem à vontade. Entretanto, convencido de que o espiritismo era a verdade e que Allan Kardec havia expressado de maneira definitiva esta verdade, ele acredita ter o dever de ajudar a divulgar a verdade espírita, enquanto os homens da ciência continuavam seus trabalhos metódicos. Com esta finalidade ele cria, à Rua Copernic nº 8, sob o nome de Casa dos Espíritas, um centro de difusão, que dirige pessoalmente. Esta dupla fundação, pelo mesmo homem, criou no público certa confusão. Aqueles pouco familiarizados com os "assuntos parapsíquicos" acreditaram que as duas instituições tinham a mesma finalidade. Já os espíritas quiseram acreditar que o Instituto de Metapsíquica Internacional tinha por missão fornecer provas para suas crenças. Na verdade, as duas instituições eram diferentes e independentes, não tendo nada em comum a não ser a generosidade de seu fundador (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 90).

Um incidente ressaltará esta diferença e, ao mesmo tempo, a flexibilidade no temperamento do Sr. Jean Meyer. Em julho de 1924, pouco depois de o Doutor Geley, por sua trágica morte num acidente aéreo, deixar vaga a cadeira da Direção de Instituto de Metapsíquica Internacional, o professor Santoliquido veio propor a Eugene Osty que ocupasse este cargo. Tendo muitos motivos para ficar indeciso, Osty pediu algum tempo para responder. Sr. Meyer veio em seguida pressionar Osty a aceitar. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 91).

Então, entre outras coisas, Osty disse a Meyer:

“Sua diligência me honra. Seja qual for a minha decisão, eu lhe sou grato. Mas, ciente de suas sólidas convicções e da existência do centro de proselitismo da Rua Copernic, será prudente me fazer esta proposta? O senhor sabe que nada, até agora, permitiu-me compartilhar de suas crenças acerca da explicação espírita de certos fenômenos parapsíquicos e,

uma vez que tenha lido alguns de meus estudos, conhece minha linha de conduta: a de explorar as propriedades desconhecidas do homem vivo em lugar de me acreditar capaz de julgar aquilo que eventualmente poderia advir de outro plano de vida. Que diria o senhor se, um dia, do laboratório que me pede para dirigir, saiam estudos que sugiram que os ensinamentos da Casa dos Espíritos são, em todo ou em parte, interpretações ilusórias de fatos exclusivamente produzidos por poderes desconhecidos dos vivos?" (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 91. Tradução nossa).

O que Meyer não sabia, mas estava subentendido, é que uma das condições para que Osty aceitasse a direção do Instituto de Metapsíquica Internacional seria uma completa liberdade de trabalho e de publicações. E conclui Osty: "O senhor acredita ser capaz de correr o risco de ver destruída a obra de um de seus institutos por meio do trabalho do outro?" Meyer respondeu: " Sim, eu aceito o risco. Sei que és um pesquisador honesto, isso me basta." (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 91. Tradução nossa).

Esta nobre resposta surpreendeu bastante Osty à época. Mas, depois de ter conhecido a rigidez das crenças espíritas de Meyer, seu espanto foi ainda maior. Aqueles que, muito tempo depois, leram "A Revista Metapsíquica" puderam dar-se conta de que nenhuma concessão foi feita às ideias do fundador do Instituto de Metapsíquica Internacional. Entendiam ser homens de ciência e ter em vista apenas a pesquisa pura, deixando a outros a tarefa de extrair de seus trabalhos quaisquer conclusões morais e filosóficas. Ninguém pôde desviar o Instituto da pesquisa metódica, desinteressada e agnóstica. A pesquisa os levou até onde foi possível, mas sob a influência única e exclusiva dos fatos nas diversas condições específicas da experiência laboratorial. Os pesquisadores entendiam que poderia ser que algum dia chegassem a confirmar, por meio de seus achados, algumas das teorias do espiritismo, bem como que poderia ser que, ao contrário, colocassem em evidência algumas de suas ilusões e as substituíssem por um espiritualismo menos carregado de antropomorfismo e de materialidade. Não sabiam, portanto, por onde os fatos os levariam, mas se recusavam terminantemente a se tornar prisioneiros de uma hipótese, não importando o quanto esta satisfizesse os seus instintos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 91. Tradução nossa).

Os cientistas metapsíquicos não queriam exclusividade. Todas as suposições explicativas lhes pareciam boas à explicação dos fatos. Em alguns casos, podia ser que aquelas de sua preferência se mostrassem verdadeiras. Não eram antiespíritas como diziam alguns espíritas, e nem tampouco espíritas, como acreditavam os mal-informados, eram sim pesquisadores atentos a descobrirem a verdade a partir dos fenômenos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 91).

Jean Meyer tinha um temperamento com o qual buscava a imparcialidade e, nesse sentido, se colocava acima das agitações de intolerância demonstradas por alguns de seus companheiros de fé. Ele amava o Instituto de Metapsíquica Internacional da Avenida Niel, persuadido de que apenas a pesquisa científica pura traria aos homens as certezas sobre a sua natureza fundamental e sobre seu destino, e sem ela não poderiam ter mais do que intuições, inclinações, crenças polimórficas, fé. Sua generosidade em relação ao Instituto de Metapsíquica Internacional, sua confiança inabalável na pesquisa científica livre de doutrinas e o escrupuloso respeito ao trabalho realizado são os principais valores que Osty ressalta da personalidade de Meyer. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 92).

Lamenta Osty o fato de Meyer os ter deixado num momento em que o Instituto de Metapsíquica Internacional viria dar, por seus trabalhos em curso, um novo impulso ao estudo do poder criador da mente, ou seja, dentro dos fenômenos subjetivos. Entendia ser esta a justa recompensa à sua generosidade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 92). De fato, sobre a direção de Osty, o Instituto passou a ter um maior enfoque nos fenômenos subjetivos.

Portanto, afirmava que, quando, mais tarde, as conquistas da metapsíquica viessem a enriquecer a ciência comumente ensinada, seria justo que se lembrassem de que um homem de fortuna invejável, mas certamente limitada, decidiu levar uma vida simples e atarefada, para proporcionar aos homens da ciência boas condições de estudar as manifestações mais complexas do psiquismo humano, sobre os quais a comunidade acadêmica, por uma aberração que mais tarde parecerá inconcebível, praticamente se recusou a se interessar (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1931, p. 92).

1.3. Gustave Geley



Figura 3 – Foto de Gustave Geley

Nascido em Monceau, Les Mines, França, no ano de 1868, e morto nas proximidades de Varsóvia, Polônia, no dia 14 de julho de 1924 num trágico acidente de avião (LE PETIT JOURNAL, 1924). A trágica morte do diretor do Instituto de Metapsíquica Internacional e da Revista de Metapsíquica é um evento que não somente jogou uma sombra irreparável em toda uma família de luto: amigos, admiradores, discípulos, mas ainda mais na ciência metapsíquica à qual Geley tinha dedicado sua vida. O

Instituto de Metapsíquica foi severamente afetado quando de sua morte porque Geley era a alma do grande movimento científico da metapsíquica, e se o movimento se assumiu para os maiores mistérios do pensamento e da vida é graças à Geley e à sua força e energia.

Gustave Geley foi um brilhante interno, laureado e premiado pelos hospitais de Lyon. Iniciou sua carreira na profissão médica a que ele mesmo havia se dedicado inteiramente, como ele costumava fazer quando se tratava de um nobre empreendimento. Ele se estabeleceu em Nancy e logo, por sua perspicácia médica, por sua cortesia e por seu zelo por seus pacientes, adquiriu uma grande reputação. Ele se tornou o médico mais renomado não somente em Nancy, mas em toda a região. Nada poderia, portanto, fazer supor que ele iria abandonar esta profissão que ele amava e que lhe deu satisfação de toda sorte (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.269).

O interesse pela pesquisa prevaleceu em Geley que já tinha observado os fatos de lucidez, de sonambulismo e de premonição que o inquietaram inicialmente. Enquanto se envolvia pacificamente com seus pacientes, ele continuou suas ousadas investigações na área das ciências ocultas. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele teve a oportunidade de conhecer o Professor Santolíquido, que também tinha provas demonstrativas de certos fatos metapsíquicos e ambos, unidos por este tipo de curiosidade intelectual, iniciaram uma forte amizade. Em seguida, após a guerra, um homem generoso, Jean Meyer, funda o Instituto de Metapsíquica, fundação que marcou época na história da ciência metapsíquica. Não somente porque tudo estava lá reunido por um estudo metódico, exato, minucioso, perseverante, dos problemas mais misteriosos e mais profundos, mas também, e sobretudo, porque desta maneira foi afirmado e demonstrado que, a metapsíquica, ciência nova, finalmente iria ser abordada resolutamente, como as outras ciências, e que iria ocorrer de forma explícita, em vez de se perder em pequenos círculos estranhos onde, às vezes, se produziam fenômenos complexos, mas fenômenos que, na falta de espírito científico rigoroso, faziam pouco progresso na rigorosa ciência. E Jean Meyer teve uma ideia genial, qual seja, a de confiar a Gustave Geley a direção efetiva do Instituto de Metapsíquica Internacional (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.269).

Geley tinha uma competência absoluta em todos os domínios objetivos e subjetivos da metapsíquica, um conhecimento aprofundado das condições psico-fisiológicas e médicas da mediunidade, apresentava uma cortesia requintada e uma energia para o trabalho incomparável. Geley tinha, portanto, todas as qualidades exigidas para a função. Especialmente ele tinha muito ânimo e entusiasmo, acreditava na ciência e possuía uma paixão pela investigação científica. Possuía muita sagacidade e perseverança. Graças ao seu zelo, por seis anos foi capaz de construir o sentido real de movimento metapsíquico, não somente na França, mas no mundo inteiro. Sua influência em uma ocasião solene ficou evidente. No Congresso de Copenhague, sua palavra foi atentamente ouvida, as principais decisões do Congresso foram em grande parte sugeridos por ele e sua liderança neste momento foi muito importante para o Instituto de Metapsíquica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.270).

Geley não conhecia o descanso, estando sempre pronto para empreender uma nova pesquisa. Seu esforço e seu tempo não tinham limites. Seu acidente ocorreu quando ele queria continuar, em Varsóvia, as pesquisas que tinham sido repetidamente bem-sucedidas. Sempre que surgia uma oportunidade de estudar um novo médium, quer se tratasse de metapsíquica objetiva ou subjetiva, ele estudava arduamente o arquivo, analisando os fenômenos indicados e, após esta primeira avaliação, decidia se era útil ou não para continuar a investigação. Não se sabe, de fato, como eram embaraçosas as cartas estranhas que recebia. Era pouco, se ele encontrava uma em cada dez que merecia maior reflexão para um exame posterior (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.270).

Quando se decidia a investigar algo, a investigação era resolutamente empreendida com rigoroso cuidado. Geley não se contentava com controles medíocres ou imperfeitos, ele ainda queria verificar tudo, explorar tudo. Ele não se recusava a fazer quaisquer detalhes. Como a repetição de experiências é uma condição indispensável à segurança, ele não hesitava em continuar com a mesma experiência. Ele nunca estava cansado da repetição, às vezes monótona, com os mesmos fenômenos, porque a múltipla e prolongada experimentação é uma das condições primordiais da ciência metapsíquica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.271).

O Instituto de Metapsíquica Internacional foi, por Geley, habilmente organizado para as experiências. No primeiro andar, havia uma bela biblioteca e uma grande sala em que foram dadas palestras interessantes. No andar térreo, um verdadeiro laboratório com oficina de mecânica, de fotografia e de química elementar. As lâmpadas elétricas cuja luz poderia ser graduada estavam dispostas ao longo de todo o perímetro da sala e poderia ter luzes vermelhas de qualquer intensidade. No fundo uma grande balança com o registro elétrico (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.271).

O que deu mais problemas a Geley foi a convocação para as diferentes experiências com Stanislawa, com Kluski, com Guzik, com Erto, Eva, dentre outros; de eruditos, de médicos, de engenheiros, de professores universitários, para fazê-los participar de experiências demonstrativas. Tratava-se de um trabalho muito duro para organizar reuniões, tudo era feito de forma bem parecida à que Schrenck-Notzing organizava em Munich (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.271).

Geley não foi apenas um pioneiro da ciência metapsíquica, ele também era um teórico. Seus livros *De l'Inconscient au Conscient*, *L'Etre subconscient*, *L'Ecoplasmie et la Clairvoyance*, eram uma tentativa audaciosa de explicar filosoficamente alguns dos mais complexos fenômenos da metapsíquica. Não cabe aqui entrar no estudo dessa filosofia. Contrariava, neste sentido, Charles Richet que dava menos importância às teorias que aos fatos. Contrariamente ao que pensam os espíritas, contrariamente ao que Geley audaciosamente apresentou, Richet acreditava que essas teorias eram frágeis e prematuras (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.271).

A idéia lapidar que resume toda a teoria metapsíquica de Geley era:

Lá no ser vivo os princípios dinâmicos e psíquicos, de ordem superior, independentes do funcionamento orgânico preexistente e sobrevivente ao corpo. Essa certeza será a origem da maior revolução que nunca foi realizada no campo da atividade intelectual e moral da humanidade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.272. Tradução nossa).

Geley foi também um grande divulgador. Dedicou à Revista de Metapsíquica todo seu empenho e energia. Para Richet a Revista foi a continuação dos *Annales des Sciences Psychiques* que foi fundada por Darieux e Charles Richet. Geley deu um caráter preciso às histórias de

experiências e observações a fim de torna-las verdadeiramente científicas. Dirigida por Geley, a Revista de Metapsíquica tornou-se um periódico que pôde manter-se como os Anais, os Arquivos e as revistas dedicadas às ciências positivas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.272).

Charles Richet descrevia as qualidades requintadas de Geley como sua delicadeza e sua modéstia. Em experimentos em que ele convidou cientistas de reputação, ele sempre se apagava, nunca tentando impor sua opinião, mas destacando-se pela força de seu julgamento e pela longa prática de experimentação mediúnica. Mas, mesmo apresentando suavidade aparente, possuía uma inteligência firme e inabalável. Geley teve duas grandes virtudes: a perseverança e o entusiasmo. Uma vez que estas duas virtudes não eram suficientes, ele combinou a perseverança com uma capacidade empresarial e sempre tentava, com habilidade, o ressurgimento de novas experiências, temperando seu entusiasmo com um ceticismo esclarecido, nas palavras de Richet. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.272).

Assim, disse a ele, na época, um homem eminente, M. Stanley de Brath, que traduziu seu livro , *L'Inconscient*:

Todos aqueles que o conheceram apreciaram a bondade de seu coração, sua coragem em busca da verdade, sua imparcialidade em julgamentos científicos. Convencido da importância considerável dessa nova ciência, ele fez grandes sacrifícios por ela, e dedicou incansavelmente todos os seus esforços. Ele nos deixa um grande exemplo de coragem, de exatidão, de moderação na presença de ataques injustos que o atingiram. Sua obra permanecerá e futuras descobertas provavelmente serão interpretadas à luz dos princípios que ele apresentou com tanta lógica e clareza, (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1924, p.272. Tradução nossa).

O professor Rocco Santolíquido estimava muito Geley e, segundo suas próprias palavras, o amava profundamente. Quando, em 11 de dezembro de 1915, o Governo Francês tomou a iniciativa de criar a Comissão Sanitária dos Países Aliados, e Santolíquido foi chamando a presidir, solicitou que Geley também fizesse parte. Geley, que tendo oferecido voluntariamente seus serviços a seu País desde o início da guerra, foi designado para o Sul do Marrocos, sendo devolvido imediatamente a Paris, onde foi nomeado Secretário da Comissão Sanitária dos Países

Aliados; muitas vezes ele cumulava os empregos de inspetor e de relator (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.402).

Nesta união constante devido ao trabalho comum, foram capazes de perceber a ligação especial entre suas almas; contemplando a harmonia da vida, tiveram a convicção de que, para os homens que quotidianamente enfrentam o grande e grave problema da doença e da morte, ainda havia um outro dever: o de não serem indiferentes aos problemas misteriosos que são a origem do dinamismo da vida. Dessa comunhão de ideias e aspirações, nasceu a sólida proposta de tentar algo prático no campo dos estudos psíquicos. Assim, o Instituto de Metapsíquica Internacional foi precedido, em 1917, por um embrião de laboratório na Avenida Suffren. Sabemos que o Doutor Geley fez relatos de seus primeiros trabalhos numa Conferência em Sorbone. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.402).

Durante a gestão de Geley, o futuro Instituto de Metapsíquica Internacional sofreu uma grande campanha de difamação, desencadeada simultaneamente por religiosos espíritas e não-espíritas e por cientistas. A polêmica científica em torno dele tinha tomado uma forma violenta. Em homenagem póstuma a Geley, Santolíquido quis dar uma resposta para a questão que muitas vezes foi proposta, qual seja, se Geley era espírita. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.403).

Relata Santolíquido que conversavam sobre essa curiosidade pública legítima. Com frequência, Geley se referia às muitas ideias que pareciam pertencer aos espíritas. Geley tinha profunda convicção da existência e da sobrevivência da alma bem como de sua ascensão progressiva para a verdade e para a luz. Ele sentiu a atmosfera de proteção invisível que o circundava, mas ele não achava que essa convicção de que, em uma outra esfera de pensamento, de amor e de esperança que tomava o nome de fé, podia estar em oposição às exigências imperativas das leis científicas. Para Geley, algo parecia especialmente indispensável: a sinceridade absoluta e uma fidelidade inquebrantável pela verdade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.403).

Em relação aos ataques que Geley sofreu de religiosos por se declarar “materialista”, quer dizer, por negar a existência da alma, em seu laboratório, estudando as forças biológicas, questiona Santolíquido se

aqueles que acreditam em Deus, até mesmo os ministros das religiões, pensam que a pesquisa do químico e, com a ajuda de instrumentos do físico, em face das substâncias das energias naturais ofendem a divindade. Como conclui que não ofende, questiona o fato de se evitar os métodos de trabalho científico nos fenômenos metapsíquicos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.403).

Mas o fato que gerava incômodo é que Gustave Geley concedia aos fenômenos de ectoplasmia com materializações totais e parciais grande importância, para os quais contava com a colaboração de grandes médiuns. Os religiosos viam nesse fenômeno a destruição definitiva do dogma da imaterialidade da alma, sustentado pela Igreja Católica. Tal dogma era sistematicamente posto à prova dentro do laboratório do Instituto de Metapsíquica.

Como a concepção de ciência era o seu sonho, Geley não admitiu a confusão entre sentimento e pesquisa científica. Se ele rejeitou as proibições, as exclusões e os tabus religiosos, com maior razão ele não admitiu as conclusões apressadas próximas pelas quais, com materiais, talvez insuficientes, alguns consideraram definitivamente demonstráveis os postulados supremos do espiritismo. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.404).

Em seu estudo, tal era o método de Geley, observar atentamente os fatos, sem vieses, sem ideias preconcebidas, sem pré-julgamentos de qualquer sorte, observando-os fielmente, que os registrava de modo a tornar impossível todo o equívoco e toda a deformação. Observava os fatos em sua eloquência espontânea: seguir o seu desenvolvimento e a sua concatenação. Em outras palavras, manter uma rigorosa isenção científica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.404).

Para Santolíquido, foi seu pensamento ponderado, equilibrado, moderador entre as tendências mais opostas, a principal causa do destino excepcional do Instituto de Metapsíquica sob sua direção. Com objetividade em sua pesquisa e em seu julgamento, ele tinha plena consciência do senso de responsabilidade, das manifestações públicas ligadas ao Instituto que ele dirigia. Ele sabia perfeitamente organizar a experimentação e o estudo de uma ciência porque tudo era novo: objetos, métodos, instrumentos,

pesquisas e finalidade. O exemplo deste equilíbrio mental, dessa austera devoção pela verdade, compõe a herança que deixou Geley, conclui (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.405).

Concluindo sua homenagem póstuma a Geley, Santolíquido exhibe que, como prova de sua devoção e de seu respeito às exigências da verdade, Geley sabia silenciar suas convicções pessoais, sua crença particular sobre os problemas fundamentais da alma. Expõe que alguns poderiam questioná-lo se estaria fielmente interpretando o pensamento de Geley quando dizia que ele estava convencido da existência, da sobrevivência e da evolução progressiva da alma. Nesse sentido, convida a todos a julgar de acordo com o documento que Geley colocou em suas mãos, em 5 de outubro 1916. E conclui que esta página admirável que tem a honra de publicar responde por ele. Trata-se de uma carta de Geley, traduzida abaixo: (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.406).

Sonho ou memória?

Em minha infância fui obcecado com uma visão de todos os caracteres de uma memória.

Essa visão, embora atenuada mais tarde, nunca saiu de minha mente e, ainda hoje, ela tem para mim valor de um fato.

Antes de descrever, eu tenho que dizer que ela está relacionada a uma memória, inquestionavelmente nas seis primeiras semanas de minha vida.

Durante essas seis semanas, meus pais moravam na cidade de Montceaux-mines, perto da estrada de ferro que passava em frente à minha casa, e deixaram aquela cidade para irmos morar em Genebra, quando eu tinha um mês e meio.

Quando, alguns anos mais tarde, passei por uma estrada de ferro, a memória da ferrovia, vista durante os primeiros dias de minha vida, voltou para mim de forma irresistível. Eu havia dito brevemente essa reminiscência para meus pais. Eles ficaram muito surpresos e foram capazes de confirmar que a nossa casa, de Monceau, era localizada, como eu disse, ao longo da via férrea.

Mas quando eu lhes disse da visão relacionada com esta memória, alegando que a visão era anterior do meu tempo no Monceau, eles me responderam, com tom de razão, que era um absurdo. Para mim, no entanto, a visão era clara e precisa. Ficou em minha mente como uma memória indiscutível, embora eu fosse incapaz de explicar e compreender essa lembrança.

Portanto, a visão permaneceu um mistério para mim, enigma em que eu pensei muitas vezes, até o dia em que eu comecei a estudar os fenômenos psíquicos.

Então de repente adquiri, espontaneamente, a convicção singular de que a visão era a memória do meu nascimento, memória que continua gravada em minha mente.

Eu sei de tudo que pode se opor a essa ideia. As objeções de toda sorte, eu faço eu mesmo. O raciocínio lógico conduz a declarar que ela não pode ser um sonho, talvez causada por algum incidente desconhecido esquecido. Muito bem. Mas a minha impressão

intima, irresistível, é outra. Eu acredito, a despeito de mim mesmo, na memória dessa realidade.

Dito isto, eis o fato:

1. Eu me vejo, nitidamente, como prestes a partir para uma longa viagem. Estou cercado de amigos me dizendo adeus. Eu não tenho nenhuma lembrança dos traços desses amigos, nem de sua personalidade, nem de pensamentos trocados. Eles são todos brancos e eu também. Estávamos todos em plena luz. Mas devemos nos deixar: eles correm em volta de mim.

2. De repente, pareço cair em um abismo negro, no escuro. Sinto-me levar por um turbilhão. Toda a luz desapareceu. Eu caio e rolo irresistivelmente e dolorosamente.

3- Então, de repente, a luz, mas em ondas da luz, indistinta. Eu sinto uma sensação de privação, dor, sofrimento. Um esquecimento, então, completo a seguir. Esta terceira fase é muito curta e menos precisa do que as outras duas.

3 de outubro 1916 (Signé) Dr Geley" (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.406. Tradução nossa).

Este foi Gustave Geley, homem primordial para o sucesso e a concretização de experimentos metapsíquicos no Instituto de Metapsíquica Internacional.

1.4. O encontro das três personalidades idealizadoras e responsáveis pela fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional: Gustave Geley, Rocco Santolíquido e Jean Meyer

Rocco Santolíquido, no inverno de 1913, não conhecia Gustave Geley, nem mesmo na condição de autor. A primeira vez que tomou conhecimento de sua existência foi quando, em uma visita a Câmara dos Deputados, encontrou o Comandante Calvari. Ao descer as escadas da Câmara dos Deputados, Calvari foi a seu encontro e gritando pediu a Santolíquido que comprasse o livro *L'être Subconscient*, do Doutor Gustave Geley, na Alcan, já que estava indo a Paris. Rocco Santolíquido anotou em sua agenda e foi a Alcan comprar o livro (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8. Tradução nossa).

Sua esposa Louise tinha o hábito de ir a Paris todos os anos com seus filhos ainda crianças na casa de sua sogra. Mas ela queria fazer diferente, queria passar um mês em Genebra na pensão onde viveu e reencontrar uma colega de quarto muito amiga. No ano seguinte, 1914, no final de julho, foi a Annecy com seus filhos e sua empregada. Porém, ela ficou bloqueada e sem passaporte. Passado um mês, ela acabou convencendo Santoliquido a ir a

Annecy para obter da Prefeitura os passaportes e trazê-los de volta de Genebra para a Itália (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8. Tradução nossa).

Louise adorou a visita a Annecy e fez a mesma viagem no verão de 1915. Rocco Santolíquido estava em Paris e foi visita-la em Annecy, passando com ela alguns dias. Na véspera de sua partida de volta a Paris, na Rua Real de Annecy Santolíquido viu um letreiro: “Dr Geley”. A ideia de conhecer o autor do livro *L`être Subconscient* veio a sua mente. Santolíquido retirou de seu bolso um cartão de visitas e subiu ao segundo andar. Na porta veio a empregada e imediatamente Santolíquido entrega-lhe seu cartão e solicita ser anunciado ao Dr Geley. A empregada expõe que Dr. Geley está ausente. Santolíquido imediatamente responde que estaria de volta em breve. Porém a empregada lhe comunica que Geley estava no Marrocos. Geley, que tendo oferecido voluntariamente seus serviços a seu País desde o início da Guerra, fora designado para o Sul do Marrocos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.402). Sem pegar de volta seu cartão, Santolíquido vai embora (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8).

A Senhora Geley, ao retornar a casa recebeu o cartão de sua empregada e o enviou a seu marido Gustave Geley. Geley pesquisou e conseguiu o endereço de Santoliquido e escreveu ao mesmo lamentando a ausência em decorrência de estar em viagem ao Marrocos. Porém, muito receptivo, disse a Santolíquido que se o mesmo tivesse alguma questão a perguntar que ele poderia responder através de carta. Santoliquido respondeu dizendo que o que o tinha levado a sua casa não era uma questão que envolvesse urgência, mas que simplesmente o acaso o fez saber de sua existência e que desde que havia lido seu livro, *L`être subconscient*, queria conhecê-lo e conversar sobre algumas questões que o interessaram. Geley responde em outra carta que todas as questões poderiam ser feitas e que ele responderia através de carta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.402).

Porém a conversa entre os dois a partir de então encontrou outro tema, qual seja, o Ministério das Relações Exteriores da França, da Guerra e da Marinha de Todos os Países Aliados. Santolíquido já estava ciente da intenção do Governo Francês de convidá-lo para presidir a Comissão

Sanitária. Esse assunto não podia ser comentado com ninguém. Mas, mesmo assim, escreveu a Geley informando que uma possibilidade de transferi-lo a Paris havia surgido e perguntando se ele gostaria de aceitá-la. Geley responde que gostaria da transferência, afirmando inclusive ser o sonho de sua vida. Geley expôs que estava interessado em estudar assuntos metapsíquicos mais do que tudo e que o pouco tempo de que dispunha não era utilizado pois não havia possibilidade de estudo, já que não havia biblioteca ou laboratório, concluindo que sempre sonhava em passar algum tempo em Paris (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8).

Quando, em 11 de dezembro de 1915, o Governo Francês tomou a iniciativa de criar a Comissão Sanitária dos Países Aliados, convidando Rocco Santoliquido a presidi-la, ele solicitou que o Dr. Geley fizesse parte da mesma (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.402). Foi enviada uma carta especial ao Ministro dos Negócios Estrangeiros solicitando que o cargo de secretário fosse ocupado pelo Dr. Geley que estava no Marrocos. A solicitação de Santolíquido foi muito combatida. O General Vaillant, chefe do serviço de saúde militar da França, tinha seu próprio médico militar de confiança para ocupar o cargo, indo, portanto, de encontro à solicitação de Santolíquido. Porém, o argumento de Santolíquido de que um Presidente devia ter o seu próprio homem de confiança acabou prevalecendo e o Governo Francês terminou por conceder o pedido e Geley acabou transferido para Paris (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8). Geley foi nomeado Secretário da Comissão Sanitária dos Países Aliados, tendo muitas vezes acumulado as funções de inspetor e de relator (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.402).

Assim que Geley desembarcou em Marselha, foi para o hotel Rickepanse e telefonou a Santolíquido para que ele fosse encontrá-lo. Santolíquido o convidou para almoçar em seu hotel, no número 60 da Avenue d'Iéna, Hotel Internacional. Assim que se viram, os dois se abraçaram e começaram em seguida a falar de metapsíquica (SANTOLÍQUIDO, 1929, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8).

Ao fim de 1916, Geley visitava toda a semana Gabriel Dellane (1957-1926) em sua casa, pois ele estava doente. Na última visita, Dellane lhe

havia dito que um industrial que se interessava muito por questões metapsíquicas havia passado por Paris e que desejava contribuir ao seu desenvolvimento ou ao seu estudo. Geley relata o ocorrido numa conversa cotidiana em razão do ofício com Santolíquido. Santolíquido, de forma enfática, disse que queria tê-lo conhecido (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santoliquido, 1929, Carton 3, Dossier 8).

Tratava-se de Jean Meyer. Gustave Geley e Jean Meyer se encontraram pela primeira vez em Genebra, em 1905, numa importante Sociedade de Estudos Psíquicos quando, numa seção em 5 de novembro do mesmo ano, Geley já havia tido a ideia de fundar um Instituto de Prática de Pesquisas Psíquicas, bem organizado, bem dirigido e disposto de recursos suficientes, segundo as próprias palavras de Jean Meyer (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.408).

Uma semana depois, num sábado, Santolíquido recebe um telegrama assinado com o nome de Meyer, de Béziers, solicitando uma reunião na segunda-feira, no número 29 da Avenida da Opera, Hotel Bellevue, para aproveitar sua passagem por Paris. Santolíquido teria que partir na segunda-feira. Então acabou se antecipando no Hotel Bellevue e escrevendo a Meyer que teria que sair na segunda à noite e que poderiam se encontrar as 13:30h no seu Hotel, o Orsay Palace Hotel. No horário solicitado, Jean Meyer foi ao encontro de Santolíquido. Os dois ficaram quase duas horas conversando. Não se viram depois. Meyer era rodeado especialmente por Charles Richet que o persuadia na criação de uma escola psicológica na Fundação Meyer. Poderia Meyer nomear como titular um homem de que gostava, como Gramont, Courtier, que fariam tudo por ele. Embora tenha ocorrido uma única conversa para a criação do laboratório da Avenida Suffren e os dois não tenham mais se visto, em 1917 o laboratório foi criado (SANTOLÍQUIDO, 1929, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8). Em 10 de dezembro de 1917 começaram os experimentos. O laboratório é objeto de estudo no capítulo 3 e foi uma espécie de embrião para o surgimento do Instituto de Metapsíquica Internacional. (GELEY, 1924, P.196).

A Guerra não ia bem para os aliados. Ocorriam todos os dias bombardeios de aviões por Bertha, que se iniciaram em 23 de março de

1918. As operações de guerra não estavam bem e o Governo Francês já considerava a possibilidade de deixar Paris. Santolíquido inclusive recebeu o pedido por parte do Ministro de Negócios Estrangeiros para preparar todos os documentos necessários para que fossem transportados. Santolíquido preparou tudo e comunicou ao Ministro que estava pronto. Nesse meio tempo, Santolíquido tinha que reunir a Subcomissão Sanitária Permanente de Saúde. Não tendo coragem de convocá-la em Paris diante das circunstâncias, convocou o Comitê em Lyon, aproveitando a oportunidade em decorrência do atendimento a gravemente feridos que chegavam de trem a Lyon (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santolíquido, Carton 3, Dossier 8).

Num determinado dia, Geley e Santolíquido andavam em Lyon e Santolíquido, conversando com Geley, em tom de empolgação o comunica do fim da guerra e da vitória. E imediatamente diz ser necessário se apressar para criar o Instituto. Geley questiona o que fazer para a criação e Santolíquido tem a ideia de escrever imediatamente uma carta a Gramont para expor o projeto e pedir sua opinião (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santolíquido, Carton 3, Dossier 8).

1.5. Os bastidores da fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional

Santolíquido, ao fim da Primeira Guerra Mundial, enviou uma carta a Gramont no sentido de fundar o Instituto de Metapsíquica Internacional. Na carta, foi exposto todo o planejamento, reservando-se para chamar Jean Meyer depois de receber o parecer de Gramont. A resposta de Gramont foi de aprovação, apenas recomendando a consulta a Charles Richet (SANTOLÍQUIDO, Discours de Santolíquido, Carton 3, Dossier 8).

Para Santolíquido, por temperamento, sempre foi difícil dizer diretamente para as pessoas sentimentos elogiosos, mas desta vez tinha que fazer algo. Contornou sua dificuldade e escreveu para Jean Meyer. A resposta de Meyer foi de ser impossível a criação de uma Instituição desse tipo em Paris em meio à hostilidade oficial. Porém, Meyer disse que estaria pronto para fazer tudo o que fosse preciso, mas Santolíquido devia fazer o que Gramont pedia, ou seja, ir à casa de Richet em Paris. Santolíquido então

foi à casa de Richet que deixou claro na conversa que tinha um ponto de vista oposto a criação do Instituto. Entendia que o Governo jamais admitiria uma coisa dessas. Para dar um fim à conversa, Richet pediu a Santoliquido que ele redigisse por escrito a proposta para sua reflexão. Santoliquido então enviou uma carta diretamente a Richet, datada de 3 de outubro de 1918. Esta carta está anexada ao presente trabalho com livre tradução e foi obtida nos arquivos do Instituto de Metapsíquica Internacional (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique Internacional, Carton 3, Dossier 8).

Na carta, expõe sua convicção de que é o momento certo de realizar o grande projeto por tanto tempo sonhado pelos metapsíquicos, ou seja, de fundar a Instituição Internacional que centralizará tudo relacionado aos estudos e permitirá abordar todas as questões afins (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique Internacional, Carton 3, Dossier 8).

Expõe que, quando homens de valor, como Crookes, Lodge, Hodgson e o próprio Richet se declararam, dando as razões de suas convicções, quais sejam:

O problema do destino e do fim do indivíduo está acessível através de métodos científicos – a questão da sobrevivência ou do desaparecimento da consciência pessoal com a destruição total do corpo se coloca como uma questão experimental. (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique Internacional, Carton 3, Dossier 8, tradução nossa).

Em sua opinião, já não era permitido a ninguém se eximir. Em suas palavras: “Todo homem de ciência, todo homem de coração tem o dever imperativo de ajudar, na medida do possível, a confirmar essa formidável afirmação” (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique Internacional, Carton 3, Dossier 8. Tradução nossa).

Santoliquido, de forma persuasiva, propõe a criação de uma organização mundial considerando as dificuldades da tarefa e de sua importância por tratar-se de um empreendimento tão vasto. Entende ser necessário a união de todas as forças de pensamento e ação. Defende que

para o trabalho em comum que condiga com tudo o que se pensa sobre o assunto, havia a necessidade de um centro de apresentação de resultados e de difusão. Expõe que a instituição que tem em mente não teria por objetivo o de substituir nem rivalizar com as organizações nacionais ou locais. Pelo contrário, constituiria uma espécie de federação, permitindo o melhor rendimento de esforços individuais e assegurando a união de todas as boas vontades. (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Embora entendesse prematuro discutir imediatamente um programa detalhado da futura organização mundial, Santoliquido lista algumas características e conteúdos da futura instituição:

A instituição deveria:

- Ter um escritório central, com biblioteca e arquivos de todos os documentos;
- Criar e administrar laboratórios;
- Pesquisar, desenvolver e manter médiuns, de acordo com a necessidade, ao dispor da comunidade local;
- Conduzir pesquisas gerais e aprofundadas no mundo inteiro;
- Publicar um boletim mensal (trabalhos originais, trabalhos de outras instituições ou pesquisadores; exposição de eventos relativos aos nossos estudos, análise de publicações, inspeção da imprensa...);
- Considerar e colocar em destaque todas as formas de propaganda.

(SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8, tradução nossa).

Expos ainda Santoliquido que, em Paris, um generoso precursor realizou uma primeira fundação, evidenciando resultados de qualidade. Esta fundação, a seus olhos, parecia destinada a formar o núcleo do futuro Instituto de Metapsíquica Internacional. (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8), Tratava-se do laboratório de Gustave Geley que realizou diversas experiências com Eva, de 10 de dezembro de 1917 a 11 de março de 1918. Esses experimentos são relatados no capítulo 3 desta obra (Geley, 1924, p.196).

Expõe ainda Santolíquido que depende deles o endosso de seu sucesso completo e, por isso, solicita a atenção sobre a necessidade de obter provas morais e materiais. Propõe estabelecer, assim que tiver a certeza de tais provas, com a ajuda de todos, os estatutos definitivos e promover a criação de um grande comitê internacional, sob a autoridade do qual funcionará o Instituto (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Em suas palavras finais na carta, Santoliquido expõe um conteúdo idealístico ante a criação do Instituto visando uma humanidade pensante em uma fase nova e superior em que prevaleça a paz:

Ao trabalho então, meu caro amigo; o momento é propício. O sucesso de nosso exército, o triunfo de nossas ideias que nos são tão caras permitem vislumbrar a chegada próxima de uma humanidade pensante em uma fase nova e superior. É necessário que, ao mesmo tempo que venha a paz definitiva entre os homens, a vitória traga algo mais; uma luz de esperança para aqueles que choram por seus filhos mortos devido a um ideal; um raio de verdade aos buscadores de boa-fé. (SANTOLÍQUIDO, 1918 Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8, tradução nossa).

Como fica evidente no texto, o objetivo de se criar a Instituição e de se pesquisar os fenômenos metapsíquicos eram idealísticos. Esses homens acabaram de passar por uma Guerra Mundial, muitos perderam parentes próximos. Existia uma enorme sede de paz em cada um. E não apenas de paz, entendiam que, ao retirarem o véu dos fenômenos metapsíquicos, a humanidade poderia amadurecer e evoluir e entrar em uma nova fase mais evoluída.

Richet, após ter lido a carta, demonstrou apreço e pediu permissão para enviar a carta para Oliver Lodge em Londres, visando aconselhamento e orientação. Santoliquido autorizou. Lodge, depois de alguns dias, enviou sua resposta bem semelhante à opinião de Richet, dando sua opinião contrária. Esta carta de 16 de outubro de 1918, também obtida nos arquivos do Instituto de Metapsíquica Internacional, está anexada ao presente trabalho acompanhada de livre tradução. Em sua resposta, Lodge expõe que não há dúvida sobre a importância da pesquisa e do trabalho e que tanto na França como na Inglaterra vão continuar neste caminho com a paz. Porém,

questiona se é o momento de empreender uma ação aliada e internacional. Em seu primeiro argumento, afirma Lodge, que o gênio de diferentes nações tem suas características particulares. Enquanto no continente, ou seja, no restante da Europa, incluindo a França, o assunto tem sido tratado do ponto de vista médico e psicofísico. Na ilha, ou seja, na Inglaterra, são considerados os diversos automatismos e atividades mentais que, para os ingleses, é o que chama a atenção, e que os têm levado especialmente para a temida pergunta da sobrevivência após a morte física. Expõe que em sua opinião, nos países latinos, essa questão de sobrevivência ao corpo físico foi muito pouco explorada, argumentando que os fatos estudados pelos latinos com tanto cuidado pareciam não chegar a nenhuma conclusão, nem em um sentido e nem em outro. Para Lodge, os cientistas franceses se importam pouco com os problemas desta natureza. Cita ainda em que nem um único editor o permitiu publicar uma edição francesa de seu livro *Raymond or Life and Dead*, livro que leva o nome de seu filho morto na guerra. Depois de ter abreviado a tradução original, o submeteu a várias editoras, uma após a outra, e por vários meses. (Lodge, 1918 *Lettre de Lodge à Richet*, in *Archives Institut Metapsychique International*, Carton 3, Dossier 8.).

Fica evidente nas palavras de Oliver Lodge, neste seu primeiro argumento, o que passarei a denominar no presente trabalho de existência de duas escolas de estudos metapsíquicos, quais sejam, a escola francesa, alinhada à metapsíquica objetiva, aos fenômenos materiais como o ectoplasma e a escola inglesa alinhada aos fenômenos metapsíquicos subjetivos, intelectuais e a questões de vida após a morte.

Diante das questões acima, Lodge se posicionou inclinado a questionar a possibilidade de uma ação combinada, entendendo que seria melhor cada país continuar suas pesquisas de forma isolada. No entanto, enfatiza a necessidade de uma organização central, especialmente pelo problema financeiro, o que seria de extrema urgência. Cita que os médiuns, para assegurar sua existência, são submetidos a um trabalho doloroso em detrimento de suas faculdades, além de serem submetidos à perseguição policial (Lodge, 1918 *Lettre de Lodge à Richet*, in *Archives Institut Metapsychique International*, Carton 3, Dossier 8).

Em seu segundo argumento, Lodge cita a antipatia que a ciência, a igreja e a lei, têm sobre as pesquisas metapsíquicas, podendo inclusive paralisá-las. Argumenta que uma organização internacional, ao invés de trazer um remédio para tudo isso, correria o risco de intensificar casos de oposição. Conclui que considera que, por algum tempo, o melhor trabalho seria individual e em silêncio, sem chamar a atenção hostil e sem ter uma postura agressiva (Lodge, 1918 Lettre de Lodge à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Em seu terceiro argumento, com relação ao conteúdo ideológico de Santolíquido, no sentido de uma transformação na humanidade, Lodge expõe que não sabe até que ponto deseja ter pressa num movimento que iria transformar a mentalidade de alguns indivíduos. Prega a paciência e a perseverança, ao invés de rajadas de uma energia forte e exuberante. Entende que a oportunidade se apresentará quando um grupo mais jovem dispuser de mais liberdade, tomando o assunto em questão com mais felicidade e que uma consequência de seu trabalho tem sido a de reduzir a oposição e, gradualmente, despertar uma espécie de opinião pública sobre o assunto. Com relação às provações causadas pela Guerra e como consequência a abertura de corações para os ensinamentos dos fatos metapsíquicos, pondera não ser a condição ideal para criar essas lições em praça pública, e tentar convencer as pessoas contra a sua vontade. Entende que todo o progresso foi lento, mas no geral, a lentidão foi benéfica. (Lodge, 1918 Lettre de Lodge à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Em seu quarto argumento, afirma não haver qualquer instituição internacional que tenha realizado um trabalho científico importante, exceto para o catálogo e vulgarização da literatura técnica. Entende que as grandes sociedades têm, entre elas, relações de amizade, ou pelo menos tiveram, antes da guerra, mas cada uma era uma sociedade nacional, e em sua opinião parece que o melhor de sua atividade se deveu a essa limitação, somando-se ainda a barreira da língua que é uma dificuldade real em relações internacionais (Lodge, 1918 Lettre de Lodge à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Por fim, especula que haverá uma liga de nações, e que pode haver uma liga de sociedades científicas e universidades de alguma forma. Mas as unidades nacionais devem primeiro existir e prosperar e então ser combinadas em organizações internacionais (Lodge, 1918 Lettre de Lodge à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Santoliquido replicou a carta de Lodge e enviou sua réplica a Richet com a data de 8 de novembro de 1918. Tal carta, obtida nos arquivos do Instituto, também está anexada com livre tradução na presente obra.

Inicialmente, Santoliquido expõe dois trechos da Carta de Oliver Lodge sobre os quais, em sua opinião, se deve meditar. O primeiro trecho é aquele em que Lodge expõe que a necessidade de uma organização central, em especial pelo problema financeiro, é bem urgente, argumentando que os médiuns, para assegurarem sua existência, são obrigados a um trabalho doloroso à custa de suas faculdades, sendo, por outro, lado submetidos a perseguições policiais. O segundo trecho é o argumento de que a ocasião se apresentará ela mesma, quando um grupo de mais jovens, dispendo de mais liberdade, tomar o assunto em mãos. (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Santoliquido questiona Richet se esses dois argumentos não seriam em verdade uma apologia do projeto, fazendo destacar sua necessidade e sua possibilidade. Expõe que, em verdade, o resultado principal da fundação central será o de resolver o problema dos médiuns, necessidade primordial e pedra no caminho do metapsiquismo. Argumenta que os médiuns selecionados, educados e treinados serão isentos de luta pela sobrevivência, sendo capazes de se concentrar exclusivamente em sua mediunidade, se colocando à disposição das Instituições locais ou grupos de pesquisadores (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Ao segundo argumento, expõe Santoliquido que a fundação recente, por um mecenas generoso, no caso Jean Meyer, de um laboratório de estudos metapsíquicos, prova notável crescimento do interesse pela metapsíquica entre jovens e ardentes estudiosos como J. CH. Roux, Chauvet, Maingot e Geley, mostrando que a oportunidade surge no atual

momento (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Em relação às objeções ou dificuldades citadas na carta de Lodge, Santolíquido contrapõe os quatro argumentos com quatro contra-argumentos.

O argumento de Lodge sobre as diferenças entre o temperamento inglês e o latino não são um obstáculo para Santolíquido. Cada um continuaria sua evolução de acordo com a sua natureza. As sociedades nacionais ou locais manteriam toda a sua autonomia e sua característica. O Instituto centralizaria simplesmente suas pesquisas e se esforçaria para tirar as conclusões lógicas. Expõe ainda Santolíquido que sua proposta era a de um centro de resultado e de esplendor e que facilitaria os trabalhos particulares e os contatos dos metapsíquicos do mundo inteiro. Iria fornecer-lhes os meios, as informações, a possibilidade de investigações e a investigação de longo prazo. Finaliza expondo que se esforçaria para realizar as sínteses e o desenvolvimento dos estudos (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Sobre o temor de excitar a oposição do metapsiquismo, parece exagerado aos olhos de Santoliquido. Argumenta que, por um lado, se a indiferença de estudiosos e círculos oficiais é muito real, por outro lado a hostilidade da polícia não existe em Paris. Expõe Santolíquido que há um verdadeiro renascimento do idealismo, havendo, para a pesquisa metapsíquica, uma onda de entusiasmo para ser aproveitada. Salienta que a oposição sistemática de outrora desapareceu como evidenciado pelo acolhimento feito para a exposição, ao Colégio da França, dos fenômenos mais misteriosos do metapsiquismo e a ofensiva contra o materialismo oficial (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Já com relação ao argumento de Oliver Lodge, de que não conhece nenhum exemplo de sociedade internacional com trabalho útil, cita Santolíquido o Instituto Internacional de Higiene Pública e a luta contra as grandes epidemias. Essas sociedades internacionais não fazem grandes descobertas, mas sua finalidade não é essa, argumenta. O objetivo de tais instituições é fornecer aos indivíduos mais qualificados os meios

indispensáveis para a ação e o objetivo da Instituição, visando assumir o comando da propaganda do idealismo, conclui (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8).

Em suas palavras:

O desafio para o futuro é grande, trata-se de saber se a humanidade vai ou não vai ter um ideal; se ele vai avançar para as expectativas grandiosas baseada na ciência - ou se ele irá afundar no bolchevismo. O dilema se impõe. Ele é urgente. Não é uma questão para perguntar se teremos sucesso ou se falharemos. Existe um dever a cumprir, o dever imperioso, com o qual nós não discutimos (SANTOLÍQUIDO, 1918b Lettre de Santoliquido à Richet, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8. Tradução nossa).

Se dando conta de que as conversas estavam se alongando e de que um tempo precioso estava sendo perdido, Santoliquido vai ao encontro de Jean Meyer em Beziers, ficando três ou quatro dias na cidade. A conversa entre os dois foi longa, sendo expostas questões nunca ditas antes, como o episódio em a que Santoliquido diz ter sido chamado ocorrido em 1906, em que presenciou, pela primeira vez, fenômenos parapsíquicos em sua própria casa, além de ter levado também alguns documentos. A resposta de Meyer após a longa conversa foi enfática, ele disse: “Marchez”. (SANTOLÍQUIDO, 1929, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8).

Em 19 de abril, o decreto de reconhecimento de utilidade pública foi dado pelo Presidente Poincare (POINCARE, 1919, Lettre du chef du bureau du cabinet de la president de la republique (POINCARE) sur le sujet de la reconnaissance d'utilité publique). (Vide Anexo D).

Ficou evidente neste item o papel fundamental de Rocco Santolíquido com sua enorme ação e determinação, bem como o temperamento flexível e generoso de Jean Meyer que, mesmo diante de opiniões contrárias, optou pela criação do Instituto de Metapsíquica Internacional. A existência das duas escolas de metapsíquica, quais sejam, a Francesa e a Inglesa, ficará mais evidenciada ao longo deste trabalho, principalmente em face da médium Eva Carriere em seus experimentos em Londres e o relatório da “Society for Psychical Research. A perseguição policial e religiosa também será explicitada com os médiuns Klusky e Guzik.

1.6. Bastidores de fenômenos metapsíquicos ante a fundação do Instituto

Alguns bastidores de fenômenos Metapsíquicos ou parapsíquicos relatados por Santolíquido foram importantes nessa fase prévia para a fundação do Instituto. No primeiro relato, ocorrido em 1910, em sua conferência chegou a dizer que as ciências positivas eram tão raras que já estava um pouco cansado destes testes e falou a Louise, sua esposa, que talvez fosse melhor não perder esse tempo e se dedicar à revisão do material que tinham e analisar se poderiam tirar algum proveito. Enquanto Santolíquido falava a Louise, que tinha um lápis na mão, sua esposa imediatamente, fazendo escrita automática, escreveu: “Esperar por cinco anos.” Espantados, ambos perguntaram “por quê?”. “Porque então eu darei documentos importantes”. E, sem dúvida, o período mais fértil se iniciou em 1916, cinco anos depois, afirma Santolíquido (SANTOLÍQUIDO, 1929, Discours de Santolíquido, Carton 3, Dossier 8).

O segundo relato ocorreu no final de 1916. Após as mensagens publicadas, algumas conversas íntimas ocorreram entre Dr. Geley, Louise e Santolíquido, gerando uma divergência profunda. A divergência se dava sobre assuntos que nem Louise nem Santolíquido queriam transigir, de modo que uma perda de entusiasmo ocorreu. Em 1917, antes da criação do laboratório, Santolíquido e Louise estavam em Roma em um experimento e, enquanto ela tinha um lápis na mão e estavam falando dessa diferença dos dois em relação a Geley, a conversa foi se intensificando até o ponto em que Santolíquido sentenciava que seria impossível continuar a trabalhar com Geley. Louise aprovou imediatamente, mas, ao mesmo tempo, se deu sua escrita automática e a mão escreveu: “Não desconfiar de pessoas que eu acho dignas. Deixe-me o cuidado de escolher as almas. Não quero persuadi-lo, que cada um desempenhe o papel que lhe foi confiado com reconhecimento”. A partir de tal mensagem, Santolíquido e Louise não fizeram mais oposição a nada. E poucos dias depois o anúncio aconteceu: Meyer tinha criado o laboratório (SANTOLÍQUIDO, 1929, Discours de Santolíquido, Carton 3, Dossier 8).

1.7. O momento histórico para os fenômenos metapsíquicos e a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional

Tratava-se de um momento histórico em que os fenômenos metapsíquicos estavam prendendo, cada vez mais, a atenção ávida de toda a humanidade pensante. O alto interesse científico desses fenômenos se duplicou em um imenso interesse filosófico, já que eles revelam, no ser, os poderes dinâmicos e psíquicos que parecem ultrapassar o campo das capacidades orgânicas e sensoriais, e seus estudos permitiam considerar, à luz do método experimental, os grandes problemas da vida e do destino (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1920, p.1).

Até o momento da fundação, os estudiosos que se engajaram no metapsiquismo permaneceram isolados e enfrentaram dificuldades, sem qualquer outro tipo de apoio além do de sociedades locais, com desempenho forçosamente restringido. A expectativa era de mudança neste sentido (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1920, p.1).

O comitê do Instituto de Metapsíquica reconhecia que as sociedades de estudos psíquicos que existiam faziam ainda imensos serviços e que elas deviam manter toda a sua atividade e toda a sua autonomia. Mas a necessidade de uma organização central se impunha, porque somente ela permitiria o trabalho em profundidade e de longo prazo, tornando mais fácil e mais férteis as pesquisas individuais, assegurando a união de esforços e sintetizando os resultados obtidos. E esta organização central era o Instituto de Metapsíquica Internacional, fundado por M. Jean Meyer, devendo agrupar os pesquisadores do mundo inteiro que se interessavam por estudos de metapsíquica. Sua estrutura era constituída pelos recursos indispensáveis assegurados e foi declarado de utilidade pública, sendo sua sede estabelecida em Paris, no número 89 da Avenida Niel. O Instituto completo foi constituído por laboratórios providos de todos os instrumentos de experiências e de registros; de bibliotecas; uma sala de leitura; uma sala de conferências e de arquivos. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1920, p.1).

Em termos de publicações, existia um boletim periódico, a Revista de Metapsíquica, em que registrava seus próprios trabalhos e trabalhos

realizados no mundo inteiro, dos eventos metapsíquicos, das publicações e das revistas. O Instituto realizava pesquisas em todos os lugares onde eram relatados fatos interessantes. Organizava conferências e, quando possível, sessões de demonstração. Eram selecionados médiuns, educados com os temas mediúnicos e assegurados, para aqueles que foram considerados dignos, uma existência isenta de preocupação e que lhes permitia dedicarem-se ao desenvolvimento de suas faculdades (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1920, p.1).

Existia um discurso idealista no contexto do Instituto que considerava a necessidade da combinação moral e material de todos e contando sobretudo com aqueles que viam nela a mais grandiosa das ciências. Eram chamados a transformar a vida moral e social da humanidade. O Comitê, já no primeiro número de sua revista de metapsíquica, convocava os idealistas de todos os países e de todas as crenças; os homens de ciência e os pensadores; todos aqueles que têm meditado sobre o problema do destino; todos os que choram seus mortos da grande guerra. Acreditava-se na renovação da humanidade, saindo de tanto sofrimento e acompanhada de um renascimento do idealismo. Mas de um idealismo que devia agora afirmar-se com a ciência e pela ciência (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1920, p.1).

1.8. O fim da Primeira Guerra Mundial

Importa destacar que a fundação do Instituto se deu após a Primeira Guerra Mundial e por diversas circunstâncias, seja a perda de entes queridos, seja a crise econômica, seja a expectativa de um mundo melhor, contribuía para discursos de união e esperança.

Nesse sentido, a união entre laicos e clérigos ocorreu em decorrência da Guerra, demonstrando para todos os cidadãos suas mútuas sinceridades. Professores e sacerdotes se reuniam e se estimavam. Diante de tantos mortos, as polêmicas se tornavam irrelevantes (PROST, 1979, p.24).

O Bloco Nacional, no poder depois das eleições de 1919, ostentava um espírito novo e, nesse sentido, os católicos não eram chamados em questões de leis laicas. A embaixada do Vaticano foi restabelecida, e uma

negociação permitiu dar um Estatuto jurídico à Igreja na França, igual às associações culturais diocesanas e não mais comunais como previa a lei de separação. Essa pacificação religiosa adicionada à divisão da esquerda explicita que os anos de 1920 a 1930 não são dominados nem por questões religiosas nem pela questão trabalhista, mas por dois problemas diretamente ligados à Guerra: as relações com a Alemanha e as questões financeiras (PROST, 1979, p.25).

Para as pesquisas metapsíquicas, tal contexto foi benéfico, proporcionando maior liberdade para as suas pesquisas e ausência de eventual intervenção da Igreja. Os investigadores puderam trabalhar, embora sofressem críticas do clero principalmente em decorrência das pesquisas e experimentos com ectoplasma.

Importante por questões políticas, a crise financeira é relevante sobretudo por suas consequências sociais. Os preços, de fato, continuavam a aumentar, sendo triplicados de 1914 a 1922 e duplicados entre 1922 e 1928. Essa alta dos preços acaba pesando sobre os correntistas que perderam seus investimentos. A maioria da população obtinha seus recursos em valores fixos ou uma renda fixa enquanto, em contrapartida, os preços continuavam subindo, acabando com o poder de compra. Sobre a renda, o governo regulou estritamente beneficiando o interesse dos locatários, limitando o aumento a 75% do aluguel de 1914 a 1923 e a 150% até 1929 (PROST, 1979, p.30).

Por outro lado, a depreciação monetária favoreceu os industriais no mercado internacional como Jean Meyer, fundador do Instituto de Metapsíquica Internacional. Com a moeda desvalorizada, a exportação de produtos franceses ganhava força. Podemos pensar que tal condição influenciou o Instituto que dependia de seus recursos.

Raymond Poincaré⁶ no poder é então objeto de duas solicitações contrárias: os pensionistas, para melhorar sua renda real, solicitavam a valorização do Franco; os industriais, para vender mais facilmente no exterior, desejavam conservar uma moeda um pouco desvalorizada. Raymond Poincaré com a maioria foi reconduzido pelas eleições de 1928,

⁶ Raymond Poincaré era primo do renomado físico e matemático Henri Poincaré.

adotando um compromisso: a estabilização do Franco, que é novamente definido a peso de ouro, mas passa a valer apenas um quinto do que valia antes de 1914 (PROST, 1979, p.30).

A França, em paz com seus vizinhos, aparentemente restaurada, parece destinada a conhecer anos de prosperidade. Poincaré, bem cansado, entrega o cargo em julho de 1929, mas seus sucessores, Laval e Tardieu, continuam a sua linha política. Tardieu, especialmente, seguiu uma linha liberal, mais dinâmica e preocupado com a eficiência, de um modo bem americano. Anunciou em seu governo um plano para utilização dos recursos do tesouro. Mas em seguida vem mais uma crise econômica e a vitória do cartel das esquerdas (PROST, 1979, p.30).

1.9. Conclusão

Abordei, portanto, nesse capítulo, o encontro das três personalidades fundamentais para a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional, quais sejam, Gustave Geley, Rocco Santolíquido e Jean Meyer, observando-se que seus integrantes possuíam uma imensa amizade, sendo que, de tal comunhão de ideias e aspirações, nasceu a sólida proposta de tentar algo prático no campo dos estudos psíquicos. Assim, o Instituto de Metapsíquica foi precedido, em 1917, por um embrião de laboratório na Avenida Suffren, tendo Gustave Geley feito relatos de seus primeiros trabalhos numa conferência em Sorbone, sendo que, a partir de tais trabalhos, Jean Meyer decidiu colaborar fundando o Instituto.

Investiguei também os bastidores da fundação do Instituto, com diversas fontes primárias como cartas e discursos obtidos nos arquivos do Instituto e que demonstram claramente todo o empenho de Rocco Santolíquido em suas argumentações, argumentações essas que utilizavam o trabalho de Gustave Geley em seu laboratório na Avenida Suffren como exemplo de sucesso e a postura de Jean Meyer aceitando a proposta do Instituto mesmo frente à opinião contrária de diversas personalidades da época, como Oliver Lodge e Charles Richet.

Por fim, procurei expor o cenário social, econômico e político, donde se observa que a guerra proporcionou um ambiente de união entre laicos e clérigos, beneficiando as pesquisas psíquicas; a crise financeira, que beneficiava industriais como Jean Meyer; e, sob a perspectiva política, Raymond Poincaré com a maioria é reconduzido pelas eleições de 1928 com o objetivo de estabilizar o Franco.

No próximo capítulo analisarei o contexto do ectoplasma na Europa no início do século XX, bem como as teorias, os pesquisadores e os opositoristas.

CAPÍTULO 2 – O CONTEXTO DO ECTOPLASMA NA DÉCADA DE 1920

No final de 1916, após as mensagens publicadas, algumas conversas íntimas ocorreram entre Dr. Geley, Louise e eu. Uma divergência profunda se deu entre nós. A divergência se dava sobre assuntos que nem Louise nem eu queríamos transigir, de modo que um arrefecimento ocorreu. E, em 1917, antes da criação do laboratório, nós estávamos em Roma, Louise e eu, em um experimento; e, enquanto ela tinha um lápis na mão, nós estávamos falando dessa diferença entre nós e Geley, até o ponto em que eu digo: é impossível que eu continue a estar interessado em Geley. Louise aprovou imediatamente, mas ao mesmo tempo a mão escreveu:

Não ter cuidado com as pessoas que eu acho dignas. Deixe-me o cuidado de escolher as almas. Não quero persuadi-lo que todo mundo joga o papel que lhe foi confiado e felizmente. Então nós não fizemos mais oposição a nada. E poucos dias depois do anúncio do que aconteceu, Meyer tinha criado o laboratório (SANTOLÍQUIDO, 1929, Discours de Santoliquido, Carton 3, Dossier 8).

Neste capítulo será dada uma atenção especial ao contexto em que os experimentos com o ectoplasma se encontravam na década de 1920. As impressões causadas, as expectativas e o empenho de cientistas e profissionais de renome na resolução da questão do ectoplasma.

Estávamos em um momento em que as experiências com ectoplasma estavam em evidência. Entre os trabalhos expostos com o Congresso Metapsíquico de Copenhague e de Varsóvia, os relatórios sobre o fenômeno chamado de materialização, ou seja, a externalização da substância ectoplásmica e a organização definida em formas, particularmente pareciam ter impressionado os congressistas. A afirmação repetida de tantos pesquisadores de boa-fé, suas certezas objetivas, a analogia de suas observações, os detalhes de suas experiências, foram, de fato, um valor científico que, acrescido de boa vontade, era possível fazer cessar o preconceito contra os estudos (GELEY, 1924, p.189).

Por outro lado, os adversários da metapsíquica já não podiam apresentar, como força de argumento, um preconceito a teorias místicas, já que nada místico estava envolvido. Tratavam-se realmente de experimentos. Nesse sentido, todos os relatórios foram lidos para o Congresso, conforme mutuamente acordado, deixando de lado as interpretações prematuras.

Foram apresentados apenas os fatos e inferências racionais que esses fatos teriam necessariamente com eles (GELEY, 1924, p.189).

Nesses relatórios lidos no Congresso, não havia discussão sobre os fantasmas dos mortos ou dos vivos, de espíritos ou de talentos, do sobrenatural ou mesmo supranormal. O assunto era abordado sob a perspectiva de um fenômeno biológico de enorme interesse, certamente, mas menos espantoso que possa parecer à primeira vista, porque alegavam saber a gênese e algumas das condições essenciais. Encontravam, mesmo em biologia animal e fisiologia normal, analogias ou pelo menos os pontos de contato entre os detalhes do processo ectoplasmático e alguns fenômenos classificados nas ciências naturais. Geley alegava inclusive que a materialização não era mais o evento maravilhoso e quase milagroso que foi descrito e comentado nos primeiros livros espíritas. Em decorrência disso, entendia que se podia e se devia substituir o termo materialização pelo termo ectoplasmia (GELEY, 1924, p.190).

A proposta na época era considerar o fenômeno friamente, analisando os detalhes, sem se preocupar com as condições que ainda escapam ao entendimento, das forças motrizes que não poderiam entender. Procurava-se se contentar com o que se sabia. O ectoplasma era considerado, em primeiro lugar, como uma duplicação física do médium. Entendia-se que durante o transe, uma parte do seu corpo era exteriorizada. Esta porção, às vezes era mínima às vezes considerável, como metade do peso corporal conforme demonstrado em algumas experiências de Crawford. O ectoplasma se apresentava em primeiro lugar, à observação, com a aparência de uma substância amorfa, seja sólida, seja vaporosa. Em seguida, muito rapidamente, em geral, o ectoplasma amorfo era organizado e, às suas custas, iam surgindo novas formas que podiam ter, quando o fenômeno estava completo, todas as capacidades anatômicas e fisiológicas de organismos biologicamente vivos. O ectoplasma se tornava um ser ou uma fração de ser, mas ainda dependente estreitamente do corpo do médium, que era uma espécie de extensão e em que ele era absorvido no fim da experiência. Este era o resultado da interpretação da ectoplasmia, simplesmente considerada em si mesma, isenta de certas complicações que

deviam ser estudadas mais tarde, ou seja, o fato nu, dissecado, por assim dizer na sua estrutura anatômico-fisiológica (GELEY, 1924, p.190).

Tais fatos eram estabelecidos pelas afirmações concordantes com evidências para apoiar estudiosos de todos os países: a fotografia das formas materializadas, a pegada de uma dessas formas em argila, no mastic, resina, no granito negro “noir de fumée”; sua moldagem completa, nos casos mais notáveis, provando a realidade objetiva da ectoplasmia. Portanto, concluía-se que a ectoplasmia era sempre a mesma em todos os países, independentemente do observador ou do médium. Dentre os estudiosos concordantes encontram-se: Crookes, o Dr. Gibier, Sir Oliver Lodge, o professor Richet, Ochorowicz, o professor Morselli, o Dr. Imoda, Madame Bisson, o Dr. de Schrenck-Notzing, Dr. Geley, Crawford, M.Lebiedzinski, além de outros que também deram uma descrição rigorosamente concordante (GELEY, 1924, p.190).

Geley considerava ser necessário, naquele momento, que a psicofisiologia chamada universitária, para não dizer oficial, se decidisse sobre a consideração do ectoplasma. Entendia que o fenômeno de ectoplasmia, conforme exposto, parecia relativamente simples, abstraindo-se naturalmente de suas consequências filosóficas formidáveis (GELEY, 1924, p.191).

Mas a metapsíquica não chegou, na primeira tentativa, a esta concepção. Houve muitos trabalhos acumulados para permitir obter uma ideia clara sobre a gênese do fenômeno. Entre essas obras estão especialmente as relacionadas com a própria substância, entre as mais importantes (GELEY, 1924, p.191).

Geley defendia que a substância, palavra que aparece pela primeira vez no livro de Madame Bisson e no do Dr. Schrenck-Notzing, estava presente em dois aspectos principais: o aspecto vaporoso e o aspecto sólido. Um e outro desses aspectos foram observados pela maior parte dos principais médiuns, como Eglinton e Madame d'Esperance, e pelas primeiras testemunhas dos fenômenos de materialização. O livro de M. Delanne, *As Aparições Materializadas*, contém numerosos exemplos. As experiências com Eusapia Paladino tinham permitido aos professores Morselli e Richet delinear a teoria da ectoplasmia. O professor Morselli, em sua obra *Psicologia e*

Espiritismo, publicado em 1907, deu uma descrição completa dos diversos processos ectoplásmicos com a exposição de suas experiências pessoais. Ele foi também, o que é sua principal reivindicação à fama em metapsíquica, o primeiro a dar uma teoria explicativa do fenômeno. Geley pretendia discutir essa teoria em um volume em preparação antes de sua morte. Morselli se baseava na existência de forças biopsíquicas desconhecidas supondo uma espécie de radioatividade humana suscetível de gerar a substância de ectoplasma. Sua ideia principal era a de que o fenômeno tinha origem no psiquismo subconsciente do médium e era, em suma, a teoria que foi discutida e desenvolvida em todos os lugares. (GELEY, 1924, p.192).

Sir Oliver Lodge, o defensor da Escola Inglesa e da Metapsíquica Subjetiva, tem um relato interessante sobre o ectoplasma:

Em minhas primeiras sessões com Eusapia, ao lado do Professor Richet, em Carqueiranne, eu vi, algumas vezes, uma protuberância sair do médium sem que a vestimenta fosse um obstáculo. Esta protuberância parecia ser, com pouca luz, um corpo branco, amorfo, de aparência sólida, e, se a extremidade desta formação atingisse um dos assistentes, ele dizia ter sido tocado ou agarrado por uma mão. Esses toques no braço ou no pescoço de um ou outro assistente em seguida foram a forma mais frequente de manifestações obtidas por Eusapia, tão frequentes que eles se tornaram banais. Percebemos e sentimos essas protuberâncias antes ou mesmo sem as vermos e mesmo com luz suficiente. Elas às vezes são vistas sem tocar, provavelmente porque elas não são esticadas o suficiente para fazer o contato. Um dia, sentado afastado do grupo, eu observei em silêncio uma dessas protuberâncias, por cerca de um minuto; ela se alongava e se retirava, para ir e começar a tocar M. Myers nas costas. Ele gritou assim que ele foi tocado, embora ele não tenha sido avisado das tentativas feitas, nem de minhas observações silenciosas.

Eu também me lembro muito bem de que o Sr. Myers, que por causa do calor estava vestido de branco, recebeu um forte tapa nas costas. Sentei-me atrás dele e eu podia ver bem, mas eu não conseguia distinguir o agente que estava operando.

As teclas de um piano também foram baixadas sem toque visível.

Essas curiosas protuberâncias, muito frequentemente sentidas, como também percebidas, intrigam muito o professor Richet, como fisiologista e ele que lhes deu o nome temporariamente de ectoplasma.

Ele não deu esse nome para a mesma substância que se forma (GELEY, 1924, p.193. Tradução nossa).

Repare que não foi estabelecida, nessas observações, a relação sistemática e consistente entre a ectoplasma esboçada e a materialização realizada. Foram necessários, para precisar essa dependência, os estudos feitos com a médium Eva Carriere, que exteriorizava a substância amorfa, sob a aparência sólida, com uma profusão excepcional. É nesse sentido que Madame Bisson, que, após doze anos trabalhando sem interrupção com Eva, podia legitimamente, no Congresso de Copenhagen, reivindicar a descoberta da “substância” (GELEY, 1924, p. 193).

Madame Bisson chamou Gustave Geley para testemunhar, de forma espontânea, pela primeira vez, numa conferência de Geley, em uma faculdade na França, em que falava sobre “a fisiologia dita supranormal”. Dentre alguns detalhes sobre a história das experiências de Madame Bisson, destaca-se que foi em 1909 que ela conheceu Eva, e começou a trabalhar com ela, constatando, desde o início, que a fenomenologia durante as sessões eram frequentemente a cabeça e o rosto cobertos com um tipo de material branco que transfigurava. Essa foi a origem das investigações subsequentes. A Sra. Bisson, na conferência de Copenhague, disse:

Em 1910, o Professor Schrenck-Notzing foi-me apresentado. Em cada uma de suas viagens à França, ele participava das sessões e contribuía para o trabalho cujos resultados foram publicados sob o nome dele na Alemanha, então eu vou publicá-las na França sob o meu (GELEY, 1924, p. 193. Tradução nossa).

O qualificativo substância foi escolhida em uma sessão da noite, segundo Madame Bisson:

Eu estava procurando, para o trabalho que eu iria publicar, um termo mais apropriado do que a matéria. Um dos assistentes da época, o Dr. Jean-Charles Roux, pronunciou a palavra “substância”. Esta palavra se encaixa melhor do que qualquer outra expressão, eu a mantive. Esse termo percorreu um longo caminho desde então (GELEY, 1924, p. 193. Tradução nossa).

Fazendo justiça sobre a descoberta da substância, a iniciadora foi Madame Bisson, não podendo ser removido nenhum mérito do Dr. De Schrenck-Notzing. A colaboração de Madame Bisson e do cientista foi infinitamente produtiva. É desnecessário buscar, em sua enorme

documentação, qual é a parte devida a um ou a outro. Há glória suficiente para ambos, conclui Geley (GELEY, 1924, p.193).

Desde o mês de maio de 1916 até o mês de abril de 1918, Geley trabalhou com a Sra. Bisson na casa dela por mais de um ano, de maio de 1916 a agosto de 1917 e, em seguida, durante três meses, de 10 de dezembro de 1917 a 11 de março de 1918 no seu próprio laboratório. Esta colaboração muito bem-sucedida permitiu a Geley afirmar, de sua parte, sem reservas, a realidade das observações de Madame Bisson e do Dr. de Schrenck-Notzing. Os resultados documentados foram publicados sob a forma sintética que ele proferiu em sua palestra sobre fisiologia chamada supranormal juntamente com as induções biológicas e filosóficas que pensou existirem com base nos fatos (GELEY, 1924, p.194).

Como já afirmado, a substância apresentava dois aspectos principais, o aspecto sólido e o aspecto gasoso. O aspecto sólido consistia de uma massa amorfa de protoplasma, geralmente branca, excepcionalmente cinza, preto ou até mesmo vermelho carne, conforme a apresentação de Madame Bisson no Congresso de Copenhague, que sai do médium através de toda a superfície do corpo, mas, sobretudo, através dos orifícios naturais, pelo lado ou pelos dedos. Neste sentido, a substância gasosa se apresentava na aparência de uma névoa mais ou menos visível, às vezes vagamente fosforescente, que parecia se desprender principalmente da cabeça do médium. Neste nevoeiro se formavam pontos de condensação brilhantes cujo brilho lembrava vaga-lumes. A substância era liberada para o estado sólido ou para o estado gasoso e sua organização era muito rápida. Ela, então, gerava, quer materializações esboçadas, quer materializações completas e perfeitas. Uma e outra eram muito fotogênicas. Por vezes, as formas por si só eram brilhantes, luminosas, seja totalmente, seja por partes. (GELEY, 1924, p.194).

Geley entendia que a ectoplasmia era menos maravilhosa do que parecia à primeira vista e que era possível encontrar analogias entre este fenômeno tão estranho na aparência e alguns fenômenos já conhecidos em biologia (GELEY, 1924, p.194).

Uma primeira analogia que Geley expôs e desenvolveu, encontra-se na histólise de certos insetos na crisálida, a desmaterialização parcial de seu

organismo, a redução dos tecidos a um magma amorfo e a materialização consecutiva de um organismo novo, conforme as obras *A Fisiologia dita Supranormal*; *Do Inconsciente ao Consciente* e a *Revista de Metapsíquica* número 2, de dezembro de 1920 (GELEY, 1924, p.195).

Uma segunda analogia de Geley é que se pode relacionar certos fenômenos de luz do processo ectoplásmico à luz fria emitida por diversos insetos e diversos micróbios. Em ambos os casos, se observa a transformação da energia biológica em energia luminosa sem o desenvolvimento de calor. A aparência das luminosidades, o baixo poder de claridade, sua pouca radiação e a cor da luz são bastante semelhantes em ambos os casos para esta explicação (GELEY, 1924, p.195).

Uma terceira analogia defendida por Geley é dos pseudópodos emitidos por certos protozoários (GELEY, 1924, p.195).

Geley ainda cita uma quarta analogia: a do processo ideoplástico da ectoplasma com os vários processos constatados em todos os níveis da escala animal (GELEY, 1924, p.195).

Uma quinta analogia é a da ectoplasma e a da geração normal, todas as duas gerando o protoplasma simples, substância que emanava do médium, isto é, como que a célula de ovo, forma tão diversa e complexa que se tratava de um órgão ou organismo (GELEY, 1924, p.195).

Finalmente, uma sexta analogia eram as realizações incompletas ou defeituosas com o conteúdo de matéria orgânica de tumores chamados cistos dermóides (GELEY, 1924, p.195).

Portanto, as pesquisas com ectoplasma estavam em evidência no início do século XX. Da mesma forma que geravam toda essa massa crítica de pesquisadores, geravam também opositoristas convictos. Conforme já exposto, uma primeira linha de opositoristas se encontrava no clero católico, dentre os quais o padre Lucien Roure e seu aliado o Dr. Heuzé, já que as experiências com ectoplasma contrariavam o dogma da imaterialidade da alma. Uma segunda linha de opositoristas era de espíritas que só aceitavam ou viam como procedente os experimentos com o fim de ratificar suas crenças, fato que não ocorria diante da direção de Gustave Geley. Uma terceira linha de opositoristas era composta pelos pesquisadores metapsíquicos da Escola Inglesa, ficando tal condição bem evidente tanto

nas cartas trocadas antes da fundação do Instituto de Metapsíquica como nos experimentos com Eva em Londres, relatados no capítulo 3 dessa obra. Uma quarta linha de opositoristas era composta por cientistas tradicionais que não aceitavam e nem davam importância aos experimentos com ectoplasma.

Se no início da década de 1920 as pesquisas com ectoplasma alcançaram seu apogeu, tendo o Manifesto dos 34, relatado no capítulo 5, como seu grande marco, com a morte de Gustave Geley e com a nova diretoria composta por Eugene Osty, as pesquisas diminuíram no final da década de 1920. Em 16 de Novembro de 1925, em seu discurso diante do comitê, Osty argumenta ser injusto atribuir à elite científica um desinteresse aos fenômenos com ectoplasma. O que ocorreu, argumenta, é a raridade dos fenômenos, sua imitação por fraude e as condições difíceis de sua produção. Um cientista requer que os fenômenos a serem estudados sejam provocáveis e replicáveis e tal não se dava com os experimentos com ectoplasma. Com isso, além da elite científica, a opinião pública também ficava desfavorável aos experimentos. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1926, p.8).

No próximo capítulo analisaremos a médium Eva Carriere e o laboratório que precede a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional em 1917. O laboratório localizado na Avenida Suffren, tendo Gustave Geley feito relatos de seus primeiros trabalhos numa conferência em Sorbone. Também serão analisados os experimentos com Eva em Londres.

CAPÍTULO 3 - EVA CARRIERE

“Caro Doutor,
 Recebi seu Boletim do Instituto e agradeço-vos.
 A propósito das materializações que me concernem, o general Peter cometeu um equívoco (talvez desejado, aliás) protestando em face de vossa homenagem à Sra. Bisson, no que diz respeito à descoberta e significado da “substância”.
 Ninguém melhor que eu, você admitirá, sabe que a Sra. Bisson foi a primeira pessoa interessada pela substância e estudou-a com uma paciência e obstinação dignos de interesse.
 Peço-vos, então, que retifique o erro cometido pelo Sr. Peter, tendo em vista que conheci bem depois o Barão de Schrenk no laboratório da Sra. Bisson e que esta trabalhou comigo desde fevereiro de 1909, debruçada sobre a substância, aportando às ciências psíquicas todas as observações interessantes e necessárias, as únicas que foram feitas até este dia e sobre as quais vós e o Barão Von Schrenk implantaram os vossos. — É preciso dar a César o que é de César...
 ...Cria, peço-vos, na minha dedicação e em meus bons votos.
 Eva Carrière.
 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1920, p.106).

O presente capítulo tem como objetivo abordar os experimentos com a médium Eva Carriere. Serão expostos os experimentos realizados no laboratório de Gustave Geley na Avenida Suffren, laboratório este que foi o embrião do Instituto de Metapsíquica Internacional e também os experimentos realizados pela Society for Psychical Research de Londres que geraram enorme polêmica explicitando a existência de duas escolas, quais sejam a Escola Francesa, mais interessada em fenômenos objetivos como a materialização e o ectoplasma, e a Escola Inglesa, mais interessada em fenômenos subjetivos como a telepatia.

Gustave Geley, nestes relatos, aborda o essencial da descrição dos fenômenos além de publicar o processo verbal das principais sessões feitas com Eva em seu laboratório e nas quais suas fotografias foram tiradas. (GELEY, 1924, p.196).

Geley iniciou sua colaboração com a Sra. Bisson no início do outono no dia 26 de setembro de 1916. Até o fim de julho de 1917, Geley assistiu, no laboratório da Sra. Bisson, a uma quantidade mínima de duas sessões por

semana. Os trabalhos foram interrompidos durante o verão, sendo que voltaram no outono de 1917. De 10 de dezembro de 1917 até 11 de março de 1918, as sessões, sempre em colaboração com a Sra. Bisson, ocorreram, exclusivamente, no laboratório de Geley (GELEY, 1924, p.196).

Neste capítulo também estarão presentes os experimentos ocorridos e publicados pela Society for Psychical Research de Londres, sobre suas próprias experiências com Eva. Estas experiências foram conduzidas exatamente nas mesmas condições daquelas do laboratório de Geley. Entende Geley, pelo texto e fotografias, que os fenômenos, menos intensos quantitativamente a Londres, tiveram, qualitativamente, a mesma essência que os de seu laboratório (GELEY, 1924, p.197).

3.1. A Médium

Juliette Alexandre Bisson, esposa de Alexandre Bisson, teatrólogo, acompanhou Eva em seus experimentos com ectoplasma desde o início e a partir de 1909 tornaram-se inseparáveis. Foi Gabriel Delanne quem apresentou Eva à Sra. Bisson. Com base em toda a sua experiência ao lado de Eva, Bisson traçou um histórico, o perfil e as características de personalidade da médium que passaremos a expor neste item (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1920, p.106).

Marthe Beráud, também conhecida como Eva Carriere, teve seu trabalho mediúnico iniciado com o ciclo de sessões espíritas, promovidas pelo General Noël e sua esposa, Carmencita, uma inglesa do País de Gales, escritora romântica, residentes em Tarbes, na França. Eva era filha de um oficial e fora noiva de Maurice Noël, um dos filhos do casal Noël, que falecera no Congo em consequência de uma febre, antes que o casamento se realizasse, passando Eva a viver com o casal. Nessa época, ela assistia às sessões ainda como expectadora. Mas a morte de seu noivo, ocorrida de forma brusca, ocasionou-lhe uma profunda perturbação nervosa (BISSON, 1921, p.239).

O seu trabalho mediúnico se iniciou em 1903, aos dezessete anos de idade, na Vila Carmen, em Argel, onde o General Noël e sua esposa se instalaram. Determinada noite, em uma sessão, Eva entrou na cabine

bruscamente e sonolenta, para o espanto dos assistentes, e os fenômenos ocorreram imediatamente. Eva então tornou-se a médium preferida da casa. Fisicamente, Eva era bem constituída, e sua saúde era geralmente boa, entretanto, os nervos predominavam sobre ela, o que lhe fazia impressionável e de caráter mutável. Ela surpreendia com frequência pela rapidez com a qual ela saltava de uma ideia para outra numa conversa (BISSON, 1921, p.239).

Foi na Vila Carmen que os cientistas Charles Richet e Gabriel Delanne, convidados pelo General Noël em 1903 para assistirem às experiências protagonizadas pela médium Eva, deram início às pesquisas e estudos sobre a mediunidade da jovem francesa. As primeiras experiências impressionaram vivamente Richet que não estabeleceu, porém, conclusões firmes. No ano seguinte, Richet e Delanne voltaram a Argel, dando prosseguimento às observações e estudos em relação aos fenômenos de Eva. (RICHET, 1921, p.657). Vale lembrar que, em 1912, Richet voltou a fazer experiências com Eva, relatando uma sessão ocorrida em 15 de abril de 1912, na presença do Conde de Vesme e de Juliette Bisson (BISSON, 1921, p.108).

Eva não tinha interesses secundários, amava dar sessões sem aceitar retribuição alguma, simplesmente para ser agradável à Sra. Bisson. Ela não possuía, aliás, interesse algum nos estudos e frequentemente a Sra. Bisson teve que recorrer a seus sentimentos afetuosos para impedi-la de tratar de modo pouco educado os doutores e experimentadores porque, quando ela estava trabalhando durante as sessões, seu humor era cheio de surpresas, normalmente desagradáveis, mas sempre desconcertantes. Bisson ainda acrescenta que ela era, nestas circunstâncias, completamente irresponsável (BISSON, 1921, p.240).

Apesar disso, as sessões eram muito influenciadas pela sua moral no estado de vigília. Às vezes, elas eram interrompidas por “crises”, como as chamava Bisson, provocadas pelos problemas da vida cotidiana, na qual os menores problemas, mesmo que fossem imaginários, tomavam, a seu ver, a importância de um grande evento. Nestes momentos, nem palavras afetuosas nem a razão podiam superar sua teimosia. Ao contrário, quando adormecida, ela compreendia melhor, queixava-se da Eva normal,

aconselhava a Sra. Bisson a mostrar-se severa para ela e a corrigisse. Foi impondo-se docemente e progressivamente à personalidade sonâmbula que Bisson se entendeu com a outra Eva. Mas as crises foram ficando cada vez mais esporádicas e, em vez de durar vários dias como outrora, Eva passou a acalmar-se mais rapidamente, e as duas Eva procuravam agradar a Sra. Bisson (BISSON, 1921, p.240).

Em tempos ordinários, era difícil prever se a sessão seria boa ou não, afirma Sra. Bisson. Algumas vezes, às 11 horas da manhã, os olhos de Eva mudavam e ela queixava-se de dores na cabeça. Se pudessem aproveitar estes momentos, certamente os fenômenos mostrar-se-iam imediatamente, pois ela poderia ser pega às 11 horas da manhã para um experimento. Por outro lado, Eva poderia encontrar-se completamente desimpedida pela noite, e a sessão ainda ser ruim (BISSON, 1921, p.240).

Se, às 7 horas da noite, Eva tinha os batimentos cardíacos mais intensos, se seus olhos se tornavam como que menores e mais claros, se ela ficava vesga, se ela se queixava dores na cabeça, a sessão seria boa. Os controladores teriam apenas o tempo de terminar o controle e ela deitar-se-ia adormecida sobre a poltrona e os fenômenos mostrar-se-iam imediatamente. Esse fenômeno se produziria ainda no dia seguinte às sessões fortes (BISSON, 1921, p.240).

Um outro sintoma curioso existia. No dia 23 de fevereiro de 1913, às 4 horas da tarde, Eva queixou-se de dores nos seios, ela teve apertos que lhe fizeram extremamente mal. Aos poucos seus seios incharam e endureceram, dobrando de volume. Às 7 horas, ela disse que se sentia mal, tinha “pontadas” no coração. Bisson a adormeceu às 8 horas e, pela primeira vez, ela produziu uma aparição inteira (BISSON, 1921, p.241).

Uma das grandes dificuldades da experimentação com Eva consistia em tocar a matéria. Eva não o permitia, na maior parte do tempo. Era perigoso violentar o fenômeno enquanto tomava força, ou tentar pegar uma parte dele. Era preciso vigiar especialmente certos experimentadores tentados, mesmo com as recomendações feitas, a se precipitarem sobre a “materialização” para segurá-la. Como a ciência não havia descoberto pelo que é formada a substância liberada e que força desconhecida ela revelava, devia-se contentar, afirmava Bisson, em trabalhar com paciência, constatar a

presença da matéria e procurar domá-la. Afirmava que, desta maneira, poderia se chegar a tocar, apalpar e segurar sem que a médium se queixasse e sem que a substância saísse (BISSON, 1921, p.241).

Em uma ocasião ocorreu de, depois de adormecer Eva, a Sra. Bisson levantar-se e distanciar-se um pouco dela. Imediatamente Eva gritou, chamou Bisson e a forçou a voltar ao seu lugar. Eva afirmava que o trabalho constante empreendido com Bisson durante alguns anos criou nas sessões uma espécie de elo entre elas e que se Bisson se distanciasse, puxaria Eva e que seria sobre sua própria vida que agiria Bisson (BISSON, 1921, p.242).

No dia 17 de junho de 1912, com a permissão de Eva, a Sra. Bisson se afastou um pouco para reconduzir os assistentes e a encontrou estendida e desmaiada no meio do quarto, os batimentos cardíacos estavam sensíveis e precisou de muito tempo para reanimá-la. (BISSON, 1921, p.242). Ainda adormecida, Eva disse:

Eu pensei que você poderia se distanciar, que o 'fio' estava solto; mas, ao partir, tu atiraste no meu coração, eu senti que estava sufocando; queria gritar, chamar-te e caí; fiquei sufocada! Depois, não sei mais... (BISSON, 1921, p.242, tradução nossa).

Este incidente ocorreu ainda outras vezes, e Bisson se abstinha de deixar Eva quando ela adormecia, sobretudo quando havia fenômenos. Bisson entendia que não devia distanciar-se dela, mesmo que continuasse no quarto, se seu estado de transe era profundo. Se o fizesse, ela desmaiava, com os seus braços para a frente. Esses desmaios eram os mais longos (BISSON, 1921, p.242).

Nos dias ordinários, noites de estudos nas quais Bisson ficava sozinha com Eva, ocorria o seguinte: Eva estava, de início, calma, falava tranquilamente, mostrava-se, às vezes, lúcida, depois, bruscamente, punha-se a tremer, gritava que alguém a empurrava, que lhe faziam mal, que ela sentia medo, então acalmava-se aos poucos, tomava coragem e recomeçava o que ela chamava de suas "visões". Em outros momentos, sem que Bisson pudesse esperar por isso, ela gritava, escapava para fora da cabine e deixava o quarto de sessões ainda sonolenta. Bisson devia, então, juntar-se a ela às pressas para acordá-la docemente. O fio que, segundo Eva, as ligava era sobretudo sensível para ela nos dias das sessões, antes, durante

ou depois dos fenômenos (BISSON, 1921, p.242).

Algumas questões incomodavam bastante Eva. Se um barulho violento, como o de uma campainha elétrica lhe acordava, como nas sessões de 1 de outubro de 1911 e de 12 de novembro ou o choque de uma cadeira que caía ou qualquer outro barulho análogo lhe incomodava, Eva perdia a tranquilidade, punha-se a tremer e devia se acalmar para fazer com que retornasse ao estado desejado, mas a sessão frequentemente era interrompida, apesar dos esforços. Se ela espirrava durante o sono, acordava de pronto e a Sra. Bisson, então, lhe adormecia, seja tomando-lhe as mãos, seja pondo a mão na testa. Uma luz, dirigida muito vivamente sobre ela enquanto dormia, também a incomodava e então, queixava-se e não podia suportá-la (BISSON, 1921, p.243).

As sessões apresentavam-se sob três aspectos diferentes:

No primeiro aspecto, a médium era “pega” pelas forças. Ela caía imediatamente adormecida, os fenômenos invadiam-na de algum modo. Nesses casos a sessão era boa, o trabalho era fácil para a médium e para os assistentes (BISSON, 1921, p.243).

No segundo aspecto, as influências estavam presentes, Eva dizia senti-las ao seu redor, mas, seja por preguiça, seja por receio de sofrer, ela não fazia os esforços necessários para se exteriorizar. A médium gritava e queixava-se antes e durante os fenômenos. Ela dizia sofrer extremamente. Ela não possuía, depois de acordada, lembrança alguma destas dores, mesmo se ela fosse acordada bruscamente em plena produção de aparições, conservava um mal-estar, mas jamais as dores em si. Somente ao fim de cerca de meia ou uma hora de prementes encorajamentos é que os fenômenos apareciam (BISSON, 1921, p.243).

No terceiro aspecto, Eva não sentia influência alguma, dormia tranquilamente e não buscava atrair as manifestações. Os controladores poderiam esperar as horas e procurar tirar a médium de seu estado neutro, tudo era inútil, não havia como cessar, pois era certo que a sessão seria negativa. Se Bisson se obstinasse em querer ordenar Eva a fazer os esforços necessários ou se Bisson tentasse, impelindo seu sono, fazê-la mudar de estado, obtinha, às vezes, uma personificação, jamais aparições. (BISSON, 1921, p.243).

Eva não podia “criar” os fenômenos, mas sua cooperação era essencial; ela ajudava poderosamente em sua manifestação. Se ela ficasse de má vontade, poderia impedir toda a produção de fenômenos (BISSON, 1921, p.244).

No primeiro estado que Bisson descreveu, Eva era “tomada” inteiramente e, por momentos, não tinha mais relação alguma com seus assistentes, ela pertencia exclusivamente aos fenômenos. Nas sessões medianas, que revelavam o seu segundo estado, ela escutava tudo o que era dito e respondia. Fato que revela seu segundo estado se deu na sessão de 22 de novembro de 1911, em que o magnésio não se iluminou sob a pressão da eletricidade e o Dr. de Schrenck procurava a razão, sem encontrá-la. Eva, adormecida, exclamou: “É o contato que está mal colocado!” (BISSON, 1921, p.244. Tradução nossa). E era exatamente isso. Ela não se “dava” completamente e colocava, assim, obstáculos às manifestações. Bisson devia, então, agir sobre ela com toda a sua vontade, conduzi-la, pois ela decidiu-se a não se ocupar de nada mais além de seu trabalho (BISSON, 1921, p.244).

Parecia à Sra. Bisson inexato dizer que os assistentes podiam, por sua vontade ou simplesmente seus desejos, produzir os fenômenos e sugerir ao médium a criação de mãos, rostos ou outras aparições. A única coisa que, para Bisson, poderiam fazer os assistentes pela vontade, era solicitar o fenômeno, dar-lhe mais forças, mas não criá-lo. Bisson comparava a médium a uma máquina, os assistentes ao carvão, mas a força que punha o mecanismo em movimento, o vapor, ela não sabia de onde vinha (BISSON, 1921, p.244).

Durante seu sono, Eva adivinhava frequentemente os pensamentos dos experimentadores e sempre os de Bisson. Nos primeiros tempos, quando os fenômenos “tomavam-na”, Eva soltava um grito roco e profundo, lembrando um rressonar. Mais tarde, após o acidente ocorrido em Munique e causado por um experimentador imprudente, o grito mudou e ficou semelhante ao das mulheres em trabalho de parto. Na primeira vez que a aparição inteira surgiu, fez-se, depois de um instante, um grito estridente, grito que se atenuou somente na formação completa da aparição (BISSON, 1921, p.245).

Frequentemente, após uma boa sessão, Eva cuspiu sangue. O mesmo ocorreu algumas vezes no decorrer das sessões, quando ela ficava nervosa ou perturbada, seja pelos assistentes, seja pela luz muito forte sobre ela, seja pela personificação. Nas “sessões de trabalho”, o mesmo acontecia quando sua “duplicação” era incomodada, seja por culpa dos assistentes, seja por uma causa desconhecida. No dia 19 de março de 1913, Eva, estando sozinha com Bisson, novamente soltou um grito estridente, grito semelhante ao que ela tinha dado em 28 de fevereiro de 1910. Bisson pensou que o fantasma apareceria, mas bruscamente Eva parou, sufocou-se, gritou e cuspiu sangue, depois se esvaiu. De volta a si, Eva explicou que a aparição queria penetrar nela antes que seu duplo não fosse completamente liberado. Houve, então um “choque”, Eva machucou-se, sufocou-se e ficou inconsciente (BISSON, 1921, p.245).

O Dr. R. analisou um pouco do sangue de Eva, que Bisson tinha guardado para esta finalidade. Foi necessário saber, de fato, se estas perdas frequentes não poderiam prejudicar a saúde de Eva. (BISSON, 1921, p.245). A análise forneceu o seguinte resultado:

[...] As lâminas examinadas continham um muco colorido pelo sangue misturado à saliva, reconhecível por alguns resquícios de células epiteliais. Trata-se de mucosidades provenientes da faringe e tingidas por uma pequena hemorragia que se produziu neste nível. Isto não oferece perigo algum à saúde do médium [...] (BISSON, 1921, p.245. Tradução nossa).

Eventualmente, durante o dia, Eva reclamava de enxaquecas ou mal-estar geral, então Bisson a adormecia para aliviá-la e ela acordava feliz e bem-disposta (BISSON, 1921, p.246).

Como já explicitado, no curso de boas sessões, Eva tinha o espírito ausente, não conservava, em certos momentos, nenhuma conexão com assistentes, salvo com Bisson. O que era dito ou feito nestes momentos, entre os experimentadores, lhe era inteiramente desconhecido ao acordar, ela não se lembrava de nada. Mas Bisson notou que Eva conservava, em outros momentos, a memória das coisas escutadas por ela antes ou após o momento no qual ela era “possuída” pelos fenômenos (BISSON, 1921, p.246).

Eva tratava informalmente os assistentes assim que adormecia, sem distinção de idade ou sexo, chamando-os de “mon petit”, “ma petit”, não importando a classe social à qual pertenciam (BISSON, 1921, p.246).

Do ponto de vista fisiológico, Bisson realizou notas em seus primeiros anos de estudos, constando que os fenômenos mostravam-se abundantes durante a menstruação de Eva, enquanto que eles eram nulos no dia que precedia esta data. Posteriormente, durante um longo período, a data não parecia mais ter papel algum e os fenômenos mostraram-se da mesma forma. A relação com a menstruação da qual Bisson falou se reproduziu depois, mas no sentido contrário, durante a aparição da primeira formação inteira. Eva, em efeito, menstruava no dia 26 de cada mês e a manifestação mostrou-se três vezes; a primeira, no dia 23 de fevereiro, a segunda, em 24 de março, a terceira, 23 de abril (BISSON, 1921, p.247).

No início, cada vez que Eva era “tomada” pelos fenômenos, suas mãos gelavam e era, para Bisson, um sinal certo de uma próxima aparição. Porém, depois, esse sinal se tornou irregular e os fenômenos mostravam-se indiferentemente, estivessem suas mãos frias ou quentes. O mesmo ocorria para o vento frio, às vezes violento que, normalmente, precedia as manifestações, ele se tornou, igualmente, irregular (BISSON, 1921, p.247).

Durante os dois primeiros anos, Eva desmaiava após cada flash de magnésio, a luz brusca pegava-lhe muito violentamente. Depois de um ano, ela passou a suportar melhor as fotografias e, quase assim que a luz passava, ela voltava a si e as manifestações voltavam imediatamente, salvo em algumas exceções (BISSON, 1921, p.247).

Bisson acrescentou que, para quem estava habituado às sessões, a chegada dos fenômenos era pressentida, mas de uma maneira muito sutil, que era difícil de precisar. A atmosfera mudava bruscamente, sem ninguém perceber ainda; sabiam que os fenômenos estavam chegando e podiam, sem erro, anuncia-los (BISSON, 1921, p.247).

3.2. Os experimentos no laboratório de Gustave Geley na Avenida Suffren com Eva Carriere

Conforme já exposto, de 10 de dezembro de 1917 até 11 de março de 1918, as sessões com Eva, sempre em colaboração com a Sra. Bisson, ocorreram, exclusivamente, no laboratório de Geley, laboratório este que foi o embrião do Instituto de Metapsíquica Internacional e era localizado na Avenida Suffren.

3.2.1. O controle

A respeito do controle, durante toda a série de sessões feitas por Geley seja em seu próprio laboratório, seja no laboratório da Sra. Bisson, foi sempre o mesmo.

Com relação ao controle da sala, a mesma era fechada à chave no intervalo das sessões e trancada durante as mesmas, sendo vistoriadas cuidadosamente antes e depois de cada uso. Na sala haviam apenas as cadeiras postas à vista e uma câmara escura removível (GELEY, 1924, p.197).

Já em relação à câmara escura, a mesma era fechada em todas as partes, exceto em um de seus lados, que era fechado por cortinas deslizantes sobre uma haste. Cabe esclarecer que a função da câmara escura, nas sessões de Eva, era a de permitir uma iluminação satisfatória da sala, ficando a médium em transe, numa certa medida e protegida da luz (GELEY, 1924, p.197).

Geley ressalta que a câmara não incomodava em nada o controle, por diversas razões, elencando em primeiro lugar que Eva, que ficava sentada numa poltrona de vime, por trás das cortinas, tinha suas mãos solidamente seguras, durante toda a sessão, pela Sra. Bisson e por ele próprio. Relata ainda que muitas vezes segurou suas duas mãos (GELEY, 1924, p.197).

Seu segundo argumento é de que as cortinas ficavam sempre satisfatoriamente abertas, quando ocorria um fenômeno, de modo que a visibilidade era perfeita. Ficavam entreabertas no restante do tempo. Geley afirma que podia, frequentemente, observar em primeira mão a gênese das manifestações ectoplásmicas (GELEY, 1924, p.197).

Seu terceiro argumento é de que a câmara escura era visitada com

grande cuidado, antes e depois das sessões e Eva não entrava na mesma sem os trajes do trabalho (GELEY, 1924, p.197).

O controle da médium era feito de forma que Eva era despida inteiramente, numa sala ao lado, antes das sessões. Ela se vestia com uma camisa preta, com costura branca nas costas e pulsos. Eva era toda examinada, sendo que seu cabelo, suas cavidades bucais e faríngeas eram examinadas com cuidado. O toque vaginal foi praticado, não constantemente, mas duas ou três vezes. Após todo o exame, Geley pegava Eva pelas mãos e a sentava na poltrona de vime. As mãos de Eva ficavam sempre à vista e com alguém a segurando de forma que ficasse exposta para fora das cortinas (GELEY, 1924, p.198).

Com relação à iluminação, Eva nunca fez sessões durante esse período de experimentos sem uma boa iluminação. A sala com frequência era iluminada por uma luz branca refletida. Era possível aos experimentadores lerem as letras um pouco grossas ou ver a hora no relógio. Na hora de fotografar a iluminação era garantida por lâmpadas elétricas vermelhas com uma intensidade total de 30 a 60 velas (GELEY, 1924, p.198).

3.2.2. O Fenômeno

Em seu relatório sintético, Geley expõe que os fenômenos aconteciam, quando aconteciam, ao final de um tempo que variava. Às vezes este tempo era muito curto, às vezes muito longo, ou seja, uma hora e mais. Os fenômenos tinham início sempre pelas sensações dolorosas da médium. Eva suspirava e reclamava, lembrando as mulheres em trabalho de parto. Estas reclamações alcançavam seu auge no momento em que o fenômeno começava a aparecer e diminuía ou cessavam quando ele se formava por inteiro (GELEY, 1924, p.198).

O anúncio da aparição da substância se dava, geralmente, pela presença de pontos líquidos brancos, luminosos, que se apresentavam variando do tamanho de uma ervilha ao de uma moeda de cinco francos, espalhados sobre a veste preta de Eva, principalmente em seu lado esquerdo. A manifestação com pontos líquidos brancos constituía um fenômeno premonitório que antecedia os demais fenômenos, durando de

quinze minutos a uma hora. Porém, algumas vezes ele não ocorria antes dos demais fenômenos e às vezes ocorria ainda que não ocorresse nenhuma outra manifestação subsequente (GELEY, 1924, p.198).

A substância, propriamente dita, ao se manifestar se liberava de todo o corpo da médium. Porém isto se dava mais especificamente nos orifícios naturais e nas extremidades do corpo, no topo da cabeça, mamilos e nas extremidades dos dedos. Porém a manifestação mais frequente e que era mais fácil de observar era a manifestação pela boca. Geley afirmava que ele e os demais controladores viam a substância se exteriorizar da superfície interna das bochechas, do véu palatino e das gengivas de Eva (GELEY, 1924, p.198).

Quando a substância se apresentava, isso ocorria sob vários aspectos. Geley a resumiu como amorfa, ou melhor, polimorfa. A forma mais comum era o de uma pasta maleável, como autêntica massa protoplásmica. Aparecia também com fios numerosos e pequenos, com cordões de diversas espessuras, de raios estreitos e rígidos, com uma base larga e disseminada, com o formato de uma membrana, com a forma de um tecido, de um pano fino, com contornos indefinidos e irregulares. Em sua opinião, a mais curiosa destas aparências era a de uma membrana amplamente propagada, com contornos, saliências e cujo aspecto geral lembrava o do omento (GELEY, 1924, p.199).

Sobre o aspecto da abundância da substância exteriorizada, esta era variável, ou seja, às vezes ínfima, às vezes considerável, com todas as transições. Algumas vezes, ela cobria inteiramente Eva como se fosse um manto (GELEY, 1924, p.199).

A coloração da substância era variada, podendo apresentar três cores diferentes, quais sejam, branca, preta e cinza. Geley ressaltava que a cor branca era a mais frequente, expondo que podia ser em decorrência de sua fácil visualização em contraste com a vestimenta preta do médium. Algumas vezes ocorria a saída simultânea da substância nas três cores. A visibilidade da substância variava, podendo acentuar-se ou diminuir várias vezes. Quando se entrava em contato, a substância dava impressões das mais variadas, geralmente em relação com a forma momentânea na qual se revestiu. Apresentava uma sensação de ser suave e um pouco elástica

quando se propagava, porém dura, nodosa ou fibrosa quando formava os cordões. Algumas vezes ocorria a sensação de uma teia de aranha que tocava a mão dos observadores. Os fios da substância eram rígidos e elásticos (GELEY, 1924, p.199).

Sob o aspecto de sua mobilidade, a substância era móvel. Às vezes sua evolução se dava de forma lenta, subindo, descendo, vagando sobre o médium, em seus ombros, em seu busto, em seus joelhos, apresentando um movimento de rastejar que lembrava o de um réptil. Em outras ocasiões, suas evoluções eram bruscas e rápidas, aparecendo e sumindo como um relâmpago (GELEY, 1924, p.199).

A sensibilidade da substância era bem intensa, se confundindo com a do médium em hiperestesia. Qualquer toque era doloroso. Se o toque fosse grosseiro ou prolongado, Eva sentia uma dor que ela comparava àquela de um choque em carne viva. A intensidade da substância ocorria até mesmo em face dos raios luminosos. Uma luz, sobretudo, se fosse brusca ou fortuita, provocava uma comoção dolorosa na médium. Porém, existia uma variação em relação ao efeito da luz. Em alguns casos, a substância tolerava mesmo a luz forte do dia. Já a iluminação do magnésio provocava um sobressalto de Eva, mas mesmo assim foi suportável o que permitiu as fotografias instantâneas (GELEY, 1924, p.200).

Ressalta Geley que era difícil distinguir quando ocorriam os efeitos da luz sobre a substância ou em suas repercussões sobre a médium, o que era o fenômeno doloroso ou o puro reflexo. A dor ou o reflexo dificultavam, portanto, as investigações. Era por tal razão que, até aquele momento, a cinematografia dos fenômenos não poderia ter sido obtida (GELEY, 1924, p.200).

Geley comparava a sensibilidade da substância à de uma espécie de instinto, lembrando o instinto da conservação nos invertebrados. A substância em sua opinião parecia ter a desconfiança de um animal sem defesa ou cuja única defesa seria a de entrar no organismo do médium, que era a sua saída. A substância, temendo o contato, ficava sempre pronta para se encobrir e desaparecer. Relata ainda que a substância tinha uma tendência imediata e de forma irresistível à organização, não se demorando por muito tempo no seu estado original. Frequentemente acontecia que a organização ocorria

muito rapidamente de forma que não era possível ver a substância primordial. Em outros momentos era possível ver, simultaneamente, a substância amorfa e as representações mais ou menos completas englobadas em sua massa, como por exemplo a de um dedo em meio aos contornos da substância. Geley ressaltava que as representações eram as mais diversas. Algumas vezes eram formações inorgânicas indeterminadas, mas o mais frequente eram as formações orgânicas, que apresentavam uma variação em sua complexidade e perfeição (GELEY, 1924, p.200).

Diferentes observadores, como Crookes e Richet, descreveram as materializações completas. Nesses relatos, tratavam-se não de fantasmas, no sentido próprio do termo, mas de seres que possuíam momentaneamente todas as questões vitais de seres vivos, ou seja, o coração batia, o pulmão respirava e cuja aparência corporal era perfeita. Geley por sua vez não observou tal fenômeno nessa série de experimentos com Eva, porém, viu, com suficiente frequência, as representações completas de um órgão, por exemplo, de um rosto, uma mão ou um dedo. Relata que nos casos mais perfeitos, o órgão materializado apresentava toda a aparência e propriedades biológicas de um órgão vivo, tendo visto todos os dedos moldados, com suas unhas, tendo visto mãos completas, com osso e articulações, um crânio vivo, cuja ossatura ele mesmo apalpou, sob uma densa cabeleira. Viu também rostos bem formados, rostos vivos, rostos humanos (GELEY, 1924, p.201).

Em muitos casos, tais representações foram feitas e desenvolvidas inteiramente à vista de Geley, do começo ao fim do fenômeno. Geley viu muitas vezes a substância sair dos dedos, ligando os dedos de cada mão e então, quando o médium distanciava as mãos, a substância se alongava, formando grossos cordões, espalhando-se, constituindo contornos similares aos dos omentos. Em meio a esses contornos, apareceu, por uma representação progressiva, os dedos, ou uma mão, ou um rosto, perfeitamente organizados (GELEY, 1924, p.201).

Em outros casos, Geley foi testemunha de uma organização análoga, depois da saída da substância pela boca citando uma situação presente em seu caderno de notas, em que a substância desceu lentamente da boca, sobre os joelhos de Eva, formando um cordão de substância branca, com a largura aproximada de dois dedos. As formas mais variáveis eram formadas,

às vezes se espalhando sob a forma de um largo tecido membranoso perfurado, com espaços vazios e protuberâncias ou às vezes recolhendo-se e encolhendo-se e depois inchando-se e se encolhendo novamente. A partir de então, da massa, partiam os prolongamentos, as espécies de pseudópodos e estes tomavam às vezes, durante alguns segundos, a forma de dedos, o esboço de mãos, depois entravam na massa. Finalmente, o cordão se recolhia em si mesmo, se alongava sobre os joelhos de Eva e então sua extremidade se levantava, se destacava de Eva e avançava para perto de Geley. Relata então, ter visto esta extremidade engordar e inchar, se transformando numa mão perfeitamente modelada. Também relata ter tocado esta mão, dando uma sensação normal, sentindo os ossos, os dedos com unhas. Depois a mão se recolheu, diminuindo e desaparecendo no fim do cordão. Então o cordão deu alguns avanços, se recolheu e entrou na boca de Eva (GELEY, 1924, p.202).

A substância podia ser observada em sua forma sólida e em sua forma vaporosa. Sob a forma vaporosa, a substância saía da superfície do corpo da médium sob uma forma invisível e impalpável. Especulou Geley que saía provavelmente através da malha da roupa, e se condensava na superfície desta. Então era visto algo como uma pequena nuvem que se aglomerava numa mancha branca sobre a vestimenta preta, no nível do ombro, do busto ou dos joelhos. Na sequência a mancha crescia, se espalhava e então tomava o contorno ou os relevos de uma mão ou rosto (GELEY, 1924, p.202).

Importa destacar que fosse qual fosse o modo de formação, o fenômeno ficava sempre em contato com Eva. Geralmente foram vistos fora dela. Para ilustrar, Geley cita o exemplo de uma cabeça que apareceu de repente, a setenta e cinco centímetros sobre a cabeça de Eva, acima e à sua direita. Era uma cabeça de homem, de dimensão normal, sendo bem formada e com seus relevos habituais. No topo do crânio e da testa a materialização se apresentava de forma perfeita. Relata ser a testa larga e alta e os cabelos cortados e abundantes, sendo castanhos ou escuros. Em cima das sobrancelhas arqueadas e os contornos borrados, não via mais que a testa e o crânio. (GELEY, 1924, p.202).

Neste relato, expõe Geley que:

A cabeça se encobre por trás da cortina por um instante, sendo que depois reaparece nas mesmas condições. Porém a face, incompletamente materializada, é marcada por uma faixa de substância branca. Eu avanço com minha mão e passo meus dedos pelos cabelos espessos e apalpo o osso do crânio. Um instante depois, tudo desapareceu (GELEY, 1924, p.202. Tradução nossa).

As formações nos seus experimentos com Eva manifestavam certa autonomia, e esta autonomia era tanto fisiológica como anatômica em sua opinião. Os órgãos materializados não ficavam inertes, mas biologicamente vivos. Uma mão bem constituída, por exemplo, teria capacidades funcionais de uma mão normal. Geley relata ter sido, muitas vezes, intencionalmente tocado por uma mão ou pego por dedos (GELEY, 1924, p.202).

Ocorria de as formações orgânicas e bem constituídas, tendo todas as aparências da vida, serem muitas vezes substituídas pelas formações incompletas, faltando o relevo com frequência e as formas se apresentavam planas. Acontecia também de as formas serem parcialmente planas e parcialmente em relevo. Geley relata ter visto, em certos casos, uma mão ou rosto que apareceu plano e, depois, à sua vista, tomou as três dimensões, seja de forma completa ou incompleta. As dimensões, no caso das formações incompletas, eram um pouco menores que o natural e eram, às vezes, verdadeiras miniaturas. Segundo Geley, o caráter incompleto das formações, ao invés de se manifestarem por uma alteração nas dimensões de tamanho, largura ou espessura, apresentavam-se muitas vezes sob a forma lacunar. As materializações eram, portanto, de dimensão normal, mas possuíam lacunas em sua estrutura (GELEY, 1924, p.203).

Já foi observado pelo Dr. de Schrenck-Notzing que, ao tirar fotografias estereoscópicas simultaneamente da face, perfil e costas, observou-se, geralmente, que a face e o perfil eram apenas para revelar uma materialização completa, já a região dorsal ficava no estado de amontoado de substância amorfa. Também foi observado que, algumas vezes, nas regiões bem materializadas, os vazios, eram deixados de forma que ficavam ocultos sob um revestimento uniforme de substância. Geley relata ter observado o mesmo e entendia que não havia dúvidas que os véus suspensos, bem como os turbantes e ornamentos análogos, dos quais os “fantasmas” de forma frequente se revestiam, não conseguiam mascarar os

defeitos ou lacunas de seu organismo recém-formado, havendo, além disso tudo, transições possíveis entre as formações orgânicas completas e as incompletas sendo que as mudanças, mais uma vez, se efetuavam geralmente à vista dos observadores (GELEY, 1924, p.203).

Existe ainda dentro desses relatos, ao lado dessas formações completas ou incompletas, uma categoria estranha de formações. Eram segundo Geley, menos os órgãos que as imitações mais ou menos exitosas, ou mais ou menos órgãos grosseiros. Eram verdadeiros simulacros. Relata ter visto que todos os simulacros, simulacros de dedo, não tinham do órgão nada mais que sua forma geral, sem calor, sem flexibilidade e sem articulações. Ainda segundo seu relato os simulacros de rosto pareciam imagens, recortes ou mascaras, tufo de cabelo aderidos a formações indefinidas (GELEY, 1924, p.204).

Esses simulacros, cuja autenticidade metapsíquica, para Geley, era inegável, desconcertaram e perturbaram muitos observadores. Eles foram explicados com facilidade por Geley, para quem eles eram produtos de uma força cujo rendimento metapsíquico era medíocre, que dispunham de meios de execução ainda mais medíocres e que fazia o que estava ao seu alcance. O simulacro era raramente bem-sucedido, porque sua atividade, orientada fora de seus caminhos habituais, não tinha mais a segurança que dava, no ato fisiológico, à formação biológica normal. Para Geley, era preciso notar que a fisiologia normal também apresenta ocasionalmente, ela mesma, seus simulacros. Ao lado de perfeitas formações, como as produções fetais realizadas, há os abortos, as monstruosidades, as representações aberrantes. Nesse sentido, elencava mais exemplos de simulacros na fisiologia normal: as neoplasias esquisitas, chamadas de cistos dérmicos, nas quais se encontram cabelos, dentes, vários órgãos, vísceras e mesmo as formações fetais mais ou menos completas. Portanto concluiu que como a fisiologia normal, a fisiologia dita supranormal tinha seus produtos bem produzidos e seus abortados, suas monstruosidades, suas produções dérmicas. O paralelismo era completo, conclui (GELEY, 1924, p.204).

Outra questão levantada por Geley era o fenômeno de desaparecimento das formas materializadas, tão curioso quanto a aparição das formações materializadas. Este era, às vezes, instantâneo ou quase.

Segundo seu relato, em menos de um segundo, a formação cuja presença foi constatada pela vista e contato, desaparecia. Ainda dentro da temática do desaparecimento, em outros casos, o desaparecimento aconteceu por partes. Geley observou o retorno à substância original, depois o retorno da substância ao corpo do médium, como ela saía dele e com as mesmas modalidades. Noutros casos, Geley relata ter ocorrido o desaparecimento aos poucos, não pelo retorno da substância, mas pela diminuição progressiva de suas características sensíveis. Nesse caso a visibilidade da formação diminuiu lentamente, os contornos empalideceram, apagavam-se e tudo desaparecia. (GELEY, 1924, p.204).

Segundo Geley, durante todo o tempo do fenômeno da materialização, a formação era fisiológica e psicologicamente associada ao médium. A relação fisiológica era vista muitas vezes sob a forma de um cordão fino de substância que conectava a forma ao médium e que podia se comparar ao cordão umbilical que ligava o embrião à mãe. Mesmo quando não se via o cordão, observava-se que a relação fisiológica era sempre íntima. Nesse sentido, toda a impressão recebida pelo ectoplasma repercutia no médium e vice-versa, sendo que a extrema sensibilidade refletida da formação se confundia estreitamente com a do médium. Tudo provava, na opinião de Geley, em resumo, que o ectoplasma era o próprio médium, parcialmente exteriorizado, sendo este o ponto de vista fisiológico, pois não considerou, neste momento, o puro lado psicológico da questão (GELEY, 1924, p.205).

3.2.3. Sessões ocorridas no laboratório de Gustave Geley em 1918

3.2.3.1. Sessão do dia 11 de janeiro de 1918

A sessão ocorreu às 17 horas, os assistentes foram Madame Bisson, Madame de Vesme, M. Le Cour e Dr. Geley. O controle e as precauções habituais foram realizados. Geley controlou a mão esquerda e Madame Bisson a mão direita. A luz vermelha foi usada. Nada de especial foi digno de nota, exceto que Eva menstruou há algumas horas (GELEY, 1924, p.205).

Adormecida, Eva cai rapidamente em transe e, quase imediatamente,

o fenômeno ocorre. Ele se desenvolve inteiramente diante dos olhos de Geley. Ambas as mãos de Eva estavam à vista, sob seus joelhos. Entre o polegar direito e polegar esquerdo que estavam em contato, se formou uma membrana que ligava um ao outro. Geley não conseguiu perceber se o ectoplasma foi lançado do polegar direito, do polegar esquerdo ou dos dois simultaneamente (GELEY, 1924, p.205).

Quando o fenômeno é iniciado, Eva, lenta e progressivamente, afastou suas mãos uma da outra. A membrana se alongou e se mostrou, como o faria uma membrana de borracha que liga os dois polegares. Geley observou com destaque que o oposto do que faria um tecido de borracha, a membrana ectoplásmica crescia e se engrossava, ao mesmo tempo que ela se alongava, destacando que não tinha conhecimento de meios de simular de forma fraudulenta tal fenômeno (GELEY, 1924, p.206).

Na sequência, em pouco tempo, a membrana forma um cordão largo e espesso que, diante dos olhos de Geley toma a forma clássica de uma franja de epiplon ou omento. No caso, Geley se refere ao Epiplon ou omento que corresponde a dois folhetos do peritônio, no revestimento mesotelial da cavidade abdominal, unidos e que conectam duas vísceras entre eles. Não devendo ser confundido com um ligamento nem com um meso, que ligam vísceras à parede da cavidade abdominal com peritônio parietal por exemplo, o mesentério do intestino grosso. Nesse momento, sem largar a mão esquerda de Eva, Geley provocou um flash com o aparelho de controle, no caso duas câmeras fotográficas estavam ligadas (GELEY, 1924, p.206). (Vide Figura 4).



Figura 4 – Exteriorização de ectoplasma pelos dedos.

Após o flash e o choque doloroso afetando visivelmente Eva, o fenômeno continuou. Geley viu, no meio da massa de ectoplasma, aparecerem dois dedos. Os dois dedos, indicador e médio, são bem formados, com as unhas. Eles eram anatomicamente perfeitos. Sua cor era um pouco escura, como se os dedos estivessem cansados. Geley se refere à cianose, que é um sinal ou um sintoma marcado pela coloração azul-arroxeadada da pele, leitos ungueais ou das mucosas. Ocorre devido ao aumento da hemoglobina não oxidada (desoxi-hemoglobina) ou de pigmentos hemoglobínicos anormais. Geley tocou os dois dedos com cuidado. Ao tocá-los, sente que eles têm uma temperatura inferior à normal. Segundo Geley, os dedos têm vida, executando movimentos de flexão e de extensão. Enquanto os observava, e sem razão aparente, ele os viu, num instante, fundidos e desaparecidos. Importa ressaltar que segundo os registros e o relato de Geley, as mãos de Eva permaneceram sozinhas visíveis e nítidas. A duração total do fenômeno foi de um quarto de hora (GELEY, 1924, p.206).

Depois de cerca de cinco minutos, os dedos reapareceram progressivamente no espaço que separa as duas mãos de Eva, mas desta

vez desacompanhados da substância amorfa, sendo que um segundo depois eles desapareceram instantaneamente. Em seguida, sempre no espaço entre as duas mãos de Eva, Geley relata ter visto uma massa opaca, do tamanho de uma noz. Era uma forma indeterminada. Eva exclamava em gemidos: “é um rosto!” (GELEY, 1924, p.205. Tradução nossa). Mas Geley não distinguia nada de específico. Por sua vez, este ectoplasma desapareceu, sem que as mãos de Eva tenham se movido. Neste momento Eva sentiu que “as forças” a deixaram. A sessão foi suspensa. A duração total foi de uma hora e quinze minutos (GELEY, 1924, p.206).

3.2.3.2. Sessão do dia 15 de janeiro de 1918

A sessão ocorreu às 20:30h, os assistentes foram Madame Bisson, Mister Le Cour, Dr. Chalot, Doutora X e Dr. Geley. O controle e as precauções habituais foram realizados. As cortinas permaneceram entreabertas. A luz vermelha foi usada. Depois de quinze minutos, as queixas da Médium tornaram-se características (GELEY, 1924, p.207).

De repente, Geley viu uma mancha branca de aproximadamente, 0,15m de comprimento por 0,10m de largura no ombro esquerdo de Eva. Essa mancha era inicialmente quase imperceptível, mas posteriormente sua visibilidade aumentou, diminuiu, aumentou novamente e se espalhou. Geley viu se formar progressivamente, no centro da mancha, os traços de um rosto da dimensão de uma laranja. O rosto era rodeado de uma substância amorfa. Ele era plano e malformado. Somente a testa, os olhos e o nariz eram reconhecíveis, sendo a metade inferior apenas esboçada e era dificilmente distinguível da substância amorfa (GELEY, 1924, p.207).

O fenômeno se deslocou, sendo que do ombro passa sobre o topo da cabeça de Eva, ligeiramente para a direita. Geley tirou duas fotos sucessivamente sendo que a baixa intensidade do flash o fez perder essas fotos. O fenômeno, depois do segundo flash, não desapareceu, no sentido inverso do que foi sua repentina aparição, por diminuição da visibilidade. Ele foi absorvido através da boca, sendo que Geley o viu voltar lenta e progressivamente, aparentemente para preencher a abertura do lábio. A parte inferior pareceu diminuir para entrar na boca. Nesse momento ocorreu

um fato muito interessante, qual seja, uma porção de ectoplasma grossa como um pedaço de um franco que se destacou, caiu sobre o casaco e desapareceu instantaneamente (GELEY, 1924, p.207).

3.2.3.3. Sessão do dia 07 de fevereiro de 1918

Nesta sessão ocorreram fenômenos idênticos aos do dia 15 de janeiro, em que as fotos haviam sido perdidas por Geley. Nesse sentido Geley entendeu ser útil dar-lhe uma fotografia bem-sucedida (GELEY, 1924, p.207). (Vide Figura. 5)



Figura 5 – Gênese de um rosto em um monte de substância ectoplásmica.

3.2.3.4. Sessão do dia 12 de fevereiro de 1918

A sessão ocorreu às 17 horas, tendo como assistentes a Madame Bisson, Madame de Vesme, Mister Le Cour e o Dr. Geley. O controle e precauções habituais foram realizadas (GELEY, 1924, p.208).

Eva estava muito bem-disposta. Geley constatou, a título documental, as seguintes palavras que ela disse ao chegar: “Há 24 horas, eu sinto, junto a mim, a presença de uma mulher que quer se mostrar” (GELEY, 1924, p.207, nossa tradução).

Logo que Eva estava adormecida, ela foi tomada, gemendo longamente, gritando de forma semelhante à de uma mulher em trabalho de parto. Então, pouco a pouco, ela se acalmou sem que nada fosse produzido. Geley confessa ter pensado neste momento que a sessão fosse ser perdida. Mas, de repente, Madame Bisson exclamou: “lá está ela... na cortina.” (GELEY, 1924, p.208. Tradução nossa).

De fato, acima da cabeça de Eva, na abertura das cortinas e vindo da direita, a cabeça de uma mulher era visível. Ela estava na altura normal de uma mulher em pé. Geley viu apenas a cabeça emergindo da cortina. A materialização desta cabeça era perfeita. Um rosto vivo de dimensões normais, com olhos expressivos, e pele suave. O rosto era bem bonito e os assistentes o contemplaram, trocando suas reflexões e admirando em voz baixa. Emocionado e surpreso, Geley se esqueceu de apertar o botão para acionar o flash para a fotografia. Geley expõe sua opinião no sentido de que, no momento da aparição, provavelmente envergonhado pela luz, ou pela atenção dos presentes concentrada sobre ele, o mesmo se retira para trás da cortina (GELEY, 1924, p.208).

Esta cena também teve uma curta duração, alguns segundos. Em seguida, 15 minutos, a mesma cabeça apareceu e desapareceu, às vezes de tamanho normal, as vezes de dimensões bem reduzidas, mas sempre bem nítida. Geley não conseguiu encontrar o momento certo para acionar o flash (GELEY, 1924, p.208).

Finalmente, a cabeça, reduzida de $\frac{2}{3}$, se moveu para a frente do peito de Eva, de perfil, e Geley pressionou a bola de borracha, ou seja, o flash. O clarão surgiu. Após o clarão do flash, Geley viu num instante a

cabeça, nos joelhos de Eva, não vendo um busto. Depois tudo desapareceu, instantaneamente (GELEY, 1924, p.208). (Vide Figura 6, Figura 7 e Figura 8).

Deve-se notar que, nesta sessão, Geley relatou que não viu a substância ectoplásmica original nem assistiu à formação progressiva da cabeça fotografada. Esta cabeça apareceu de repente, completamente materializada, na abertura da cortina. Tem também nota as variações de dimensão da cabeça, às vezes tamanho natural, por vezes consideravelmente reduzida (GELEY, 1924, p.208).

O controle antes, durante e após a sessão não deixou nada a desejar. Geley relatou estar absolutamente certo de que Eva não poderia trazer nem receber de alguém uma cabeça de boneca ou qualquer outro simulacro. Neste caso, além do argumento acima, em sua opinião, as variações de volume da aparição não se explicam (GELEY, 1924, p.208).



Figura 6 – Cabeça feminina de dimensões reduzidas, mas completamente materializada.



Figura 7 – O mesmo que na figura 6, fotografada com uma câmera colocada de lado.



Figura 8 – Ampliação da Figura 7.

3.2.3.5. Sessão do dia 26 de fevereiro de 1918

A sessão ocorreu às 17 horas. Os assistentes foram Madame Bisson, Mister Le Cour, Dr. Chalot, Doutora X e Dr. Geley. O controle e as precauções habituais foram utilizados (GELEY, 1924, p.209).

Eva foi tomada muito rapidamente. Um rosto materializado se formou e evolui em torno de Eva, desaparecendo e reaparecendo. Segundo Geley este rosto tinha traços de óbvia semelhança com a que fotografou em 12 de fevereiro (GELEY, 1924, p.209).

Geley observou especialmente que a manifestação parecia querer lhe mostrar os diferentes modos de gênese ectoplásmica. Primeiro, o rosto apareceu na cortina, de repente, sem ectoplasma amorfo. Ele era de tamanho natural, mas sua visão era efêmera e seu desaparecimento imediato. Geley não teve tempo de fotografar (GELEY, 1924, p.209).

Num segundo momento, o rosto se forma à custa de uma névoa que flutuava ao lado da médium e em seguida, ela se fixou em seu peito, sua cabeça e em seus ombros. A visibilidade aumentava e diminuía alternadamente. Os traços eram ligeiramente marcados (GELEY, 1924, p.209).

Num terceiro momento, um cordão de substância saiu da boca de Eva. Ele tinha a largura de dois dedos aproximadamente. Este cordão desceu e ficou sob o queixo da médium e um pouco para a esquerda. Em seguida, sua extremidade ficou mais espessa e, como um broto florescente, Geley viu os traços, pouco distintos de um rosto. Geley acionou o flash gerando uma fotografia (Vide Figura 9). O flash, apesar de um choque doloroso em Eva, não eliminou o fenômeno (GELEY, 1924, p.209).

Na extremidade do cordão ectoplásmico, portando o rosto no lado esquerdo acima da cabeça de Eva, flutuando a uma distância de aproximadamente 0,25m de Eva, um pouco acima de sua orelha. Neste momento, os traços do rosto se materializaram por completo e se demonstravam rapidamente. Geley tirou uma segunda fotografia (GELEY, 1924, p.210). (Vide Figuras 10, 11, 12 e 13).

Duas fotografias estereoscópicas, tiradas ao mesmo tempo que as fotografias acima, mostram que a forma materializada tem três dimensões, exceto a parte inferior do rosto, que parece plana (GELEY, 1924, p.210).



Figura 9 – Cabeça feminina em formação, à custa de um cordão com substância ectoplásmica proveniente da boca de Eva.



Figura 10- A mesma cabeça feminina em um estado de formação mais avançado, depois de alguns instantes.



Figura 11 – Ampliação da cabeça feminina da figura 9



Figura 12 – Outra ampliação da Figura 9.



Figura 13 – Mais uma ampliação da figura 9

Geley descreve a cabeça feminina da seguinte forma:

O cabelo grosso, que cobre a cabeça, e onde uma mecha passa entre o pescoço e o rudimento de substância ectoplásmica é pouco visível. Em contrapartida, os detalhes da face e do rudimento são mais nítidos. De salientar: primeiro, a beleza do olhar e a perfeita materialização dos olhos; segundo, o fim de rede de linhas geométricas, às vezes em mecanismo de teia de aranha, constituindo provavelmente o tecido da formação ou revelando os centros de força; terceiro, os relatórios do formulário com o rudimento; quarto, a organização mesma do rudimento. (GELEY, 1924, p.210. Tradução nossa).

3.2.3.6. Sessão do dia 1º de março de 1918

Os assistentes foram Madame Bisson, Mister Le Cour, Dr. Chalot, Doutora X e Dr. Geley. O controle e as precauções habituais foram utilizados (GELEY, 1924, p.210).

Ao chegar, Eva diz a Geley: “Ela” deseja se mostrar de forma diferente que das outras vezes, olhar de forma diferente.” (GELEY, 1924, p.210. Tradução nossa).

A sessão, nas palavras de Geley, foi quase imitação da anterior. A aparição às vezes se mostrava nas cortinas, às vezes se organizava à custa de um nevoeiro, às vezes parecia sair de um cordão de ectoplasma que vem da boca de Eva. Quatro fotografias foram tiradas, duas das quais são perdidas por insuficiência de flash. Na menos má das duas últimas, distinguem-se o mesmo rosto que o da foto 11, mas virou-se na direção oposta, ela olhou para a direita em relação à Eva, em vez de olhar para a esquerda. Para Geley, é possível que esta variação de fenômeno seja o resultado de uma sugestão dos assistentes que desejavam ver a aparição no outro perfil. As duas fotografias de sucesso também mostraram uma face em perfil, em sentido oposto ao das fotos das sessões precedentes (GELEY, 1924, p.210). (Vide Figura 14).



Figura 14- Rosto de mulher de dimensões reduzidas. A parte inferior da face foi melhor materializada que o topo.

3.2.3.7. Sessão do dia 5 de março de 1918

A sessão ocorreu às 17 horas. Os assistentes foram Madame Bisson, Madame de Vesme, Mister Jules Courtier, Mister Le Cour e Dr. Geley. O controle e as precauções habituais foram usados (GELEY, 1924, p.210).

Após 25 minutos, Eva geme. Ela diz: “me tomaram de outra forma... é outra coisa!” (GELEY, 1924, p.210. Tradução nossa).

Geley relata ter notado que essas palavras causaram a todos uma grande decepção, porque todos esperavam rever a bela figura das outras sessões. Nesse sentido, conclui que o desejo do grupo não teve, portanto, resultado, ao contrário do que foi notado na sessão anterior (GELEY, 1924, p.211).

Os gemidos de Eva aumentaram e logo Geley viu a substância ectoplásmica, de uma brancura brilhante, afastando-se dos dedos da mão esquerda e juntando-se aos dedos da mão direita de Eva. Ela estendeu suas mãos e tudo se passou como na sessão de 11 de janeiro, ou seja, a faixa se espalhou toda, aumentando e engrossando, formando uma larga franja “epiploide”. A massa ectoplásmica começou contra o peito de Eva até a boca, onde desapareceu. Cinco minutos se passaram. Os gemidos de Eva retornaram, intensificados. Os experimentadores viram então, sair do nariz e dos olhos, uma massa de substância branca que desceu e se espessou, até os joelhos. Todos tiveram a impressão de uma franja meada. A fotografia foi bem-sucedida (GELEY, 1924, p.210). (Vide Figura 15).

Após um curto intervalo, esta franja meada desapareceu instantaneamente. Então a substância reapareceu entre as mãos de Eva e, no meio, se formou uma mão muito pequena. Porém o fenômeno cessou quase imediatamente, porque Eva estava esgotada. A reabsorção nos dedos era instantânea (GELEY, 1924, p.211).



Figura 15 – Cabeça de mulher materializada na mesma sessão que a Figura 14, ampliada. Nota-se a materialização perfeita dos lábios; um cabelo grosso e preto caindo para baixo do pescoço.

3.2.3.8. Sessão do dia 8 de março de 1918

A sessão ocorreu às 17 horas. Os assistentes foram o Médico Inspetor General Calmette, Madame Bisson, Madame de Vesme, Mister Le Cour e Doutor Geley. O controle e as precauções habituais foram realizados (GELEY, 1924, p.211).

Depois de uma longa espera, uma hora, os gemidos de Eva começaram, depois se acentuaram brevemente. Uma mancha se espalhou engrossando e, em seguida, viu-se, no meio dela, um pequeno rosto semelhante aos rostos das sessões antecedentes. Ao mesmo tempo, a maior parte da substância amorfa desapareceu. Os experimentadores apenas viam uma pequena massa que se ligava por um tipo de pedículo, ou seja, uma haste ou suporte de tecido que conectava uma parte do corpo a outra, no lado direito do lábio do rosto materializado (GELEY, 1924, p.212). (Vide Figura 16 e Figura 17).

Assim constituído, o rosto em mudança se moveu, desapareceu e reapareceu. O rosto era visto, as vezes sobre o peito de Eva, junto a cabeça, sob o queixo, às vezes sobre seus joelhos, às vezes nas suas mãos. Ele desaparecia, seja instantaneamente seja por reabsorção na boca. Após uma pausa, Geley viu a cortina direita do gabinete negro se agitar como se movendo de seu interior. Nesse momento, Eva estava imóvel em sua cadeira, visível através da abertura das cortinas entreabertas. As mãos estavam em seu colo e Geley segurou sua mão direita. Vendo que os movimentos da cortina direita não podiam ser causados por Eva, Geley a explorou com a mão esquerda e sentiu nitidamente um corpo humano que fazia mexer a cortina. Ele era de tamanho natural. Geley sentiu o ombro. A mão de Geley desceu e sentiu o tórax chegando ao nível da bacia. Nesse exato momento, uma mão, por trás da cortina, empurrou a mão de Geley e, um momento depois, uma cabeça apareceu na cortina (GELEY, 1924, p.212). (Vide Figura 18).

Madame Bisson alegou ter sido tocada por uma mão, através da cortina, no pescoço e no ombro. Geley fez questão de repetir que, durante toda a duração dos fenômenos, Eva constantemente permaneceu visível. Sua cabeça e seu tronco estavam bem à vista, do mesmo modo que suas mãos imóveis em seus joelhos e roupas (GELEY, 1924, p.212).



Figura 16 – Ectoplasma oriundo dos orifícios da face.



Figura 17 – Cabeça feminina com uma espécie de corpo embrionário, feito de um aglomerado de substância, que leva para o canto da boca.



Figura 18 – A mesma cabeça que aparece na figura 17. Fotografia tirada um instante após. A figura estava acima e a direita do médium, na abertura da cortina.

3.2.3.9. Sessão do dia 11 de março de 1918

A sessão ocorreu às 17 horas. Os assistentes foram: Dr. Calmette, Madame Bisson, Madame de Vesme, M. Le Courm e Dr. Geley. O controle e precauções habituais foram realizados (GELEY, 1924, p.212).

Durante toda esta sessão, a cortina permaneceu constantemente entreaberta e Geley pôde observar toda a gênese do fenômeno. Depois de uma espera de quarenta e cinco minutos, o transe doloroso começou (GELEY, 1924, p.212).

De repente, Geley relatou ver um pequeno nevoeiro, da dimensão de uma laranja grande que flutuava a esquerda de Eva. O nevoeiro se fixou no peito de Eva, acima e à esquerda. Era inicialmente como uma mancha nebulosa, pouco acentuada. Em seguida, a mancha cresce lentamente e se espalha por adensamento. Sua visibilidade aumentou, diminuiu e voltou a aumentar. Em seguida, a mancha se moveu da esquerda à direita e da direita à esquerda. Finalmente, sob a observação direta, os experimentadores podiam ver crescer os traços e relevos de uma pequena face. Em breve era uma cabeça bem formada, cercada com um fino véu (GELEY, 1924, p.213).

Essa cabeça se assemelhava às das sessões anteriores segundo os relatos. Ela se moveu com uma grande frequência sendo que Geley a observou à direita, à esquerda, no alto e abaixo da cabeça de Eva, nos seus joelhos e entre suas mãos. Muitas vezes ela desapareceu instantaneamente e reapareceu em seguida. No final, ela foi reabsorvida na boca de Eva (GELEY, 1924, p.213).

Então, de repente, Eva exclama: “a mudança: é a força.” (GELEY, 1924, p.213. Tradução nossa). Os assistentes perceberam, em seguida, movimentos rápidos através da cortina. As mãos e os joelhos de Eva foram vistos e controlados (GELEY, 1924, p.213).

Durante esta sessão, Geley tirou várias fotografias, todas bem-sucedidas. (Vide Figuras 19, 20, 21, 22 e 23).



Figura 19 – Cabeça feminina movendo-se em volta de Eva.



Figura 20 – A mesma cabeça feminina um instante depois.



Figura 21 – A mesma cabeça feminina em uma outra posição.



Figura 22 – A mesma cabeça feminina um pouco tampada pela cabeça de um colaborador.



Figura 23 – A mesma cabeça em via de desmaterialização. Reabsorção pela boca de Eva.



Figura 24 – A mesma cabeça em outra posição e ampliada.



Figura 25 - Ampliação da Figura 24.



Figura 26 Ampliação da Figura 20.

Os sucessos dos experimentos no laboratório de Gustave Geley, na Avenida Suffren, foram de vital importância para a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional. Foi com base nestes resultados que Rocco Santolíquido argumentou de forma eloquente com Jean Meyer sobre a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional.

Lembremos que Jean Meyer condicionava a fundação a um parecer favorável de Charles Richet, que solicitou a opinião de Oliver Lodge. Lodge, explicitando toda a forma de pensar da Escola Inglesa, que criticava o foco das pesquisas nos fenômenos objetivos de materialização e ectoplasma, deu parecer contrário à fundação do Instituto.

Portanto somando-se a eloquência e a pró-atividade de Santolíquido, que foi direto conversar com Meyer em Belzier, a seriedade e os resultados de Gustave Geley na condução do laboratório e a flexibilidade e generosidade de Jean Meyer, podemos concluir que o laboratório, com esses experimentos que ocorreram de 10 de dezembro de 1917 até 11 de março de 1918, sempre em colaboração com a Sra. Bisson, foram o embrião do Instituto de Metapsíquica Internacional.

3.3. As experiências de Eva Carriere com ectoplasma na Society for Psychical Research

As experiências de ectoplasma da Society For Psychical Research de Londres com Eva Carriere geraram grandes polêmicas. Entendo que aqui fica evidente, na prática, a diferença entre a Escola Inglesa e a Escola Francesa de Metapsíquica na década de 1920.

Embora esses experimentos não tenham ocorrido em Paris, no Instituto de Metapsíquica Internacional, que é o objeto deste trabalho, tais experimentos são relevantes e de valor histórico não apenas a título comparativo, como também pelas polêmicas geradas.

Em 1920, Eva Carriere, conduzida pela Sra. Bisson, concedeu uma série de sessões à Society For Psychical Research, sociedade de estudos metapsíquicos de Londres, localizado no Hanover Square número 20, e o registro destas sessões foram divulgados nos Proceedings da Instituição que aconselhou a fazer um estudo crítico de suas experiências na Revue Métapsychique e autorizou a utilização de seu relatório e a publicação suas fotografias. Destaca-se que, já no início do trabalho, a Society For Psychical Research expõe a expectativa que as séries de sessões realizadas pela Sociedade estabeleceram de forma a validar definitivamente os fenômenos sobre os quais sérias dúvidas foram expressas (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.213).

Sobre tais experimentos, Geley se manifesta no sentido de que as “sérias dúvidas” sobre a autenticidade dos fenômenos de Eva foram emitidas por pessoas que, simplesmente, nunca tiveram uma experiência com a médium. Neste sentido, conseqüentemente, entende que a opinião e a competência podem ser recusadas legitimamente. Questiona se estas personalidades estariam inclinadas ao veredito da Society For Psychical Research. Entende ser admissível duvidar. No entanto, argumenta que foi uma dupla ambição que alimentou a Sociedade, sendo uma pena que os resultados não tenham atendido ao esperado. Afirma que os resultados foram fracos. Contudo, entende que importa ouvir acerca da significação, no presente caso, do qualificativo “fraco”, entendendo possuir apenas um valor

relativo. Os fenômenos obtidos em Londres, em sua opinião, são fracos quando são comparados aos que foram observados previamente com Eva. Mas, se forem considerados isoladamente, entende que despertam real interesse. Argumenta, em primeiro lugar, que examinados sem preconceitos, eles são bem demonstrativos como diz o relatório da Society For Psychical Research. Portanto, eles permitem entender, principalmente, o que é o esboço da organização ectoplásmica e as primeiras fases das materializações de Eva (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.103).

Afirma ainda que, se a Society For Psychical Research estudasse os resultados obtidos sob esta perspectiva, seu relatório seria de valor inestimável. Porém alega que, infelizmente, a Sociedade estava visivelmente obcecada pela ideia preconcebida da fraude. Ficou cega pela ideia de fazer qualquer coisa de forma definitiva na afirmação ou negação da fraude, sacrificando o que teria sido importante, precisamente na sua tarefa, qual seja, o estudo aprofundado do fenômeno em si. Em todo caso, argumenta que as últimas resistências ou hesitações não poderão ser levantadas pelos trabalhos, como o que foi apresentado pelo Proceedings da referida Sociedade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

Destaca ainda que as sessões de Londres não foram marcadas por quaisquer inovações ou progressos no controle ou experimentação. Mas, ao contrário, as omissões, os erros ou faltas que destacará em seguida foram cometidos. Argumenta que a Society For Psychical Research perdeu seu tempo discutindo as hipóteses demonstradas falsas, como aquelas da regurgitação, hipóteses que, aliás, em qualquer caso, se adaptariam, no máximo, aos fenômenos mais elementares e mesmo formalmente desmentidas, como será visto adiante, por alguns dos fatos observados em Londres (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

3.3.1. Condições prejudiciais à experimentação

Entende Geley que a importância das sessões de Londres não reside apenas, para os metapsíquicos, na documentação nova oferecida, mas destaca-se, sobretudo, no claro ensinamento delas extraído. Nesse sentido, estas experiências não seriam suficientemente importantes para dar uma

honra “definitiva” à mediunidade de Eva, mas, para Geley, seria o estabelecimento definitivo da falência da metodologia empregada pela Society For Psychical Research para o estudo da mediunidade física, ou seja, a metapsíquica objetiva da Escola Francesa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

Destaca o importante papel desempenhado pela Society For Psychical Research no exame dos fenômenos de ordem intelectual, especialmente de telepatia, ou seja, a mediunidade subjetiva da Escola Inglesa. Sob este aspecto, entende que sua obra permanecerá para sempre um modelo e a documentação acumulada por ela constitui uma das mais sólidas bases do edifício metapsíquico. Portanto, quanto ao método empregado para o estudo da mediunidade subjetiva, foi perfeitamente adequado ao seu objetivo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

Argumenta ainda que a experimentação, neste domínio, é quase nula. Nunca tem, em qualquer caso, a importância da observação. Por isso, a necessidade, uma vez que era necessário, contentar-se com as observações, de fazê-las o mais detalhado possível, de analisar minuciosamente o fato em todas as suas partes, de dissecar os testemunhos. Entende que este método de observação é longo e penoso, mas é seguro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

Lembra o reconhecimento em face da imensidade do serviço que a Society For Psychical Research prestou à metafísica subjetiva, intelectual. Porém, relativiza o papel da Society For Psychical Research quanto ao estudo da mediunidade física, como, por exemplo, nas pesquisas com ectoplasma. Entende que foi empregado o mesmo o método, baseado, sobretudo, nos detalhes dos testemunhos, método que foi eficaz para a mediunidade intelectual, mas, na mediunidade física, não obteve êxito. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

A falha mais ressonante foi a das sessões de Cambridge com Eusapia, em 1895. Tal falha, para Geley, poderia ter retardado, em cinquenta anos o desenvolvimento da metapsíquica objetiva, se não tivesse sido compensada pelo sucesso constante das sessões feitas com a mesma médium em qualquer outro lugar: em Nápoles, Milão, Varsóvia, Pile Roubant e Paris. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

Em sua opinião, a tentativa da Society For Psychical Research com Eva, empreendida nas condições que lembram as de Cambridge, conduziu, naturalmente, a um resultado não negativo, mas fraco. Qualquer experimento com mediunidade física posterior que venha a fazer estará condenado antecipadamente, se ela não mudar radicalmente de método. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.104).

Destaca ainda ser importante mostrar que este estudo imparcial esforçar-se-á para estabelecer que o fracasso das experiências de Londres deve-se, antes de tudo, ao emprego deste método inadequado, enquanto que o sucesso dos precedentes observadores de Eva deve-se, em grande parte, ao fato de que eles não estavam ligados pelos hábitos de trabalho considerados invioláveis. Nesse sentido, os experimentadores de Londres adotaram naturalmente e espontaneamente, pela experimentação, o método que lhes convinha. Ao invés de perder seu tempo nas minúcias dos detalhes de observação e na dissecação dos testemunhos de diversos colaboradores, eles foram levados a basear sua convicção, antes de tudo, sobre a importância e o valor intrínsecos dos resultados obtidos. Os fenômenos importantes tiveram, de fato, em si mesmos, seu controle principal e suas evidências, controle e evidência extraídos das contradições inevitáveis dos testemunhos e de contingências de detalhes. Essa questão será novamente abordada por Geley ao final deste estudo. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.105).

Como uma segunda condição prejudicial, cita que o emprego sistemático de um método defeituoso não foi, aliás, a única causa do fracasso relativo da Society For Psychical Research. Uma organização deplorável das sessões teve a mais nefasta influência. Estas sessões aconteciam numa sala, improvisada para este fim, na sede da Sociedade que é um grande edifício, onde coexistiam várias administrações. Geley destaca que a sede da Sociedade é basicamente um edifício barulhento, com os ruídos das idas e vindas dos visitantes e funcionários, do ronco dos elevadores, dos toques de telefone e o bater de portas. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.105).

Exemplifica Geley o ocorrido e registrado na vigésima sétima sessão em que ocorreu grande falha na ambientação:

Durante toda a duração desta sessão, foi constado que os barulhos que se faziam ouvir no estabelecimento e que nós achamos incômodos perturbavam a médium. É preciso lembrar que a sala de sessões era contígua à que servia à MM. Knight, Frank e Rutley para seu serviço de publicidade. Naquele dia, a porta de nossos vizinhos foi continuamente aberta e fechada com barulho pelos funcionários, e, num momento, o barulho do telefone fez-se subitamente ouvir durante a sessão, a médium ficou tão atemorizada que tivemos que mantê-la em seu assento e que ela foi acalmada com grande dificuldade pela Sra. Bisson. Estes ruídos eram os piores efeitos sobre a produção do fenômeno, pois, no momento em que Eva seria tomada, qualquer barulho inesperado fazia-lhe sobressaltar e tudo tinha que recomeçar. As sessões seguintes foram, então, realizadas à noite, após a saída dos funcionários, e este arranjo permitiu o estabelecimento de um silêncio absoluto no local, com exceção das trocas entre assistentes e toda ação que fazia parte integral de cada sessão. (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.278. Tradução nossa).

Geley entende que esta medida elementar foi adotada tardiamente, ou seja, apenas na vigésima oitava sessão de um total de quarenta, estando, portanto, prejudicadas as vinte e sete sessões anteriores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.105).

Uma terceira condição prejudicial para Geley provinha do estado de espírito dos experimentadores. A Society For Psychical Research, de fato, tinha um entendimento que se tornou tradicional na Inglaterra, contra a mediunidade física ou objetiva. Os metapsíquicos franceses, que falaram com os seus colegas de Londres, não puderam fazer nada mais que constatar, sem compreender, este singular estado de espírito, tão oposto ao seu. Para os franceses, o ectoplasma era o fenômeno capital da metapsíquica. Entendiam o ectoplasma como a resolução dos problemas da Substância, da Forma, da Evolução individual e coletiva, que era destinado a esclarecer o prodigioso mistério da Vida (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.105).

Tratava-se nitidamente de uma diferença de formação entre as Escolas Francesa e Inglesa de metapsíquica. Enquanto a Escola Francesa, desde o início da formação dos metapsíquicos, os instava a desbravar a metapsíquica objetiva, com os fenômenos físicos e o ectoplasma, o mesmo não ocorria na Escola Inglesa.

Durante as sessões de Londres, a Sra. Bisson escreveu uma carta ao Dr. de Schrenck-Notzing no dia 9 de julho de 1920. Relata na carta que as sessões continuavam, mas que as boas eram poucas. Expunha que os experimentadores eram hipnotizados pela ideia de artifícios e fraudes e que suas conversas eram apenas sobre estes assuntos. Conclui que o subconsciente sofre um contragolpe e a médium fica irritada e não produz mais os fenômenos. Por isso o resultado que eles viriam obter não seria bom em sua opinião (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.106).

Em outra carta, em Londres, datada de 19 de junho de 1921, descreve Sra. Bisson que a mentalidade inconsciente e consciente dos experimentadores era terrível. Fora da ideia dos truques e fraudes, eles não possuíam nada consigo. Por outro lado, os experimentadores ingleses reclamavam da boa vontade de Madame Bisson, negam energicamente toda hostilidade e apelam para seus relatórios. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.106).

As cartas de Bisson são claras na afirmação do clima hostil instalado na Sociedade Inglesa. Afirma que os Ingleses só pensavam em truques e fraudes e que tal comportamento afetava a médium, desencadeando resultados fracos, evidenciando Bisson a impossibilidade de experimentos com ectoplasma em Londres na década de 1920.

A seguir serão expostos os registros das principais observações relatadas nos Proceedings com as reflexões de Geley, que depois passa a discutir as conclusões da Society For Psychical Research e termina analisando a questão do método. Entende Geley ser obrigado a criticar os trabalhos submetidos, mas entende que o resultado será curioso, qual seja, o de fazer sobressair o real interesse das sessões de Londres e de defender, contra os próprios experimentadores, o resultado de suas experiências e a importância de seu trabalho (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.106).

3.3.2. O Comitê de estudos da Society For Psychical Research

O Conselho nomeou um comitê de estudos da Society For Psychical Research com três membros, podendo-se agregar auxiliares a fim de facilitar todos os arranjos a serem feitos para a recepção da Sra. Bisson, de Eva e o

estudo dos fenômenos. Os três primeiros membros foram o honorável Everard Feilding, Mr. W. Whately Smith e a Sra. Salter. Os membros auxiliares foram, primeiro, Mr. W. W. Baggally e o Dr. V. J. Woolley e, mais tarde, depois da nona sessão, Mr. E. J. Dingwall. Quaisquer outras pessoas assistiram às sessões por convite do comitê. Mr. Dingwall era um ilusionista eminente (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.212).

3.3.3. O Controle

O controle exercido durante as sessões foi exatamente o mesmo que tinha sido usado pelos pesquisadores anteriores de Eva. Em nada inovou a Society For Psychical Research neste tópico, como expõe Geley em face do relatado pela Sra. Salter. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.107). Segundo a Sra. Salter, Eva e a Sra. Bisson, ao chegarem, entravam diretamente no quarto contíguo à sala de estar, sendo o quarto reservado à visita. Eva ficava nua e, então, em frente à Sra. Salter, ficava em pé, com os braços estendidos, as mãos abertas e de maneira que se pudesse ver que nada estava escondido em suas axilas. Eva permitiu à Sra. Salter examiná-la por todo o seu corpo. Em seguida colocava então sua camisola e a vestia por baixo. A camisola foi examinada previamente por, ao menos, um dos membros do comitê. Tendo Eva colocado um dos braços da camisola, a Sra. Salter examinava o colarinho, olhando bem se não havia algum fio e então a costurava, em seguida, com linha branca. Depois passava à Eva um avental de algodão preto que também fora examinado previamente. Eva então passava seus braços por ele e abotoava os dois botões das costas. Relata ainda a Sra. Salter que, nos dias em que Eva tinha que manter seu avental durante toda a sessão, que costurava os punhos dele na camisola. Uma ou duas vezes, por causa do calor, as mangas do avental ficaram desabotoadas, mas as da camisola foram bem fechadas em torno dos pulsos e costurados. Quando o Dr. Woolley estava presente, ele entrava depois que Eva tivesse vestido seu avental e examinava seus cabelos, boca e orelhas. Quando o Dr. Woolley estava ausente, a Sra. Salter mesmo fazia esse exame. Eva não tinha, para prender os cabelos, nada mais que alguns grampos de metal

comum e duas pequenas presilhas de cabelo. A Sra. Salter examinava Eva mais de uma vez sem nunca ter encontrado algo de anormal nos seus cabelos. Ao ser revestida de seu avental, suas mãos eram examinadas em ambos os lados para ver se havia algum fio. Após o procedimento anterior, um dos membros do comitê dava-lhes as mãos sendo, em geral, o Dr. Wooley ou o Sr. Dingwall e a conduzia até a sala de estar onde lhe fazia sentar-se (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.220).

Relata ainda a Sra. Salter que nas duas primeiras sessões, 24 e 26 de abril, notou-se que Eva expressou certa repugnância em ficar inteiramente nua em sua frente. Diante de tal situação a Sra. Bisson estendeu um avental entre Eva e a Sra. Salter enquanto colocava sua camisola. Relata ainda que se notou, na quarta e quinta sessões, 28 e 30 de abril, uma substância peluda e um objeto duro, mas que não pôde dizer nada, por estar ausente nestes dias. Ainda segundo a Sra. Salter, a Sra. Bisson jamais se aproximou de Eva nas outras sessões, reafirmando em seu depoimento ter visto Eva completamente despida e que Eva nunca usou, na sala de estar, qualquer peça de roupa que tivera usado quando chegou à Hannover Square (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.221).

Depois das sessões, cada vez que um fenômeno fora observado, Eva era conduzida diretamente para o banheiro, sendo que um dos membros do comitê a segurava pelas mãos. A Sra. Salter cortava, então, o fio que costurara e despia Eva. Suas roupas eram dadas a um dos membros do Comitê para serem examinadas. Eva se vestia, em seguida, com suas próprias mãos. A Sra. Bisson ajudou habitualmente Eva enquanto ela se vestia, mas não se aproximava nunca quando ela ainda usava suas vestes de sessão. Quando Eva usava um véu, ele era costurado no pescoço de sua túnica depois de ter vestido e colocado o véu sobre a cabeça. Parecia desnecessário para a Sra. Salter, quando ela usava o véu, desfazer os cabelos e examiná-los. Com esta exceção, o exame era o mesmo (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.222).

Segundo o registro do Proceedings da Society For Psychical Research sobre o controle feito durante as sessões, afirmou-se que o controle era sempre perfeito. As mãos da médium eram sempre vistas ou estavam repousadas sobre os seus joelhos ou nos joelhos das pessoas vizinhas da direita e da esquerda, de modo a ficarem visíveis durante toda a sessão. Elas foram encobertas pela cortina em raras ocasiões e por uma fração de segundo somente, e os controladores abriam as cortinas imediatamente e retomavam as mãos da médium. Eva fazia tudo o que podia para facilitar o controle de seus pés e mãos. Seus pés estavam em geral no chão ou sobre os dos dois controladores, mas acontecia frequentemente de Eva se virar de lado na cadeira, colocando os joelhos entre aqueles de um dos controladores e dando-lhe as mãos para segurar (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.219).

Ainda segundo o Proceedings da Society For Psychical Research, o comitê julgou inútil um exame ginecológico antes da sessão. Este exame seria penoso a Eva e seria muito difícil de exigir em todas as vezes. O controle das mãos era bem assegurado, a introdução de objetos dissimulados, seja no interior do corpo, ou de outra maneira, não tinha mais que uma importância secundária. Nestas condições e com o traje comum de Eva, era impossível que objetos saíssem (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.220).

Os controladores assistiam de forma especial de modo que as mãos não podiam iludir ou manipular qualquer coisa. A tarefa fora-lhes singularmente facilitada, como visto, por Eva, que jamais, de qualquer maneira, fez a menor tentativa para evitar o controle. Partindo deste princípio, o comitê, tomando todas as precauções necessárias contra a introdução de corpos estranhos, concentrou sua atenção sobre o controle das sessões em si, sem exigir nada de mais da médium, nem antes, nem depois (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.220).

Com relação aos fenômenos obtidos, Eva participou, em Londres, de quarenta sessões, destas, vinte e nove foram negativas e onze positivas. O Proceedings da Society For Psychical Research resumiu os resultados.

Nesse sentido, os fenômenos propriamente ditos puderam dividir-se, grosso modo, em doze grupos, que ainda foram subdivididos em diversas categorias (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.224).

O primeiro grupo corresponde a pontos e manchas de substância, aparentemente luminosos, aparecendo sobre diversas partes do corpo de Eva tendo ocorrido no dia 26 de abril, às dezesseis horas e cinquenta minutos e no dia 17 de maio, às vinte e duas horas e dois minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.224).

O segundo grupo corresponde a objetos brancos de forma indeterminada. Tais ocorrências se deram no dia 6 de maio, às dezoito horas e treze minutos, em 10 de maio, às dezoito horas e trinta minutos e, no dia 21 de junho, às vinte e duas horas e cinquenta e sete minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.224).

O terceiro grupo corresponde a objetos planos esbranquiçados, amarelados ou acinzentados, em forma de disco, aparecendo na boca do médium ou aderindo em diversas partes de seu rosto. Tais ocorrências se deram no dia 11 de junho às vinte e três horas e vinte e dois minutos e no dia 21 de junho, às vinte e três horas e vinte minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.224).

O quarto grupo corresponde às indefinidas massas de substância branca, mole, parecida com um queijo cremoso. Tais ocorrências se deram no dia 5 de junho, às dezoito horas e três minutos. Às vezes, quase líquidas, podiam, então, estar na saliva conforme as ocorrências do dia 30 de abril, às dezoito horas e dezoito minutos, no 31 de maio, às dezoito horas e quarenta minutos, no dia 2 de junho, às dezoito horas e quatorze minutos e no dia 24 de junho, às vinte e duas horas e quarenta minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.224).

O quinto grupo corresponde a uma ocorrência em que aparece, sobre a língua de Eva, uma substância preta, que se parece com um fio. Isto se deu

nos dias 5 de junho, às dezessete horas e quarenta e seis minutos, e uma substância fibrosa e escura, ocorrência do dia 28 de abril, às dezessete horas e cinco minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O sexto grupo é o de ocorrências com objetos brancos e pontudos, duros ao tocar, saindo, geralmente, da boca de Eva. Tais objetos pareciam, frequentemente, dedos que apresentavam, às vezes, esboços de unhas. Tal fato se deu no dia 28 de maio às dezessete horas e quarenta e oito minutos, sendo que, neste dia, o objeto saiu da boca e passou através véu de Eva. Outras ocorrências se deram no dia 2 de junho, às dezoito horas e quinze minutos, no dia 5 de junho, às dezoito horas e quinze minutos e no dia 26 de junho, às dezenove horas e quarenta e cinco minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O sétimo grupo é o relato de membranas escuras e que pareciam ser um pouco pretas e espessas na boca de Eva e em suas mãos. Tais registros se deram em abril, às dezoito horas e sete minutos, no dia 21 de junho, às vinte e três horas e trinta e cinco minutos, no dia 24 de junho, às vinte e duas horas e quarenta e sete minutos e no dia 26 de junho, às 18 horas e trinta e três minutos e às dezenove horas e quarenta e nove minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O oitavo grupo é referente a figuras planas, grosseiramente esboçadas, como que delineadas com lápis preto ou com lápis de cor. Tais ocorrências se deram no dia 21 de maio, às dezenove horas e trinta minutos, no dia 2 de junho, às vinte e três horas e vinte e um minutos e no dia 16 de junho, às vinte e uma horas e trinta e cinco minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O nono grupo é de figuras planas, mas perfeitamente formadas, parecidas com as fotografias e, às vezes, coloridas. Tais ocorrências se deram em 28 de abril com a fotografia de uma figura de mulher envolta por cabelo espesso. Em 10 de maio, se deu uma fotografia similar, mas, desta vez, de uma criança. A fotografia parecia agarrada à uma mão branca.

Ocorrência deste padrão também em 26 de junho, às dezoito horas e trinta e sete minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O décimo grupo é o de pequenas mãos brancas de tamanhos diversos. As ocorrências são de 26 de abril e 10 de maio, às dezoito horas e trinta e sete minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O décimo primeiro grupo é referente a um vento frio. Ocorrência em 26 de junho, às dezoito horas e cinco minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

O décimo segundo grupo é o de toque através da cortina. Ocorrência do dia 25 de maio, às dezessete horas e vinte minutos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.225).

3.3.4. O relatório da Society For Psychical Research

Foram registradas as sessões positivas, que passaremos agora a narrar de forma minuciosa.

3.3.4.1. Sessão III ocorrida em 26 de abril de 1920

A primeira sessão com resultados positivos foi a sessão III, ocorrida em 26 de abril de 1920. Estavam presentes a Sra. Bisson, Sr. Everard Feilding, Sra. Salter, M. W. Whately Smith, Sr. Beaufort e o fotógrafo (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

A sessão começou às dezesseis horas e vinte minutos. Eva foi hipnotizada pela Sra. Bisson e, como nas sessões seguintes, a luz branca à direita da cabine ficou apagada. Só restaram a luz opaca atrás da tela e a lâmpada do secretário. As mãos de Eva ficavam sobre os joelhos, bem à vista (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezesseis horas e vinte e cinco minutos, Eva faz um murmúrio e emite pequenos gritos agudos. O Dr. Woolley e M. W. Whately Smith, em seguida, pegam suas mãos e declaram que eles não as haviam perdido de vista antes de pegá-las (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezesseis horas e vinte e seis minutos, Eva abre as cortinas e mostra a saliva que flui sobre o ombro esquerdo. Ela parece menos luminosa que anteriormente (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezesseis horas e trinta e cinco minutos, a luz ficou um pouco atenuada a pedido da Sr.^a Bisson (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezesseis horas e trinta e oito minutos, Eva pede que a Sra. Bisson veja se há alguma coisa no seu lado esquerdo. Mas não havia nada visível (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezesseis horas e cinquenta minutos, Eva libera suas mãos, mas as deixa bem à vista sobre seus joelhos. Dr. Woolley diz ver uma pequena mancha de substância luminosa sobre o ombro esquerdo do médium. A Sra. Bisson diz que é a substância (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezesseis horas e cinquenta e quatro minutos as cortinas são abertas e é visto um pouco mais desta substância. Ela desaparece enquanto todos observavam (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezessete horas, Eva cruza as mãos e as dá ao Dr. Woolley e ao M. W. Whately Smith (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Às dezessete horas e dez minutos, as cortinas são abertas novamente e a médium mostra, sobre seu ombro, uma mancha de substância, que desaparece no espaço em aproximadamente 30 segundos. As mãos são substituídas como antes (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.229).

Geley observa neste desaparecimento do experimento da Society For

Psychical Research que, segundo sua experiência pessoal, há, para os fenômenos de Eva, três modos de desaparecimento. O primeiro por reabsorção progressiva na médium, especialmente em sua boca ou em suas mãos. O segundo pela diminuição progressiva da visibilidade. E o terceiro pelo desaparecimento brusco da materialização na frente de todos e sob a evidência de seus sentidos. Segundo Geley, estes processos de desaparecimento são extremamente importantes, pois eles dificilmente se explicam, sobretudo o segundo, pela fraude. Entende, portanto, ser muito lamentável que a atenção dos experimentadores da referida sociedade não tenha sido sobre esta questão (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.2, 1922, p.110).

Às dezessete horas e seis minutos a tela é movida, e Eva pede um pouco menos de luz (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.230).

Às dezessete horas, seis minutos e trinta segundos, uma mancha branca de forma indeterminada aparece sobre o ombro esquerdo de Eva, perto de sua boca. Sua cabeça inclinou-se sobre o mesmo ombro (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.230).

Os fenômenos seguintes não foram descritos no mesmo tempo em que se apresentavam, mas o seu registro foi escrito imediatamente depois. Durante um tempo, a mancha esbranquiçada inicialmente vista sobre o ombro esquerdo de Eva parecia presa a seus lábios e movia-se ao mesmo tempo que a cabeça. Eva a movia em sua boca, levantando, repondo, sacudindo, como faria um cachorro. A Sra. Bisson disse que ela queria formar uma cabeça, mas Eva disse que isto seria uma mão. Ela deixou esta substância sobre seu ombro por um momento e virou a cabeça. Foi vista então uma pequena mão branca, plana, como que cortada numa folha de papel. Ela desapareceu de repente e não pareceu reabsorver-se na boca de Eva. Foram fechadas parcialmente as cortinas por um instante. Mas a Sra. Salter e M. W. Whately Smith puderam ver, pela fresta que lhes separava, esta mão a cair do ombro direito de Eva sobre seus joelhos. As cortinas foram puxadas e foi vista a mão sobre os joelhos de Eva. A mão parecia fazer, então, uma série de três saltos, e acabou por cair sobre o ombro

esquerdo de Eva, parecendo acionado por alguma coisa no interior da roupa da médium segundo o relato (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.230).

Geley neste ponto questiona tal insinuação, já que o controle tornaria impossível realizar o fenômeno por algo dentro da roupa de Eva (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.110).

Durante o decurso destes fenômenos, as mãos de Eva foram seguras por M. W. Whately Smith e Dr. Wooley. Eva curvou-se para frente para melhor mostrar o que estava sobre si, e a Sra. Salter pegou sua mão esquerda que antes estava com Dr. Woolley. Surgiu então uma forte luz de magnésio e foi tirada uma foto (vide figura 27). Quase em seguida, a mão caiu sobre os joelhos de Eva. Esta, sem cessar de segurar as mãos de seus dois controladores, empurrou a substância contra a mão de M. W. Whately Smith que, contudo, não a tocou. O fenômeno mudou de aspecto, ele parecia um grosso pedaço de papel levemente amassado (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.230).



Figura 27 – Manifestação apresentando o formato de uma mão.

Alegam, no relato, que não que puderam recordar de que maneira ela desapareceu, mas M. W. Whately Smith disse que crê que ele desapareceu na mão esquerda da médium. Ele não mais a viu em seguida, embora esta

mão tenha sido revista logo após o ocorrido. Nada foi encontrado nela. A sessão terminou aí (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.231).

A fotografia mostra a cabeça de Eva quase inteiramente inclinada sobre o ombro esquerdo. O restante de seu corpo está em parte coberto pela Sra. Bisson, que toca com a mão direita a esquerda da médium, segurando, ao mesmo tempo, a cortina ao seu lado. Há, sobre o ombro esquerdo de Eva, o que, a princípio, parece ser o modelo plástico de uma mão esquerda humana, que os observadores haviam sinalizado pouco antes como sendo plano. Ela está sobre a face palmar, polegar perto do pescoço, o primeiro e o segundo dedos separados, o segundo e o terceiro, um contra o outro. Eles parecem inclinados sobre um pedaço inacabado de substância clara e colorida que pende em sua extremidade. O quarto dedo, bem longe dos demais, é magro e afunilado. Um fio branco, que parece ligado ao terceiro dedo, passa sobre o quarto. Ele está fixado a um pedaço alongado e plano de substância esbranquiçada que vai do meio do dorso da mão até a parte de trás do ombro (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.231).

Geley comenta que este experimento lembra notavelmente o que os experimentadores anteriores de Eva observaram repetidamente. Lamenta que uma fotografia estereoscópica não tenha sido feita. Em sua opinião, ela seria indispensável para constatar se as formas tiveram ou não relevo. Considera provável que algumas partes tenham sido planas e outras em relevo como frequentemente constatavam (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.110).

3.3.4.2. Sessão IV ocorrida em 28 de abril de 1920

Os fenômenos produzidos durante a sessão IV foram particularmente impressionantes e teriam sido, sem dúvida, ainda mais, se o controle estivesse perfeitamente satisfatório desde o início, nos termos do comentário da Sra. Newton. A aparição da substância escura, espessa e fibrosa, que a fotografia mostrou ser uma pequena visão da mulher, foi particularmente interessante para Geley, embora, dadas as circunstâncias, não tenha sido

possível considerar como rigorosamente comprobatória (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.236).

Das três fotografias tiradas nesta sessão, uma apenas pôde ser reproduzida (Vide figura 28). A segunda não é nada mais que a reprodução turva da prancha 41; embora tirada de um ângulo diferente, ela não apresenta qualquer particularidade nova, e a outra é muito imprecisa porque não foi obtida uma boa reprodução. A foto mostra a cabeça aumentada de Eva, inclinada sobre o ombro esquerdo, ela parece sustentar uma massa de cabelos escuros e fibrosos, que envolvem a pequena fotografia de um rosto de mulher sorridente. Os olhos estavam quase fechados e da boca parecia sair uma fita esfarrapada, desfiada de material branco posto sobre fibra preta. Duas projeções parecidas, destaque peludo da substância na mesma linha que os olhos da fotografia e ultrapassam a massa fibrosa e se juntam ao braço esquerdo. Enfim, da parte inferior da massa escura, pende uma espécie de cauda do mesmo material, cujo resultado é um tipo de corpo esférico (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.237).

Na segunda fotografia, Eva tem um fenômeno em sua boca, seus dentes agarram-no por trás, logo acima do pequeno rosto. Uma parte da fita forma um laço e a outra parte pende como um cabo grosso de corda (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.237).



Figura 28 - A aparição da substância escura, espessa e fibrosa.

A Sra. Newton, naquele dia, em 28 de abril, relata ter visitado Eva no banheiro e que se convenceu de que ela não escondia nada sobre si ou dentro de sua roupa no momento em que se vestia. Mas afirma não poder afirmar nada mais, pois compreendeu, após o início da sessão, que Eva teve a oportunidade de colocar algo pelo decote da camisa, já que, no início,

enquanto costurava as costas das vestes, a Sra. Bisson, em pé, em frente à Eva, dobrava-se sobre seu ombro para falar com Eva e então, quando o avental que a Sra. Bisson foi procurar na sala de sessões, foi esticado por ela, entre Eva e a Sra. Newton, durante, ao menos, um minuto antes que Eva o vestisse. A Sra. Newton alegou não possuir razão alguma para pensar que Eva aproveitou-se destas ocasiões, mas entendia que uma revista completa não era possível senão com a cooperação de duas pessoas. Alegou ainda ter deixado de verificar os bolsos do avental antes e depois da sessão e que não esteve dentro do banheiro quando a Sra. Bisson e Eva lá entraram após a sessão (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.237).

Geley entende ser esta nota da Sra. Newton como verdadeiramente extraordinária. Para Geley, se a Sra. Newton tivesse dúvidas durante a preparação de Eva, bastava falar com a Sra. Bisson, que esta seria zelosa de atendê-la, exigindo ela mesma um exame completo e minucioso, visando provar que suas dúvidas não eram aplicáveis. Em vez disso, a Sra. Newton expressou suas objeções após uma sessão bem-sucedida. Geley entendia que as faltas graves eram cometidas pelos controladores e estes, ao invés de se arrependerem e tirarem uma lição disto para o futuro, não viam, em suas faltas sobre quais eram inteiramente responsáveis, nada mais que uma ocasião de jogar a suspeita sobre Eva e de estragar um de seus melhores resultados. Entende que seria necessária uma falta de atenção extraordinária da senhorita Newton para que Eva pudesse dissimular uma forma relativamente complicada como a que foi descrita (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.2, 1922, p.111).

3.3.4.3. Sessão IX ocorrida em 10 de maio de 1920

Os presentes foram Sra. Bisson, Sra. Salter, Dr. Woolley, M. W. Whately Smith e o operador de fotografia. O controle foi realizado pela Sra. Salter e pelo Dr. Woolley, que examinaram Eva antes e depois da sessão. Durante a mesma, M. W. Whately Smith tomou a mão direita da médium e Dr. Woolley, a esquerda. Foram utilizadas quatro câmeras fotográficas neste dia. A Sra. Bisson trouxe a que ela usava em Paris e o Dr. Woolley tinha seu

pequeno aparelho estereoscópico (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.243).

No início da reunião, a Sra. Bisson contou que, após a última sessão, Eva tinha sido “tomada” à noite por uma influência que afirmava ter tentado se manifestar. Houve uma “incorporação” e Eva, na condição de incorporada, deu o nome exato de um soldado que a Sra. Bisson tratou no hospital. Ela recordou-se dele em sua memória ao falar de uma mecha branca que ele possuía na testa e que ela guardou na memória. Segundo a Sra. Bisson, este homem era absolutamente desconhecido de Eva (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezesseis horas e vinte minutos a sessão começa (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezesseis horas e cinquenta minutos, Eva ainda não está “pronta”; ela disse que acreditava que alguma coisa ocorreria (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezesseis horas e cinquenta e oito minutos, Eva começa a gemer docemente e, em seguida, respira alto, não demorando, ela se acalma. Seu pulso estava em 120 (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezessete horas e vinte e um minutos, um pouco de saliva apresenta-se sobre sua bochecha esquerda (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezessete horas e quarenta minutos, não aconteceu nada. A Sra. Bisson pega a Sra. Salter e Feilding para tomar as mãos de Eva com o objetivo de mudar os “fluidos”. Eles encostam-se e o fazem durante meio minuto. Eva pede em seguida que os primeiros controladores lhe tomem as mãos (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezessete e cinquenta e cinco, ocorrem esforços e reclamações de Eva. A respiração fica muito apressada. Eva diz que sente algo, o que lhe faz

mal e dói (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Às dezoito horas Eva diz que é isto, e com a cabeça para fora das cortinas, ela fala: “olhem.” Ninguém vê coisa alguma (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.244. Tradução nossa).

Às dezoito horas e três minutos, Eva repete a mesma coisa diversas vezes e pede para ser examinada. Como sempre nada ocorre. As cortinas são continuamente abertas e as mãos, seguradas desde o início da sessão, continuam visíveis (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.244).

Até às dezoito horas e dez minutos nada apareceu. A Sra. Bisson propõe que os controladores peguem os polegares de Eva, deixando as mãos livres, de forma que o fluido pudesse acumular-se na ponta dos dedos, mas Eva opôs-se e quis deixar as mãos bem unidas às dos controladores (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.245).

Às dezoito horas e dezessete minutos, nada ainda fora produzido e os observadores conseguem persuadir Eva a deixar que lhe segurassem os polegares. Este experimento não durou muito e as mãos de Eva foram novamente tomadas (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.245).

Às dezoito horas e vinte e cinco minutos, Eva fica muito agitada. Respira fortemente e repete: “É isso, ajudem-me! Ajudem-me!” (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.245 nossa tradução).

Às dezoito horas e trinta minutos, o Dr. Woolley pega a mão dela e olha, bem de perto, um objeto branco que se mostra sobre seu pulso. Eva levanta suas mãos e as leva à boca. M. W. Whately Smith diz, depois da sessão, que esse objeto lhe parecia lembrar um pedaço de papel branco de aproximadamente 5cm de altura por 2cm de largura, com bordas agudas e retangulares. O Dr. Woolley e Sra. Salter viram o mesmo. Madame Bisson, ao contrário, disse que nada viu e Feilding percebeu, no máximo, algo

vagamente, por detrás (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.245).

Às dezoito horas e trinta e sete minutos, uma pequena mão sobre o ombro esquerdo é vista. Ela é fotografada. Em seguida, esta mão foi vista sobre o ombro direito. M. W. Whately Smith diz que parecia que os dedos estavam cortados na primeira falange ou dobrados. A Sra. Salter disse, após a sessão, que viu o fenômeno perfeitamente e, o que lhe mais chocou, foi que, a princípio, acreditava ver uma espécie de chama ou luz vacilante, que de repente tomou a forma de uma mão (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.245).

Na opinião de Geley, esta observação era muito importante. Ela implicava na formação materializada aos custos de um ectoplasma vaporoso. A hipótese da regurgitação fraudulenta foi eliminada com tal relato, argumentou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.112).

Dr. Woolley disse que acreditava que esta mão tinha as proporções normais. Todos os observadores foram unânimes em afirmar que as mãos da médium não foram soltas, embora alguns dedos tenham sido deixados livres em alguns momentos. Às dezoito horas e cinquenta e cinco minutos a sessão termina (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.245).

Nas observações sobre a sessão IX, entende-se ser difícil, conforme os registros dos observadores, determinar claramente em que consistem os fenômenos. Que a mão parece ser formada sob observação direta, isso parece certo, segundo o que a Sra. Salter disse após a sessão; mas entendem ser difícil compreender exatamente como ela se produz. A fotografia, na opinião dos observadores, está excelente, junto com a ampliação, e é, com isso, que se produz a prova para Geley. Eva é vista sentada da maneira usual, suas mãos tomadas pelos controladores em ambos os lados. É visto, sobre seu ombro esquerdo, sobre o qual sua cabeça se inclina, os quatro dedos de uma mão esquerda grosseiramente esboçada, que parece feita de algum material inflado (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.246).

Nessa parte das observações, Geley ressalta que não se trata de uma mão plana, de um desenho sobre um papel. Expõe que havia, nesta sessão, um aparelho estereoscópico, e questiona o porquê de não examinar se é o que ele deveria registrar. E questiona a razão de tal fato não ser uma questão no relatório (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.114).

Continuando as observações, expõe-se que os dedos parecem, em parte, palmados, e uma porção de substância branca adere às pontas dos dois primeiros. Um fio branco pendurado a partir da base do quarto dedo, e mais baixo, mas sem ligar-se a nada, há outro fio branco que parece fazer um laço acima de uma dobra da veste da médium. A face dorsal da mão não está formada, ela é feita de uma massa branca amorfa e, adjacente à parte superior, há um pequeno rosto muito agradável de criança, assemelhando-se fortemente a uma fotografia. Os cabelos vêm claramente sobrepor-se à fronte e a cabeça é envolta por um tipo de boné esbranquiçado, ligeiramente apontado para o lado direito. Para Geley, a figura, provavelmente devido à claridade insuficiente, não foi percebida por nenhum dos observadores durante a sessão. Sua existência foi revelada apenas pela fotografia. Uma segunda fotografia mostra o mesmo fenômeno, com leves variações, mas sem nada de relevante (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.246). (Vide figura 29).



Figura 29 – Sobre o ombro esquerdo de Eva, sobre o qual sua cabeça se inclina, os quatro dedos de uma mão esquerda grosseiramente esboçada.

3.3.4.4. Sessão XI ocorrida em 13 de maio de 1920

Estiveram presentes a Sra. Bisson, a Sra. Salter, Feilding, Dr. Woolley e o operador de fotografia. O controle antes e após a sessão foi realizado pelo Dr. Woolley e pela Sra. Salter. Já durante a sessão, o Dr. Woolley à direita de Eva e a Sra. Bisson à esquerda (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.248).

A Sra. Bisson havia aconselhado os controladores, ao fim da sessão precedente, a dar liberdade a Eva em seus gestos, mas bem à vista, com as mãos acima de seus joelhos. Ela deu como justificativa que o segurar constante das mãos poderia absorver os “fluidos”. Este aviso foi seguido durante a sessão XI, quando pareceu oportuno e quando Eva permitia. Vale ressaltar que Eva parecia obcecada pela ideia de que era indispensável que suas mãos fossem seguras constantemente e mesmo quando os controladores, por obediência ao conselho da Sra. Bisson, largavam-nas, sem perdê-las de vista, Eva quase sempre segurava novamente as mãos dos controladores. É importante observar que as mãos eram sempre controladas desde quando a iluminação era diminuída até o momento no qual os olhos, suficientemente habituados à claridade, podiam ver direito. Esta regra foi seguida durante toda a duração das sessões e não foi desobedecida pelos controladores (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.248).

A Sra. Bisson disse, após a sessão XIII, que Eva habituara-se a seu controle em Paris, em quem tinha confiança e que ela temia, por consequência, que diferente controle em Londres pudesse causar, em parte, a não produção dos fenômenos. Foi proposto, então, experimentar fazer nas mesmas condições de Paris, mas a Sra. Bisson advertiu que, em caso de sucesso, ela poderia estar sob suspeita. Enfim, disse aos controladores que se aceitassem as condições de Paris, ela pediria para ser controlada tanto

quanto a médium. Ela propôs colocar uma cortina de musseline entre a médium e os assistentes. O Sr. Feilding lembrou que a cortina seria um sério obstáculo, não somente para ver o fenômeno, mas para tocá-lo. Ele propôs que a Sra. Bisson fosse envelopada numa espécie de avental de enfermeira, o que ela aceitou sem hesitar. Feilding fez, então, um vestido de tule com mangas que deviam, pensava ele, responder ao que ela desejasse. Mas a Sra. Bisson criticou a roupa, dizendo que deveria parecer um saco, cobrindo a cabeça, mãos e pés. Foram levantadas as mangas de seu vestido, sendo bem apertadas as mangas de tule aos braços, e o vestido foi costurado até os pés, de forma que, salvo a cabeça e as mãos, ela estava, mais ou menos, num saco. Seus cabelos não foram revistados. A Sra. Bisson pediu, antes da sessão, o Dr. Woolley e ela mesma como controladores, já que ela não gostava do controle do Sr. Dingwall, achava-o “duro demais”. Ela pediu, também, para que “deixasse ocorrer” o fenômeno e não dificultassem sua manifestação por uma atitude muito rígida e crítica. Se deixassem desenvolver-se, poderiam observá-lo. A Sra. Bisson estava certa de que a mentalidade dos controladores a este respeito mudaria com a observação do fenômeno (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.252).

Para Geley, é esta a razão para a dificuldade dos experimentos em Londres, lamentando que os experimentadores não entenderam coisa alguma (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.114).

3.3.4.5. Sessão XVII ocorrida em 21 de maio de 1920

A partir das observações da Society for Psychical Research, foi pedido aos observadores, logo após a sessão, que dissessem suas impressões à Sra. Feilding, pois terminada a agitação geral, foi impossível tomar notas enquanto os fenômenos ocorriam (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.258).

Segundo relato do Dr. Woolley, um objeto esbranquiçado caiu primeiro da boca da médium sobre seus joelhos. O Dr. Woolley tentou colocar a mão ou clarear com a lâmpada elétrica de bolso, mas Eva colocou

suas duas mãos, que estavam com os controladores, para frente e ele não pôde ver nada. Então ela colocou o objeto em sua boca com a mão esquerda e ele pôde iluminar com sua lâmpada. A Sra. Bisson controlava-a neste momento e Eva colocou sua mão na boca ao mesmo tempo que a dele. Este objeto, visto à luz da lâmpada, parecia um pedaço de papel de cerca de 7,5cm a 10cm e preenchia a boca de Eva. Nele parecia haver uma figura acima grosseiramente esboçada com lápis colorido. Sra. Salter anotou que lhe parecia ser avermelhado. A foto foi tirada neste momento (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.258).

A Sra. Bisson disse que a primeira coisa que viu foi um objeto branco de forma oval, que saía da boca de Eva. Ela o viu cair de repente sobre os joelhos da médium. Ela não a viu recolher, mas quando olhou de novo, havia algo de diferente em sua boca. O primeiro objeto parecia polido e branco, o segundo era quadrado, com as bordas parecendo terem sido cortadas com tesoura. Em sua superfície estava a marca de traços que lhe pareciam ter uma tonalidade vermelha, embora ela não tenha distinguido o desenho de um rosto. A mão da médium foi controlada a todo momento (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.259).

O Sr. Dingwall disse que a primeira coisa que ele viu foi um objeto esbranquiçado, de formato irregular, de 5cm a 9cm. Ele o viu por alguns segundos quando caiu sobre os joelhos de Eva e pareceu ser menor sobre os joelhos. Viu, então, Eva colocar suas duas mãos acima e levá-las à sua boca. Quando as baixou, viu na boca um objeto que parecia um pedaço de papel dobrado de maneira que as duas bordas estivessem dentro dos lábios (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.259).

Ele viu uma porção de substância branca pendurada no lado esquerdo da boca, a superfície tinha uma figura grosseiramente esboçada. Parecia que o pedaço dobrado estava aberto e caído da boca. A figura pareceu-lhe a da página 77 do livro da Sra. Bisson, sem as bordas de contorno. A Sra. Salter disse que viu um objeto branco que parecia pendurado da boca de Eva. Ele caiu sobre seus joelhos, Eva cobriu-o com as

mãos e levou-o à sua boca. A Sra. Salter falou que não viu em qual mão a médium segurava o objeto, mas quando o Dr. Woolley o iluminou com a lâmpada elétrica, ela pôde distinguir algumas marcas vermelhas e, após, a forma, concluindo que isso era uma cabeça, apesar de não conseguir distinguir os traços (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.259).

Quando foram reveladas as fotografias desta sessão, o comitê teve uma surpresa. Elas mostravam a médium apoiada no encosto da cadeira, a cabeça inclinada para frente, o queixo pressionado contra o peito. Entre seu queixo e sua roupa, como que retido pelo queixo, pendia o que parecia ser a pequena fotografia de um rosto humano, envolto por uma moldura estreita de papel picado. Este rosto, para o espanto dos observadores, não lembrava de modo algum o que eles tinham visto, sendo muito mais artístico e finalizado que aquele que aparecera à luz da lâmpada elétrica. Ao invés de um esboço grosseiro, tem-se algo que aparenta ser a fotografia de um rosto humano imbuído de certa calma e dignidade. A fronte não está visível, o nariz é excepcionalmente longo e uma porção da borda irregular cobre parte da boca (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.260). (Vide figuras 30 e 31)



Figura 30 – Entre o queixo de Eva e sua roupa, como que retido pelo queixo, pendia o que parecia ser a pequena fotografia de um rosto humano.

Geley comenta em relação a esta sessão, a importância primordial dos registros. Argumenta que, sem a fotografia, não teria nada mais que uma

ideia incompleta, falsa dos fenômenos e que todas as vezes que se tratava de fenômenos medianos, os testemunhos dos observadores eram diversos e, às vezes, contraditórios, pois nada é tão variável quanto as possibilidades de observação de pessoas diferentes. Ao contrário, quando se tratava de fenômenos importantes, as variações e contradições desapareciam. E conclui que será visto o valor desta ressalva para a questão da metodologia (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.116).



Figura 31 - Mais uma foto em que entre o queixo de Eva e sua roupa, pendia o que parecia ser a pequena fotografia de um rosto humano.

3.3.4.6. Sessão XXI, ocorrida em 28 de maio de 1920

Estiveram presentes a Sra. Bisson, Sra. Feilding e Sr. Dingwall, que tomou as notas do que foi dito. Em relação ao controle, a Sra. Feilding fez o controle de Eva antes da sessão, costurou suas vestes como fizera anteriormente. A Sra. Feilding ficou à direita do médium e o Sr. Dingwall à esquerda durante a sessão e, ao fim, o controle foi apenas parcial. O Sr. Dingwall e Sra. Feilding o fizeram. Eva usava uma camisola e um véu como antes. A lente da lâmpada elétrica foi coberta por um papel laranja (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.264).

Às dezesseis horas e cinquenta e dois minutos a sessão começa. Às dezessete horas e seis minutos as mãos de Eva estão livres mas ficam visíveis ao exterior das cortinas. Às dezessete horas e quatorze minutos, Eva pede que lhe segurem as mãos. O Sr. Dingwall e a Sra. Feilding as pegam, mas Eva pede mais tarde ao Sr. Dingwall que segure as duas e ela coloca seus joelhos entre os dela. (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.264).

Às dezessete horas e vinte e um minutos, foi proposto a Eva retirar o seu avental por causa do calor. O Sr. Dingwall e a Sra. Feilding removem-no. As mãos e os braços de Eva não deixam de ser controlados durante a operação. (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.264).

Às dezessete horas e vinte e quatro minutos, Eva abre todas as grandes cortinas. Ninguém vê nada, mas uma crise parece estar surgindo (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.265).

Às dezessete horas e vinte e nove minutos, Eva parece ser “tomada”. Ela pede que as câmeras sejam preparadas. O Sr. Dingwall tem suas duas mãos e pode ver o interior da cabine, as cortinas estão bem abertas. Eva inclina de vez em quando o rosto para frente das cortinas, respirando como um cachorro e diz que aquilo está vindo (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.265).

Às dezessete horas e trinta e cinco minutos, Eva diz “que é isso” e pede ajuda para produzir o fenômeno no exterior do véu. Ela inclina-se para frente. A Sra. Feilding diz que ela tem uma forte impressão de que um objeto branco passa através do véu, no nível da boca de Eva. Ela vê a imagem e a cabeça da médium de perfil. O objeto era branco, macio, com 3,5cm de comprimento, ele parecia uma pluma coberta de penugem. O Sr. Dingwall disse que viu uma pequena tira esbranquiçada de quase 3,5cm sobre um centímetro, que parecia sair do canto esquerdo da boca de Eva e ser aplicado contra sua bochecha. Relata o Sr. Dingwall que não pôde saber se era o mesmo objeto que a Sra. Feilding viu, pois, de onde estava, não conseguiu ver o lado esquerdo do rosto de Eva. O Sr. Dingwall estava sentado quase de frente para Eva e pôde ver o que a Sra. Feilding descreveu, mas de forma reduzida (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.265. Tradução nossa).

Às dezessete horas e trinta e nove minutos, Eva pede que as cortinas sejam tiradas, pois ela tentará fazer a substância passar pelo véu. Às dezessete horas e quarenta minutos, Eva diz que passou através do véu relatando que viu. Às dezessete horas e quarenta e três minutos, Eva abre as cortinas e diz: “É isto”. Nada é visto por ninguém e as cortinas são fechadas. Às dezessete horas e quarenta e três minutos e meio, Eva inclina-se novamente e diz: “vocês não o veem?” Ninguém vê coisa alguma. Às dezessete horas e quarenta e cinco minutos, Eva se inclina para a frente e diz que está em volta de sua cabeça. Nada é visto. Às dezessete horas e quarenta e seis minutos e meio, Eva se inclina para trás e diz: “você não vê?” Ninguém vê nada (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.265. Tradução nossa).

Às dezessete horas e quarenta e oito minutos, um objeto branco e pontiagudo, lembrando uma vela, é visto saindo da boca da médium, sob o véu. Ele parecia ter o tamanho do dedo mindinho. A Sra. Feilding disse que tinha o aspecto, mas não a cor, do pistilo de um arum, nome dado a uma espécie botânica. Ela não estava totalmente certa se estava sob o véu ou ao ar livre, mas tateando com a mão, constatou que estava para fora do véu. Eva levou as mãos do Sr. Dingwall à sua boca e sentiu o objeto lhe coçar o

dorso da mão, sendo que, neste momento, iluminaram com a lâmpada elétrica de bolso. A Sra. Feilding e o Sr. Dingwall viram o objeto sair da boca da médium através do véu. Eva pediu que as fotografias fossem tiradas e depois que o flash de magnésio estourou, pediu que o objeto que saía de sua boca fosse examinado. A Sra. Feilding e o Sr. Dingwall viram este objeto na boca dela e parecia ao Sr. Dingwall que a parte que se encontrava para fora do véu estava encolhida. Eva abaixou a cabeça, ela parecia, por um momento, colocar o objeto em suas mãos e iluminaram novamente o fenômeno. Eva repôs, então, aparentemente o objeto em sua boca e, virando a cabeça o máximo que pôde, ela impediu-lhes de ver como ele desapareceu. Eva pediu, em seguida, que examinassem o véu de novo com a lâmpada elétrica e o objeto não mais estava visível (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.266).

Geley comentou o ocorrido. Enfatizou já ter ressaltado o quanto era lamentável que os observadores não tivessem estudado melhor o processo de desaparecimento. Nota que o controle foi perfeito antes, durante e após a sessão. O desaparecimento por fraude do fenômeno saído do véu era inadmissível por consequência, em sua opinião. Diz que voltará a esta questão ao discutir a hipótese de fraude (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.120).

Às dezoito horas e dois minutos, Eva pediu aos observadores para invocarem a reaparição do fenômeno, mas nada apareceu. Às dezoito horas e três minutos, Eva disse ter uma dor no peito e não parava de puxar seu vestido, suas mãos sempre detidas pelo Sr. Dingwall. Sua respiração, que antes era rápida e ofegante, tornou-se, de repente, imperceptível e ela ficou inerte em sua cadeira. Ela retornou a si mais tarde. Às dezoito horas e quinze minutos a sessão acabou (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.267).

Tendo Eva saído da cabine, a Sra. Feilding e o Sr. Dingwall examinaram minuciosamente o véu. Ele estava intacto na parte vizinha à boca, mas foi descoberto um pequeno buraco na costura malfeita da frente, num lugar a cerca de 10cm abaixo do pescoço. O buraco era grande o suficiente para deixar passar o indicador e era possível, com um modo de

controle diferente, fazer entrar e sair por lá, à vontade, um objeto preparado antecipadamente. Mas esta ação precisaria do levantamento do véu, que pendia sobre a costura, a procura do buraco no escuro e a entrada e saída do objeto por esta abertura enquanto as mãos da médium eram seguras por um dos controladores, prontos para denunciar qualquer movimento suspeito. Esta descoberta pareceu perturbar Eva e a Sra. Bisson, e todos tiveram muita dificuldade para acalmar Eva antes que ela se fosse. As fotografias, infelizmente, estavam tão turvas quando foram reveladas que não puderam reproduzi-las. Eva estava tão inclinada para frente para mostrar o fenômeno que ela saiu do campo de visão das câmeras. Foi visto uma parte do véu peludo em sua boca e viu-se o objeto que foi comparado ao pistilo de um arum entre seus lábios. Tudo o que puderam distinguir pareceu ter o tamanho de um pequeno dedo e o que estava para fora do véu tinha cerca de três centímetros de comprimento. Mas a fotografia ficou tão turva que foi impossível ter uma ideia certa (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.267).

Aqui Geley criticou o fato de não terem tido o cuidado de colocar um aparelho fotográfico onde estavam as cortinas. As observações dos controladores foi a de que, durante esta sessão, que, do ponto de vista das evidências, é, sem dúvida, uma das mais interessantes da série, a “substância materializada” pareceu atravessar o véu sem prejudicar em nada os pontos próximos à boca. O fato de terem descoberto uma abertura na costura inferior após a sessão é um fato que, ao ver deles, não impressionará o pesquisador sério. Entenderam não poder negar que seja lamentável não terem visto este buraco antes da sessão. Esta observação defeituosa indica claramente o excesso das precauções rigorosas impostas nas investigações desta natureza. No que concerne ao uso possível deste buraco pela médium nas presentes circunstâncias, entenderam haver pouco a dizer, entendendo estarem intimamente convencidos do fato de que Eva não o usou e, mesmo supondo que o fenômeno tenha sido produzido de maneira normal, não sabiam que a abertura poderia servir à sua produção. Antes da sessão seguinte, o véu foi costurado à máquina sobre a malha por uma dupla costura, dando todas as garantias desejáveis. (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.2, 1922, p.120).

3.3.4.7. Sessão XXV, ocorrida em 5 de junho de 1920

Vamos expor o registro do Sr. Dingwall que foi escrito no domingo, dia 6 de junho de 1920, depois das notas feitas, às dezoito horas e cinquenta minutos do sábado anterior, 30 minutos após a sessão (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.275).

Esta sessão foi notável na opinião do Sr. Dingwall. Eva pareceu ser “tomada” por volta das quinze horas e trinta minutos, mas a crise passou e nada apareceu. O Sr. Dingwall propôs, às dezesseis horas e trinta minutos, o adiamento da sessão, mas Eva se recusou dizendo: “Isto virá”. Outra crise ocorreu às dezesseis horas e cinquenta minutos. Eva pediu que fizessem os pedidos para que o fenômeno fosse produzido e sua respiração tornou-se precipitada e “ofegante”. Ela exclamava momentaneamente: “Oh, minha Juliette, minha Juliette, ele me faz doer”, depois suspirava e gemia, finalizando com gritos. A dor parecia atenuar-se. Ela explicou que não tinha coragem de se deixar possuir, a dor era intolerável. Quando voltou alguns minutos depois, Eva pôs-se a gritar estridentemente, depois a gritar bem alto. Ela se debatia violentamente, torcendo seus braços de tal modo que era difícil para os controladores continuar a segurar-lhe as mãos. Depois ela pôs a cabeça para fora das cortinas e foi vista uma porção suficiente de substância sair de sua boca. A substância era acinzentada e parecia atuar por seus lábios. Quando ela pôs novamente a cabeça para fora, a substância estava alongada e foi iluminada pela Sra. Bisson com a lâmpada elétrica. Era uma tira de material ceroso, de quase 6cm de comprimento por 1cm de largura. A Sra. Bisson disse que parecia um dedo e que viu uma unha. O Sr. Dingwall não distinguiu isto e pediu que a Sra. Bisson iluminasse o objeto. O Sr. Dingwall viu então o objeto da qual ela falara. Eva parecia esforçar-se como podia para fazer passar a substância através do véu. Todos os presentes gritavam em coro, a seu pedido: “saia, saia do véu!”. Mas isto não gerou efeito algum e, quando o fenômeno se produziu de novo, mudou de aspecto. Viram então, entre os lábios de Eva, o que foi descrito como um “pacote de substância”, massa amorfa parecida com um pedaço de queijo cremoso. Eva a trabalhava em sua boca e o Sr. Dingwall ouvia um barulho de

sucção enquanto Eva a modelava e apertava. Ao contrário do queijo, a substância não se dividia, sendo presa e apertada em torno dos dentes como uma goma de mascar. Foi possível aos controladores observar todo o processo desta estranha mastigação, já que a Sra. Bisson iluminava a boca durante o exame de cerca de quinze segundos. Após alguns segundos, foi vista a substância reabsorver-se aos poucos na boca. No momento quando uma das extremidades era reabsorvida, ela parecia dividir-se à vista do Sr. Dingwall e tomar a forma de algo como uma mão minúscula, com dedos e polegar, fazendo sinais antes de desaparecer. Ninguém mais viu esta mão, e o Sr. Dingwall relata não ter lhe dado muita importância, remarcando apenas a forma curiosa da substância e a impressão que esta lhe deu naquele momento. Ocorreram uma série de estranhos eventos após o desaparecimento da substância. Por exemplo: Eva abriu a boca, projetando na cavidade um raio de luz e foi visto a língua coberta de um material meio líquido. Em seguida, viram o que a Sra. Bisson descreveu como “substância preta”. Sobre a língua de Eva, havia o que o Sr. Dingwall chama de um pedaço de fio preto, mas os outros controladores não o viram tão distintamente. Ele desapareceu rapidamente e o “queijo cremoso” reapareceu (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.275. Tradução nossa).

As fotografias, mais uma vez, foram estragadas, com Eva tendo se inclinado, já que se encontrava fora do campo da câmera. É visto sobre uma foto um longo objeto branco e redondo, preso no lado esquerdo da boca, como uma vela macia. O mesmo objeto é visto sobre outra fotografia, sendo que aqui o objeto está no meio da boca e apresenta o mesmo aspecto, embora a parte em contato com os lábios pareça um pouco mais larga (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.276).

3.3.4.8. Sessão XXXIV ocorrida em 21 de junho de 1920

Essa sessão ocorreu em 21 de junho de 1920. Eva pediu ao Sr. Dingwall que lhe segurasse as mãos, para remover a substância que ela sentia em sua boca. Isto foi imediatamente combinado e ocorreu da seguinte

forma: levando as mãos a seus lábios, sempre controlados por Sr. Dingwall, ela pôs-se a manipular, através do véu, um objeto que saía lentamente da boca. Logo foi iluminada com a lâmpada elétrica. Todo o processo foi observado de forma minuciosa. Os olhos do Sr. Dingwall estavam a cerca de 15cm da boca de Eva. Foi visto sair lentamente e manipular o que parecia uma ou várias tiras desfiadas de membrana delgada e semitransparente, extremamente elástica. A substância normal que mais se aproximou foi um longo pedaço de borracha branca e muito magra. Ela foi tirada e amassada pelos dedos, próximo da boca, para desaparecer, enfim, da maneira mais singular (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.294).

Dentro das observações da Society For Psychical Research, a sessão XXXIV foi uma das mais impressionantes de todas. De um certo ponto de vista, qualquer um dos fenômenos pareciam extremamente suspeitos, implicando fraude ou, pelo menos, fraude no estado de transe. Expõem ser necessário dizer que o modo de desaparecimento da membrana lembra muito o método empregado pelos ilusionistas para fazerem “desaparecer objetos”. Estes incidentes são discutidos a fundo na parte do registro que é consagrado à fraude. Um ponto, contudo, para a Sociedade, merece atenção particular. Refere-se à sessão da sexta-feira, 21 de maio, em que foi visto pender da boca de Eva um objeto sobre o qual parecia haver um esboço grosseiro de um rosto desenhado em lápis preto. Quando foi revelada a fotografia tirada, ela não mostrava este esboço e em seu lugar, apareceu o que parecia ser a pequena fotografia de um homem. Este fenômeno curioso pode explicar-se de duas formas diferentes para a Society For Psychical Research: ou a fotografia foi o resultado do rosto esboçado observado primeiramente, ou ela já estava atrás do objeto que Eva tinha retornado antes que o flash de magnésio fosse disparado (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.295).

Contra tais argumentos, Geley questiona onde e quando foram vistos os ilusionistas operarem nas condições impostas à Eva. Argumenta que ilusionistas conseguem fazer “desaparecer objetos”, pois tem sua liberdade de movimento, uma roupa dando as facilidades indispensáveis, os cúmplices,

a aparelhagem falsificada, dentre outras coisas. Para bem apreciar a sequência, é preciso retirar as condições de controle expostas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.122).

3.3.4.9. Sessão XXXVI ocorrida em 24 de junho de 1920

Essa sessão ocorreu no dia 24 de junho de 1920. Nas observações, destaca-se que, embora os fenômenos que se manifestaram durante a sessão fossem de pouca importância, insignificantes e que, embora eles tenham sido produzidos apenas depois de uma longa espera, a reaparição da substância membranosa já observada no dia 21 de junho permitiu aos experimentadores estudá-la com mais detalhes. Ela parecia ser muito elástica e, quando foi tirada por cima para fazê-la sair da boca, ela dividiu-se em duas. Uma vez dividida, a substância desceu um pouco mais de 1cm abaixo do queixo. O Sr. Dingwall tateou-a e disse que, ao tocar, ela parecia exatamente com uma membrana animal. Ele observou, no momento em que ela foi puxada para o lado, que ela era semitransparente e perfurada em sua superfície, como que por uma ponta de alfinete. Depois ela subiu até a boca da médium e desapareceu e a médium abriu a boca quase que imediatamente para mostrar seu desaparecimento (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.300).

Outro ponto interessante destacado foi que Eva afirmou várias vezes que os fenômenos foram produzidos, enquanto eram invisíveis aos espectadores. Argumentava-se que se fosse aceita a teoria da materialização, explica-se este incidente pela suposição de que os fenômenos, no início do processo, estavam nebulosos ou semifluidos, o que lhes conferiu invisibilidade a todos, com exceção da médium. Podendo-se, então, presumir que estas formações nebulosas, durante seu desenvolvimento, solidificam-se lentamente para se tornarem os objetos sólidos que constituem o fenômeno observado pelos experimentadores. As pesquisas seguintes, em grande escala, seriam indispensáveis para elucidar estes detalhes, concluem (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.301).

3.3.4.10. Sessão XXXVIII ocorrida em 26 de junho de 1920

A sessão ocorreu em 26 de junho de 1920. Estiveram presentes a Sra. Bisson, o Sr. Dingwall, Fournier d'Albe e o operador. O controle foi parcial, como antes. A Sra. Feilding estava à direita da médium durante a sessão, O Sr. Dingwall, à esquerda. Não havia véu nessa sessão (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.302).

Às dezesseis horas e vinte e dois minutos a sessão começa. Às dezessete horas e quinze minutos, Eva respira fortemente. Eva diz que os fenômenos produzir-se-ão e, na sequência ocorre um período de calma. Às dezoito horas e cinco minutos, um vento frio sai com força da fresta das cortinas. Uma crise se prepara e o vento se faz sentir por intervalos. O Sr. Dingwall coloca a mão próximo aos pés de Eva e nota que, embora não sinta o vento, a sensação de frio é latente (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.302).

Às dezoito horas e trinta e três minutos, Eva estica as mãos para frente das cortinas e atira uma substância escura. Ela parece um véu escuro, sendo Fournier d'Albe quem toma as notas. Um objeto branco aparece de repente no meio desta matéria escura, depois vai rapidamente para a ponta dos dedos. A Sra. Bisson ilumina o que estava acontecendo. É visto, então, um medalhão de lã, peludo, ou Agnus Dei, oval, que mede cerca de 5cm por 2,5cm. Uma porção de lã ultrapassa e fica suspensa, e há, sob a superfície lanosa um rosto, um pouco em relevo. Sendo mantida a iluminação, Eva fez um gesto rápido para dentro e tudo desapareceu, as mãos de Eva estavam livres neste momento (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.302).

O Sr. Dingwall disse, após a sessão, que a substância lhe parecia lembrar uma membrana cinza-escuro semelhante àquela que fora observada em 24 de junho. Pareceu-lhe, assim como a Fournier d'Albe e ao operador, que a substância era meio porosa e perfurada em diversos pontos. Fournier d'Albe disse que ela tinha cerca de 31mm de espessura e o Sr. Dingwall pôde tocá-la duas vezes. Enquanto ela ainda estava invisível, ele sentiu um fio resistente entre as mãos de Eva. Tocando mais tarde, ele sentiu algo

como uma membrana, mas seca, um pouco como um pergaminho fino (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.302).

O registro do Sr. Dingwall, segundo as notas feitas logo após a sessão e redigidas dois dias mais tarde, se deu nos seguintes termos:

Eva começa a trabalhar com suas mãos para fora das cortinas, como se ela tirasse alguma coisa dos dedos. Eu passei meu próprio dedo entre suas duas mãos, distantes uma da outra, e senti como um grosso fio, resistente e elástico. Eva estremeceu e recostou-se quando a toquei, suas mãos, contudo, continuaram visíveis. Eva continuou a puxar os dedos e vi entre eles um fio acinzentado, que logo tomou a forma de um pedaço irregular de membrana. Eu vi, então, o que se pode descrever como um clarão branco quando Eva abriu as mãos e mostrou-nos o curioso objeto que segurava. Ele tinha, mais ou menos, a forma de um medalhão, de 5cm a 6cm por 1cm e pareceu-me feito de uma pele espessa cinza-escura. Foi notado na superfície duas manchas brancas, uma grande, como uma moeda de um penny, um centavo, a outra, menor e mais oval. Fournier d'Albe disse que ele viu um pequeno rosto sobre a superfície inferior; quanto a mim, nada vi. A lâmpada elétrica estava iluminando bem no momento e Eva se recostou, queixando-se, e o fenômeno foi-se de repente.

(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.303. Tradução nossa).

Às dezoito horas e trinta e sete minutos, o Sr. Dingwall e Fournier d'Albe dizem que um objeto branco está suspenso na boca de Eva. Seu formato lembra o de um cubo de gelo, tendo cerca de 10cm de comprimento, com pedaços que vão para fora, lembrando uma barba. Foi tirada uma foto. Após o raio, examinaram o objeto à luz da lâmpada elétrica de bolso. Parecia ser, segundo Fournier d'Albe, uma atadura triangular com algo pendurado, fixada no lábio superior da médium. O Sr. Dingwall observou-o mais de perto e disse que via um rosto colorido. As bochechas eram cor-de-rosa, os olhos azuis e o fundo cinza. Fournier d'Albe não viu nada mais que um desenho colorido, sem distinguir o rosto. Eva encolheu-se sobre seu assento, pediu o controle imediato de sua boca, que lhe foi recusado na esperança de ter manifestações mais completas (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.303).

O registro do Sr. Dingwall sobre este episódio se deu nos seguintes termos:

Ao reabrir as cortinas, eu vi dois ou três fios ficarem pendurados da boca de Eva. Num deles pendia um pequeno pacote branco, com aspecto um pouco grotesco. Tiramós uma foto. Quando olhei em seguida para Eva, vi pendurar-se de sua boca um objeto de forma redonda. Sob a luz da lâmpada elétrica, vi um bocado de membrana branco-acinzentado, sobre a qual vi uma figura feminina. Ele lembrou-me a figura 7 do livro de Geley: estava colorida. As bochechas eram bem rosadas, olhos, azulados, e os outros traços estavam em tonalidade cinza escuro ou preto. Este rosto era plano, medindo cerca de cinco centímetros por dois e meio centímetros. O objeto desapareceu depois do flash da lâmpada elétrica (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.304. Tradução nossa).

Às dezenove horas e quarenta e cinco minutos, Eva mostra alguma coisa em sua boca e diz que é um dedo. O objeto não foi iluminado diretamente, logo não se pôde ver diretamente. Ele lembrava um pedaço curvo de substância branca como uma vela. Quando foi fotografado, o objeto sumiu (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.304).

Às dezenove horas e quarenta e nove minutos, uma membrana apareceu entre os dedos da médium enquanto o Sr. Dingwall segurava suas mãos. As mãos de Eva estavam para fora da cabine e a substância foi iluminada e desapareceu. O Sr. Dingwal segurava as mãos abertas da médium, cujos quatro dedos estavam sobre seu polegar, deixando as extremidades dos dedos livres. A membrana desapareceu subitamente enquanto as mãos de Eva eram seguras. Eva levantou por um breve sobressalto no momento do desaparecimento, enquanto a substância era manipulada (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.304).

Neste meio tempo, Fournier d'Albe tateou os lábios de Eva que se virou para ele com este objetivo. Ele não sentiu nada de anormal. A Sra. Bisson disse que as forças eram muito boas e que alguma coisa poderia mostrar-se perto da cortina. Contudo, a luz inibiu o desenvolvimento do fenômeno (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.305).

Abaixo o registro do Sr. Dingwall sobre este episódio:

“Eva me pediu que lhe segurasse suas mãos, o que fiz. Os meus dedos tocavam sua palma e os meus polegares apoiavam-se em seu lado dorsal. Seus dedos tinham toda a liberdade de movimento, não se demorando para moverem-se como se puxassem algo. Um fio acinzentado logo sai deles e se transforma em membrana. Eu toquei ele. Tinha o aspecto de um pedaço de borracha macia e suave. Eva colocou a metade em suas mãos enquanto nós a examinávamos com a lâmpada elétrica. Enquanto Eva a manipulava, pediu a Fournier d’Albe que lhe examinasse a boca. Ele o fez sem usar a lâmpada e disse-me que bateu todo o perímetro dos lábios de Eva sem sentir o contato com qualquer fio, de qualquer natureza que fosse. Logo depois, e enquanto eu ainda segurava as mãos de Eva, que, mostrando suas mãos vazias, disse: “acabou.” A sessão em seguida acabou.

(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.305).

Às dezenove horas e cinquenta e sete minutos, para inspirar confiança de Eva, deixaram de lado a lâmpada elétrica e fizeram de forma que Eva os ouvisse fazê-lo, com o objetivo de obter os fenômenos mais importantes. Às dezenove horas e cinquenta e oito minutos Eva geme e com emoção ela diz “acabou!” Fim da sessão (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.305).

Dentro das observações sobre a sessão XXXVIII, entende-se esta como sendo a mais interessante de todas no que concerne à variedade e características dos fenômenos, sendo ela a mais importante do ponto de vista da evidência dos fatos, embora tenha sido relativamente pobre comparada àquelas ocorridas em Paris e Munique. O vento frio, sentido por todos os assistentes, que muitas vezes acompanha os fenômenos mediúnicos, foi constatado pela primeira e única vez, embora tenha sido observado diversas vezes pela Sra. Bisson e pelos investigadores precedentes. O desaparecimento súbito da membrana que estava entre os dedos da médium, enquanto suas mãos eram seguras, é um testemunho excepcionalmente probatório em favor do caráter supranormal dos fenômenos, embora se pudessem conceber que ele fora produzido por meios normais, questão já discutida. Argumentou-se que, infelizmente, os fenômenos foram muito curtos e fragmentados para que pudessem fazer a

descrição seguida de sua origem e do processo de sua manifestação (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.306).

As duas fotografias tiradas mostram, depois da revelação, quase exatamente o que impressionou os observadores, exceto que se vê bem claramente o rosto na primeira das placas, enquanto os assistentes não o viram antes da produção da fotografia (Vide figura 32). Eva é vista inclinándose para trás na cadeira, segurando as cortinas em cada lado do gabinete (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.306).



Figura 32 - Da boca de Eva pende algo parecido com um pequeno rosto plano.

Algumas mechas lhe caem sobre o rosto e, de sua boca, pende algo parecido com um pequeno rosto plano, visto de três quartos. Abaixo há uma espécie de lóbulo oval, que Geley chama de “um corpo embrionário”, quase

do tamanho de uma cabeça, na qual se repara claramente uma dobra, um vinco. Contra a borda direita do lóbulo e parecendo pendurar-se a partir de uma parte do rosto, vê-se uma faixa de substância escura que desce a quase cinco centímetros abaixo do decote da camisola (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part LXXXIV, Vol XXXII, 1922, p.306).

A segunda fotografia ficou desfocada e não pôde ser reproduzida. Eva aqui se inclina levemente para frente, de seu queixo parece sair um objeto que parece um dedo branco bem curvo, com uma parte que aponta para o chão. Este objeto lembra muito os outros objetos pontiagudos, cerosos, já observados por Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.126).

Geley pede ao leitor que leia bem para depreender sobre tudo o que concerne a esta sessão. Em sua opinião, nada é mais instrutivo. Considera a variedade dos fenômenos a sua gênese, observada desde a origem da substância até a organização de um rosto; a concordância dos testemunhos, a saída da substância pelos dedos, tudo o que, junto, argumenta constituir uma prova inegável da autenticidade do ectoplasma. Se esta sessão não convenceu os observadores, é porque não queriam ser convencidos, conclui Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.126).

Estes foram os fatos relatados no Proceedings. A partir de agora, seguiremos com a conclusão dos experimentadores:

Resumindo, portanto, nossas impressões, nós cremos que a única hipótese que pode se explicar, pela fraude, dos fenômenos que foram observados, será a da capacidade, do médium, de regurgitação, capacidade esta de que não temos absolutamente nenhuma evidência direta. Os fenômenos estudados em outro lugar e que parecem ter as mesmas características, foram muito mais importantes de forma que podemos admitir que a regurgitação não é explicação suficiente para o caso. Presumir que todos os fenômenos são devidos à fraude implicaria ainda que os investigadores precedentes foram enganados durante anos, pelos meios sobre os quais nós não tivemos evidências em nossas experiências, afirmações que não poderíamos justificar. Não nos resta nada mais que constatar que, a nosso ver, os fenômenos não foram suficientes para afirmarmos sua autenticidade. Mas, feitos os testemunhos dos outros observadores, assim como a extrema dificuldade de explicar, mesmo pela fraude, certos fenômenos registrados por nós, sentimos que não podemos negar-lhes a possibilidade de

serem supranormais. Como nossa investigação foi pouco satisfatória, não concluiremos sem dizer que, a nosso ver, os fenômenos merecem atenção mais séria...

(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.335. Tradução nossa).

Geley ficou indignado com o resumo acima apresentado, argumentando que seria difícil ser mais vago. Mas entende que o relato mostra uma conclusão clara, qual seja, uma fraude possível, se houve fraude, seria a regurgitação. A médium dissimularia “o fenômeno” em seu estômago e o regurgitaria durante a sessão. Pede então que se registre esta conclusão e a discuta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.126).

Argumenta não ser necessário falar das experiências que precederam as de Londres e que são absolutamente inexplicáveis, na maior parte, por este truque. Entende que se deve, contudo, afirmar expressamente que foi dada a prova da ausência de regurgitação. Eva foi obrigada a engolir, antes das sessões, substâncias coloridas, o que não impediu a “substância” ectoplásmica de ter, ao sair da boca, uma brancura reluzente. Também lhe foram dados eméticos após as sessões, sem nunca ter se constatado uma fraude (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.127).

Argumenta também que a demonstração formal foi dada pela Sra. Bisson, no congresso de Copenhagen, de que Eva não tinha capacidade de regurgitação. O exame radioscópico de Eva provou que suas vias digestórias eram normais. Neste sentido, sabe-se que quem tem capacidade de regurgitar com frequência tem vias digestórias muito especiais e características, conclui. Recorda que na Sociedade de Psicoterapia, em 21 de janeiro de 1921, o Dr. Farez registrou o exame radiológico de alguém com este tipo cujo estômago tinha dimensões excepcionais, as paredes estomacais e do esôfago tinham contrações ativas poderosas que não se veem em pessoas comuns. Nada disso havia em Eva, sendo certo, depois do exame radioscópico, que Eva não praticava a regurgitação, finaliza Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.127).

Geley inicia um exame dos registros da Society For Psychical Research de forma mais detalhada e observa que, segundo seus relatórios, estudados fora de qualquer consideração, e mesmo sem se levar em conta

as experiências anteriores, a hipótese de uma fraude por regurgitação era logicamente insustentável. Argumenta primeiro que, de acordo com a declaração formal dos Proceedings, alguma prova e mesmo alguma suposição não pôde ser encontrada em favor desta hipótese da regurgitação, apesar do exame minucioso e sistemático dos experimentadores, entre eles um prestidigitador, um mágico, um ilusionista renomado, o Sr. M. Dingwall. Conclui que a hipótese era, então, gratuita, sendo fácil mostrar que ela era absolutamente contrária aos testemunhos repetitivos dos assistentes. Nesse sentido, Geley cita alguns exemplos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.127).

Sr. Baggally nota expressamente:

“Pensei, a princípio, nas primeiras sessões a que assisti na Society For Psychical Research, em que o médium poderia estar regurgitando. Alguns dos objetos aparentavam sair de sua boca. Concluí então que ela os tinha engolido antes de entrar na sala de sessões... Roniski, o russo, engolia peixes vermelhos, rãs, etc., e os fazia sair de sua boca, na presença de um público numeroso. Na minha opinião, os fenômenos apresentados por Eva C. eram semelhantes. A única diferença seria o fato de que os objetos engolidos por ela eram menores. Mas à medida que as sessões continuaram, mudei minha opinião. Os fenômenos apresentados por Eva C. não eram casos banais de regurgitação. Constatamos elementos de características estranhas. Não podíamos entender como certos objetos poderiam esconder-se na garganta de Eva. Por exemplo, a substância preta que cobria a parte inferior do rosto de Eva como uma barba durante a sessão de 28 de abril, e que vimos em seguida sobre sua mão direita, que era controlada. Se esta matéria saiu de sua garganta, é natural supor que a substância estivesse úmida. Quando toquei, a senti seca. Era como tocar um pedaço de véu amarrotado e rígido.

Nesta mesma sessão, uma fotografia de magnésio foi tirada, em que um objeto repousava sobre o seio direito da médium. A fotografia depois de revelada nos mostra um pequeno rosto feminino envolto por um largo quadro circular, aparentemente feito da mesma substância observada no rosto e mão de Eva. É difícil entender como Eva pôde esconder uma substância desta natureza em sua garganta. Não a vimos sair de sua boca, nem nela entrar...” (PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.341. Tradução nossa).

Para Geley, o que a Sra. Baggally pôde adicionar em seu relato é que não sabiam conceber como os pedaços de papel desenhados, hipótese da

Society For Psychical Research, puderam ficar intactos, frequentemente, durante mais de uma hora, nas vias digestórias de Eva; e como, se estes papéis fossem protegidos por um envelope impermeável, a médium poderia, sem usar suas mãos, tirá-los do envelope, expô-los, reinseri-los, etc. Por outro lado, argumenta que, pelo menos por duas das fotografias e algumas frases que foram reveladas nos registros, demonstra-se que muitas das formações tinham relevo e conseqüentemente não eram folhas de papel. Geley aqui recorda que o relatório da Society For Psychical Research reconhece, aliás, expressamente o fato: (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.127).

“As materializações, de forma bem frequente, não são, obviamente, fabricadas com papel, panos ou outras substâncias semelhantes. Isto fica evidente nas ampliações fotográficas. Aliás, elas têm algo cuja forma mudou sob a observação direta”.

(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.330. Tradução nossa).

Geley continua examinando os depoimentos e expõe que a saída da substância pelos dedos e não pela boca é expressamente afirmada por um testemunho formal, o do Sr. Dingwall na sessão XXXVIII. O mesmo Sr. Dingwall tentou mais tarde insinuar que foi vítima de uma ilusão, supondo que Eva poderia habilmente ter colocado em sua boca, escondidos atrás da cortina e aproximado da mão que se encontrava do lado de fora, os objetos preparados. Ainda os teria escondido em sua mão e produzido os fenômenos complexos descritos, inclusive a aparição do rosto feminino (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.128).

Geley convida aqui o leitor a reler atentamente o registro do Sr. Dingwall. Entende que facilmente se perceberá a clara improbabilidade desta manobra a seu ver absurdamente complicada. Enfatiza que não se esqueça de que as mãos de Eva eram controladas com um rigor absoluto por este hábil ilusionista, o Sr. Dingwall (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.128).

Lembra Geley que o testemunho do Sr. Fournier d’Albe contradiz a hipótese do Sr. Dingwall (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.128):

“Enquanto Eva manipulava o ectoplasma que lhe tinha saído dos dedos, ela pediu a Fournier d’Albe que examinasse sua

boca. Ele o fez sem usar a lâmpada e disse-me que tateou a área envolta dos lábios da médium sem sentir o menor contato com o fio, de qualquer natureza que fosse”.
(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.327. Tradução nossa).

No testemunho seguinte da Sra. Salter, Geley expõe que ver-se-ão descritas a formação e organização progressiva do ectoplasma sob a ação de uma substância vaporosa. Conclui, então, que a hipótese da regurgitação do fenômeno preparado não pode sustentar-se. Entende ser este testemunho capital, pois entende ser uma evidência chave, já que confirma completamente as observações análogas feitas frequentemente pelos precedentes experimentadores de Eva (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.128).

“O que mais me chocou, afirma o registro da sessão IX, é que, de início, eu tinha a impressão de ver um tipo de fogo-fátuo ou de luz vacilante, que, de repente, tomou a forma de uma mão. O Dr. Woolley relatou que acreditava que esta mão tinha proporções normais. Todos os observadores foram unânimes em afirmar que as mãos de Eva foram continuamente seguras e controladas, embora os dedos estivessem, de certo modo, livres”.
(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.345. Tradução nossa).

Enfatiza Geley ser este testemunho bem incômodo, em face do preconceito dos experimentadores. E expõe o que disseram: “o fato de a mão parecer ter se formado sob a observação direta, isso parecia certo, conforme relato da Sra. Salter, após a sessão. Mas é difícil compreender exatamente como ela foi produzida”. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.128. Tradução nossa).

Geley classificou este testemunho como esmagador para a hipótese da Society For Psychical Research. Argumenta que bastou inverter tudo o que foi laboriosamente construído e que, de forma muito leal e corajosamente, a Sra. Salter expôs o que bem viu. Seus colegas então declararam: “É difícil compreender exatamente como isto se produz!” Conclui, porém, que doravante o testemunho subversivo da Sra. Salter será completamente posto de lado. Destaca que o que ainda agrava a responsabilidade da Society For Psychical Research é que o testemunho da

Sra. Salter não é o único nesse sentido. A formação de órgãos materializados sob os olhos dos observadores foi mencionada por outros experimentadores. Já foi citado o relato do Sr. Dingwall sobre a sessão XXXVIII (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.129. Tradução nossa).

A seguir, o que o Sr. Dingwall disse acerca da sessão XXV:

“Passados alguns instantes, nós vimos a substância reabsorver-se pouco a pouco na boca de Eva. No momento em que uma das extremidades se reabsorvia, ela parecia se dividir diante de nossos olhos, tomar forma do que só pude descrever como uma mão minúscula com dedos e polegar, que estava acenando antes de desaparecer”.
(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.276. Tradução nossa).

Destaca Geley que, no relato, uma mão formou-se aos olhares do observador e esta mão estava viva, pois “fazia sinais”, “acenava”. Entende ser esta a refutação categórica da ideia de fraude e a clara confirmação das observações do Professor Richet, da Sra. Bisson, do Dr. Schrenck-Notzing e das suas próprias. Porém, o Sr. Dingwall não se inclinou. Ele disse simplesmente: “Eu não dou importância”, ressaltando somente a curiosa forma da substância e a impressão que ela deu naquele momento. Criticamente, para Geley, esta frase não parece real. Em sua opinião, o Sr. Dingwall é, evidentemente, um bom observador, mas é um psicólogo estranho (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.129. Tradução nossa).

Os exemplos de testemunhos contrários às conclusões da Society For Psychical Research não se limitaram aos que foram dados. Na realidade, não é uma página de registros de reuniões de sucesso que seja consistente com as suas conclusões. Acontece que cada observador afirma isoladamente o contrário do que a coletividade dos observadores proclama nas conclusões em conjunto, conclui Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.129).

Ressalta Geley ainda duas provas formais contra a hipótese da fraude. A primeira é a passagem do ectoplasma através do véu, observada na sessão XXI. A segunda é o processo de desaparecimento dos ectoplasmas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.129).

Na primeira prova contra a hipótese de fraude, alegada por Geley, temos a passagem de ectoplasma através do véu. Alega nesse sentido não

imaginar nada mais extravagante que a tentativa de explicação do Sr. Dingwall. Geley a cita por extenso:

Sessão XXI - 28 de maio de 1920:

“Nós observamos nesta sessão um fenômeno muito curioso. Tratava-se de um objeto pontiagudo e ceroso, que apareceu primeiro no interior do véu, e depois no seu exterior. Podendo isto nos fazer crer que há uma prova evidente do supranormal, será bom fazer uma análise mais detalhadamente.

Em primeiro lugar, partindo do pressuposto de que os fenômenos foram autênticos, podemos imaginar com alguma razão que uma substância “materializada”, que nasceu na boca, pudesse atravessar a rede apertada do véu sem lhe estragar? Seria possível que ela saísse sob uma forma líquida ou gasosa e que depois se solidificasse fora do véu, estando materializada dentro, parece bastante irracional supor que ela então pudesse atravessar. A utilidade do véu é, portanto, evidente, e como nos foi assegurado que as materializações também se produziam em outros pontos do corpo além da boca, estávamos ansiosos em constatar estes fenômenos com nossos próprios olhos, por nós mesmos. Porém nada vimos deste gênero. Os fenômenos foram vistos na boca da médium e em mais nenhum lugar, e com uma exceção, em 18 de maio, nunca passaram através do véu. É este fenômeno de 18 de maio que estudaremos”.

(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.320. Tradução nossa).

Aqui Geley afirma ser esta afirmação contraditada por uma observação bem precisa do Sr. Dingwall, supracitada. Nessa observação, o Sr. Dingwall dizia ter visto o ectoplasma sair dos dedos, mas acrescentou que podíamos supor que tinha visto errado. Disse que Eva passou fraudulentamente o fenômeno de sua boca à sua mão. Enfatiza que aqui o Sr. Dingwall não se exprime mais sob a forma dubitável, ele afirma categoricamente de forma que seu proceder começa pela insinuação, com todos os tipos de precauções e reservas e depois termina afirmando com autoridade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.130).

E prossegue o Sr. Dingwall:

“Um objeto pontiagudo, ceroso, duro ao toque, foi visto saindo da boca da médium através do véu que foi atraído para a cavidade. Como explicar o fenômeno pela fraude? Eu diria imediatamente aqui que eu não daria a menor importância ao buraco que foi achado no véu ao fim da sessão. Iremos ver o porquê nas notas e observações ao fim do registro detalhado. O que nós devemos buscar e descobrir

é o método pelo qual o mesmo efeito pôde ser produzido por meios normais. Esta solução não implica nem um pouco que este método foi empregado no presente caso que analisamos. Ele não tem outro valor a não ser o de colocar em dúvida a utilidade do véu para a demonstração da autenticidade de certos fenômenos.

Parece, a princípio, evidente que a maneira mais simples de produzir um fenômeno deste tipo seria fazer a substância atravessar o véu no estado líquido, e solidificá-la no exterior. Supondo que Eva teria um pedaço de cera que se funde facilmente na boca, mas que se solidifica instantaneamente no ar, poderíamos admitir que o fenômeno se produz da seguinte forma: a cera poderia estar contida dentro de algum receptáculo não solúvel e depois engolida. Se o receptáculo voltasse por regurgitação, e se o véu fosse atraído para a boca, o receptáculo poderia, então, ser rompido e a cera fundida atravessaria a trama do véu. A cera resfriaria por algumas respirações rápidas, depois impulsionada lentamente entre os lábios, tomando a forma pontiaguda que foi observada. Os químicos industriais disseram-me que as ceras desta espécie são conhecidas e que poderíamos servir-nos delas da maneira que descrevi, embora eu mesmo não tenha feito este teste”.

(PROCEEDINGS OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Part. LXXXIV, Vol. XXXII, 1922, p.320. Tradução nossa).

Geley afirma em tom de desabafo ser necessária uma boa dose de paciência para ler esta explicação até o fim e ainda discuti-la. Inicia admitindo como verdadeira possibilidade de truque descrito pelo Sr. Dingwall por meio de uma cera que se funde a 37°, temperatura corporal, e que solidificar-se-ia, graças a algumas respirações rápidas, a 25° ou 30°, temperatura exterior, sendo importante dizer que fazia muito calor. Questiona Geley: Primeiro: “Como, ao sair, esta cera não aderiu à trama do véu?”; Segundo: “Como ela desapareceu?” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.130. Tradução nossa).

Argumenta Geley que esperava pelo que disse o Sr. Dingwall, que após solidificada a cera pelo “sopro frio”, Eva refundisse a cera por meio de um “sopro quente”, sendo que esta hipótese completaria dignamente a perspicaz demonstração do sutil mágico. Porém, argumenta que ele não se atreveu a ir tão longe e pegou um atalho. Entende que o controle não permitia que Eva fizesse o objeto saído do véu desaparecer lembrando do controle das mãos, de sua pessoa, da cabine, antes e após o experimento. Conclui afirmando que o Sr. Dingwall pura e simplesmente se esquivou de

toda a discussão deste assunto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.130).

A segunda prova contra a hipótese de fraude, argumenta, é o desaparecimento de ectoplasma. Apenas essa prova, aliás, já seria suficiente para demonstrar a falsidade da hipótese da Society For Psychical Research, defende Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.130).

Expõe que os experimentadores pareciam compreendê-lo por instinto, pois procurou em vão, em seus registros, as precisões sobre esta importante questão. Afirma que no máximo, poderia entender que eles observaram ora a reabsorção progressiva no corpo da médium, ora o desaparecimento instantâneo. Neste último caso, eles insinuam que acreditam em um passe de mágica, sem mesmo perguntarem a si mesmos como o preparo de Eva, nua, o exame de sua boca, o controle de suas mãos, a visita à cabine escura antes e depois das sessões, etc., puderam permitir tal truque. Conclui afirmando que o Sr. Dingwall, infelizmente, negligenciou-se a exprimir sua opinião neste assunto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.130).

Destaca Geley que foi um modo tão frequente de desaparecimento dos fenômenos que não viu em parte alguma se mencionar claramente o desaparecimento por diminuição progressiva da visibilidade do fenômeno. Defende ser isto o que observou, não uma, mas cem vezes, seja com Eva, seja com Kluski. Explica sua experiência em que o ectoplasma amorfo ou organizado está bem à vista, seja sobre a região do tronco do médium, seja mesmo fora dele. Sua cor branca contrasta vivamente com o preto da blusa ou das cortinas da cabine. De repente, sem que o ectoplasma se mova, sua visibilidade diminui lentamente, progressivamente. Em pouco tempo, isso não é mais que um leve nevoeiro que se apaga cada vez mais, até que não mais é visto. Muito frequentemente, há fases alternativas de retorno à visibilidade e de sua diminuição, sempre lenta e progressivamente. Parece incrível a Geley que este modo de desaparecimento não tenha sido observado em Londres, pois ele é bem frequente. Conclui questionando se pode, esta observação, despertar as lembranças de alguns dos experimentadores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1922, p.131).

Geley sintetiza as observações que se destacam neste estudo da seguinte forma:

1º. A hipótese de uma fraude de Eva é puramente gratuita. Apesar da atenção muito ativa dos experimentadores manifestadamente prevenidos; apesar da vigilância de um ilusionista, o Sr. Dingwall, que conhece a fundo os recursos de sua arte, nenhum fato concreto pôde ser tomado em favor desta hipótese.

2º. Tudo o que se desenvolveu em favor da fraude, não passa de suposições implausíveis, tanto que o ilusionista que as formulou reservou-se de tentar demonstrá-las na prática.

3º. A hipótese de fraude é contraditada formalmente pelos testemunhos isolados dos experimentadores, dentre eles, o do Sr. Dingwall, em primeira pessoa.

4º. Sem possuir a importância das experiências de Paris e Munique, as de Londres oferecem, no entanto, um interesse superior à que lhe atribui a Society For Psychological Research. Os documentos novos são uma contribuição preciosa ao estudo do ectoplasma. Guardadas as proporções, tais documentos confirmam o que foi apresentado pelo Prof. Richet, pela Sra. Bisson, pelo Sr. de Schrenck-Notzing e por mim mesmo.

5º. A relativa debilidade da mediunidade de Eva em Londres é explicada facilmente pelas condições imperfeitas nas quais as sessões ocorreram, pelo ambiente visivelmente hostil e pelo emprego sistemático de um método inadequado. (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.2, 1922, p.131. Tradução nossa).

3.4. Conclusão

Fica evidente neste capítulo o conflito entre as escolas inglesa e francesa de metapsíquica.

Tal conflito já havia sido expresso antes da fundação do Instituto através da troca de cartas em que Sir Oliver Lodge desaconselha a criação do Instituto citando, como um dos argumentos, que os franceses davam muita atenção à metapsíquica objetiva, qual seja, a materialização e o ectoplasma, enquanto os ingleses entendiam como mais relevantes os fenômenos subjetivos como a telepatia.

Recordemos que as cartas trocadas com Sir Oliver Lodge e Charles Richet davam opinião contrária à fundação e que Meyer condicionou a fundação a uma opinião favorável de Richet. A Médium Eva teve um papel muito importante para o Instituto de Metapsíquica Internacional. Conforme a primeira parte deste capítulo expõe, foram os sucessos dos experimentos no laboratório de Gustave Geley que deram argumentos a Rocco Santolíquido frente a Jean Meyer para a fundação do Instituto de Metapsíquica

Internacional.

Tal diferença de escolas ficou novamente evidenciada com as colocações de Geley em que cita que a Society For Psychical Research tinha uma metodologia falha para experimentos com mediunidade objetiva. Esta observação é muito importante e reveladora, além do estado de espírito dos experimentadores contrários aos fenômenos objetivos e físicos. Tratava-se de um entendimento comum na Inglaterra da década de 1920 contra a mediunidade objetiva que a Society For Psychical Research absorveu na época.

Dentro da fenomenologia, algumas questões não se explicam, como, por exemplo, no caso da materialização da membrana ectoplásmica, que crescia e engrossava, ao mesmo tempo que alongava. Geley (1924) observou com destaque que tal material se comportava de forma oposta ao que faria um tecido de borracha, destacando que não tinha conhecimento de meios que pudessem simular de forma fraudulenta tal fenômeno.

Outro exemplo é a inexplicável cabeça fotografada. Deve-se notar que, nestas sessões, Geley (1924), relatou que não viu a substância ectoplásmica original nem assistiu à formação progressiva da cabeça fotografada. A cabeça aparecia de repente, completamente materializada, na abertura da cortina. As variações de dimensão da cabeça, às vezes em tamanho natural, e outras vezes consideravelmente reduzida praticamente inviabilizavam uma fraude. O controle com Eva, antes, durante e após as sessões, não deixou nada a desejar conforme todos os relatos. Geley (1924) relatou estar absolutamente certo de que Eva não poderia trazer nem receber de alguém uma cabeça de boneca ou qualquer outro simulacro. Neste caso, além do argumento acima, em sua opinião, as variações de volume e tamanho da aparição não se explicam.

Mesmo nos polêmicos experimentos de Londres, onde se afirmava como possível a fraude por regurgitação, foi dada a prova de sua ausência. Eva foi obrigada a engolir, antes das sessões, substâncias coloridas, o que não impediu a “substância” ectoplásmica de ter, ao sair da boca, uma brancura reluzente. Também lhe foram dados eméticos após as sessões, sem nunca ter constatado uma fraude

Portanto, analisando fontes primárias, não foi possível detectar fraude nos experimentos com Eva, seja no laboratório de Geley, seja na Society For Psychical Research.

CAPÍTULO 4 - M. FRANCK KLUSKI

O presente capítulo tem como objetivo analisar os experimentos realizados com M. Franck Kluski no Instituto de Metapsíquica Internacional, sob a direção de Gustave Geley, ou seja, de sua fundação até 1924, quando no dia 15 de julho, Geley vem a óbito em decorrência de um acidente de avião.

Com a fundação do Instituto de Metapsíquica Internacional, iniciaram-se a publicação das experiências de materializações, feitas agora no Instituto, e num primeiro momento com o médium M. Franek Kluski.

4.1. O Médium

M. Franck Kluski, originário de Varsóvia, tinha quarenta e sete anos de idade na época dos experimentos. Gustave Geley o descreve como um homem de estatura mediana, bem magro e com temperamento neuro-artrítico. Tinha uma boa saúde e não apresentava nenhum defeito orgânico. Em exame de seu sistema nervoso encontraram-se apenas zonas de hiperestesia, ou seja, paroxismo da sensibilidade, que tendem a transformar as sensações ordinárias em sensações dolorosas, acuidade anormal da sensibilidade a estímulos. A hiperestesia era acentuada na região da nuca e sobre o membro superior esquerdo, especialmente o antebraço. Seu campo visual e as reações da pupila eram normais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.117).

Em sua análise, relata ainda Geley que a hipersensibilidade é ainda mais marcante no campo moral que no físico, sendo Kluski extraordinariamente impressionável e emotivo. Descreve suas demais características psicológicas como as de todos os médiuns superiores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.118).

Sob o ponto de vista profissional, Franek Kluski exerce uma profissão liberal. Também é escritor e poeta, tratando-se de um homem muito bem instruído e poliglota. Geley pontua que Kluski não possui interesse, mas devoção pela ciência e por tal devoção ele consentiu em doar seu tempo para a realização de experimentos inicialmente a serviço de seus

compatriotas mais eminentes e, num segundo momento, ao Instituto de Metapsíquica. Kluski não exerce regularmente sua mediunidade há muito tempo. Nos últimos dezoito meses aproximadamente foi que ele iniciou de forma regular as práticas mediúnicas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.118).

Sob o ponto de vista da hereditariedade, as faculdades de Franek Kluski são claramente hereditárias. Em sua família, seu pai tinha as mesmas faculdades, apesar de nunca ter participado de sessões mediúnicas. Ocorriam fenômenos espontâneos que se manifestavam de forma constante em torno dele. A infância de Franek foi marcada com preciosas lembranças de episódios característicos de fenômenos. Dentre os relatos, Kluski conta que um dia, o “espírito” do seu avô apareceu de uma hora para outra perante seu pai, que estava bêbado, sendo censurado fortemente em decorrência da bebida. Seu pai, embriagado, respondeu ao avô de forma desrespeitosa e recebeu do espírito um tapa que deixou marcas em seu rosto por dias (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.118).

Outra evidência de hereditariedade é o tio paterno de Franek, que era um padre católico, igualmente dotado de faculdades mediúnicas e tinha frequentemente visões telepáticas verídicas. Portanto, a infância de Franek foi cheia de histórias de eventos paranormais em sua família (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.118).

Já a saúde de Franek era muito delicada em sua infância. Os seus irmãos e irmãs morreram todos com pouca idade. Franek teve, nos seus primeiros anos de vida, sarampo, escarlatina, varíola e uma febre tifoide piorada por uma pneumonia fortíssima (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.118).

O temperamento de Franek na infância era o de uma criança sonhadora e contemplativa. Tratava-se de uma criança solitária que não brincava com as outras crianças e procurava ficar sozinha. Nesse período, segundo seus relatos, Franek já estava sujeito a pressentimentos, tinha a visão exata de fatos longínquos, além da percepção de “fantasmas” que apresentavam a aparência dos vivos. Importante destacar que essas visões ficaram mais nítidas, claras e frequentes com a idade de cinco a seis anos. Nesse período de sua infância, Franek considerava tais fenômenos algo

natural e não tinha medo e nem mesmo se emocionava com esse assunto. Mantinha conversava íntima com os seus “fantasmas” que eram sempre bem-vindos e acolhidos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.119).

Franek relatou diversos episódios de fenômenos ocorridos em sua infância. Dentre tais eventos, destacamos seus encontros com a “toupeira”. Durante a noite, quando as luzes estavam acesas, Franek gostava de pegar duas cadeiras, as cobria com um grande xale e ficava embaixo, nesta espécie de barraca, com livros, apesar de nesta idade ainda não saber ler. Quando indagado por seus pais o que estava fazendo, Franek respondia que estava indo ver a “toupeira”. Seus pais, é óbvio, o questionavam se ele sabia o que era uma toupeira e da dificuldade de ver uma “toupeira” em uma cidade grande (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.119).

Seus amigos não acreditavam em seus relatos de encontro com a “toupeira”. Mas em um determinado dia seus pais saíram e o deixaram com a babá e com diversos amigos. Nesse dia ele fez uma tenda maior que de costume com diversas cadeiras e um grande lençol e convidou todos os seus amigos e a babá de sua irmã mais nova a entrarem em sua barraca improvisada para ver a “toupeira” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.119).

Todos concordaram em entrar na barraca improvisada, inclusive a babá. Fazia muito frio e o quarto onde estavam era aquecido por uma grande lareira que, naquele momento, começou a estalar fortemente. A babá, preocupada com os estalos e os associando à possibilidade de ter aquecido demais a lareira, quis sair para conferir, mas os estalos ficaram ainda mais fortes fazendo com que ficasse imóvel de medo. Seus amiguinhos também ficaram com medo de se mexer. Franek então se levantou e saiu de baixo da tenda dirigindo-se à lareira. Porém, a lâmpada que iluminava o ambiente apagou-se subitamente e, pelo buraco da lareira, saiu um nevoeiro azul, que envolveu Franek e flutuou sobre o quarto. Seus amiguinhos começaram a gritar de pavor, mas Franek pedia para não terem medo porque tais acontecimentos estavam ocorrendo porque a toupeira acabava de chegar. Franek então os convidou a reunirem-se debaixo da tenda para que ele lhes contasse a história da toupeira. Com uma voz bem diferente, Franek contava que o caminho que leva até a toupeira é muito longo, sendo necessário

atravessar corredores longos e sombrios, devendo-se parar e esperar que a escuridão cesse para que o caminho se torne mais claro. Com o tom de voz diferente, Franek contava que enterrava pequenas crianças mortas porque, uma vez enterradas, elas podem facilmente alcançar a toupeira. Seus amiguinhos foram recomendados por Franek a ficarem tranquilos e bem dóceis para chegarem até a toupeira e não assustá-la. Todos consentiram e deram as mãos com o objetivo de manterem-se mais imóveis. Barulhos começaram a ocorrer, como o do pêndulo que havia no quarto e que soava as horas quando puxado por um pequeno cordão ligado à sua máquina, sendo que não havia ninguém próximo ao pêndulo e, no entanto, ouvia-se soarem as horas sem parar. Franek, acalmando seus amiguinhos, disse que era sempre assim que se via a toupeira. Em seguida, barulhos de passos leves começaram a ocorrer no quarto e seus amiguinhos pensaram que era o gato que havia entrado, mas Franek esclareceu que era a toupeira que se aproximava (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.119).

Relata Franek que, mesmo estando o quarto em profunda escuridão, a tenda por dentro estava clara como se fosse meio-dia e seus amiguinhos viram, ficando com medo, um pequeno irmão e uma pequenina irmã mortos. Diante disso, eles compreenderam que estavam chegando perto do reino da toupeira e ficando mais espantados do que com medo. Nesse interim, as imagens das crianças mortas desapareceram de pouco a pouco. Seus amiguinhos imploravam a Franek para continuar a viagem até a toupeira, mas Franek lhes disse que era impossível. Contudo, mostrou-lhes uma pequena fenda luminosa e pediu que olhassem através dela e ao olharem seus amiguinhos viram diversas imagens, dentre eles viram uma fileira de salas e de corredores iluminados como que por pedras preciosas. Essas salas estavam cheias de figuras humanas transparentes e luminosas que pairavam no ar. Seus amiguinhos com admiração viram esse espetáculo e se perguntavam se estavam naquele local pela primeira vez. Reação particular e estranha teve a babá que beijava as bochechas do pequeno Franek, beijava suas mãos, lhe apertava contra seu coração, como se quisesse fundir-se nele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.120).

Depois de um tempo, as imagens vistas através das tendas começaram a ficar borradas. Antes disso, um golpe de vento percorreu as

salas e as formas flutuantes e depois tudo desapareceu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.120).

Ao escutarem os barulhos dentro da casa e o latido do cachorro, em decorrência da chegada dos pais que tinham voltado do teatro, as crianças saíram de debaixo da tenda e foram ao encontro dos pais contar a novidade, qual seja, de que tinham ido ver a toupeira. Mas não foi uma boa ideia ter contato para a mãe, pois ela irritou-se por ver as crianças ainda acordadas. A babá levou uma bronca e Franek levou palmadas e foi se deitar (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.120).

Mas o pequeno Franek não ligava. Ele sabia que quando todos estivessem dormindo, ele poderia ir até a toupeira, sem necessitar da tenda. Franek deixava seu corpo na cama e ia. Era mais difícil no início da saída do corpo, já que tinha a sensação de se afogar e estufar, porém fazia um esforço para sair da cama e se autocontemplava sob os cobertores. Ficava de pé em frente à cama e ia até a toupeira, passando antes pela fenda luminosa. Ele não contava a ninguém o que veria. De qualquer forma, isso não se podia contar, isso se sentia, como ele sentia o odor de perfumes ou como sentia o sopro de sua mãe na sua face durante sua última doença grave (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.121).

Outro detalhe em relação a Franek quando criança era o fato de o mesmo apresentar um nível grande de inadaptabilidade com seu corpo ainda de criança, uma vez que em seus relatos consta que, entrando na casa da toupeira, sentia-se bem cansado, mas o cansaço não era da viagem até a casa da toupeira, mas sim da simples ideia de voltar, já que sabia que aquele corpo que tinha ficado na cama e para dentro do qual ele precisava voltar não era do seu tamanho, o que gerava um grande sofrimento na hora de preenchê-lo, tendo que se deslocar para preencher os braços, as pernas e a cabeça. Sentia Franek também uma enorme tristeza quando entrava novamente em seu corpo que repousava sobre sua cama, pois sabia que as viagens até a toupeira estariam terminadas, chorando em silêncio por longas horas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.121).

Conta Franek que, determinada vez, ao voltar de sua expedição noturna, que era habitual, ele parecia estar num campo, viu uma casa desconhecida e dentro dela sua mãe doente e acamada. Ao lado da cama na

qual repousava sua mãe, ele viu uma companhia horrível, o que descreve ser uma pneumonia. Após retornar e entrar em seu corpo, Franek começou a gritar. Seus pais correram assustados em direção a Franek que suplicou que procurassem o terrível fantasma. Seus pais perceberam que Franek estava com febre alta e pensaram que estivesse muito doente. Franek aos poucos acalmou-se e dormiu, levantando-se no outro dia em bom estado de saúde. O tempo passou e durante o verão todos viajaram para o campo, sendo que a mãe de Franek ficou bem doente e com uma pneumonia bem forte. Seus pais apenas balançaram a cabeça um para o outro confirmando o pressentimento de Franek em relação a doença (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.121).

Outro pressentimento de Franek se deu quando, em uma de suas expedições noturnas, viu uma água negra e profunda em direção da qual um trabalhador de usina, chamado Martin Slawuta, queria arrastar seu pai. Retornando ao seu corpo, Franek começou a gritar e novamente teve febre altíssima e berrava que Martin Slawuta queria afogar seu pai. Franek se debatia tanto sobre sua cama, que seus pais não conseguiam segurá-lo, chamando às pressas um médico que constatou a febre alta. No dia seguinte Franek já estava bem. Passadas algumas semanas, Martin Slawuta fez uma falsa acusação que fez seu pai perder o emprego, confirmando a visão de Franek (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.121).

Com o tempo, as excursões até a casa da toupeira espaçaram-se no tempo e tornaram-se cada vez mais cansativas. Franek não consegue precisar o momento que terminaram da mesma forma que não consegue dizer quando exatamente começaram (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.121).

Um pouco mais velho, Franek se satisfazia nos cemitérios e nas florestas. Franek deitava-se sobre a folhagem e os “fantasmas” vinham até onde estava. Dessa maneira, ele via seus pais e seus amigos mortos. Também via frequentemente fantasmas de animais como cachorros, gatos e lobos que faziam um círculo a sua volta. Interessante que alguns amiguinhos que ele às vezes levava junto presenciavam o fenômeno e se interessavam pelo ocorrido. Tais fenômenos também ocorriam à noite quando tais

presenças ficavam em volta de sua cama (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.122).

Embora não tivesse uma relação ruim com seus pais, aos doze anos Franek fugiu da casa de seus pais sem motivo para tanto. Durante esse pequeno período de fuga, Franek ganhou a vida como pôde (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.122).

Na adolescência, precisamente aos dezesseis anos, Franek apaixonou-se por uma menina de sua idade. Porém a menina morreu e, desde então, Franek passou a ter visões da menina em todos os momentos importantes da sua vida. Porém tais visões eram bem sofridas para Franek, já que nessas visões a jovem está sempre no caixão em que fora enterrada. Essa imagem da menina no caixão representava para Franek uma ferida muito grande em sua alma deixando uma grande marca. Importa destacar que durante os experimentos realizados e expostos neste capítulo no Instituto de Metapsíquica Internacional, a menina apareceu materializada em seu caixão em algumas sessões (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.122).

Conta Franek que uma vez pôde revê-la, mas não na condição de morta, mas viva. Tal fato ocorreu numa noite em que estava muito triste e pensava intensamente na sua amiga, que já estava morta há quatro anos. De repente ele a viu sorrindo sentada na sua cama e bem perto dele. Segundo seu relato, ela o beijou na testa e na boca além de ter conversado longamente e recitado versos como se ainda estivesse viva. Depois ela desapareceu. Franek escreveu o que ela disse (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.122).

Porém, apesar da riqueza de fenômenos vividos por Franek durante sua juventude, dos vinte aos quarenta e seis anos, estando muito ocupado e com responsabilidades, estando casado e sendo pai de família, não prestou mais muita atenção às suas visões e seus diversos fenômenos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.122).

Mas no final do inverno de 1918 para 1919, numa noite ele assistia a uma sessão do médium Guzik com alguns amigos. Terminada a sessão, Guzik foi embora, porém seus amigos quiseram realizar uma experiência sem o médium, continuando a sessão para ver o que acontecia. Iniciada a experiência, para a surpresa dos presentes, visões luminosas se

manifestaram ao redor de Franek. Porém todos pensaram ser a médium uma jovem que estava ao lado de Franek. Os presentes solicitaram que ela realizasse uma nova experiência, mas ela recusou. Em uma segunda sessão com Guzik, os resultados foram os mesmos da primeira vez após a saída de Guzik, ou seja, os fenômenos sempre ocorriam ao redor de Franek. Com esse resultado, os assistentes da sessão concluíram que Franek era o médium embora o mesmo não quisesse admitir, inclusive tendo ficado chateado com seus amigos. Franek não queria participar de mais sessões até que, após algumas semanas, ele consentiu em tentar repetir os fenômenos em novas sessões, tendo sempre sucesso total (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.122).

A documentação relativa aos experimentos realizados com Franek na Sociedade de Estudos Psíquicos da Varsóvia, que estudou a mediunidade de Franek, foi fornecida ao Instituto de Metapsíquica Internacional para comparação com seus resultados em experimentos. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.123).

Houve uma interrupção nas práticas mediúnicas de Franek durante o verão e o outono de 1920, já que ele se alistou voluntariamente para a guerra contra os bolcheviques. Sua atuação foi no primeiro regimento das armas heroicas que tinham o objetivo de conter os ataques realizados na entrada de Varsóvia (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.123).

Mesmo após esse período cansativo e estressante de guerra, Franek não hesitou em atender a proposta do Instituto de Metapsíquica Internacional de realizar uma série de experimentos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.123).

Outro ponto de destaque na vida de Franek a ser relatado nessa apresentação ocorreu aos vinte e sete anos, quando ele teve o coração atravessado por uma bala de pistola num duelo. A cicatriz provocada pela bala está localizada no 4º espaço intercostal, a quatro dedos de largura do esterno, um pouco por dentro do mamilo. Foi realizada uma radiografia à época que mostrava que a bala deslizara para baixo e para fora e se encontrava fixada no nível da décima costela (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.123).

O relato de Franek sobre este evento acompanhava certa dose de humor em decorrência da surpresa causada no cirurgião que pensava estar ele morto, porém, retornando a vida de forma abrupta. Franek ficou com sequela deste episódio estando sujeito à fortes palpitações. Tais palpitações ocorrem às vezes durante as sessões ou imediatamente depois (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.123).

Franek, falando sobre sua mediunidade, se interessa apaixonadamente pelos fenômenos que ocorrem e da mesma forma que Madame d'Esperance, ele é capaz de observá-los, adquirir conhecimento e manter toda sua lucidez enquanto acontecem as materializações (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.124).

Antes de fechar esse prefácio, Geley entende que deve falar um pouco sobre o que pensa dever ser adotado para a apresentação dos resultados de suas experiências. Nesse sentido, expõe o método comum, quase clássico, neste domínio que consiste em publicar os relatos por extenso e os mais completos e fiéis possíveis de cada sessão. Os fatos são relatados na mesma ordem em que aparecem ao serem observados. Cada relato contém cuidadosamente a assinatura de todos os presentes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.124).

A vantagem desse método, afirma Geley, é o fato de não dar nenhum trabalho aos narradores que não fazem nada além de copiar os processos verbais. Porém, relativiza que o método apresenta dois grandes inconvenientes. Primeiramente trata-se de um método tedioso. Nada é mais monótono, relata, que certas observações desse gênero e os volumes que as contêm. O tédio inseparável da leitura desses relatos analíticos não traz nenhum interesse aos olhos da maioria dos leitores, conclui (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.124).

Um outro inconveniente, pior ainda, na opinião de Geley, é o de não juntar os fatos na ordem lógica, que não tem nada a ver com a ordem cronológica. Esclarece que é claro que tal fato não tem tanta importância porque não é isolado no meio de fatos distintos, são, na verdade bem próximos, para a comparação e compreensão de fatos análogos mesmo que não simultâneos. A impressão se completa, é precisa ou se corrige por essa aproximação indispensável (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.124).

Conclui que é completamente errado crer que o método de apresentação analítica e cronológica é mais sincero e rigoroso que o método da síntese lógica. Na verdade, o primeiro só tem a aparência do rigor científico e se presta ainda mais à ilusão e ao erro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.124).

Geley ressalta que o mais ilustre dos metapsíquicos, William Crookes, não se iludiu por esse preconceito e já havia empregado, na apresentação de suas experiências, o método em que utilizava o grupamento lógico dos fatos. A leitura do seu livro e também a de livros de metapsíquica compostos segundo esse método, como os de Aksakof, de Delanne e de Madame d'Espérance, é singularmente mais atraente, mais instrutiva e mais fecunda que a de obras de estrita análise da qual falávamos anteriormente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

De resto, afirma Geley que a questão não é especial à metapsíquica. A questão é levantada em todas as ciências. Porém, precisamente nas outras ciências não se enfrenta da mesma maneira o preconceito da descrição analítica e da cronologia. Conclui que, na realidade, todo aquele que sabe tem o direito e o dever de apresentar os fatos como julga melhor para evidenciá-los (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

De qualquer forma, entende Geley que os dois métodos são defensáveis e o melhor, em sua opinião, é combiná-los. Nesse sentido, sintetiza como irá conceber a sua tarefa. Antes de tudo, não utilizará o direito legítimo de todo pesquisador de fazer uma seleção dos resultados obtidos para a publicação. Divulgará o resultado que obtiver (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

Geley empregará o método sintético, agrupando os fatos de mesma natureza, como requer a lógica. No entanto, para satisfazer os partidários da ordem cronológica e os fiéis à análise, terá o cuidado ao trilhar o caminho, de situar seus documentos no tempo e de dizer à qual data e sessão tal fato importante foi obtido (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

Além disto e sobretudo, serão intercalados aqui e ali extensos trechos de relatos analíticos, relatórios escritos assim que terminada cada sessão. Desta maneira, tem como objetivo que os leitores tenham, ao mesmo tempo, a análise e a síntese e possam fazer assim uma ideia bem precisa das

sessões e, concomitantemente, ter uma visão do conjunto clara e completa dos resultados obtidos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

As experiências do Instituto de Metapsíquica com o médium Franek Kluski foram feitas em estreita colaboração pelo Professor Richet, M.A. de Gramont e pelo próprio Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

Foi preparada de comum acordo a tarefa, no sentido de discutir os resultados obtidos e se esforçarem para tirar o melhor proveito da mediunidade de Franek. Nesta tarefa, receberam o auxílio precioso do amigo Conde Jules Potocki. Sua experiência com o fenômeno da materialização, o qual ele estudou com diversos médiuns durante vinte anos, foi de muita valia e Geley o reconhece (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

Geley também agradece ao Sr. Coronel Okolovicz, membro da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia. Neste momento em missão à Paris, o coronel cooperou gentilmente, visando para o bem maior de nossos estudos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.125).

Geley exprime um reverente reconhecimento à Madame Gordon de Jurgielewicz, pela devoção que ela teve a serviço do Instituto nas conversações com Franek (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.126).

Agradece Geley, por fim, à Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, onde relata terem a alegria de contar com amigos confiáveis tais como o Doutor Xavier de Watrajewski e o Sr. Lebiendinski, que ajudou de todas as maneiras (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.126).

Termina Gustave Geley:

“Ficamos profundamente tocados com a simpatia que nossos esforços geraram em Varsóvia. Nossos grandes amigos poloneses compreenderam, como nós, que a amizade secular da França e da Polônia deve levar seus frutos não somente ao domínio político, mas também ao domínio da ciência e do idealismo. Isso é o que pensa também o grande patriota que é o Sr. Franek Kluski ao vir a Paris oferecer os meios de estudar cientificamente sua maravilhosa mediunidade.

Como dizer-lhe toda a nossa gratidão? O serviço que ele prestou ao Instituto de Metapsíquica Internacional e à ciência não pode ser expresso em uma fórmula de agradecimento.”

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1921, p.126, nossa tradução).

4.2. Apresentação lógica dos fatos

Conforme dito no prefácio por Geley, será usada, para o relato das experiências com M. Franek Kluski, a ordem de apresentação lógica dos fatos. Essa ordem será a seguinte: organização geral das sessões; substância primordial e fenômeno luminoso; materialização de membros humanos; materialização de rostos humanos; materializações de formas animais; movimentos de objetos sem contato aparente e raps; fenômenos de ordem intelectual (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.169).

4.2.1. Organização geral das sessões

Haviam sido realizadas, até aquele momento, onze sessões bem-sucedidas e três sessões nulas ou insignificantes. Importa notar que o estado de fadiga do médium e as doenças intercorrentes que o atingiram os fizeram perder muito tempo. Apesar de o estudo das faculdades de Franek Kluski ainda estar incompleto, já eram capazes de apresentar uma grande documentação. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.169).

À exceção de uma reunião que aconteceu na casa de M. Jules Roche, membro do comitê, todas as outras sessões se passaram no laboratório do Instituto. O laboratório, especialmente instalado para as experiências de materialização, era uma grande sala retangular de nove metros de comprimento por cinco de largura. Situado no térreo do Instituto, ele não tinha janelas. A renovação de ar era assegurada simplesmente por um ventilador no teto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.169).

Duas portas de entrada, vizinhas, uma da outra, uma delas desembocando em um corredor, a outra no pátio, estavam na parte mais distante a partir da câmara escura e sempre fechadas com chaves após a entrada do médium e dos investigadores durante as sessões (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.169).

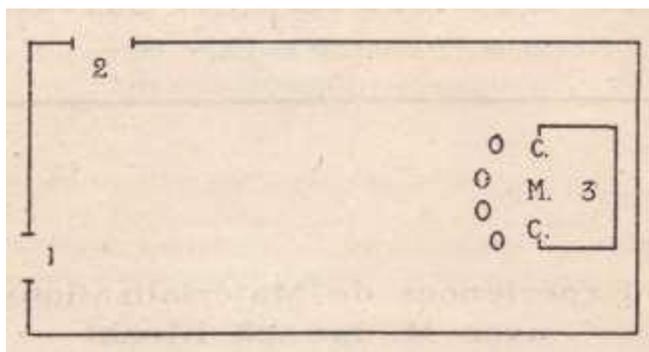


Figura 33 – Planta baixa do laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional. No. 1 - Porta de entrada do corredor; No. 2 - Porta para o pátio; No. 3 - Câmara escura removível; Letra “M” - Lugar do médium; Letras “C” - Lugar dos controladores do médium. Letras “O” - Colaboradores.

Os aparelhos de registro serão descritos no momento oportuno. A iluminação da sala durante as sessões era assegurada normalmente por três fileiras de lâmpadas elétricas vermelhas e amarelas, fixadas no teto e controladas por interruptores individuais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.170).

Os controladores utilizaram pouco desta luz para as experiências com Franek. Foi rapidamente reconhecida, de fato, a vantagem de um foco de luz suscetível a variações de intensidade lenta e progressiva, dependendo das necessidades do momento, o que não permitia o uso de várias lâmpadas. Então foi organizado o seguinte sistema, que lhes deu plena satisfação: uma luz vermelha de cinquenta velas ficava sobre uma base muito estável em pé, mas fácil de se mover, e extensível em altura. A lâmpada podia ser direcionada à vontade e era equipada com um refletor para dirigir a luz na direção desejada. Ela era controlada por um reostato na mão de um dos controladores, o que poderia facilmente graduar a intensidade luminosa de zero a cinquenta velas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.170).

Além da luz vermelha, foram utilizadas grandes telas de sulfureto de zinco. Essas telas foram equipadas com uma alça para manuseá-las com facilidade. Geley afirma que a luminosidade das telas apresentava essa peculiaridade valiosa e singular que é suportada, infinitamente melhor que a luz vermelha, por formas materializadas. Afirma que sua fosforescência

também lembra muito a fosforescência que as próprias materializações por vezes emitem (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.170).

Crawford já tinha notado que o fosfeto de telas de zinco era suscetível a prestar um grande serviço e não interferia muito na produção de fenômenos. Contudo, as telas apresentavam um grande inconveniente: só iluminam na sua proximidade imediata e apenas os objetos colocados ao seu alcance. Significa que elas são suscetíveis a favorecer fraudes. Diante disso, concluía-se que elas não deviam ser usadas deliberadamente. Considerava-se indispensável na época que a fraude fosse impossível de ser praticada pelo controle do médium, uma certa falta de conluio e a experimentação em um laboratório especial ou, pelo menos, em uma sala bem fechada e segura. Concluía-se que as telas, em suma, deviam ser apenas acessórios convenientes, e não instrumentos de primeira necessidade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171).

Durante as sessões foram utilizados, além da luminosidade intermitente das telas, apenas um pouco de claridade da luz vermelha. Isto se deu pois o médium estava em um estado de fadiga que necessitava dos maiores cuidados. Além disso, a própria natureza das experiências que, até onde chegaram naquele momento, não os permitiu fazer melhor. De fato, conseguiram obter a modelagem de mãos materializadas. A operação era delicada, porque ela precisava de uma materialização completa do órgão, materialização equivalente à criação momentânea de uma mão humana viva e provida de todos os seus atributos. Ademais, essa materialização completa devia durar um tempo suficiente: a operação da modelagem demandava em média de 1 a 2 minutos. O fenômeno não podia então ser obtido com uma luminosidade muito fraca. A que foi utilizada, durante essas experiências de modelagem, eram justamente suficientes para lhes permitir perceber a silhueta do médium e dos investigadores. Entretanto, como será visto, o controle não estava na visibilidade do fenômeno e ele poderia ter sido realizado de outra forma, de maneira absoluta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171).

O médium ficava sentado numa cadeira simples, em frente à câmara escura com as cortinas geralmente abertas atrás dele. Isso quer dizer que a

câmara escura e Franek eram supérfluos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171).

O controle nessas condições era extremamente simples. Consistia, essencialmente, de que os investigadores segurassem as duas mãos de Franek, sendo uma à sua direita e a outra à sua esquerda. O contato deste último era feito através dos joelhos e pernas, de modo que Franek não podia fazer nenhum movimento sem ser percebido (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171).

Ele ficava, outrossim, durante toda a duração das sessões, numa imobilidade quase que absoluta. O único movimento que fazia às vezes era, durante o transe, repousar sua testa sobre a superfície da mesa colocada à sua frente ou sua cabeça sobre o ombro de um dos investigadores. Suas mãos não se moviam jamais. Geley relata que é inútil dizer que sempre pensavam na famosa “substituição de mãos”, mas que nunca o viram nem tentar fazer isso (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171).

O truque da substituição de mãos era praticamente impossível de ser executado com os investigadores durante o procedimento e sob seus cuidados. Enfatiza Geley que nada é mais simples que reconhecer, através do contato, uma mão direita ou uma mão esquerda e de não largar nem por um instante a mão que se esteja segurando. Para largar uma das mãos, o enganador deve: 1º - soltá-la sem que o controlador deste não perceba; 2º - colocar em algum lugar a mão que sobrou dos dois controladores sem o conhecimento de nenhum dos dois; 3º - o fenômeno terminado, colocar de volta a mão liberada sob a mão do controlador, sempre sem o conhecimento do mesmo. Ou então, chamaria muita atenção com esse truque. Na sessão de 15 de novembro, sessão das mais importantes, o Professor Richet segurava na mão esquerda e Geley na direita. Durante o transe do médium, Geley aproximou lentamente sua mão que segurava a do médium à mão controlada pelo Professor Richet. E relata que pôde assim sentir, por vezes, as duas mãos do médium e a do Professor Richet. Durante esse tempo, relata que tiveram fenômenos luminosos, contatos e a produção de um modelo de mão materializada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171).

Na sessão de 18 de novembro, que relata ter sido igualmente belíssima, o controle foi assegurado pelo Professor Richet e por M.A. de

Gramont. A cada instante eles repetiam em voz alta: “Eu tenho certeza que estou segurando a mão esquerda” ou “Eu tenho certeza que estou segurando a mão direita.” M.A. de Gramont notou expressamente a imobilidade absoluta do médium. Sua silhueta, que ele distinguia, não deixava passar a percepção de qualquer movimento que fosse. Geley relata poder afirmar formalmente, no que lhe concerne, que sempre controlou com certeza absoluta a mão que segurava. O Professor Richet e M.A. de Gramont também têm a mesma certeza (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.171. Tradução nossa).

O médium não tirou a roupa e nem foi examinado. Entenderam os controladores que um meio de controle parecido com esse não era apropriado com Franek. Contudo, aconteceu com Geley de, várias vezes, inesperadamente, fosse antes ou após as sessões, realizar discretamente um exame sério enquanto auscultava ou apalpava Franek. Geley relata que nunca constatou nada de suspeito. Fora isso, relata que ele tinha o hábito de, durante as sessões, por comodidade, esvaziar completamente seus bolsos e suas roupas eram bem pegadas ao corpo, sem nenhuma protuberância (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.172).

Geley acreditava que um controle mais minucioso não teria vantagem alguma. Expõe que isso será visto claramente pela descrição das experiências. Qualifica que teria sido uma satisfação totalmente platônica despir o médium e colocar nele roupas especiais para as sessões. Uma precaução semelhante seria em vão contra uma prestidigitação, um ilusionismo, hábil e estudado. Ao contrário, argumenta que o mais sutil prestidigitador ou ilusionista ficaria paralisado se tivesse sido colocado nas condições que Franek se encontrava durante as sessões: num local não artificial onde seu acesso seria vetado nos intervalos, sem possibilidade de conluio e com as duas mãos imobilizadas. Quanto às conexões, laços, selos, correntes ou todos os outros procedimentos análogos, eles não conferem nenhuma segurança real, alega Geley, que defende que nada é mais simples e mais seguro que o controle bem feito das duas mãos. Relata que sempre fizeram “a corrente” durante as sessões e nenhum investigador jamais ficou de fora. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.172).

De uma maneira geral, as sessões ocorriam da seguinte forma: os controladores se instalavam, faziam a corrente e os dois controladores

asseguravam-se, sob a claridade da luz, que eles estavam segurando bem a mão direita e a esquerda do médium. A luz vermelha era então diminuída e conversavam enquanto esperavam. Os fenômenos começavam praticamente imediatamente, quando as sessões eram boas. Se prolongavam por uma meia hora após a qual o médium, extenuado, precisava de um pouco de repouso. Faziam um intervalo de um quarto de hora durante o qual Franek bebia grandes xícaras de chá e depois recomeçavam. Havia, muitas vezes, três intervalos durante as sessões. As reações do médium eram as seguintes: ele não se queixava nem suspirava ou gemia. Suas mãos permaneciam sensíveis e aquecidas. Somente a respiração e o pulso aceleravam um pouco. Em resumo, Franek não apresentava imediatamente quase nenhuma das manifestações sensíveis, motrizes e vasomotoras constatadas na maioria dos médiuns e tão presentes com Eva, por exemplo. Por outro lado, a reação consecutiva às sessões era muito forte. Jamais o hipnotizaram. Ele entrava por si só, muito rapidamente, num estado de meio-transe durante o qual ele tinha consciência do que se passava. Muito raramente o transe era total e a inconsciência absoluta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.173).

Num estado de meio transe, Franek devia se manter totalmente passivo. Ele podia observar os fenômenos, mas o menor esforço de atenção ativa ou o menor ato de vontade de sua parte o faziam cessar imediatamente. Ele preferia o meio transe ao transe completo devido ao interesse pessoal que ele tem nas sessões; mas ele estava seguro de que as manifestações são muito mais fortes no segundo estado do que no primeiro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.173).

Ele voltava a si, espontaneamente, assim que aumentavam bruscamente a claridade. E então ele ficava esgotado. Sua prostração era tal que ele devia ficar deitado, como na iminência de uma síncope, sem fazer nenhum movimento numa espreguiçadeira. Uma leve transpiração se produzia; às vezes manifestavam-se desagradáveis palpitações no coração durante alguns instantes. Uma forte sede o forçava a beber água em abundância e depois tudo voltava ao normal pouco a pouco (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.173).

Na sequência das sessões, o sistema nervoso de Franek mostrava por muito tempo sinais de esgotamento e, ao mesmo tempo, de hiperatividade. A insônia era a regra. Por vezes, repetidos vômitos de sangue impunham longas interrupções na prática de sua mediunidade. Os investigadores experimentaram também, mais ou menos, após as sessões, sintomas de fadiga e de irritabilidade. Mas era difícil mensurar, na opinião de Geley, a parte equivalente, nesta fadiga, ao gasto de força vital ou o dispêndio de atenção (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.173).

4.2.2. Substância primordial e fenômenos luminosos

Geley entendia que na época já se conhecia bem a gênese das materializações. Alega que sabiam que os órgãos e tecidos materializados se formavam através de uma substância primordial exteriorizada na maioria das vezes do médium e minoritariamente dos assistentes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.174).

Expõe que a substância primordial se apresentava sob dois aspectos principais: substância sólida ou líquida e substância gasosa. Nas suas experiências com Eva, notou que a substância sólida era predominante e quase que exclusiva. Com a maior parte dos outros médiuns conhecidos, constatou-se o inverso. A substância primordial emergia quase sempre sob a aparência de gás ou vapor e a substância sólida só se observava excepcionalmente. E era assim que acontecia com o Franek (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.174).

Os fenômenos ocorriam geralmente da seguinte forma: antes de qualquer coisa, percebiam um forte cheiro de ozônio. Este cheiro, análogo aos de salas de radioscopia, muito característico, ocorria no início do fenômeno e antes de todos eles, frequentemente no momento do começo da sessão; às vezes antes de entrar no laboratório. Este sintoma premonitório sempre esteve presente nas experiências com Franek (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.174).

O cheiro aparecia repentinamente e desaparecia da mesma forma. Eram vistos então, sob luz bem fraca, vapores levemente fluorescentes, um tipo de nevoeiro flutuando ao redor do médium, sobretudo acima de sua

cabeça. Este nevoeiro se elevava geralmente como uma fumaça leve. Ao mesmo tempo apareciam luzes parecidas com focos de condensação. Essas luzes eram geralmente numerosas, tenras e efêmeras, porém, às vezes, eram mais grossas e duráveis e, nestes casos, davam a impressão de ser como regiões luminosas de órgãos praticamente invisíveis, especialmente a extremidade dos dedos ou de fragmentos de rostos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.174).

Enfim, quando se alcançava a materialização, eram vistos mãos ou rostos perfeitamente formados. Essas mãos ou rostos eram, como o veremos, frequentemente iluminados por si próprios; da mesma forma, às vezes, os tecidos materializados. Sabe-se que M. Le Cour comparou essa gênese de formas materializadas através de um nevoeiro fluorescente à gênese dos mundos através das nebulosas. A comparação é engenhosa na opinião de Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.174).

Os brilhos representavam os primeiros estados da materialização; focos de condensação da "nebulosa humana" emanada dos médiuns. Ocasionalmente esses focos de condensação se extinguíam quase imediatamente; ocasionalmente levavam à organização de formas humanas características. Os brilhos foram os fenômenos predominantes nas sessões com Franek. Nunca faltaram completamente, mesmo nas três sessões anuladas que foram mencionadas. Seu aspecto, dimensão e luminosidade se encontravam, mais ou menos, todas as vezes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.174).

O aspecto era frequentemente o de uma trilha de vapor esbranquiçada e pouco luminosa cuja dimensão e forma variavam constantemente como as de um nevoeiro. Aqui e lá na trilha luminosa constituíam-se pequenos pontos brilhantes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175).

Já em outros casos, afirma Geley que eram brilhos de aparência isolada. Os brilhos tomavam frequentemente a forma de discos quase circulares; e sua dimensão podia atingir a de uma moeda de dois francos e até mesmo uma de cinco francos. Esses discos não eram homogêneos e eram constituídos de vapor luminoso, como uma pequena nebulosa circular na qual predominavam dois ou três pontos brilhantes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175).

Afirma que a centelha destes brilhos era comparável, ao nível de luminosidade e intensidade, à fluorescência de vagalumes. Os brilhos flutuavam sempre ao redor do médium, mas às vezes se espalhavam para mais longe dele. Geley relata que já observou alguns que iam até bem alto, até o teto da câmara escura, à uma altura de 2,50m, e estes brilhavam diferentemente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175).

Geley diz que muitas vezes pôde observar que os brilhos eram rascunhos da formação de órgãos. Reconhecia, por exemplo, extremidades de dedos bem caracterizados. Ao contato, assim como à visão, davam essa impressão. Notou especialmente na sessão de 21 de dezembro: "Cada vez que os controladores eram tocados, vi claramente uma luz se aproximar deles e é no momento preciso do contato desta luz que eles exclamavam: "eu fui tocado." (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175. Tradução nossa).

Na sessão de 12 de novembro: "Dois brilhos bem grandes, como duas meias-luas de pequena dimensão, vão ao encontro uma da outra, juntaram-se, formaram uma massa indistintamente e depois se apagaram (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175, nossa tradução).

Na sessão de 14 de novembro:

"Brilhos se produzem e aumentam rapidamente sua intensidade. São sobretudo abundantes perto do Professor Richet, que os enxerga mal, incomodado com as cortinas da câmara escura naquele momento dobradas. Um desses brilhos é muito interessante: é como uma nebulosa vagamente luminosa; eu acredito que tenha visto um rosto no processo de materialização: esse brilho tem dimensões e uma forma. Está acima do homem, atrás do médium e à sua esquerda, à direita do professor que controla a mão esquerda. Esta forma dura bastante tempo, quase meio minuto. Ela aumenta e diminui alternadamente sua visibilidade".
(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175. Tradução nossa).

Na sessão de 27 de dezembro:

"Os brilhos são exatamente como descritos nas sessões precedentes: nebulosas, vapores fluorescentes, pontos luminosos bem brilhantes, grandes bolas luminosas, etc. Constatamos claramente que os pontos luminosos eram

frequentemente extremidade de dedos. Sempre quando eles nos tocavam, sentíamos o contato de dedos ou de mãos. Um ponto bem luminoso flutuou por pelo menos 20 segundos no alto da câmara escura, de onde clareava o resto acima. Depois desceu lentamente em ziguezague até a cabeça do Conde Potocki que disse imediatamente: "Uma mão toca a minha cabeça".

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.175. Tradução nossa).

Todos os colaboradores tiveram a mesma impressão que Geley.

O professor Richet, no seu relato da sessão de 15 de novembro, descreve "pequenos pontos, mais azulados que verdes, tendo por volta de três milímetros de diâmetro, que vagueavam no ar, às vezes bem longe do médium, levando em conta que ele não fazia nenhum movimento." (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.176. Tradução nossa).

M. Camille Flammarion, no seu relato da sessão de 20 de novembro, à qual assistiu com Mme. Flammarion, descreve assim os brilhos:

(Carta de Mme Flammarion). "Uns tipos de estrelas apareciam aqui e lá, oscilando acima do médium, à direita e à esquerda. Eles se iluminam e deslizam suavemente ao se apagar na semiobscuridade. Diríamos que como fogo-fátuos (nevoeiro fantasmagórico). Alguns desses brilhos se difundiam, se espalhavam bastantes para formar placas luminosas de dimensões variadas.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.176. Tradução nossa).

A impressão de M. e Mme Flammarion está absolutamente conforme a de Geley; mas a interpretação compreendida na última frase não foi exatamente o que Geley admitiu. Acredita Geley que não são os brilhos que se espalham para formar as nebulosas, mas que são, ao contrário, focos de condensação nas nebulosas mais ou menos visíveis emitidas pelo médium. O que parecia certo a Geley é que os fenômenos luminosos são produzidos pela exteriorização da substância primordial sob a forma de vapores e constituem os primeiros estados de materialização com Franek, como com a maior parte dos grandes médiuns. Como já disse Geley, excepcionalmente, a substância primordial, leva com Franek, o aspecto líquido ou sólido. O aspecto líquido é, como com Eva, o de pontos brancos luminosos, espalhados aqui e lá sobre a roupa do médium. Mas esses pontos são bem

mais luminosos que os de Eva, afirma Geley, que todos os fenômenos produzidos por Franek também são mais fluorescentes que os produzidos por Eva (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.176).

O aspecto sólido da substância é, segundo Geley, absolutamente excepcional. No entanto, assinala o seguinte fato na sessão de 14 de novembro: O Professor Richet controlava a mão esquerda do médium. De repente, Geley viu sair do flanco esquerdo do médium uma massa branca que, quase instantaneamente, tomou a forma de uma mão que avançou bem viva até tocar o braço do Professor. No mesmo instante, este último, que não havia visto esta mão, exclamou: "eu fui tocado." Entende ser possível que o mesmo fato tenha se produzido outras vezes e passou simplesmente despercebido. Mas, em todo o caso, Geley afirma que nunca viu cordões de substância saírem sólidos da boca nem dos dedos do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.176).

Geley, antes de finalizar esse item relativo à substância primordial, enfatiza que se deve desconsiderar, como foi feito sucessivamente para todos os fenômenos, a hipótese da possibilidade de uma fraude. Expõe que, quando discute a questão da fraude, é sobretudo para o interesse dos leitores. Destaca que todos que participaram das experiências com Franek sabem que não houve fraude; e que a confiança no médium e na sua evidente lealdade nunca foi enganada; que o seu controle de todas as maneiras não permitia a fraude; mas que deviam agir de tal forma que os leitores sejam levados, se possível, a compartilhar essa sua certeza (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.177).

Nesse caminho, recomenda Geley, que todos se perguntem, em relação a cada categoria de fenômenos, como poderia esse fenômeno ter sido imitado por um prestidigitador, um ilusionista. Afirma ainda que o único meio de imitar os fenômenos luminosos que foram observados seria empregar uma substância fluorescente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.177).

Mas convida Geley o leitor a reler atentamente o relato das experiências, visando que conclua por si mesmo que a imitação de todos os fenômenos teria apresentado dificuldades práticas insuperáveis. Nesse sentido elenca quatro argumentos.

O primeiro argumento é o de que as luminosidades eram pluridimensionais. Não se tratava somente de pontos brilhantes, mas de nebulosas, de brilhos de dimensões variáveis. Esses brilhos apresentavam, a seu ver, a muito curiosa singularidade, de não somente aparecer repentinamente, o que pode se compreender, mas também de desaparecer também repentinamente, o que argumenta ser mais difícil de explicar se fosse um truque com uma substância fosforada. Enquanto duravam, eram vistos às vezes aumentar e diminuir sua visibilidade e brilho, lenta e progressivamente, o que argumenta não ser fácil reproduzir (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.177).

O segundo argumento é o de que os brilhos eram por vezes numerosos e concomitantes, sendo que flutuavam à direita, à esquerda e acima do médium. Espalhavam-se para longe do alcance das mãos de Franek, porque o médium nunca se mexia da cadeira sobre a qual estava sentado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.177).

O terceiro argumento é o de que os brilhos representavam frequentemente dedos ou rostos esboçados (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

O quarto argumento é o de que os brilhos não eram fogos projetados no ar que caíam no chão. Eles apresentavam uma intenção, comportando-se como organismos vivos. Geley relata que percebeu e que muitas vezes viu um brilho se aproximar de algum dos colaboradores que então exclamaram ao contato com o brilho: "eu fui tocado." (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178. Tradução nossa).

Portanto, conclui Geley, em resumo, que a simulação do fenômeno só seria possível com o uso de mãos humanas e de extremidades digitais revestidas de substância fluorescente. As mãos teriam que manusear diversos simulacros e máscaras igualmente fluorescentes. Toda essa fabulação pressupõe que deveria haver uma sala fraudada ou um prestidigitador, um ilusionista livre para realizar movimentos. Argumenta que isto seria impossível em seu laboratório e nas nossas condições experimentais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

Argumenta ainda que, supondo que se liberasse uma das mãos pelo famoso método da substituição, essa liberação teria como que por milagre

escapado aos seus olhos. Afirma que, mesmo neste caso, a simulação dos fenômenos observados não teria sido possível, já que o afastamento, a multiplicidade simultânea de luzes, as alternativas de aumento ou diminuição da visibilidade, as formas dos rostos, tudo isso não poderia ter sido imitado pelo uso de uma única mão liberada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

4.2.3. Materialização de membros humanos

Geley inicia este item relatando que puderam constatar a materialização de membros humanos pela visão, pelo tato, e pelo molde de tais membros (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

4.2.3.1 Constatação de materializações de membros humanos pela visão

A luz fraca que tinham intencionalmente à sua disposição durante as sessões lhes permitiu fazer poucas observações nesse quesito. Já foram mencionados os esboços de mãos luminosas e a formação de uma mão através de substância sólida vinda da lateral esquerda do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

Em outros casos, foi vista uma mão materializada pegar uma das telas luminosas e clarear ao mesmo tempo um rosto, tudo isso fora do alcance do médium. Outras vezes, viram as telas estendidas não pela extremidade, mas por um de seus lados: dedos dobrados faziam manchas sob a superfície luminosa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

Na sessão de 20 de novembro, Geley notou o seguinte fenômeno, que se passou na segunda parte da sessão: Geley segurava a mão esquerda e o conde Jules Potocki segurava a mão direita, o controle estava perfeito. Entre outros fenômenos importantes que serão descritos oportunamente, Geley repentinamente viu formar-se uma mão longa e fina na extremidade de um braço atravessando lentamente o círculo, passando na frente do médium e acabando por tocar a Madame Geley, que ajudava a sessão e estava bem em frente a Geley. Essa mão inteira, o antebraço e o braço eram visíveis. Era a mão de um homem, muito bonita. O pulso era fino. O antebraço e o braço

eram revestidos de um tecido de linho branco com dobras longitudinais bem simétricas. O médium usava um paletó preto. Em seguida, após Madame Geley ter sentido o contato, a mão desapareceu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.178).

4.2.3.2 Constatação de materializações de membros humanos pelo tato

Apesar de apenas terem raramente visto mãos materializadas, alega Geley que as perceberam muito frequentemente pelo tato. Os contatos de mãos constituíram, depois das luminosidades, o fenômeno mais frequente das suas experiências com Franek. Eles foram percebidos em todas as sessões de êxito. Os contatos foram sobretudo sentidos pelos dois controladores; mas também, apesar de menos frequentemente, pelos outros colaboradores. Alega que davam quase sempre a impressão de serem mãos humanas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.179).

Relata que tais mãos eram quentes, da temperatura normal das de pessoas vivas. Elas encostavam ou acariciavam especialmente as mãos, os braços ou a cabeça dos investigadores. Esses contatos eram sempre leves e doces, jamais violentos ou brutos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.179).

Alguns relatos analíticos de Geley nesse sentido.

Na sessão de 8 de novembro, Geley controlava a mão direita do médium e percebeu toques e carícias de dedos sobre o seu braço esquerdo e sobre sua cabeça. Na sessão de 11 de novembro ocorrem os mesmos contatos, especialmente sobre a sua cabeça. Geley controlava a mão direita. Na sessão de 12 de novembro, Geley percebe, além dos contatos habituais, o toque de leve de um véu sobre a figura. Geley controlava a mão direita (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.179).

Na sessão de 15 de novembro, sob perfeito controle como descrito acima, as duas mãos do médium contidas, uma pela mão direita do Professor Richet e a outra pela mão esquerda de Geley. Os dois controladores e seus vizinhos perceberam os contatos mais diversos, geralmente de dedos de mãos, depois do toque de leve de um véu e outros toques leves indefinidos. O Professor Richet, no seu relato, observou: “Quatro ou cinco vezes senti

toques bem leves, que comparo ao farfalhar de um véu ou às asas de uma borboleta. Uma vez senti no meu queixo dedos bem leves, como os de uma criança ou de uma menina pequena.” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.179. Tradução nossa).

Na sessão de 18 de novembro de 1920, “Os contatos foram percebidos imediatamente pelo Professor Richet e M.A. de Gramont, ambos controladores. Os outros investigadores, apesar de estarem menos perto, também sentem toques semelhantes.” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.179. Tradução nossa).

Na sessão de 20 de novembro, o controle foi feito à direita pelo Sr. Flammarion e à esquerda por Geley. Os contatos foram muitos e sentidos por ambos. O Sr. Flammarion cedeu seu lugar à Madame Flammarion que percebeu as mesmas sensações (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.179).

Seguem os relatos de Madame Flammarion:

“Eu afirmo que durante todo o tempo em que estive à direita do médium, em nenhum momento o dedo mindinho da sua mão direita soltou-se do dedo mindinho da minha mão esquerda e estava bem agarrado ao meu.

Meu marido havia sido tocado por uma mão invisível primeiro no braço esquerdo e depois no ombro no momento em que ele estava à direita do médium.

Quase imediatamente após tomar seu lugar, eu também fui tocada. Uma mão invisível percorreu todo o meu corpo, começando pelo lado esquerdo e passando rapidamente ao direito... Várias vezes tive a sensação de uma forma aproximando-se de mim, eu a sentia vir e ela me tocava.... Na segunda parte da sessão, os toques recomeçaram ao longo do meu corpo. Eu sentia claramente vir em minha direção algo de invisível. Uma mão percorreu meus cabelos, tentou pegar meus pentes, não os pegou, mas me descabelou completamente. Ao mesmo tempo, senti golpes de cima a baixo e, sob minha cadeira a palha foi levantada. Tive a sensação que havia alguém à minha esquerda. Uma mão que tateava começou a raspar a mesa e parecia procurar algo.... Insisto no fato de que antes de ser tocada, eu sempre senti vir em minha direção alguma coisa ou alguém, de modo que no final eu não me surpreendia mais; é como se eu fosse avisada que seria tocada”.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.180).

Na mesma sessão, o conde Potocki viu uma mão passar diversas vezes diante de seus olhos e depois pegar a de Geley e apertá-la cordialmente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.180).

Na sessão de 23 de novembro de 1920, como na do dia 15, Geley relata que conseguiu segurar as duas mãos do médium com a sua mão esquerda e concomitantemente a mão do 2º controlador. Relata ter constatado que, nestas condições, foi longamente tocado no braço esquerdo e sobre a cabeça por uma mão bem formada. Num determinado momento, uma mão pegou seu braço e o jogou-o tão violentamente para trás que soltou as mãos do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.180).

Na sessão de 20 de novembro, perto do final, aconteceram manifestações de ordem intelectual as quais serão expostas mais adiante. Geley relata ter recebido comunicações bem claras. Em uma delas, pediram que cantassem. Cantaram em voz baixa o hino “La Marseillaise”. Assim que terminaram o primeiro verso, escutaram aplausos bem altos na câmara escura atrás do médium. E cada verso foi assim aplaudido. O mesmo fenômeno se reproduziu na sessão de 27 de novembro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.180).

4.2.3.3 Moldes de membros humanos materializados

Em relação aos moldes de membros humanos, relata que puderam obter uma prova objetiva e formal, com absoluta garantia, da materialização de membros humanos pelo método dos moldes na parafina. O método é conhecido, conforme Aksakof em seu livro Animismo e Espiritismo e Delanne: as aparições materializadas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.180).

Geley afirma que as suas experiências diferem das dos seus predecessores pelo fato de que nas suas obtiveram a certeza da autenticidade metapsíquica dos moldes e da sua produção durante as sessões. Para tal, empregaram um método inédito de controle. Enfatiza que o capítulo das experiências é dos mais importantes e por isso dedicará grande parte do próximo número (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.181).

Entretanto, antes disso, como foi feito para os fenômenos luminosos, abre a questão sobre as impressões de órgãos materializados, pela visão e

pelo tato, serem explicáveis por uma fraude. Afirma que, nas condições onde realizam, o seu laboratório, protegidos de qualquer truque premeditado e qualquer conivência, somente um procedimento de fraude seria possível: o que já havia considerado e era a substituição de mãos, onde uma das mãos do médium, astuciosamente liberada, produziria todos os fenômenos. Alega que já mostraram bastante como o foi controle e com relação a essa possibilidade, foi totalmente satisfatório. Mesmo admitindo essa hipótese de liberação de uma mão, entende que essa hipótese seria insuficiente para explicar todos os fatos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.181).

Enfatiza que todos os contatos foram principalmente sentidos pelos controladores que ficavam ao lado direito e esquerdo do médium. Mas esses contatos também foram algumas vezes sentidos por seus vizinhos, fora do alcance das mãos do médium sentado. Além disso, argumenta que os contatos percebidos pelos controladores eram frequentemente sentidos simultaneamente, de modo que uma só mão não poderia tê-los produzido. Enfim, a mão liberada teria que passar na frente do médium para tocar o controlador mais distante dela, quer dizer, o da direita, se fosse a mão esquerda a liberada, ou o da esquerda, se fosse a mão direita a liberada e este movimento, apesar da pouca luz, teria que passar despercebido. Afirma que no caso no qual foi visto uma mão atravessar o círculo, diante do médium, essa mão não parecia com a do médium. O braço e antebraço estavam revestidos de um tecido de linho branco com longas dobras longitudinais, enquanto que o médium estava de paletó preto. Neste caso, Geley controlava precisamente a mão esquerda do médium e foi perto de Geley que se formou a materialização. Geley afirma ter absoluta certeza de que não largou a mão do médium que ele segurava. Conclui que são capazes de declarar claramente que os fenômenos observados não poderiam ser atribuídos à liberação de uma mão do médium e finaliza argumentando que, nas suas condições experimentais, a autenticidade das materializações de mãos deve ser considerada incontestável (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1921, p.181).

Portanto, a maior parte das sessões com o M. Franek Kluski foi visando à obtenção de modelagens de membros humanos materializados. Esses membros, tal como percebidos pela vista e pelo contato, foram tão

perfeitos que decidiram tentar obter um registro irrefutável nas condições de controle. Uma outra razão determinante é a de que, nas experiências precedentes de materialização, não puderam obter esses registros.

Nos três meses durante os quais tiveram certeza e que reservaram os serviços da médium Eva no laboratório de Geley sob sua responsabilidade e controle pessoal, fazendo eles mesmos todas as manipulações instrumentais, os resultados obtidos foram de suma importância. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.221).

Geley argumenta que, com Eva, puderam, após tais sessões, afirmar com certeza absoluta a realidade dos fenômenos e eliminar todo engano concebível; obtiveram fotografias de rostos que, pela perfeição dos traços e detalhes do processo de materialização, tornaram-se e serão sempre clássicos; além disso e sobretudo, destaca que puderam tirar de suas experiências induções filosóficas inéditas e uma interpretação biológica que não foi refutada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.221).

Por outro lado, com Eva, todas as tentativas de tirar modelos de mãos materializadas foram infrutíferas. Por isso havia a indicação de recomeçar essas tentativas, dentro de novas condições, com Franek. Recorreu Geley ao velho procedimento da parafina derretida, descrito extensivamente por Aksakof em seu livro *Animismo e Espiritismo*. Esse procedimento é o único que se sabia permitir obter modelagens muito rapidamente e ao mesmo tempo completas. É também o único método que foi bem adaptado a condições tão especiais da materialização metapsíquica. Os outros procedimentos, para Geley, são muito inferiores, já que o emprego de substâncias plásticas, ou de fumaça negra, podem até dar bons resultados, mas resultados necessariamente parciais. Já o gesso é inutilizável porque não se pode prever com antecedência em que momento o fenômeno se produziria e porque a “pegada” do gesso é bem mais lenta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.221).

As modelagens de parafina consistem de um recipiente contendo a parafina derretida flutuando sobre a água quente. Ele é colocado perto do médium durante as sessões. Pede-se à “entidade” materializada que mergulhe uma mão, um pé ou mesmo uma parte de seu rosto várias vezes dentro da parafina. Forma-se quase que instantaneamente uma modelagem

exata aplicada sobre a parte em questão. A modelagem endurece rapidamente em contato com o ar ou com a água fria que fica em um recipiente ao lado. Depois disso, a parte orgânica em questão se desmaterializa e deixa o modelo para os investigadores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.222).

Depois é possível verter gesso nessa modelagem: depois de retirar a parafina afundando-a em água fervente. Por fim, fica o modelo em gesso que reproduz todos os detalhes da parte materializada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.222).

O dispositivo que Geley empregou estava de acordo com esse método. Mas não utilizaram o recipiente de água fria para o resfriamento dos moldes por uma questão de simplificação e de segurança do controle. Geley e sua equipe não tinham mais que um recipiente e ele continha água quente e parafina. Esse recipiente tinha 30cm de diâmetro. Um quilo de parafina flutuava na superfície da água quente, o que fazia uma concha de cerca de 10cm de espessura. O recipiente era, na verdade, muito pequeno e a quantidade de parafina muito baixa, sendo essas dificuldades e defeitos que entenderam que deviam ser evitados no futuro, como será visto adiante (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.222).

O recipiente era colocado sobre um fogareiro elétrico, mas o calor da parafina era tal que precisaram interromper o processo antes de começar as sessões. O resfriamento da parafina se fazia então paulatinamente e, às vezes, rápido demais. Planejaram que, no futuro, utilizariam um fogareiro que fornecesse uma temperatura constante e moderada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.222).

O recipiente e o fogareiro eram colocados sobre uma mesa, em frente ao médium e a 60cm dele. Como já exposto, os investigadores faziam uma corrente ao redor da mesa e dois controladores seguravam um a mão esquerda e o outro a mão direita de Franek. Uma luz vermelha bem fraca deixava ver a silhueta, sempre imóvel, do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.222).

Foram obtidos ao todo nove moldes, dos quais sete de mãos, um de pé e um da parte baixa da face, lábios e buço. Este último de dimensão normal: os outros oito são menores que o natural e parecem reproduzir os

membros de uma criança de cinco a sete anos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.223).

Os moldes se formavam através de um pedido durante a sessão. O procedimento começava geralmente depois de um bom tempo, vinte minutos em média e era bem rápido, um a dois minutos e às vezes menos. Essa rapidez não aconteceu sem lhes surpreender, porque a parafina à temperatura do ar externo não se solidifica assim tão rapidamente. Concluiu Geley que, de acordo com o médium, parece que as entidades operantes podem, conforme sua vontade, modificar consideravelmente a temperatura do membro e do resfriamento para acelerar a captura da parafina com o seu contato. Geley dá uma explicação de modo a ressaltar que as mãos dos médiuns em transe experimentam elas próprias frequentemente um resfriamento brusco e considerável (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.223).

A luz escassa não lhes permitia observar em primeira mão o fenômeno, mas relatam que sabiam pelo barulho da mistura do líquido. O procedimento se fazia em dois ou três tempos. A mão que se movimentava era mergulhada dentro do recipiente, saía com os dedos impregnados de parafina quente que tocavam as mãos dos controladores e depois era novamente mergulhada no recipiente. Após o procedimento, a luva de parafina, ainda quente, mas já sólida, era depositada geralmente sobre a mão de um dos controladores. Foram obtidos assim dois moldes (vide figuras 1 e 2) na sessão de 8 de novembro de 1920 (1ª sessão); dois outros (vide figuras 3 e 4) na sessão de 11 de novembro (2ª sessão); somente um (vide figura 5) na sessão do dia 15 (5ª sessão); duas (vide figuras 6 e 7) na sessão do dia 27 de dezembro (10ª sessão); duas (vide figuras 8 e 9) na sessão do dia 31 de dezembro (11ª e última sessão) (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.223).

4.3. Relatos

Os principais relatos serão analisados a seguir.

4.3.1. Sessão de 15 de novembro de 1920 – 5ª sessão

Foi durante esta sessão que Geley pôde aproximar sua mão esquerda, que controlava a mão direita do médium, até o contato da mão esquerda, controlada pela mão direita do Professor Richet, de maneira que Geley relata que, às vezes, sentia três mãos debaixo da sua, as duas mãos do médium e a do Professor Richet (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.223).

“Ao final de cerca de quinze minutos, percebemos distintamente um marulhar no recipiente da parafina. O Professor Richet sente sobre sua mão direita dedos impregnados de parafina quente. Um pouco de parafina é colocado sobre sua mão. As manipulações duram um bom tempo: cerca de dois minutos e temos a impressão de que dois moldes serão produzidos. Não foi assim. O médium parecia exausto, eu aumento a luz vermelha e ele desperta. Só achamos um molde: é a mão de uma criança, mão direita, o dedo indicador esticado e os outros dobrados (vide figura 34). A mão é completa até o punho. Há muita parafina no chão e sobre as roupas do médium. O peso restante no recipiente atinge oitenta e três gramas e o molde pesa vinte e cinco gramas. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.223).



Figura 34 – mão direita de uma criança, com o dedo indicador esticado e os outros dobrados.

4.3.2. Sessão de 27 de dezembro de 1920 - 10ª sessão

Geley afirma que o controle foi perfeito. A mão direita de Franek era o Professor Richet que segurava e, a esquerda, o Conde Potocki. Muitas vezes os dois controladores afirmaram: “Estou segurando bem a mão direita” e “Estou segurando bem a mão esquerda”. Ao final de quinze a vinte minutos, escutam o marulhar na parafina. As mãos operantes estavam cheias de

parafina quente sobre as mãos dos controladores. Antes da sessão, o Professor Richet e Gustave Geley sempre adicionavam um corante azul à parafina que tinha, em blocos, uma coloração azulada. Isso foi feito em segredo para poder afirmar que os moldes eram constituídos pela parafina do recipiente e não eram moldes feitos previamente trazidos por Franek ou qualquer outra pessoa e colocados à mesa com destreza, apesar do controle (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.224).

A duração da operação foi, como era habitualmente, de um a dois minutos. Conseguiram dois moldes admiráveis das mãos direita e esquerda, da dimensão da mão de crianças de cinco a sete anos. Esses moldes eram em parafina azulada. A nuance é rigorosamente a mesma da parafina do recipiente (vide figuras 35 e 36). (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.224).



Figura 35 – Fotografia do dorso das mãos direita e esquerda, da mesma dimensão da mão de crianças de cinco a sete anos.



Figura 36 - Fotografia da face palmar das mãos direita e esquerda, da dimensão da mão de crianças de cinco a sete anos.

O peso do recipiente antes da sessão era de 3,92kg e, após a mesma, de 3,8kg. Faltavam então 120g. Ambos os moldes pesavam 50g. O resto é representado por uma notável quantidade de parafina encontrada no chão, perto do médium, cerca de 13g; no chão, bem longe do médium, a cerca de 3m, 1g e 2g num local onde ele não poderia ter ido, perto dos aparelhos

fotográficos. E a última parte de parafina estava aderida ao chão e não foi desmanchada para ser pesada, mas havia uma boa quantidade, pelo menos 25g. O médium não se aproximou deste local em nenhum momento nem antes nem após a sessão. E, enfim, foi achada parafina nas roupas e sobre as mãos do médium, mãos que os controladores não soltaram (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.224).

Geley faz referência aos trabalhos de Crawford na Revista de Metapsíquica, edição de março-abril de 1921, expondo que as observações estão em total consonância com as dele. Nas experiências de pegadas na argila, ele encontrava, após as sessões, argila, da mesma forma que Geley encontrou parafina no chão, na mesa, sobre os assistentes e sobre o médium que estava imóvel na cadeira. Encontrava-se um pouco de argila até mesmo nas botas do médium, da mesma forma que Geley detectou parafina até sobre as roupas íntimas de Franek. Conclui com isso que a consonância das pesquisas é assustadora (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.225).

4.3.3. Sessão de 31 de dezembro de 1920 - 11ª sessão

Gustave Geley, em comum acordo com o Professor Richet, decidiu incorporar à parafina uma substância solúvel no corpo e detectável por uma reação química. Após numerosas tentativas e erros, Geley escolheu o colesterol e vertia 5g em cerca de 1,2kg de parafina quente. Somente uma parte dessas 5g era susceptível à dissolução, o suficiente para obter mais tarde a reação esperada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.225).

Geley diversas vezes tentou ao transferir um pouco de parafina dessa forma tratada e detectar a presença do colesterol. Geley viu que a reação era evidente, afirmando que essa reação é clássica, consistindo em dissolver um pouco de parafina no clorofórmio e logo em seguida colocar ácido sulfúrico. Uma coloração vermelha se produz lenta e progressivamente e, pouco a pouco, se torna marrom. A parafina comum, sem adição de colesterol, não produz coloração quando tratada dessa maneira. Dessa forma, entendia ter assim um meio indubitável de ver se os moldes eram feitos durante a sessão e com sua própria parafina, afirmando que a evidência de seus sentidos foi confirmada com certeza matemática. As manipulações foram feitas por Geley

imediatamente antes da sessão, em segredo absoluto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.225).

A sessão ocorreu em duas partes.

A primeira parte não trouxe resultados significativos, apenas alguns poucos pontos de luz e contatos. O médium estava muito cansado já que uma nevralgia dentária o fazia sofrer há oito dias e o impedia de dormir. Após um intervalo de vinte minutos, o médium se sentia melhor e recomeçaram a sessão. O recipiente de parafina ficava sobre a mesa retangular, a cerca de 60cm do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.225).

O controle era perfeito e foi verificado diversas vezes em voz alta. Geley diminuiu o mais que pode a luz vermelha a fim de facilitar os fenômenos. De repente, escutaram um marulhar na parafina e esperaram ansiosamente. A parafina quente foi projetada em direção ao médium, ao Professor Richet, ao Doutor Geley e ao Conde Potocki. O médium sentiu-se cansado, Geley aumentou a luz vermelha e foi percebido imediatamente sobre a mesa, entre o médium e o recipiente, dois moldes. Um molde era de um pé de criança com admirável perfeição nos contornos e ia até o fim do tarso. (Vide figuras 37, 38 e 39). O segundo era um molde da região inferior da face de um adulto. Foram distinguidos o lábio superior e inferior, a cova subjacente e o queixo barbudo. E havia uma verruga abaixo do lábio inferior, à esquerda (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.226). (vide Figura 40).

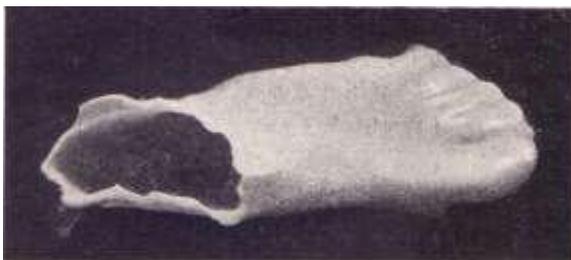


Figura 37 - Molde de um pé de criança.



Figura 38 - Face dorsal de um pé de criança.



Figura 39 – Face palmar de um pé de criança.

O defeito encontrado na aresta exterior foi devido a um colapso da parafina após a remoção do pé materializado.



Figura 40 - Parte inferior do rosto, lábios, queixo e barba.

Examinaram cuidadosamente os moldes. Sua cor azulada era exatamente a mesma da parafina deles, cuja nuance nesse mesmo tom Geley havia mencionado antes da sessão. Além disso, constatou-se um fato que, por si próprio, provava que o molde do pé foi realmente feito com a parafina deles, qual seja, a tintura azul que havia sido colocada em excesso: a mistura não se dissolveu por completo e formou no recipiente, abaixo da parafina, caroços espalhados por aqui e ali. Desta forma, no molde do pé, à altura do terceiro dedo, constatou-se a presença de um desses caroços incorporados na parafina que se solidificou acima. O caroço, segundo Geley, tinha a dimensão de uma cabeça gorda de alfinete de vidro e era azul escuro. O caroço era idêntico aos outros que ficaram no recipiente, concluindo então que ele foi conduzido pelo ectoplasma que agitou a parafina e incorporado ao molde (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.226).

Esta prova, imprevista e que não foi buscada, foi convincente, conclui Geley que, imediatamente após a sessão, retirou pequenos fragmentos das bordas do molde do pé. Depois colocou-os em um tubo de ensaio e os dissolveu com clorofórmio. Adicionou ácido sulfúrico e a cor vermelha, característica da presença do colesterol, se desenvolveu, aumentou e escureceu pouco a pouco (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.226).

Foi feita uma prova da comparação feita com a parafina pura em que o resultado foi negativo. O líquido permaneceu branco com a cor ligeiramente

amarelada do ácido sulfúrico decorrente da oxidação da rolha que fechava o tubo, não se modificando nem um pouco. A prova era então absoluta, concluiu Geley: os moldes foram feitos com a sua parafina e durante a sessão. A partir de então pode afirmá-lo categoricamente tomando como base não somente as experiências, as precauções tomadas e as testemunhas das suas impressões, mas também a presença da coloração azulada idêntica nos moldes e no recipiente, a incorporação acidental de um caroço azul no molde do pé e enfim a reação que detectou a presença do colesterol. O peso também estava de acordo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.226).

Antes da sessão, o peso do recipiente de parafina era de 3,735kg. Após a sessão, faltaram 75g. Os moldes pesavam 55g. Os 15g que faltavam correspondem à parafina encontrada abundantemente em pontos sobre as roupas dos controladores, na manga esquerda do Professor Richet, na manga esquerda do Doutor Geley e na perna esquerda do Conde Potocki (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.227).

Abaixo a fotografia dos moldes, prancha 1.

Todos, exceto o molde da face, representam, em termos de dimensão, membros de crianças. O comprimento dos moldes de mãos era de treze a catorze centímetros. Largura máxima de sete centímetros. Havia quatro mãos direitas, três mãos esquerdas e um pé esquerdo. Esses moldes eram todos diferentes a notar pela posição dos dedos e também, apesar de ser menos perceptível, pelo tamanho. Esses detalhes serão melhor vistos na fotografia e na descrição dos moldes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.227).

Todos os moldes eram de extrema agudeza. Suas arestas eram medidas com compasso e não tinham mais de um milímetro de espessura, em todas as regiões dorsais e laterais. Na região palmar, a espessura era de aproximadamente dois a três milímetros e havia caroços de parafina que provavam que esta última se acumulava pela ação da gravidade abaixo da mão. As arestas dos moldes em determinados locais eram ainda mais finas, ao ponto de se desfazerem espontaneamente pela dessecação, por onde escorria, através de fendas minúsculas, um pouco do gesso colado depois nas formas. Geley chamou a atenção para a agudeza das arestas dizendo

que seria compreendida a importância deste detalhe (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.227).

Expôs que os moldes não eram sem defeitos. Apresentavam, na base, ao nível do pulso e um no dorso da mão (vide figura 41), regiões lisas e flácidas onde os detalhes da pele estavam como que apagados. Esse defeito se deu devido à invasão da água quente entre a mão operante e a camada de parafina na superfície da luva. Relata que foi encontrada uma quantidade ínfima de água incorporada à parafina em todas essas regiões defeituosas. Geley e os demais experimentadores reproduziram defeitos análogos fabricando luvas de manequim com uma mão de borracha afundando na água sob a parafina (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.227).



Figura 41 - Na base, no nível do pulso e no dorso da mão, apresentam-se regiões lisas e flácidas, onde os detalhes da pele estão como que apagados.

Outro defeito observado foi devido à superposição de muitas camadas de parafina. Esses defeitos provinham de duas causas. A primeira causa era devido ao recipiente da parafina ser muito pequeno, por isso a dificuldade da mão operante de mergulhar por inteira de uma vez só na parafina. Ela devia, por exemplo, mergulhar primeiro dois terços, ser retirada e depois novamente mergulhada e revirada de modo a impregnar por sua vez a região que faltou da primeira vez. A segunda, a mais grave, porque poderia lhes fazer desconfiar de uma adaptação, era a que provinha da introdução de água quente entre a pele e a camada de parafina pelo orifício da luva. Isso aconteceu porque a camada de parafina flutuando sobre a água não era espessa o suficiente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.228).

Esses dois erros técnicos deviam ser evitados no futuro, concluiu Geley, sendo sobretudo por isso que ressaltou expressamente que em experiências deste tipo era importante utilizarem um recipiente bem grande e de grande quantidade de parafina, ou seja, de 10kg a 15kg (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.228).

Foi mantido, à título de documentação, apenas um dos moldes de parafina, o de número 7. Todos os outros foram preenchidos com gesso, depois mergulhados em água fervente para retirar a massa de parafina, obter o novo molde e permitir fazer um exame atento dos detalhes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.228).

Abaixo são expostas as fotografias da face dorsal e palmar dos gessos. Essas fotografias são quase no tamanho natural, dispensando descrições das formas, dimensões e outras generalidades (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.228).

Detalhes importantes assinalados:

No molde número 5 (vide figuras 42 e 43), a posição dos três últimos dedos dobrados com o indicador esticado merece toda atenção, será visto mais adiante o porquê (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.228).

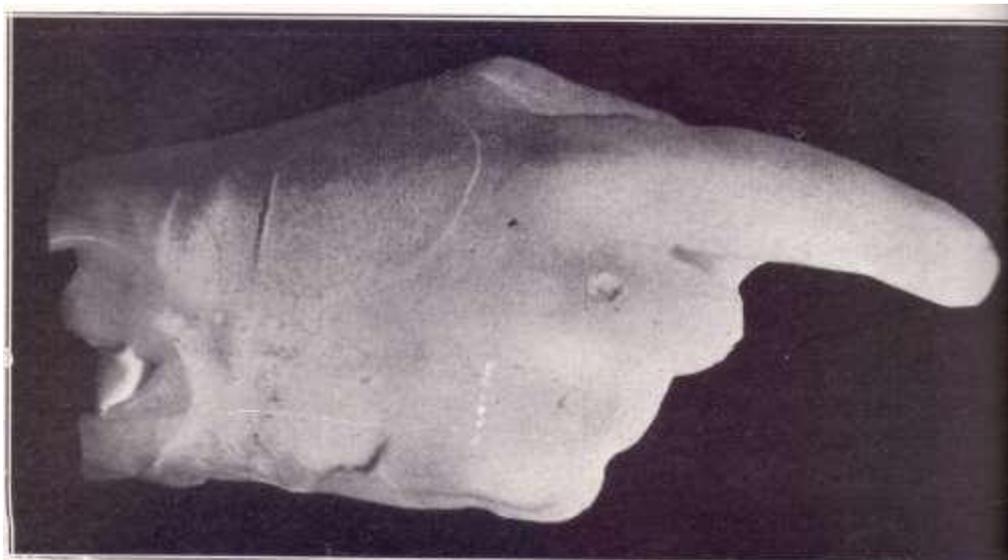


Figura 42 – molde número 5, mão com dedo indicador em riste.



Figura 43 – molde número 5. Face palmar da mão com dedo indicador em riste.

No molde número 3 (vide figura 44), na face dorsal se apresentam várias dobras longitudinais. Essas dobras da pele, devido à extensão forçada da mão sobre o pulso, são visíveis em diferentes pontos de vista e serão examinados. Na face palmar, nota-se a clareza das linhas da mão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.228).

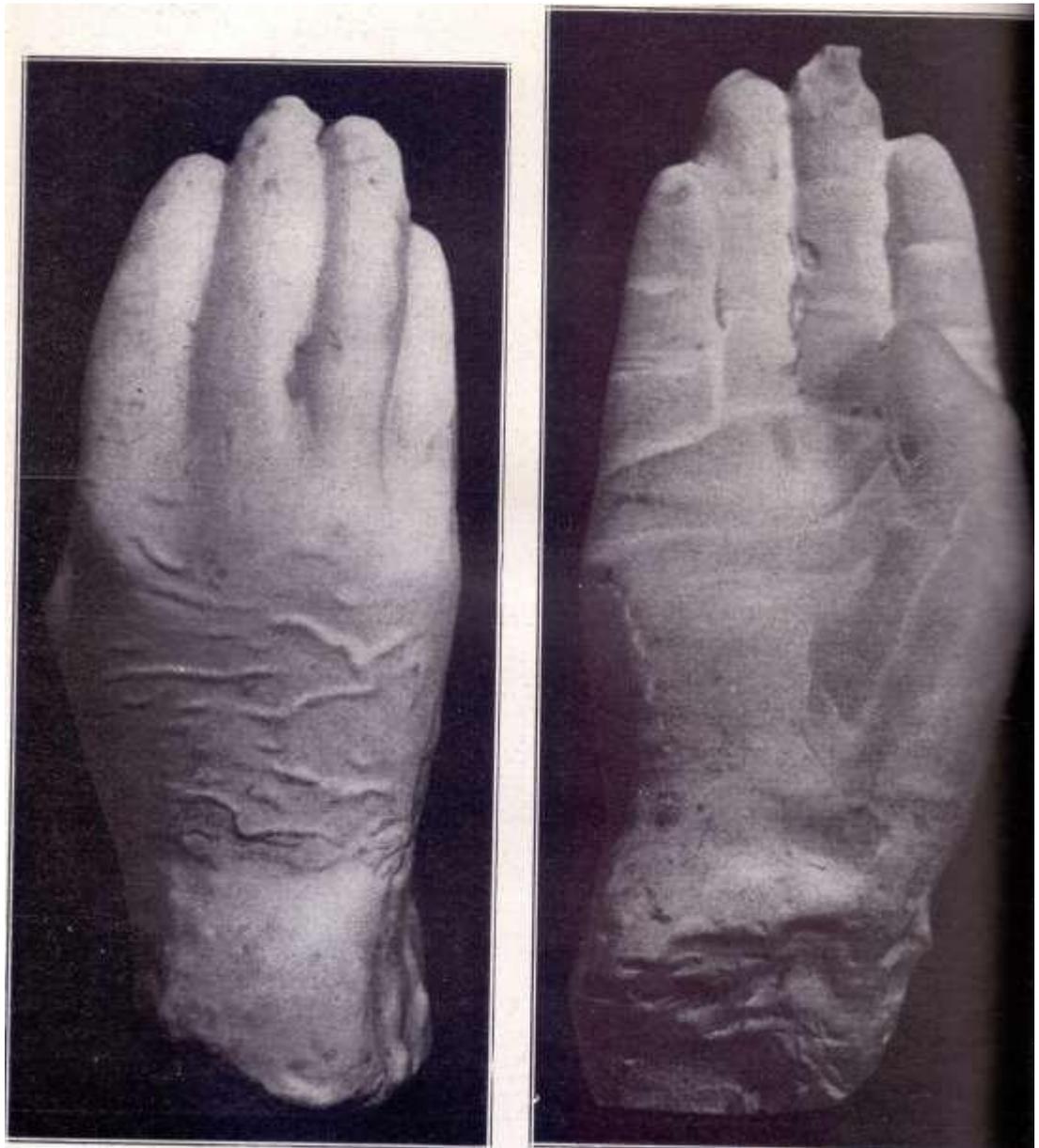


Figura 44 - Molde 3: moldes do dorso e palma de mãos.

O molde número 6 (vide figuras 45 e 46), na face dorsal, permite que se observem todos os sulcos da pele. Da mesma forma o molde número 1 (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.5, 1921, p.228).



Figura 45 - molde 6: face palmar.



Figura 46 - molde 6, face dorsal.

Da mesma forma, o molde número 1 (vide figuras 47 e 48), na face dorsal, permite que se observem todos os sulcos da pele.

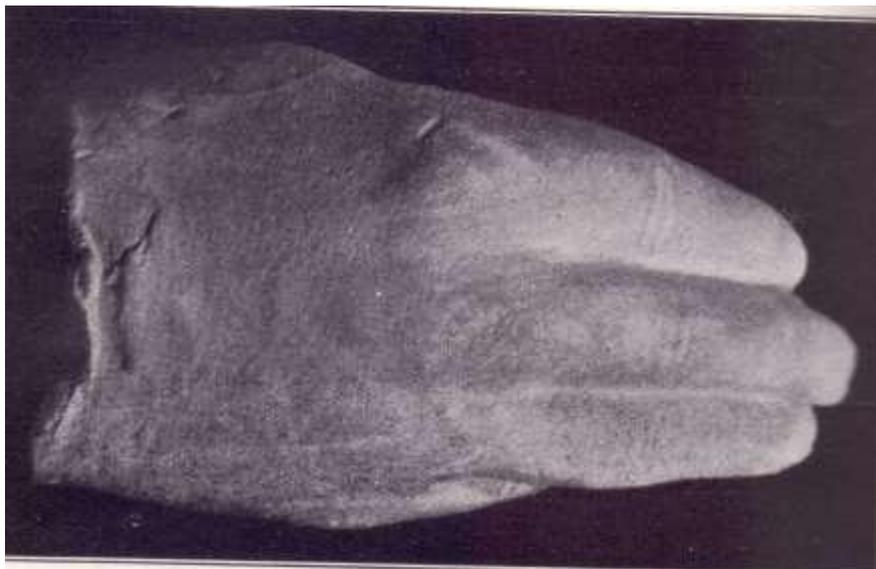


Figura 47 - Molde 1: Face dorsal.



Figura 48 - Molde 1: Face palmar.

Geley lamentou os detalhes das fotos serem menos claros que nos moldes. Mas entende que foram suficientes para se perceber que esses últimos constituem uma representação perfeita da mão humana. Expõe que não levaram mais a fundo as investigações, nem procuraram, por exemplo, estabelecer uma identificação da “entidade” operante pelos sulcos e linhas da mão. Entretanto, constataram que os sulcos e linhas não tinham nenhum traço em comum com os da mão do médium (REVUE MÉTAPHYSIQUE, n.5, 1921, p.229).

Na mão direita do médium, a linha dita da vida na linguagem das cartomantes e a linha dita da cabeça tinha uma característica bem marcante: essas duas linhas, na sua base, eram claramente separadas por um espaço de dois a três milímetros. Nos moldes, as duas linhas se confundiam na sua base. As unhas não se pareciam com as do médium e a distância relativa dos dedos é diferente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.229).

Argumenta ainda que todos os moldes de mãos denotavam que se originavam da mesma entidade. Nesse sentido, as linhas da mão eram sempre as mesmas. No entanto, nota claramente que os gessos não eram exatamente do mesmo tamanho: o número 6 (vide figuras 45 e 46) é menor que o número 3 (vide figura 44), por exemplo, um centímetro de diferença na maior distância (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.229).

4.4. Discussão sobre a autenticidade metapsíquica dos moldes

Da mesma maneira que Geley fez com as outras categorias de fenômenos, impõe-se uma discussão completa sobre a autenticidade metapsíquica dos moldes. Nesse sentido, argumenta que autenticidade está além do testemunho e do rigor do controle, estando presente em provas objetivas irrefutáveis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.229).

A primeira questão que expõe era se os moldes foram feitos de membros humanos ou de simulacros de membros humanos. A resposta não deixa nenhuma dúvida, argumenta, já que encontraram todas as características de membros humanos, quais sejam, a forma perfeita, linhas da mão, unhas, sulcos na pele, marcas de protuberâncias de ossos, de tendões e por vezes veias das costas da mão, concluindo Geley não faltar nada (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.229).

Foram mostrados os moldes em gesso para artistas, pintores, escultores, moldadores e para vários amigos de Geley, médicos. Todos foram unânimes em afirmar tratar-se de moldes humanos. Naturalmente, nada permite a distinção entre os moldes e os sobremoldes, mas não há dúvida alguma que uma mão humana foi utilizada originalmente, conclui. Esta consideração bem precisa elimina a hipótese de uma fraude com a ajuda de uma mão de borracha. Geley e os demais pesquisadores se esforçaram para

reproduzir luvas bem parecidas com as que usavam, com a ajuda de uma mão de borracha inflável, mergulhada na parafina e depois desinflada para ser retirada. Nessa experiência, obtiveram êxito com facilidade, primeiro ao inflar o simulacro com água fria, já que com ar ficaria falho porque a mão flutua na superfície da parafina. Depois, deram à luva a espessura suficiente para que ela não se desinflasse ao ser retirada. Mas o resultado obtido foi característico da sua origem. Não foi encontrado no molde obtido nenhum detalhe preciso da mão humana e mesmo a aparência da mão sofreu deformações ridículas. Tal deformação, argumenta, era inevitável devido ao fato de que foi utilizada a borracha flexível ou qualquer outra substância análoga. Mesmo se tratando de uma mão artificial artisticamente preparada, de maneira a reproduzir as linhas da mão, os sulcos da pele e as unhas, não chegaram a preencher esse simulacro com água sem o deformar completamente. Conclui que se pode afirmar ser impossível imitar os documentos com membros de borracha flexível (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.229).

Sobre a possibilidade de reproduzi-los com um primeiro molde não mais inflado, mas sim rígido, a resposta também foi negativa. Argumenta que ao menos todas as suas tentativas foram frustradas. Não obtiveram êxito em livrar o molde original da massa de parafina. Essa última sempre se despedaçava ou se deformava imediatamente. Em vão deram à luva de parafina uma espessura considerável para conferir a ela mais solidez, espessura, sem possível comparação com a de seus moldes. Em vão, cuidadosamente untaram o objeto utilizado e liberaram a região mais estreita, a que representava o pulso por uma fenda longa. Todos esses artifícios foram descartados. Ao admitirem mesmo que outros sejam mais hábeis ou mais bem-sucedidos que eles, não estariam menos aptos a afirmar que não era possível utilizar um molde rígido e fabricar luvas de parafinas análogas às deles em termos de forma e perfeição (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.230).

Outra questão levantada foi se as luvas obtidas pela imersão de membros materializados na parafina e a consecutiva retirada desses membros seriam imitáveis. É esta conclusão a que chegaram os primeiros experimentadores, Aksakoff e Delanne. Para eles, os moldes de parafina

continham em si a demonstração de sua origem metapsíquica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.230).

Geley e os demais experimentadores analisaram bem de perto essa questão. Fizeram diversas experiências, contaram com a opinião de competentes especialistas em moldes que quiseram estudar com eles todos os meios de imitar seus documentos. Encontraram duas possibilidades de fraude (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.230).

A primeira possibilidade consiste em utilizar o molde oco de um membro humano. Geley e os demais em seu teste aderiram a esse molde uma substância solúvel e fundente, por exemplo, açúcar caramelado. Após a solidificação, mergulharam rapidamente o membro solúvel na parafina, depois colocaram tudo numa bacia de água fria. O molde se dissolveu pouco a pouco e a luva permaneceu. O segundo procedimento foi ainda mais simples e consistiu em utilizar uma mão viva. Após impregná-la com parafina quente como no procedimento habitual, aguardaram a solidificação completa que é bem demorada, dura de quinze a vinte minutos ao ar e de seis a oito minutos na água fria. Depois cortaram com uma gilete ou canivete uma das bordas da luva, na base dos dedos até o pulso. A mão, através de movimentos laterais curtos, se descolou lentamente da luva de parafina. Desse modo, graças à flexibilidade e à folga deixada pela fenda, ela podia ser retirada. Feito isso, bastava apertar a luva fechando-a para aproximar as bordas da fenda, retirá-la rapidamente da parafina para fazer desaparecer a fenda e obter a luva em uma peça inteira. A emenda era pouco aparente se o procedimento fosse bem feito. Mas para obter êxito no procedimento acima mencionado, ou ao menos para obtê-lo com sorte, uma condição era indispensável, qual seja, tinham que conferir à luva de parafina uma espessura três ou quatro vezes maior que as deles. Através desse procedimento não puderam obter luvas tão finas quanto as deles, porque sempre se despedaçavam durante as tentativas de retirada da mão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.231).

Geley, analisando a dificuldade e ponderando que pode ser que não seja uma impossibilidade e supondo que Franek utilizou esse procedimento, conclui que ele não podia tê-lo feito, de qualquer forma, se não fosse em sua própria casa, até porque os moldes correspondiam, em termos de dimensão,

às mãos de uma criança de cinco a sete anos, e não havia crianças assistindo às sessões. As luvas obtidas fraudulentamente precisariam terem sido feitas fora das sessões e trazidas sub-repticiamente pelo médium, argumenta. Não se opondo à ideia de que Franek poderia ter utilizado durante a sessão um molde rígido de uma mão de criança, entende que não seria possível retirar corretamente um corpo rígido, na forma de uma mão, da massa de parafina aderente e na espessura de um milímetro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.231).

Geley, estudando minuciosamente as condições de fraude, a decompõe da seguinte forma: primeiro o médium libera espontaneamente uma de suas mãos; depois ele retira de seu bolso um molde rígido ou dois moldes rígidos representando as mãos de uma criança; então ele mergulha o simulacro na parafina; em seguida ele corta uma das arestas da luva obtida, depois a base dos dedos até o pulso; na sequência, ele descola habilmente a luva, solta o molde sem quebrá-lo ou deformá-lo; então ele aproxima as arestas da fenda e retira a luva da parafina; e depois ele coloca as luvas sobre a mesa, recoloca o molde no seu bolso e a mão, que havia retirado, põe novamente sob a mão do controlador (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.231).

Acrescenta ainda que tais procedimentos múltiplos e complicados deveriam ser feitos em menos de dois minutos, sem que ninguém percebesse e somente com uma das mãos. Reflete Geley que ele e sua equipe, em seus experimentos, não conseguem fazer esse processo em plena luz do dia, usando as duas mãos e dispondo de todas as facilidades e de todo o tempo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.232).

Além disso, argumenta que é um de seus gessos que denota a impossibilidade de uma trapaça com o uso de um molde rígido, o molde de número 5 (vide figuras 42 e 43). Os três últimos dedos dobrados e o indicador esticado provam que a luva de parafina não foi obtida com a ajuda de um molde rígido. A retirada, neste caso, qualquer que fosse o subterfúgio empregado, teria sido irrealizável. Esta luva não podia ter sido obtida nem mesmo com a utilização de uma mão viva normal. Não poderia ter sido imitada fraudulentamente a não ser que por um procedimento, qual seja, com

o molde original em uma substância solúvel e fundente, conclui. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.232).

Neste sentido, questiona se o médium utilizou este procedimento do membro em substância solúvel e fundente durante as sessões. E responde que isso não é admissível, repetindo que não tinham a bacia de água indispensável para dissolver o simulacro e o tempo necessário para tal procedimento seria extremamente longo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.232).

Sendo assim, conclui que a única fraude possível e concebível, caso tenham sido vítimas de uma trapaça do médium, seria a seguinte: Franek preparou com antecedência as luvas de parafina, as trouxe consigo e as dispôs sub-repticiamente sobre a mesa num passe de mágica que escapou aos olhos do controlador (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.232).

Argumenta que a investigação foi feita bem de perto. Consistia em adquirir e afirmar a certeza de que os moldes foram feitos durante as sessões e com sua parafina. É por isso que foram aplicados os modos de controle descritos mais corretos e consistentes possíveis, seja com a coloração em segredo da parafina, seja através da incorporação do colesterol, em seguida revelada num fragmento de molde obtido pela reação com o ácido sulfúrico. Esses dois controles foram positivos e permitiram mais uma vez afirmar categoricamente que os moldes das figuras 35, 42 e 43, 45 e 46 foram obtidos durante as suas sessões e com a sua parafina (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.232).

Afirma que os moldes precedentes vindos das mesmas condições experimentais e idênticos foram feitos segundo toda a verossimilhança durante as sessões e com a sua parafina. Soma-se a isso um novo argumento, qual seja, se examinassem atentamente os moldes em gesso, constatariam-se diversos detalhes singulares e que, sendo assim, complicam e muito a hipótese de fraude. Nesse sentido, em primeiro lugar, as mãos são idênticas de maneira geral. Têm o mesmo modelo, as mesmas unhas, as mesmas linhas. As linhas da mão são características e revelam uma origem única. Mas essas mãos, que pertencem evidentemente à mesma pessoa, são todas diferentes com relação à posição dos dedos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.233).

Além dos argumentos anteriores, ressalta que elas não são do mesmo tamanho. A mão número 6 (figuras 45 e 46), por exemplo, é consideravelmente menor que a de número 3 (figura 44), cerca de 1cm na maior extensão medida do início do pulso à base do dedo médio e da base do dedo médio até o fim deste. Enfim e, sobretudo, expõe que essas mãos, que têm a aparência de mãos de criança são, na realidade, mãos de adulto em miniatura. Examinando os sulcos da pele tão acentuados sobre a mão 6 (figuras 45 e 46); as linhas da mão 3 (figura 44) mostrando-se ocas; todas as formas do polegar e das unhas deram a Geley e sua equipe a convicção de que eram mãos de adulto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.233).

Considera a face dorsal da mão 3 (figura 44) impressionante sob esse ponto de vista. As dobras longitudinais da mão na extensão do pulso não se formam quando criança. Precisam de uma pele já enrugada ou muito flácida. A meia-flexão dos dedos faz essa tese ainda mais real. Na posição dessa mão, as dobras da pele próximas à base dos dedos dobrados indicam que se trata de uma mão de um adulto já com certa idade. As rugas da mão são tão reveladoras da idade quanto as da face. Todos os médicos aos quais foram mostrados os moldes foram unânimes dessa mesma opinião. Obtiveram o parecer do Doutor Paul Richer, professor da Escola Nacional de Belas Artes, membro da Academia de Medicina e do Instituto da França. Seu tão conceituado parecer foi no mesmo sentido. Para ele, mesmo que uma prova absoluta não possa ser fornecida, as mãos têm as características de mãos de adulto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.233).

O Professor Paul Richer escreveu por livre e espontânea vontade o texto abaixo:

“Meu caro Confrade,

É de bom grado que eu vos confirmo a opinião que eu vos dei verbalmente e é com a autorização de a reproduzir, a saber, que os moldes de mãos que me mostraram têm toda a aparência de moldes de mãos de adultos, reduzidas em um quarto aproximadamente da dimensão média e que nenhum dos moldes são de mãos de crianças.

Mas as aparências podem enganar porque conheço exemplos de crianças que têm sobre todas as partes de seu corpo pele de adulto ou mesmo de um idoso.

Somente a radiografia permitiria afirmar sem nenhuma dúvida que realmente se trata de mãos de adultos reduzidas e não de mãos de crianças”.

Paul RICHER (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.234).

Sobre o supracitado, Geley ressalta que as materializações de formas orgânicas de adultos não eram raras. Inclusive Franek dizia que essas reduções eram frequentes nas sessões quando ele estava cansado ou estava mal de saúde, enquanto que as formas materializadas tinham sempre dimensão normal se ele estivesse bem (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.234).

Os rostos que apareceram e foram fotografados no laboratório de Geley durante as experiências com Eva eram muito frequentemente reduzidos em dois terços, e sempre apresentavam características de faces de adultos.

A partir de todos os relatos, Geley chama a reflexão para a complicação que seria apresentar uma fraude nos moldes em que foram obtidos. Os procedimentos presentes seriam os seguintes: 1 - Primeiro, o médium molda ou pede para alguém moldar artisticamente uma mão de adulto em diversas posições; ocorreram sete moldes diferentes nas suas experiências, sem contar o do pé; 2 - depois ele reduziria os moldes dessas mãos de adultos em aproximadamente um quarto, para dar a dimensão de mãos de crianças. Essa redução seria possível através dos procedimentos mecânicos da escultura moderna; contudo, isso seria um trabalho de artista. Nesse sentido, se pergunta o porquê de não utilizar logo uma mão de criança ao invés de reduzir uma mão de adulto; 3 – então, com os primeiros moldes, ele fabrica moldes ociosos, sempre feitos ultra artisticamente para que não se vejam as emendas; 4 – e, dentro dos moldes ociosos, ele coloca uma substância solúvel e fundente, pois, depois de tudo que precedeu, não haveria outro procedimento possível, segundo toda a verossimilhança; 5 - ele mergulha em moldes solúveis a parafina quente e é então dissolvida em água fria para se obter luvas residuais; 6 - sendo estas luvas extremamente frágeis devido à sua finura, o médium não poderia nem sonhar em levá-las no bolso. Ele as colocaria numa caixa acolchoada, o molde ou os dois moldes que ele deveria trazer a cada sessão. Considera ser infinitamente provável que, em caso de fraude, o médium teria sido levado irresistivelmente a fabricar moldes espessos e, por sua vez, de mais simples manejo e mais fácil obtenção, além

de menos frágeis; 7 - ele dissimularia esta caixa dentro de um bolso e ninguém suspeitaria: outro problema de difícil solução, argumenta; 8 - durante a sessão, ele liberaria astuciosamente uma mão, pegaria a caixa, abriria, retiraria os moldes, os colocaria sobre a mesa e guardaria a caixa em seu bolso, misturaria a parafina projetando-a por toda a parte, depois recolocaria a mão sob a do controlador que não veria nada dessa manobra. E, concluindo, supondo que haja êxito nessa enorme farsa, tão complicada, o resultado dessa habilidade prodigiosa não teria servido para nada, já que teria sido desmascarada pelo controle inesperado dos corantes e da substância química dissolvida em segredo dentro da parafina, conclui (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.235).

Portanto, entende ser possível, pelo procedimento da parafina, registrar as materializações de membros e obter êxito em tal fato, apesar de desagradáveis erros técnicos, em condições de plena indiscutibilidade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.235).

Após esses relatos, Geley pôde realizar novas experiências com moldes com M. Franek Kluski durante sua estada em Varsóvia. Nas condições de controle rigoroso, tiveram sucesso utilizando a experiência adquirida com a obtenção de dois moldes perfeitos de mãos humanas numa mesma sessão. Um destes moldes era o de uma mão de mulher, de tamanho natural, com dedos longos e finos e de todo o seu antebraço até o cotovelo. Repetiram que esse molde era admirável, uma peça sem defeitos. Os defeitos precedentes constatados haviam sido evitados simplesmente com o uso de uma bacia bem grande contendo uma camada espessa de parafina de 12kg. O segundo molde foi o de uma mão de homem forte, maior que a do médium e vindo até a metade do seu antebraço. Era tão perfeito quanto o primeiro. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.236).

Os defeitos que foram constatados nas experiências em Paris se deram devido a erros técnicos e especialmente à incursão de água quente entre o membro materializado e a parafina. Ressalta Geley que esses dois moldes magníficos, inimitáveis, eram extremamente frágeis e que não foi possível leva-los a Paris intactos. Não havia nada mais que fragmentos, de igual importância, e o seu testemunho proferido sem reservas. Geley estava

convicto, da autenticidade metapsíquica dos moldes de membros humanos materializados na parafina (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1921, p.236).

4.5. Experiências de Materializações com o Sr. Franek Kluski

O relato de experiências de moldes de mãos materializados deixou, a julgar pelas cartas recebidas por Geley, marcas profundas. Argumenta Geley que tais moldes eram a prova tangível, sem contestação, da realidade da materialização de órgãos humanos. Eles revelavam todos os detalhes da constituição dos órgãos e mostravam que não se tratava de simulacros fantasmagóricos, mas sim de “representações” completas em três dimensões, com esqueleto, músculos, tendões e até mesmo as linhas e sulcos da pele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.294).

Argumenta que, do ponto de vista biológico e filosófico, os moldes de órgãos materializados eram infinitamente mais importantes que simples fotografias. Muitos dos correspondentes censuraram Geley por não ter aprofundado as diferenças que apresentavam as mãos materializadas e as mãos do médium e dos assistentes. Nesse sentido, Geley responde simplesmente que compreende plenamente a importância de tais constatações e que em experiências futuras, feitas atentando a esse detalhe, deverá se ater especificamente a esse ponto de vista (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.294).

Entretanto, durante as sessões com Franek, Geley, acima de tudo, conseguiu ter como principal e quase exclusiva finalidade a de chegar à demonstração objetiva da autenticidade das materializações de órgãos e dos moldes desses órgãos. Faltou-lhe tempo para ir mais adiante. Geley justamente fez uma observação bem específica no último artigo, dizendo que as mãos materializadas não pareciam com as do médium e que, por conseguinte, com certeza não se tratava de um mero desdobramento da sua mão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.294).

4.6. Materializações de rostos humanos

Foi observado que, em todas as sessões que tiveram êxito, salvo na primeira, ocorreram aparições de rostos humanos. Este fenômeno, da mesma forma que o fenômeno dos moldes de membros humanos materializados, lhes propiciou plena satisfação. Nas condições de controle que descreveram, com sessões dentro do laboratório fechado, nenhuma fraude seria possível por convivência com o médium, imobilizado pelas duas mãos ou luminosidade fraca com luz vermelha, sendo que a autenticidade da formação de ectoplasmas representando todos os traços característicos da figura humana pareceu indubitável (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295).

Esses rostos eram de tamanho natural. Apareciam geralmente atrás do médium ou aos seus lados. Ficavam mais alto que a cabeça de Franek e que a dos investigadores sentados. Pareciam ser rostos visíveis de seres humanos de pé, mas cujos corpos estavam invisíveis. Não obstante, muitas vezes puderam ver igualmente materializados o busto e membros superiores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295).

Como a visibilidade conferida pela luz vermelha era muito fraca, esses seres, para serem mais bem examinados, constantemente pegavam uma das telas dispostas à mesa em frente ao médium e aproximavam-na do contato do seu rosto. Outras vezes, as figuras materializadas, ao invés de utilizarem as telas, se iluminavam com uma substância de brilho próprio, especialmente com um tipo de pano fluorescente. O fenômeno lembrava, de maneira emocionante, a bela gravura clássica do pintor James Tissot, segundo Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295).

Enfim, os rostos eram iluminados por si próprios com bastante regularidade. Esses rostos eram vivos. Seu olhar bem vivo se conectava ao dos investigadores. Sua fisionomia grave e calma refletia uma aparência de dignidade severa. Esses seres pareciam conscientes da importância do seu papel (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295).

4.7. Observações analíticas

4.7.1. Sessão de 12 de novembro de 1920 – 3ª sessão

Essa sessão foi improvisada e guarda uma característica íntima e conclusiva. Franek fez a Geley uma narração de sua vida. Eram onze horas da noite e ele ia se retirar quando, de repente, levado por um desses impulsos tão frequentes nos médiuns, ele manifestou o desejo de tentar uma sessão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295).

Geley solicitou ajuda de sua esposa, Madame Geley e da Madame Gordon de Jurgielewicz, que tinham acompanhado o médium. O controle foi perfeito durante toda a sessão. As mãos de Franek foram contidas pela da Madame Geley e pelo próprio Geley. A iluminação era de uma leve luz vermelha (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295).

Abaixo os relatos de Gustave Geley:

“Fizemos a corrente e todas as mãos estavam presas. As luzes apareciam em volta do médium, como nas sessões anteriores, porém mais grossas. Havia também algo como trilhas luminosas. Senti os contatos de mãos sobre meus braços e cabeça: um véu me toca a face. As telas fluorescentes colocadas sobre a mesa são conduzidas e levantadas ao ar várias vezes. Chegam quase ao contato dos rostos que apareciam atrás do médium e os clareavam intensamente. A mais clara dessas visões é a seguinte: a tela, conduzida por uma mão invisível, é transportada para trás do médium a cerca de meio metro acima da sua cabeça, um pouco à sua direita e perto de mim. Eu vejo uma cabeça humana completa. Ela está coberta por um pano, um tipo de véu ou turbante. Ela é expressiva. O nariz é um pouco arqueado. Não tem barba, mas um pequeno bigode. A aparição desapareceu depois de alguns segundos e a tela foi jogada violentamente sobre a mesa. Interrupção da sessão por fadiga do médium. Recomeçamos após vinte minutos, nas mesmas condições.... Um rosto se forma e se ilumina por uma tela, à direita e acima do médium. É uma figura de uma senhora bem idosa, desdentada e com rugas. Um lenço cobre sua testa e está amarrado abaixo bochecha direita. Os traços são bem distintos. A forma desaparece rapidamente, mas se materializa de novo pouco tempo depois, um pouco mais ao fundo da câmara escura. Desta vez a vemos de perfil, olhando à direita. Dura bastante tempo, cerca de dez segundos. Segunda interrupção da sessão.... Na retomada: luzes volumosas, trilhas luminosas, contatos..., uma trilha luminosa, parecendo um pedaço de tecido de musseline fluorescente, se aproxima de nós. Nós distinguimos um lenço com bolinhas. Esse lenço luminoso se aproxima de um rosto que clareia, mas muito pouco para que pudéssemos detalhar os traços...”

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.295, nossa tradução).

4.7.2. Sessão de 14 de novembro de 1920 – 4ª sessão

“De repente, uma das telas ilumina um rosto formado perfeitamente. Trata-se da cabeça de um homem jovem, com dois olhos grandes e negros com um bigode fino. A entidade se curva. Imediatamente a tela cai.” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.296. Tradução nossa).

4.7.3. Sessão de 20 de novembro de 1920

“As telas são levantadas bem ao alto e por bastante tempo. Chegam ao contato de rostos que se iluminam bem. Esses rostos têm formação perfeita: eu reconheço o rosto de um homem jovem já descrito com a cabeça cujo cabelo é escondido por um véu, bigode fino, nariz arqueado, olhos bem negros e vivos. Depois a cabeça da idosa, desdentada e bem enrugada. Ela tem sobre a cabeça um véu formando um nó duplo à frente da testa. Enfim, uma cabeça que só vejo a parte de trás sob um véu... Escutamos pronunciar-se a palavra “Thomasch”, trata-se da pronúncia polonesa de Thomas e a mesma palavra é repetida, em voz baixa, à direita e atrás do médium, perto do conde Jules Potocki. Imediatamente este último é tocado de forma violenta e afetuosa. Escutamos “tapas” dados com uma mão espalmada sobre suas costas e ombros. O conde controlava a mão direita do médium e eu a mão esquerda. Depois é soletrado, de forma cortada, o nome “Olésia”, apelido da filha morta do conde. Enfim percebemos, repentinamente, perto da cabeça do conde, uma forma luminosa e com brilho próprio”.
(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.296. Tradução nossa).

Geley classifica toda essa cena como impressionante. Abaixo, a narração completa, feita pelo próprio conde. Geley a publicou na Revista de Metapsíquica de forma completa, deixando bem claro ao colaborador toda a responsabilidade de detalhes pessoais.

4.7.4. Sessão de 20 de novembro de 1920 - terceira parte

“Terceira parte: o médium está sentado em frente à mesa e fora da câmara escura. O Doutor Geley segura a mão esquerda do médium. Potocki segura a mão direita. Os assistentes fazem a corrente. O médium entra em transe velozmente, o que percebemos através de sua respiração característica. Aparição de luzes fluorescentes acima e ao lado do médium. Sinto toques e sinto que há alguém entre

mim e Franek. À minha esquerda, as cortinas da câmara escura começam a se mexer e estufar, como se o vento as puxasse. Eu sinto que alguém se envolve numa cortina, se curva sobre mim e me diz ao ouvido muito claramente a palavra “Thomasch”, que significa Thomas em polonês. Ele soletra em seguida a palavra letra por letra. Eu pergunto: É Thomas Potocki? Trata-se de um primo com o qual eu era muito ligado, morto há oito anos. Recebi golpes bem fortes e repetidos sobre o ombro para confirmar a resposta à minha pergunta. Meu primo era entusiasmado e exuberante. O barulho era de tapas bem ruidosos sobre o meu ombro que todos os assistentes ouviram. Eu o agradeço por ter vindo e lhe pergunto em que posso ser útil. Silêncio. Eu lhe pergunto se ele vê minha filha “no astral”, morta há 3 anos. Resposta: Sim. E nesse mesmo instante, sinto uma mão de mulher pousar docemente sobre minha testa e fazer o sinal da cruz contornado por um círculo como sempre o fazia minha filha quando viva, quando ela se despedia de mim. Eu reconhecia bem sua mão, ligeiramente iluminada pela beirada da tela luminosa posta sobre a mesa na minha frente. Sua mão passa diversas vezes diante dos meus olhos e cada vez mais tenho a impressão de reconhecê-la. Ela pega a minha mão e dá pequenas palmadinhas no meu rosto que ela acaricia. Não tenho a menor dúvida, é mesmo sua mão, da qual eu reconheço o contato. Pouco tempo depois, se forma uma bola de luz na frente do meu rosto. Essa bola se afasta e depois se reaproxima e chega bem perto do meu rosto e, eu percebo, para minha grande surpresa e alegria, os traços perfeitamente reconhecíveis da minha filha, que me sorri como se viva estivesse. Ela me parecia bem mais jovem, como ela era há 25 anos. Ela morreu com 54 anos. O alto da sua cabeça é circundado por véus obscuros. A aparição do rosto dura somente alguns segundos. Eu tenho tempo de gritar: “é ela!”, depois tudo desaparece. A mão traça ainda várias vezes os sinais da cruz na minha testa, há um beijo sonoro e alguns doces petelecos no rosto, e depois toda a manifestação cessa. J. Potocki”.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.297. Tradução nossa).

Na sessão de 21 de dezembro, sessão esta feita excepcionalmente na casa do Sr. Jules Roche, relata Geley: “eu vi a formação sucessiva de quatro rostos bem distintos. O mais claro era aquele bem conhecido da senhora idosa com a cabeça coberta por um lenço cinza. Ela é calma e séria. Os traços são bem claros.” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.298. Tradução nossa).

Durante a estada em Varsóvia, Geley e sua equipe observaram rostos parecidos e ocasionalmente iluminados por si próprios. A considerada mais marcante dessas manifestações foi aquela em que, duas vezes durante

as sessões, um ser apareceu subitamente atrás do médium ou aos seus lados. Os traços eram regulares e finos e tinha olhos bem vivos. Usava um quepe de oficial polonês. Percebiam também vagamente abaixo da sua cabeça um busto com uniforme. Durante essa visão singular, as precauções habituais foram tomadas contra a fraude. A porta da sala estava fechada à chave. Geley segurava fortemente uma das mãos do médium que permaneceu todo o tempo totalmente imóvel. Todos os assistentes faziam a corrente. Não havia na sala nem armário nem lugar vazio que pudesse servir de esconderijo a um cúmplice. A similaridade do fenômeno com os outros obtidos no laboratório de Geley também é uma prova importante de sua autenticidade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.298).

Como de hábito, Geley passa a discutir a questão da realidade dessas materializações de rostos.

A primeira objeção que naturalmente vem à mente dos céticos, segundo Geley, é que acontece uma alucinação coletiva dos investigadores. Diz coletiva porque todos têm as mesmas impressões. Considera que essa objeção não é admissível, pois os registros obtidos e descritos anteriormente provam de maneira absoluta a objetividade dos fenômenos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.298).

Por outro lado, considera que a hipótese de fraude deve ser seriamente discutida. Nesse sentido, expõe que para simular materializações de rostos não há mais de três possibilidades que poderiam ser empregadas pelo médium, quais sejam: fraude com um cúmplice; ilusão produzida sobre os assistentes pelo próprio rosto do médium mais ou menos organizada; uso de máscaras manipuladas com uma mão. Considera de antemão que a primeira hipótese é eliminada instantaneamente pelas condições experimentais já que um cúmplice não poderia penetrar no laboratório (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.299).

A segunda hipótese, da ilusão produzida sobre os assistentes pelo rosto do médium, não é considerada admissível. O controle ao qual se submetia não o permitia nem se levantar, nem se curvar muito à direita ou esquerda. Reitera que o médium permanecia continuamente imóvel. Sua cabeça, em várias ocasiões, repousava sobre seu ombro e sentia seu contato ao mesmo tempo em que contemplava os rostos materializados acima da sua

própria cabeça ou mais ao longe (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.299).

Resta a terceira hipótese, o uso de máscaras. Mas uma fraude como essa necessita de toda uma articulação que o médium, contido pelas duas mãos, não poderia manipular, conclui. Especulando a liberação de uma de suas mãos, tal liberação ainda seria insuficiente. Normalmente as duas mãos teriam sido necessárias, uma para segurar a máscara, outra para elevá-la e aproximar a tela da máscara (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.299).

Conclui poder afirmar categoricamente que os rostos materializados não eram simulacros. Eram rostos vivos e inteligentes. Lamenta profundamente que a doença do médium veio no momento em que os moldes terminados e, de acordo com a sua programação, iam começar a fotografar as aparições. Nesse sentido, se propõe a publicar o resto enquanto espera as fotografias obtidas com Kluski pela Sociedade de Estudos Físicos de Varsóvia (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.299).

4.8. Movimentos de objetos sem contato e raps

Geley expõe que se desejassem estudar os movimentos de objetos sem contato e raps, teriam obtido esse fenômeno com a maior facilidade. Mas, pelo contrário, eles o evitaram o máximo possível porque o consideravam de ordem inferior aos fenômenos das materializações, e quiseram reservar a elas todo o poder do médium. Porém, espontaneamente e em vários momentos, raps e movimentos sem contato foram produzidos independentemente deles. Tratavam-se de golpes de batidas, muitas vezes longe do médium, ou deslocamento barulhento de objetos, sempre fora do alcance de Franek, de vez em quando do outro lado da sala (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.300).

Na sessão de 15 de novembro, após obterem um molde de mão na parafina, observaram uma violenta manifestação de movimento sem contato em condições de controle completo. Foi durante esta sessão que Geley aproximou sua mão que segurava uma das mãos do médium da outra que era controlada pelo Professor Richet, de modo que a mão deste último, a de

Geley e as duas mãos de Franek estavam todas em contato (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.300).

Repentinamente, todos viram o recipiente de parafina e o fogão, pesando juntos 8,350kg, elevados ao ar. Esses objetos foram transportados delicadamente por cima das suas cabeças e colocados sem barulho no chão, atrás e à direita do médium. Imediatamente depois disso se escutavam petelecos e eram numerosos, claros e muito impressionantes. Foram localizados na câmara escura e depois na própria sala sobre uma pequena mesa localizada longe do médium, a cerca de 1,3m e separada dele pela grande mesa retangular sobre a qual tinham posto a parafina. Esses petelecos eram rudes e violentos. Soletraram. Tratava-se de uma comunicação em polonês cuja tradução é: “acorde o médium!” Como não obedeceram à ordem, os golpes dobram e ficam mais violentos. Anéis, um de ébano e outro de marfim, colocados sobre a pequena mesa, são pegos e atirados ao chão com a maior violência, e o anel de ébano se quebra em duas partes. Depois os petelecos se repetiram com insistência: “Acorde o médium, acorde-o!” A violência foi tal que obedeceram e lamentaram. Aumentaram bruscamente a luz vermelha e o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.300).

No dia seguinte, ficaram sabendo que, no horário dessa manifestação, havia um encontro marcado entre o médium e um amigo em Varsóvia. As ordens “acorde-o” pareciam ter objetivo exclusivo de impedi-lo de faltar ao seu encontro. Para Geley, trata-se de um tipo de reflexo psíquico subconsciente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.300. Tradução nossa).

Na sessão de 21 de dezembro, os fenômenos de movimentos sem contato e de raps foram também bastante acentuados. Ocorreram duas levitações completas da mesa, uma poltrona distante 2m da mesa e 3m do médium se aproximou lentamente até entrar em contato com um dos investigadores. Uma mesa de quatro pés pesada foi levada e posta sobre a mesa de experiências (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.300).

Na sessão de 27 de dezembro, a cadeira do médium foi puxada para trás diversas vezes. A lâmpada vermelha com sua base de 10kg foi repentinamente elevada no ar. O Professor Richet exclama: “Você está

controlando bem a mão esquerda?” (A mão mais perto da lâmpada). E o Conde Potocki responde: “Perfeitamente.” A lâmpada, totalmente no ar, é sutilmente colocada no chão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.301. Tradução nossa).

4.9. Materialização de formas animais

As materializações de formas animais não eram raras com Franek. Nos relatos da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, foram assinalados em especial um grande pássaro predador que apareceu em várias sessões e foi fotografado. Depois um ser bizarro, uma espécie intermediária entre o macaco e o homem. Ele foi descrito tendo a altura de um homem, rosto símio e testa grande e bem formada; a figura e o corpo coberto de pelos, braços bem longos, mãos fortes e longas. Ele parecia estar sempre perturbado, pegava as mãos dos assistentes e as lambia como faria um cachorro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.301).

Esse ser, que foi apelidado de “o Pitecantropo”, manifestou-se muitas vezes durante as sessões. Um dos controladores, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu a grande cabeça peluda apoiar-se e fazer peso sobre o seu ombro direito e perto da bochecha. A cabeça tinha cabelos grossos e ásperos. Um odor de cachorro molhado se desprendia dele. Sua língua era larga e doce. Outras vezes sentiram debaixo de suas pernas alguns contatos que pareciam ser o carinho de um cachorro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.301).

4.10. Manifestações de Ordem Intelectual

Geley expõe ser realmente difícil escrever um parágrafo especial sobre as manifestações de ordem intelectual durante as sessões com Franek. Entende que, de fato, essas manifestações geralmente se confundiam bastante com os fenômenos físicos. Esses últimos jamais apresentavam incoerências nem desorganização. Sempre eram inteligentemente conduzidos a um objetivo bem definido. Os contatos das mãos, as luzes, as aparições de rostos denotavam uma diretriz evidente,

consciente e de aparência autônoma (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Os moldes precisavam de uma verdadeira colaboração entre as entidades operantes, quem quer que fossem, e dos controladores. As entidades tentavam satisfazer ao máximo a vontade dos controladores. Por exemplo, foi a pedido dos controladores que foi obtido um molde de pé. Foi com a insistência de Geley que o mesmo obteve mais tarde, em Varsóvia, dois moldes, incluindo mão e antebraço sem defeitos, moldes previamente relatados (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

As “entidades” não pareceram a Geley de uma ordem intelectualmente superior. Para Crawford, lhe pareceu que elas têm a mentalidade e capacidades de manobras, sem mais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Geley fez uma observação bastante curiosa, afirmando que todos os seus moldes tinham sido feitos pela mesma “entidade”. Contudo, as outras “entidades” pareciam interessar-se, tanto quanto eles, no resultado obtido. Viu em Varsóvia uma delas pegar a tela fluorescente, focar a luz sobre as luvas e observar longamente com uma curiosidade fascinante (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

O psiquismo dos “colaboradores invisíveis”, como os chamava Crawford, mereciam por si próprios um longo artigo. As poucas sessões das quais dispunham não lhes permitiu aprofundarem-se nesse sentido. Não puderam fornecer mais que uma impressão geral com embasamentos superficiais, não somente sobre suas sessões com Franek, mas também sobre tudo o que viram com outros médiuns (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Geley encontrou no psiquismo das “entidades” certa parte do psiquismo do médium. Relata que elas pareciam compartilhar suas vontades, seus medos, seus preconceitos ou suas fobias. Também constatou algo do psiquismo dos principais pesquisadores, sendo que a condição geral das sessões e as modalidades fenomenais principais eram muito pouco condicionadas pela mentalidade dominante daqueles que organizam as experiências (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Nesse sentido, Crawford, professor de mecânica, obtinha fenômenos mecânicos. O Doutor de Schrenck-Notzing, especializado no estudo primordial da substância amorfa, obtinha a “substância” em abundância, além de ectoplasmas parcialmente organizados e semiamorfos. Geley e seus colaboradores, que pesquisavam sistematicamente os fenômenos mais complexos, obtinham, sobretudo, fotografias de rostos de grande beleza e mãos cuja organização anatômica era muito bem-feita (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Porém, relativiza Geley, afirmando que se o psiquismo do médium e dos pesquisadores tem papel inegável, tal psiquismo não tem papel exclusivo nem mesmo primordial. De acordo com todas as aparições, a iniciativa dos fenômenos não provinha nem de um nem de outro. Determinadas modalidades experimentais revelavam igualmente, de maneira evidente, uma vontade peculiar. Afirma que esta vontade aparentemente peculiar podia ter, na realidade, sua fonte no subconsciente, mas essa não era mais que uma hipótese bastante complicada e difícil. Pode parecer cômodo declarar peremptoriamente que tudo vem do médium, matéria, força e inteligência diretriz, mas isto não está sempre em conformidade com os fatos, conclui. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Considera, em todo caso, prudente suprimir todo julgamento prematuro sobre essa questão e simplesmente dizer que nas grandes sessões mediúnicas tudo se passa como se, em primeiro lugar, o desenrolar dos fenômenos, a iniciativa, a ideia diretriz primordial viessem de entidades autônomas e independentes e, em segundo lugar, que esse psiquismo regente primordial se combinava de maneira inextricável e indefinível com os elementos mentais e subconscientes emprestados ao médium e aos pesquisadores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

No curso de seus estudos, já se destacaram manifestações de ordem intelectual as mais originais, além da colaboração pelos moldes. Lembra simplesmente os aplausos de mãos invisíveis; a elevação da parafina por cima da cabeça dos pesquisadores; as rápidas respostas inteligentes; as manifestações espíritas. Diversas vezes, alguns pesquisadores escutaram perto de seus ouvidos, fora do escopo da boca do médium, algumas palavras pronunciadas de uma voz indistinta. Todavia, essas palavras não foram

compreendidas. Exceção feita aos dois nomes mencionados acima (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.302).

Foram feitas algumas tentativas de obter mensagens escritas, pois Kluski era também um admirável médium de escrita. Mas desistiram assim que perceberam que só obtinham essas manifestações à custa de fenômenos de materializações. Essas últimas se atenuavam ou desapareciam quando o médium não colocava toda sua força nelas. A mais curiosa dessas tentativas de psicografia foi feita pelo Conde Potocki em 22 de novembro de 1920 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.303).

Segue abaixo a narração de Potocki, colaborador de próprio punho:

“Franek Kluski veio me ver na segunda-feira 22 de novembro, por volta das três da tarde. Falamos de política, da guerra, dos acontecimentos na Polônia do mês de agosto de 1920, depois da mediunidade, das sessões e da psicografia, etc. De repente, Franek me pediu papel e lápis para tentar fazer a psicografia. Mal havia se sentado diante da folha de papel, ele entrou num leve transe e começou a escrever com a rapidez surpreendente que todos os que o assistiam em sessões semelhantes bem conheciam. Os escritos mudavam rapidamente, como se se desenrolasse um diálogo entre diferentes pessoas transmitido pelo médium, todas apressadas em se manifestar.

Cito textualmente as frases escritas, cada uma com grafias diferentes e muito distintas umas das outras:

“Quanto a mim, não sei de nada.”

“E, contudo, é mesmo o Jules que está aqui.”

“Como ele envelheceu!”

“Jules, de onde e como você vem aqui?”

“Sua casa é boa?”

“Quem é este homem?” (Referindo-se ao médium).

“Jules, é você mesmo?”

“Tudo isso pode ser real?”

“Jules, é realmente verdade que te vejo aqui?”

“Você já está entre nós ou ainda está lá embaixo?” (Na terra?)

“De qualquer jeito isso é inusitado, é a segunda vez que o vejo aqui!”

“Querido Jules, estou tão confuso, o que isso tudo quer dizer?”

“Toda espécie de dúvida deve desaparecer, é você mesmo, não há como hesitar!”

“Para nós, toda a ajuda pode vir somente de...”

“Sim, sim, Jules, você o desejou, e o desejo é muito poderoso.”

“Eu não posso mais escrever, me sinto como se estivesse desmaiado.”

“Jules, não posso admitir esse fenômeno, acho tudo isso fantástico, inacreditável!”

“Os dogmas não são a essência das coisas.”

“Jules, o que tudo isso quer dizer? Essa não é a sua casa!”
(A minha casa de Varsóvia)

“O que quer dizer essa fenda luminosa na cortina opaca que nos separa?”

“Pegue a mão que está segurando o lápis!”

“Jules, eu o sinto, é realmente sensacional!”

“Jules, você ainda duvida?”

“Agora eu não o censurarei mais!”

“Perdoe-me a cena violenta na casa do Maurice. Nós brigamos tantas vezes sobre o que é a realidade em si, sobre o mais real! Jules, perdoe-me! Você quer ver o Thomas? Ele estava bem perto de você. Ele ainda não consegue escrever, mas eu posso substituí-lo. Jules, você quer pedir a ele um detalhe, uma prova?”

(Eu peço essa prova.)

Thomas – “Você se lembra da nossa conversa no Palácio Azul sobre o teatro? Era você quem tinha razão. Nós não precisávamos de um teatro!”

O Conde Potocki explica que Thomas se refere a 1910. Nesta época, seu primo, o Conde Thomas Potocki, encabeçava um comitê para a construção de um grande teatro modelo em Varsóvia, obra que muito o ocupava. Nessa época, Conde Potocki assistia às sessões mediúnicas de materializações. No entanto, uma noite no Palácio Azul na casa do Conde Zamoyski, Thomas Potocki lhe falou do seu teatro. E foi a conversa à qual ele se refere acima, e essa conversa íntima não podia ser conhecida por ninguém além dele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.304).

Geley avalia que esse tipo de diálogo, registrado através do médium e por um fonógrafo, tem algo de verdadeiramente impressionante e marcante. Tudo se passa como se o diálogo tivesse realmente acontecido entre várias entidades invisíveis que, por vezes, manifestavam elas próprias a surpresa de rever seu parente e que se dirigiam com hesitação a ele. Há nesta manifestação a marca da verdade, um realismo espiritual inegável. Se isto é o resultado de uma brincadeira do subconsciente, entende dever confessar que foi profundamente desconcertante, conclui (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.305).

Constatou-se que a mediunidade de Franek Kluski era tão variada quanto poderosa. Precisariam de muitos anos de estudos sem intervalo para tirar todo o proveito do que continha. A situação profissional e familiar de

Kluski infelizmente não lhe permitia dedicar-se à mediunidade (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1921, p.305).

4.11. Experimentos realizados em Varsóvia

4.11.1. Novos moldes de membros materializados

Os novos moldes que são apresentados foram obtidos pela mediunidade do Sr. Franek Kluski durante a estadia de Gustave Geley em Varsóvia com seus colaboradores, quais sejam, Mme. du Bourg de Bozas, Stanislas de Jelski, Doutor Guirard, Coronel Ololowiez e Sra. Ludomira Grzeliak. Para evitar repetições no relato, Geley pede ao leitor que veja as experiências anteriores feitas no Instituto Metapsíquico (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.1).

O *modus operandi* foi o mesmo. O controle do médium consistiu essencialmente na contenção de suas duas mãos. Uma diferença que assinala imediatamente reside no fato de que as sessões em Varsóvia aconteceram não em um laboratório científico, mas no apartamento do médium. Essa circunstância, que a princípio Geley lamentou, apesar de toda a confiança que o médium lhe inspirava, é irrelevante no presente caso, argumentando que os resultados obtidos carregam em si próprios, como será visto adiante, a demonstração de sua origem metapsíquica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.1).

Os novos moldes apresentaram as seguintes características: em primeiro lugar, eles não tinham nenhum dos defeitos apontados nas experiências anteriores. O principal desses defeitos, que foi lembrado, era devido à infiltração e irrupção de água quente entre a luva de parafina e o membro materializado. Esse defeito foi evitado com o uso de um recipiente contendo uma camada bem fina de água e uma bem espessa de parafina derretida flutuando acima. Dessa forma, não havia nos novos moldes nada que pudesse ter a aparência ou dar a impressão de acessórios. Eles eram claramente, para Geley, sem nenhuma dúvida, de uma só peça (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.1).

Em segundo lugar, os moldes eram de uma extrema precisão. A espessura de suas paredes era, em todo o seu entorno, inferior a um milímetro. A precisão era tal, relata Geley, que uma vez que os moldes eram preenchidos com gesso, era possível observar os mais finos detalhes anatômicos através da camada de parafina, comparável à uma folha de papel transparente. O órgão materializado não era afundado mais do que uma única vez e muito rapidamente no recipiente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.2).

Em terceiro lugar, os detalhes anatômicos eram todos extremamente claros. As linhas da mão e os sulcos da pele deixaram uma impressão tão perfeita quanto a de órgãos de pessoas vivas normais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.2).

Geley e sua equipe fizeram o procedimento da colagem do gesso nos moldes. Realizaram essa operação no laboratório do Sr. Lebiendzinski e com sua ajuda. Não foi muito fácil devido à finura das suas arestas. O próprio fato de pegar cuidadosamente os moldes ou de preenchê-los com areia foi o suficiente para avariá-los em vários pontos. Sua fragilidade era tal que não sabiam como manuseá-los (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.2).

Geley mostra a fotografia de cada um dos seus moldes e os descreve destacando suas principais características. Nas fotos, os moldes são representados em tamanho natural.



Figura 49 – molde de duas mãos entrelaçadas, a direita e a esquerda.

Apenas retiraram do molde de parafina a região central das duas mãos. A camada fina de parafina permaneceu sobre as costas de cada mão até o início dos dedos. Ressalta no molde da figura 49, a posição dos dedos, bem entrelaçados e fechados. Mexer os dedos vivos normais sem dar espaço entre eles seria impossível nessa condição, o menor movimento teria quebrado a fina camada de parafina (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.2).

Uma outra observação que destaca é a veracidade e precisão dos detalhes anatômicos. As marcas da pele são claramente acentuadas.

Após procederem à operação do preenchimento com gesso nas luvas, lamentaram ter constatado que as extremidades dos dedos, dobrados em direção a palma da mão, encheram-se de ar e o gesso não chegou até elas. Resultou um vazio nessas extremidades. À vista disso, foram retiradas do molde apenas a maior parte da face dorsal (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.2).

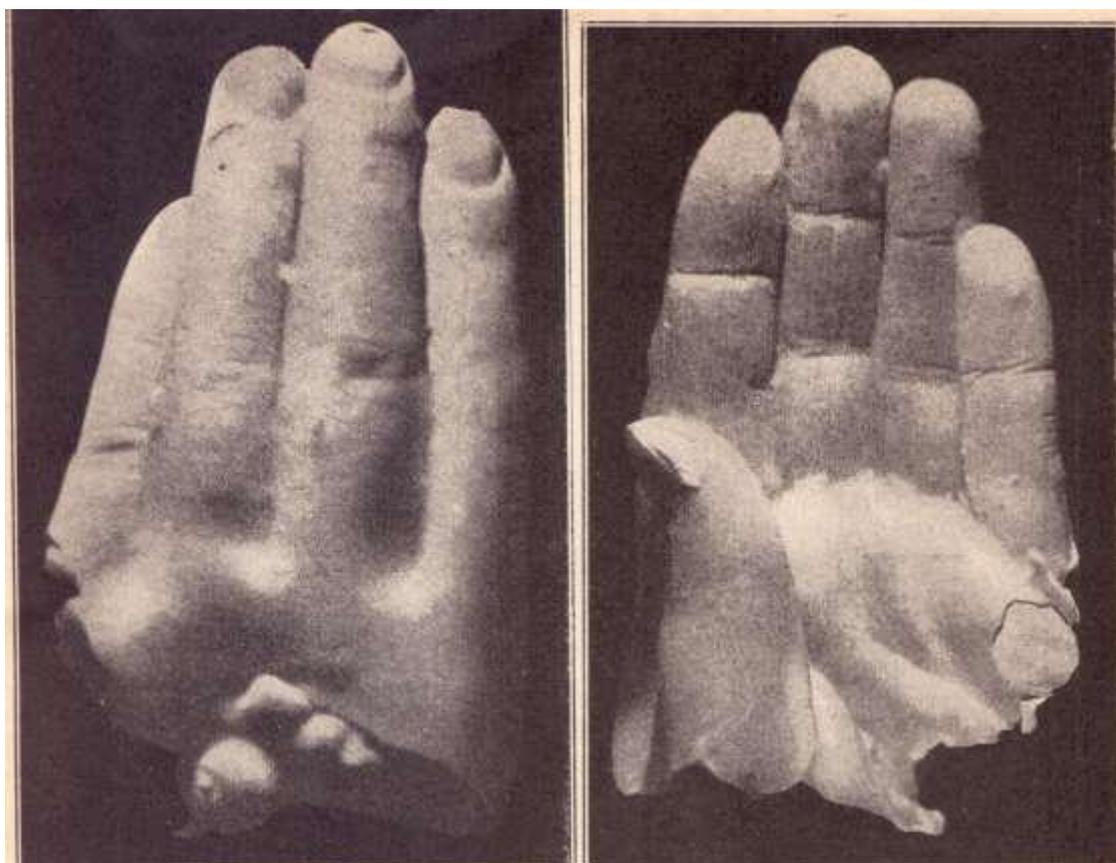


Figura 50 - Face dorsal e palmar do mesmo molde.



Figura 51- Moldes parciais de mãos obtidos na mesma sessão.

As figuras 50 representam a face dorsal e a face palmar do mesmo molde. Já a figura 51 representa o molde de dedos evidentemente diferentes dos precedentes. O formato das unhas e do polegar não tem nenhuma semelhança. As figuras 50 foram apenas parcialmente retiradas do molde, enquanto que o molde da figura 51 o foi totalmente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.4).

Geley chama atenção para a extrema finura da camada de parafina conservada sobre a base do molde da figura 51, sendo vistos detalhes anatômicos na transversal sobre o polegar, os sulcos da pele, o formato da unha; sobre a mão, as linhas, as protuberâncias, as linhas de separação entre os dedos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.4).

Quando uma película da camada de parafina foi descolada, perto da região interna, abaixo do dedo mindinho, Geley relata ter visto os sulcos da pele bem marcados. Os detalhes anatômicos dos dedos são completos nos moldes da figura 50. A fotografia infelizmente não mostra os detalhes mais delicados, conclui. Ressalta que a posição retilínea dos dedos, em moldes

parciais como aqueles, a princípio tornaria possível uma fraude pelo molde e desmolde de uma mão viva. Mas a extrema finura da camada de parafina é absolutamente contrária a essa hipótese. Nesse sentido, entende ser possível tirar a mão de uma luva de parafina só pegando os dedos, mas a condição primordial é que a luva seja espessa o suficiente para ser resistente. Quando a luva é fina, é impossível mover os dedos, sendo que na menor tentativa a luva se quebra e fica em pedaços (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.4).

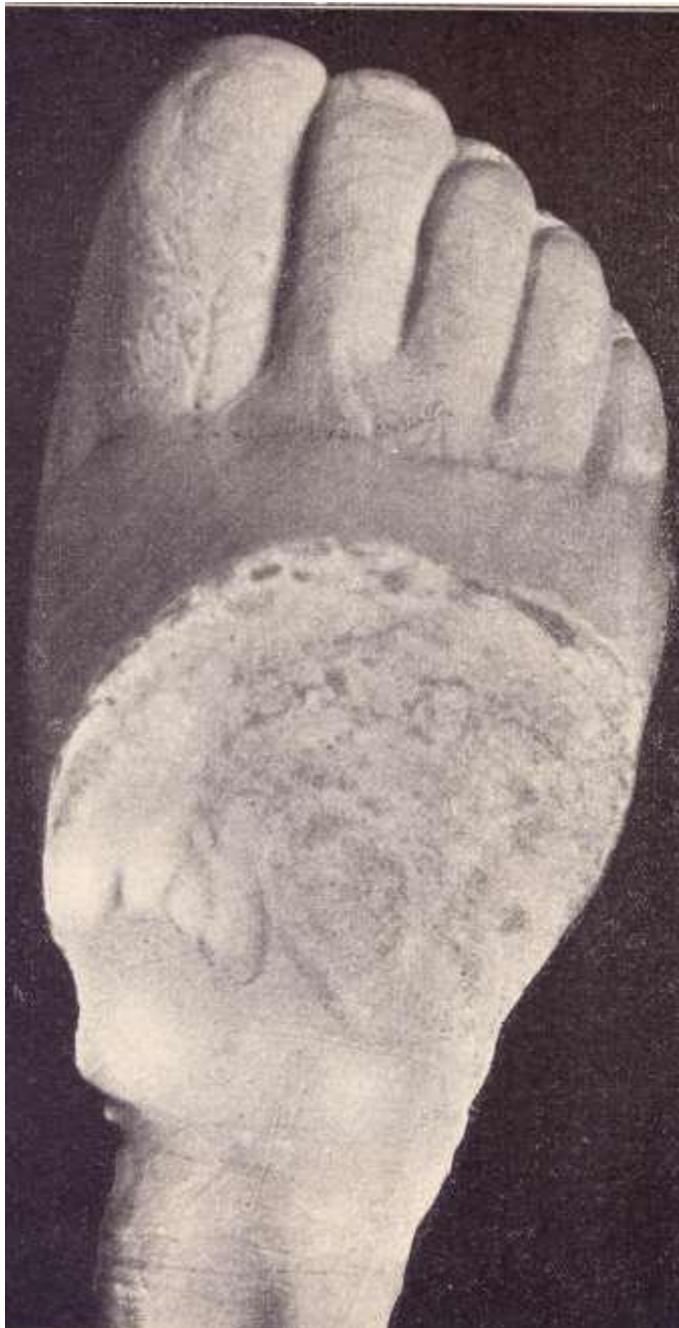


Figura 52 – Antepé.

O molde da figura 52 continha os dedos e a planta do pé da região mediana, sendo que uma fina camada de parafina foi deixada na base dos dedos do pé. Perceberam que as unhas dos quatro últimos dedos são amassadas e rudimentares (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.6).

Ressalta Geley que não há nenhuma semelhança entre essas unhas e as do médium e dos assistentes, sendo inútil dizer que os pés do médium estavam calçados e que ele estava sendo segurado pelas duas mãos permanecendo totalmente imóvel, e que ele não poderia mergulhar seu pé no recipiente de parafina que estava sobre a mesa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.6).

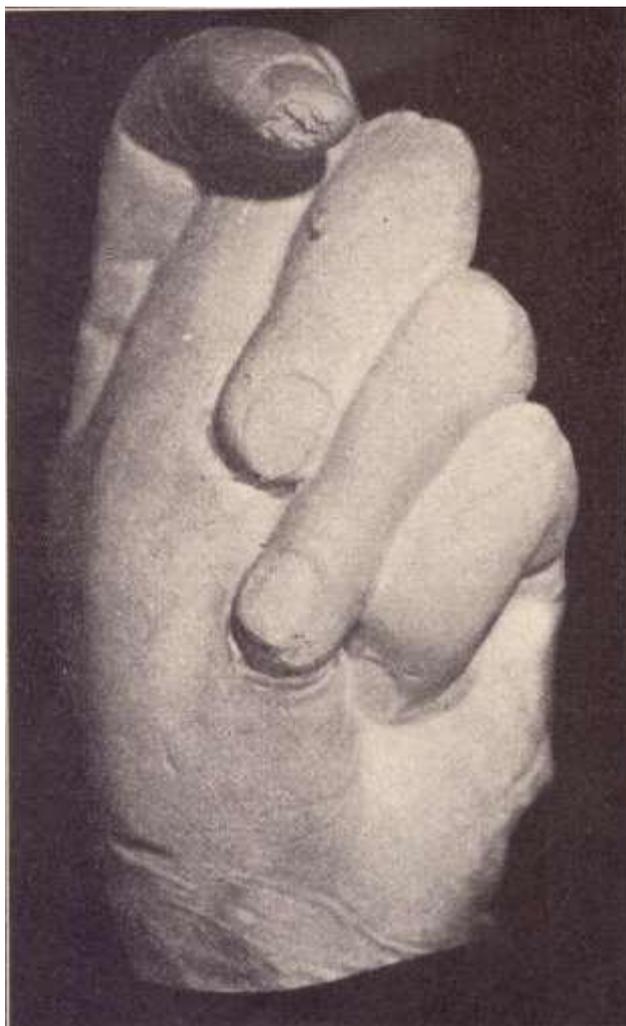


Figura 53- molde de mão.

Esta mão da figura 53 foi totalmente desmoldada. As paredes da luva de parafina eram tão finas e frágeis que a face dorsal se quebrou em partes sob os dedos durante o procedimento de preenchimento com gesso. Destaca a posição dos dedos, além da exatidão e da perfeição dos detalhes anatômicos. O polegar passa entre o dedo médio e o indicador que está dobrado sobre ele. Os três últimos dedos estão completamente dobrados sobre a mão. O conjunto traz uma forma que teria sido impossível retirar de um molde numa só peça, qualquer que fosse o molde. E ainda um motivo maior é que essa forma não poderia sair de uma luva infinitamente frágil, argumenta Geley. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.8).



Figura 54 – Mão com dedo em riste.

O que foi mencionado sobre o molde da figura 53 em relação ao assunto da impossibilidade de desfazer o molde de uma mão viva normal se aplica com mais razão ao molde da figura 54. Verificou-se a precisão desta mão e a exatidão dos detalhes anatômicos. A mão não era de tamanho natural, assemelhava-se a uma mão de criança de dez a doze anos. Geley recomenda comparar essa figura com a figura 34. A forma é quase a mesma.

Nos dois casos trata-se visivelmente de mãos de adultos reduzidas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.10).



Figura 55 – mão com polegar em gancho.

Esse molde da figura 55 tem as mesmas dimensões que o precedente e provavelmente representa a mão esquerda da mesma entidade, sendo que os dois moldes foram obtidos na mesma sessão. A posição do polegar em gancho no interior da mão tornava impossível a retirada de um órgão normal

da luva. As linhas da mão são muito claras. Uma fina camada de parafina ficou sobre o pulso (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.12).



Molde 56 – Molde achatado.

Esse molde da figura 56 representa um molde achatado. Foi obtido durante a mesma sessão na qual conseguiram-se os moldes das figuras 50 e 51. Esse molde foi depositado sobre o dorso da mão esquerda que controlava a mão direita do médium. Estava muito quente e ainda mole. Geley não se mexeu e, depois da sessão, constatou que o molde tinha desmoronado sobre si próprio (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.14).

Entende Geley, evidente, que foi intencionalmente que esse molde foi depositado sobre a sua mão antes de solidificar. Há uma nova prova, como

se isso fosse necessário, de que os moldes são realmente feitos durante as sessões. Já foi debatida, nos experimentos realizados em Paris, na primeira parte deste capítulo, tal questão. Sobre tal ponto de vista, é apresentado um real interesse. Após o achatamento, os detalhes anatômicos são naturalmente menos perfeitos em face dos precedentes. Não obstante, são ainda visíveis. A linha intermediária que corta a mão e a base do polegar é o resultado de um acidente ocorrido no gesso (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.14).

Entenderam que esses novos moldes continham, em si próprios, a prova de sua origem metapsíquica. Suas constatações foram confirmadas pelo Sr. Charles Gabrielli, um dos primeiros artistas moldadores de Paris, e por alguns de seus colegas mais distintos. A experiência destes é conclusiva (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.16).

Veja o relato documentado destes Senhores:

“Eu, abaixo assinado Charles Gabrielli, especialista em moldagem com endereço no número 6 da Rua de Cheroy, certifico ter periciado os moldes de parafina preenchidos com gesso que me foram confiados para tal fim pelo Doutor Geley, diretor do Instituto de Metapsíquica Internacional” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.16).

Após um rápido exame no laboratório do Doutor Geley, transportaram as peças para o seu ateliê a fim de realizar um estudo aprofundado. Ficaram imediatamente impressionados com as três constatações seguintes:

A primeira constatação é a de que a operação do preenchimento com gesso nos moldes de parafina revela falhas técnicas que provam objetivamente, excetuando-se qualquer outra consideração, a falta de competência do operador e, ao mesmo tempo, sua boa-fé. Por exemplo, no documento nº 1, as extremidades dos dedos ficaram em pleno ar, o que se vê claramente pela transparência. O gesso não chegou até as extremidades. Esse defeito, que um moldador experiente teria facilmente evitado, é a prova formal que o gesso foi adicionado aos moldes e que a peça não é um molde de gesso que foi mergulhado na parafina derretida. Ademais, o gesso não preencheu completamente os moldes de parafina. Sobre as partes das luvas de parafina que transbordam do gesso, encontraram a impressão de detalhes anatômicos sobre os quais falam adiante. Então, concluem não haver

nenhuma dúvida sobre a maneira de obtenção dos moldes submetidos ao seu exame, tratando-se de moldes de parafina que foram preenchidos de gesso (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.16).

A segunda constatação que foi feita é a da extrema finura da camada de parafina que constitui os moldes. As paredes não chegavam a um milímetro. Elas tinham a finura de uma folha de papel. Eram tão finas que era possível ver através da camada de parafina, sobre o gesso subjacente, todos os detalhes anatômicos, dobras da pele, sulcos, linhas e unhas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.16).

A terceira constatação foi sobre a finura e a variedade de detalhes anatômicos. Relatam que sentiam a vida por baixo desses moldes estranhos e imperfeitos. Concluíram que eram de fato mãos vivas que serviram para esses moldes. Os moldadores relataram que encontraram não somente detalhes anatômicos, como também traços de contrações musculares explicáveis somente por movimentos voluntários. Havia vincos na pele que não deixaram nenhuma dúvida sobre esse assunto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.16).

Após esse primeiro exame, procederam ao desmolde se servindo de um jato de vapor que lhes permitiu retirar a parafina camada por camada sem alterar o gesso subjacente. Sobre o gesso encontraram os detalhes antes percebidos através da camada de parafina. Com base nesse longo e minucioso exame, puderam concluir que:

“Moldes assim tão perfeitos, com tanta riqueza de detalhes e apresentando indícios de contrações musculares ativas e dobras da pele, realmente só puderam ser obtidos de uma mão viva. Trata-se de moldes de um primeiro procedimento, originais e não refeitos” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.17).

Pesquisaram como seria possível obter, pelos mais diversos procedimentos, moldes similares aos que examinaram. Estudaram especialmente os dois procedimentos mostrados pelo Doutor Geley na Revista Metapsíquica nº 5 de 1921 feitos em Paris e expostos na primeira parte deste capítulo. Nessa pesquisa, constataram que primeiro o procedimento de desmolde por fragmentos de uma parte dos moldes de parafina e outros, depois de retirada a mão operante, certamente não foi

utilizado nas peças por eles verificadas. Nesse sentido não encontraram traços de emendas nem de raspagens, nem nenhuma deformação inevitável caso isso tivesse sido feito. Não havia emendas nas luvas a eles submetidas pelo Doutor Geley. Havia sim, em algumas partes, fissuras ou amassados espaçados nas luvas que foram explicadas pela sua extrema fragilidade, mas nada que se pareça ou que possa ser confundido com uma emenda. Além do quê, o desmolde de uma mão viva não poderia ter sido realizado com luvas tão frágeis. Tais luvas invariavelmente quebrariam na menor tentativa de retirada do molde. E mesmo com moldes espessos, o desmolde de uma mão viva de algumas peças que foram examinadas, mesmo após a secção na base, teria sido impossível, argumentam. Esse foi o caso da avaliação dos moldes das figuras 45, 49, 50 e 51 acima apresentados neste experimento (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.17).

O outro procedimento indicado pelo Professor Geley na Revista consiste no uso de uma mão em substância fundente e solúvel de açúcar, gelatina ou outro. Tal mão levaria um banho de parafina e depois seria dissolvida num recipiente de água fria, o que permitiria obter um molde de parafina completo, sem emendas e tão fino quanto quisessem. Tal procedimento não se aplicaria aos moldes submetidos pelo motivo já supramencionado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.17).

Argumenta que um molde refeito não ofereceria a mesma riqueza de detalhes que um molde feito através de um primeiro procedimento. Os traços delicados inevitavelmente desapareceriam. Um artista especialista jamais confundiria um molde refeito com um molde original. Reiteram os moldadores que, no seu entendimento, formal e sem reservas, as peças por eles estudadas são moldes de mãos vivas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.17).

Sobre a questão da possibilidade de o uso de mãos de cadáveres poder, a rigor, ter sido empregado, concluíram que não. Os traços de contrações musculares provaram que se tratava de mãos vivas, além do quê, teria sido impossível retirar as mãos de cadáveres de tais moldes, qualquer que fosse o artifício utilizado. Fizeram várias tentativas fracassadas de produzir artificialmente, pelos mais diversos meios, luvas similares às que lhes foram submetidas, concluindo que é impossível

compreender como os moldes de parafina do Doutor Geley foram obtidos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.17). Em suas palavras:

“É para nós um mistério”.

(Assinado) C. GABRIELLI pai GABRIELLI Victor filho”

‘Nós, abaixo assinados, declaramos ter examinado com o Sr. Charles Gabrielli, os documentos do Doutor Geley, e compartilhamos todas as conclusões. Raphael GABRIELLI filho; BARRETINI, moldador, Guido MARCHETTI, 10, Avenue de Saint-Ouen. Artista moldador’

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.1. Tradução nossa).

Geley não acrescenta nada ao relato dos moldadores, contentando-se em lembrar o conjunto das provas que puderam fornecer a autenticidade dos moldes de membros materializados, seja nas suas experiências em Paris ou em Varsóvia. Argumenta ter demonstrado que, mesmo fora do controle do médium, que tinha suas duas mãos retidas, toda e qualquer fraude seria impossível. Primeiro porque a hipótese de uma fraude pelo uso de um simulacro em borracha era inadmissível. Esse procedimento só produziria resultados grosseiros e ridículos, cuja origem se revelaria à primeira vista. Além de não ser possível reproduzir luvas similares às suas através do uso de um primeiro molde rígido. Tentativas rudimentares demonstraram isso imediatamente. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.18).

Argumenta ainda que o procedimento de um primeiro molde em substância fundente e solúvel, recoberto de uma camada de parafina dissolvida num recipiente de água fria durante a sessão seria incompatível com as condições nas quais funcionavam já que não tinham recipiente com água fria. Já a hipótese de uso de uma mão viva, seja a do médium ou do assistente seria inadmissível. Esse truque não poderia ter sido empregado por diversas razões, cujas principais seriam as seguintes: precisariam de moldes muito espessos e sólidos, e os seus eram finos e frágeis; a posição intencional dos dedos de determinados moldes tornaria impossível a retirada de uma mão viva, não importando qual fosse a espessura ou artifício empregado; as dimensões dos seus moldes frequentemente não têm nenhuma relação com as do médium ou dos assistentes. Em Paris e Varsóvia obtiveram moldes parecidos com mãos de criança quando não

havia crianças na sala. A hipótese de moldes fabricados fora da sessão e levados pelo médium ou assistentes foi refutada pelo controle de corantes e da substância química introduzidas em segredo na parafina de Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.19).

Por fim, o relatório dos especialistas em moldes foi categórico e decisivo. Com relação à replicabilidade dos fenômenos, foi questionado se os fenômenos não poderiam ser reproduzidos à vontade. Nesse sentido, argumenta Geley que não era exatamente assim, já que com um médium como Franek Kluski os fenômenos são obtidos quase que sem falhas, podendo, de antemão, pedir um molde de tal órgão com determinada dimensão e forma e em certa posição, além de a experiência poder ser repetida. Muitos de seus moldes evidentemente representavam a mão da mesma entidade. Conclui que fingir que não poderiam, por duas vezes consecutivas, obter o mesmo fenômeno metapsíquico, seria um erro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1922, p.19).

4.11.2. Novos Moldes Materializados em Varsóvia, de abril a maio de 1922

Antes de apresentar a nova série de moldes de membros materializados, Geley faz algumas considerações inéditas sobre os moldes precedentes já descritos.

4.11.3. Exame de impressões digitais

Foram comparadas as impressões digitais dos moldes com as impressões digitais do médium. O aspecto exterior, a forma das mãos moldadas, o comprimento dos dedos e as linhas da palma da mão eram completamente diferentes das do médium. Além disso, as dimensões não eram as mesmas. Essa análise foi feita caso a caso, fosse de mãos de adultos, mais fortes que as de Kluski, fosse com mãos de mulheres ou de crianças (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.310).

Contudo, pareceu interessante a Geley submeter ao Sr. Bayle, distinto chefe do Serviço de Identidade Judiciária, alguns dos seus moldes

assim como as impressões digitais do médium e das suas próprias mãos. O Sr. Bayle deparou-se com algumas dificuldades devido ao fato de que as impressões das extremidades dos dedos dos moldes eram menos marcadas que os sulcos da palma e, sobretudo, que os da face dorsal da mão. Ademais, foi preciso eliminar todos os moldes que apresentavam dedos dobrados ou em gancho, ou seja, a maior parte deles. Apesar dessas dificuldades, o exame antropométrico foi conclusivo, não havendo nenhuma relação entre as impressões digitais do médium com as dos moldes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.310).

4.11.4. A propósito da imitação fraudulenta dos moldes

Geley descreve aqui um novo método de fraude que foi estudado e colocado em prática por um artista moldador muito conhecido, o Sr. Pierre Lorenzi (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.312).

Para obter um molde de mão em uma única peça, pode-se proceder colocando-se sobre o braço do sujeito do qual se quer modelar a mão um garrote bem amarrado para parar a circulação sanguínea, respeitando a circulação arterial, como na hemorragia. Após quinze minutos, a mão está inchada com sangue e seu volume aumentado. Unta-se a mão com uma mistura bem escorregadia, qual seja, óleo, estearina e vaselina em partes iguais. Adiciona-se à mão assim preparada uma camada grossa de gesso. Quando o gesso começa a endurecer, a pessoa deve mexer levemente a extremidade dos dedos e a mão. Ao mesmo tempo, retira-se o garrote e o bloco de gesso que envolve a mão para ativar o restabelecimento do sangue venoso. A mão diminui de volume e, com certo esforço, consegue-se retirá-la deixando um molde oco em uma só peça. Em seguida, precisa-se derramar gesso nesse primeiro molde para obter uma reprodução fiel de uma mão humana sem emendas. No entanto, o esforço necessário para a retirada da mão acaba produzindo erosão, estrias e alguns outros defeitos no molde. Além do mais, argumenta, esse procedimento só seria possível se a mão do sujeito estiver totalmente esticada e os dedos juntos. Se um ou mais dedos estiverem espaçados, dobrados ou em gancho, a retirada não seria possível (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.312).

Como o procedimento exige um grande esforço, a camada de gesso colocada na mão deve ser bem espessa e resistente. O Sr. Lorenzi verificou que, se no lugar do gesso utilizassem a parafina, precisariam de uma camada de um quilo com paredes de pelo menos quatro centímetros de espessura. Porém, esse procedimento de imitação dos moldes metapsíquicos deixa de fora certas características essenciais dos seus documentos, tais como a extrema finura das paredes e a posição dos dedos dobrados (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.312).

Entretanto, Geley considera o trabalho do Sr. Lorenzi muito interessante e que merecia ser conhecido. Desejava que ele ainda mostrasse outras possibilidades de fraude. De fato, não saberiam aplicar todos os procedimentos concebíveis para a imitação de moldes metapsíquicos. O conhecimento desses procedimentos pode respaldar os futuros investigadores quanto a truques de maus médiuns. Mas argumenta que no que concerne aos moldes de Kluski, nem prestidigitadores, ilusionistas, nem moldadores especialistas conseguiram fabricar peças idênticas, ou seja, que apresentassem o seguinte conjunto de características: 1º - moldes em uma única peça feitos de parafina comum vendida no comércio; 2º - tendo a espessura máxima de um milímetro; 3º - incluindo toda a mão até o pulso com um ou mais dedos espaçados, dobrados ou em gancho; 4º - reproduzindo todos os detalhes anatômicos, inclusive os sulcos da pele, 5º - exatamente iguais aos moldes de primeiro procedimento (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.313).

Entendia Geley que, teoricamente, não era impossível que conseguissem realizar essa imitação um dia através de um procedimento desconhecido; todavia, esse procedimento, se existente, só poderia ser o trabalho de um artista, trabalho longo, complicado e absolutamente inadaptável às condições experimentais das sessões mediúnicas. Conclui que, invariavelmente, sempre chegavam à mesma conclusão: a única fraude concebível seria a fabricação de moldes fora das sessões através de um procedimento artístico inédito e seu transporte através de um truque que escaparia aos olhos dos controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.313).

Geley argumentava que já havia demonstrado que os moldes foram realmente produzidos durante suas sessões, com sua própria parafina adicionada de corantes ou de substância química. Considerava de grande importância o fato de que ilustres artistas moldadores não tenham conseguido fabricar peças idênticas as suas; não obstante, não puderam dar a esse fato um valor demonstrativo absoluto. Em sua linha de argumentos, considera que, *a priori*, não havia nada imitável, de fato, nem mesmo uma nota de mil francos. Mas mesmo quando se conseguia obter uma falsificação artística de uma nota de mil francos, não teriam o direito de concluir que todas as notas de mil francos eram falsas ou simplesmente suspeitas. Do mesmo modo, se um dia conseguissem fabricar moldes perfeitamente idênticos aos moldes do Kluski, não teriam nenhum direito de concluir que estes últimos eram o produto de uma fraude (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.313).

A convicção de Geley da autenticidade metapsíquica já era absoluta, antes mesmo dos especialistas moldadores. Baseava-se no conjunto de condições das suas experiências, conforme relatado no presente capítulo. De qualquer forma, é admirável seu esforço hercúleo para atender a todas as exigências para legitimar o experimento.

4.11.5. A nova série de moldes

A nova série de moldes foi obtida durante sua última estada em Varsóvia, em abril e maio de 1922, através da mediunidade do Sr. Franek Kluski. As sessões aconteceram na sua sala, com as habituais precauções, como visita da sala e revista do médium, porta trancada por dentro, ambas as mãos do médium retidas. Seus colaboradores principais foram o Coronel Okolowicz, o Sr. Stephan Ossowiecki, o Sr. Stanislas de Jelski, a Sra. A.E. e a Srta. Lodomira Gzerliak. Geley sempre reteve uma das mãos do médium, estando seguro quanto ao seu controle (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.314).

Foram obtidos oito moldes. Dentre esses oito moldes, havia quatro que mereceram considerações especiais bastante significativas. Entendia

Geley necessitar de novas experiências para aprofundar o estudo. Sendo assim, não falará sobre esse assunto.

Segue a fotografia em tamanho natural das outras quatro peças:

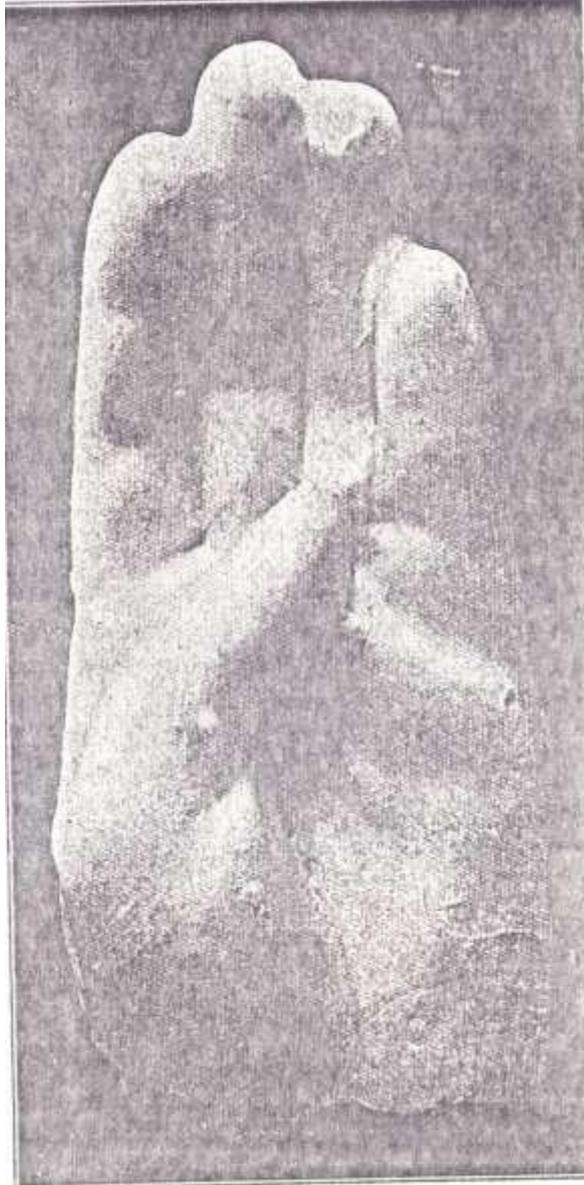


Figura 57- molde de mão feminina

No molde da figura 57, a camada de parafina foi respeitada. O molde começa na base do tênar e do hipotênar. É evidente que em uma única peça. Geley preencheu de gesso e deixou tal e qual. A camada de parafina tinha a espessura de uma folha de papel bem fina. Argumenta Geley que a posição do polegar, em gancho e em direção à palma da mão, teria tornado impossível a retirada de uma mão normal. Além do quê, a extrema fragilidade

da camada de parafina seria provavelmente suficiente para impedir a retirada. Pode-se ver todos os detalhes anatômicos através da parafina sobre o gesso subjacente. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.315).



Figura 58 - mesmo molde da Figura 57, face dorsal.

No molde da figura 58 é interessante observar os sulcos da pele que aparecem claramente, e os detalhes característicos através da parafina (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.316).



Figura 59 – molde de duas mãos juntas.

O molde da figura 59 é referente à mão direita e à mão esquerda de uma mesma “entidade”. Elas são mãos masculinas, de adulto de uma certa idade, com ranhuras ocas e rugas acima do pulso. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.317).



Figura 60 – mesmo molde da Figura 59 em disposição diferente.



Figura 61 - moldes de duas mãos, direita e esquerda, sobrepostas.

O molde da figura 61 era menos perfeito que os precedentes. Os sulcos da pele não eram marcados. Esta má-formação provavelmente se deve a que a parafina não estava suficientemente quente quando o molde foi feito, conclui Geley. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.318).



Figura 62 – Moldes de duas mãos, direita e esquerda, juntas com os dedos entrelaçados.

No molde referente à figura 62, nota-se a nitidez dos detalhes anatômicos. O entrelaçamento dos dedos é bem apertado, de modo que a liberação das mãos do molde de parafina normais teria sido impossível sem o quebrar, afirma Geley (*REVUE MÉTAPHYSIQUE*, n.5, 1922, p.319).

Geley entende que esses duplos moldes apresentam interesse especial do ponto de vista do controle já que muitas categorias de fraudes possíveis foram eliminadas de uma só vez. Por exemplo, os moldes parecidos não poderiam ser atribuídos a uma fraude do médium durante a sessão porque suas duas mãos estavam retidas. A liberação de apenas uma delas não teria sido suficiente, argumenta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.321).

Mas pondera ser bastante difícil atribuir a fraude a um assistente, já que durante todas as sessões foram feitas as correntes, de modo que o assistente-cúmplice não poderia ter mexido ambas as mãos para trapacear; ele precisaria da cumplicidade de seus dois vizinhos. Conclui que a única hipótese concebível de fraude que resta seria a da preparação de antemão do segundo molde (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.321).

Em Varsóvia, não foi aplicado o procedimento de controle absoluto como havia sido feito no Instituto de Metapsíquica Internacional, entretanto, como já foi ressaltado por Geley, a dissimulação de uma peça tão volumosa e frágil teria sido complicada e difícil. O próprio sucesso das experiências anteriores onde o controle absoluto foi empregado serve como garantia de sua probidade nessas experiências, finaliza. Além disso, argumenta, foi obtida uma nova prova inédita, os experimentadores tiveram a oportunidade de ver atuarem as mãos que serviam de molde na parafina. As mãos estavam iluminadas por pontos luminosos nas extremidades dos dedos. Passeavam lentamente bem na frente dos seus olhos, mergulhavam no recipiente de parafina, borbulhava um instante, uma fração de minuto e saía sempre luminosa. Feito isso, finalmente colocava o molde ainda quente em uma das mãos de Geley. Tratava-se de um procedimento muito rápido, durava no máximo dois minutos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.321).

4.12. A ação de Kluski sobre a agulha imantada

O Dr. PhD. Sokolowski, comentou que os primeiros fenômenos que constatou na casa de Kluski, no início de 1919, num momento em que ninguém suspeitava da sua mediunidade, foram os fenômenos de efeitos

luminosos. Depois disso, lhe propôs uma experiência na tentativa de colocar em movimento uma agulha que estava sobre uma rolha e, quando constatou uma ação telecinética, tentou que ele fizesse com uma bússola. Os resultados foram satisfatórios. A agulha imantada virou-se em várias direções e teve a clara impressão de que os movimentos dependiam da vontade do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.322).

No dia 13 de junho de 1922, colocou o Sr. Kluski em contato com o Sr. Vett, secretário geral do Escritório Internacional do Congresso de Metapsíquica de Copenhague. Ficou acordado que não fariam nenhuma experiência devido ao seu estado de saúde. Durante a conversa, mencionou seus experimentos com a agulha imantada e perguntou a Kluski se ele ainda se interessava por aquilo. Kluski respondeu que já não tentava há muito tempo, mas que os resultados satisfatórios da primeira experiência garantiam o sucesso de outras (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.322).

Ao ver o médium bem-disposto, pediu que fizessem uma sessão. Eram quatro horas da tarde. Após retirar de perto todos os objetos de metal, Kluski sentou-se em frente à bússola e olhou fixamente a agulha. Após fazer alguns movimentos acima da agulha, ela se mexeu a 30° na direção leste. O médium pegou a bússola, colocou-a sobre um pequeno armário, repetiu a experiência, obteve o mesmo resultado e fez o mesmo em outro cômodo ao lado. Depois ele pegou três bússolas, colocou-as alinhadas sobre a mesa de escritório, subiu numa cadeira e estendeu seu pé sobre elas; a agulha da última bússola à direita fez um giro de 360° completo. Kluski repetiu essa experiência diversas vezes num espaço de vinte minutos. Ressalta Geley que estavam sentados em frente à mesa de escritório, sendo o Sr. Vett bem na frente de Kluski e Sokolowski à sua direita. As agulhas das bússolas eram cuidadosamente colocadas em repouso antes de cada experimento e não vibravam. Começavam a se mexer quando o médium aproximava sua mão ou pé a uma distância de alguns centímetros. Kluski encontrava-se num estado absolutamente normal, falando e brincando. Suas mãos não tinham nenhum anel e estava calçado com sapatos de tecido de solas costuradas. O Dr. Sokolowski fez outras experiências no seu ateliê para colocar em movimento a agulha de uma bússola com a ajuda de um ímã de ferro, tendo

resultados totalmente diferentes dos experimentos com Kluski (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.5, 1922, p.322).

4.13. Novas experiências com o médium F. Kluski em junho de 1924

Essas experiências são de grande valor histórico já que foram as últimas realizadas por Gustave Geley antes de seu fatídico acidente aéreo. Tudo que obtiveram durante as sessões seguintes se encontrava numa pequena mala que o Dr. Geley segurava no momento de sua morte. A queda do avião desintegrou os moldes. Sendo assim não existe registro fotográfico dos moldes.

4.13.1. Sessão do dia 20 de junho de 1924 no escritório de trabalho do Kluski, às 22h

Feito o círculo a partir da direita do médium, temos: Dr. Geley, M.S. Ossowiecki, Coronel N. Okolowicz, Comandante Doutor W. Missiuro, Dr. L. Starzewski, Sra. A. Ossowiecka e Tentente Jean Mordrzejewski (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.411).

Geley controlava a mão direita do médium. Seu dedo mindinho estava dobrado junto ao mesmo dedo da mão direita do médium. Sua mão estava sobre a de Kluski e seu antebraço encostado ao dele. A perna esquerda de Geley também estava em contato direto com seu joelho e sua perna direita (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.411).

Durante toda a sessão, o médium não se mexeu. A porta ficou trancada à chave. Não havia na sala nem armários nem guarda-roupas. Todos os presentes faziam a corrente. O ambiente apresenta-se em plena escuridão. A espera é um pouco longa, de seis a dez minutos. O médium teve dificuldade de adormecer. O barulho da tosse de um dos presentes o incomodou. Após um período, ele entra em transe e respira estrondosamente, inspiração com roncos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.411).

Geley percebe uma espécie de barulho atrás do médium e depois entre ele próprio e o médium. Praticamente logo em seguida tem a clara impressão de uma presença ao seu lado. De fato, relata sentir o contato de uma mão do seu lado e depois na sua nuca. Pequenas luzes, bem pequenas, se formaram em volta do médium e acima da sua cabeça. Percebeu um odor de ozônio ao longe, mas bem menos forte que nas sessões de Paris (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.411).

Novos contatos ocorreram, classificados por Geley como de uma clareza perfeita. Relata ter sentido uma pequena mão que lhe acariciava o rosto. Os dedos eram bem finos e pequeninos e com suas pequenas unhas ela lhe beliscava levemente as orelhas. Sentia simultaneamente duas mãos pequenas nas suas duas orelhas, depois na cabeça e nos seus ombros. Os que estavam na sua frente, o Sr. Mordrzejewski e a Sra. Ossowiecka, também sentiram as pequenas mãos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.411).

Depois ocorreu o fenômeno de uma luz que fluuava acima do recipiente de parafina que estava no meio da mesa. Os controladores escutavam o borbulhar várias vezes na parafina. Dedos de criança, embebidos com a parafina quente tocam a mão esquerda de Geley. Um instante depois, uma luva de parafina quente e ainda murcha foi colocada sobre sua mão direita. Novo borbulhar e uma luva foi colocada quente e murcha sobre sua mão direita. Seus dedos livres sentiam a ponta da luva bem murcha. Tateava com cuidado para não estragar a luva. Até o fim da sessão, seus dedos guardavam cautelosamente as luvas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.412).

Geley diz: “djinkouié”, que significa obrigado em polonês e logo após sente tapinhas amigáveis da mão pequenina no seu braço esquerdo. A mesma mãozinha vem apertar sua mão esquerda cordialmente. A materialização era perfeita. Era uma mão de criança, quente e bem viva. Logo a seguir percebe o contato de uma mão bem grande sobre a sua cabeça, nas costas e depois sobre sua mão. Ainda é uma mão normal que aperta a sua como o faria uma mão humana. Seria a mesma sensação. Numerosas luzes apareciam, duas, três ou quatro de cada vez. Eram retratadas como belas. Por três vezes viu uma luz que crescia bruscamente e

se propagava, parecia com um minúsculo cometa da grossura de uma amêndoa ou de uma noz e depois desaparece. Uma tela fluorescente colocada sobre a mesa no canto oposto ao médium foi agarrada e levantada bem ao alto. Pouco tempo depois, iluminados pela tela, os controladores viram um busto e uma cabeça; dois membros superiores com a altura de um homem. Uma das mãos, a esquerda, segurava a tela que ilumina bem. A cabeça estava coberta com um quepe militar. O rosto era jovem, fino e tinha um pequeno bigode e barbicha louros. Parecia o irmão do cadete do Ossowiecki. A fisionomia era muito vivaz. Enquanto Geley olhava, ele levantava a mão direita e fazia uma saudação militar polonesa com os dois dedos. A mesma cena foi feita na frente de todos os presentes. A aparição foi em direção a Geley, e recomeçava a saudar e desaparecia depois de colocar vagarosamente a tela sobre a mesa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.412).

Outra aparição, sempre clareada pela tela, ocorreu. Tratava-se de um homem bem barbudo de quarenta e cinco a cinquenta anos. Ele fez Geley observar seu crânio levantando a tela, constatando que ele era careca. Bem no topo da sua cabeça havia como uma grande curva, mas não se pôde ver bem (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.412).

A terceira aparição era a de um homem jovem e moreno com um boné. O recipiente de parafina foi suspenso por mãos invisíveis, passando por cima das suas cabeças e foi colocado no chão. Depois, novas luzes apareceram. Ocorreu o contato de mãos rudes, simultaneamente nos dois ombros de Geley. A Sra. A. Ossowiecka sentiu uma mão grande e muito fria. De repente, o médium fez menção de vomitar e depois pareceu desmaiar. O levaram até o sofá onde ele voltou a si e aos poucos acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.412).

4.13.2. Sessão de 30 de junho de 1924

O controlador à direita foi o Sr. Przybylski e, à esquerda, o Tenente Jean Modrzejewski. A disposição do círculo se deu na seguinte ordem: médium, Tenente Modrzejewski, Sra. Przybylska, Dr. Geley, Coronel

Okolowicz, Coronel Zaraski, Sr. Przybylski (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.413).

Geley foi simplesmente convidado a essa sessão organizada especialmente pelo Sr. Przybylski e pela Sra. Przybylska e não foi consultado em nenhum momento sobre os detalhes de ordenação e organização. O Sr. e a Sra. Przybylski perderam em 1921 um filho de 19 anos, soldado, morto depois de pegar uma doença infecciosa. Pediram a Kluski que lhes concedesse uma sessão. Sendo assim, Geley qualifica o ambiente como propício para as manifestações espirituais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.413).

A porta estava fechada à chave. Geley estava de costas para a porta e o encosto estava amparado na porta, de modo que não podia ser aberta sem que Geley percebesse. Os presentes faziam a corrente. A sessão começou às 22:15h. A luz acendeu e perceberam que a cortina da janela estava mal fechada e deixava entrar um pouco de luz. Os fenômenos demoram um pouco a acontecer, cerca de dez minutos. Geley observou primeiro uma pequena luz que se elevava acima do médium, flutuava a uma altura de cerca de 1,5m a 2m, subia e descia e se aproximava de todos os presentes sucessivamente. A luminosidade era bem fraca. Depois, outras luzes mais brilhantes apareceram. Observaram três luzes simultaneamente e longe umas das outras (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.413).

Repentinamente, Geley teve a sensação de uma presença atrás dele. Sentiu uma mão que bateu no seu ombro, descendo pelo seu braço direito e chegando até sua mão para apertá-la cordialmente. Os dedos estavam completamente materializados e numa temperatura normal. Era uma mão viva, classificou Geley. Depois, duas mãos seguraram sua cabeça pelas orelhas e lhe davam tapinhas de leve. Eram mãos pequenas e magrinhas, mãos de adolescente ou de uma mulher. Na sequência, escutou passos na sala. Os passos se afastavam e se dirigiam à mesa de trabalho do Kluski a uma distância de quatro metros. Escutavam barulhos de papel e de pequenos objetos caindo. Uma luz flutuava à sua frente e embaixo. Uma das telas luminosas que estavam sobre a mesa foi tomada e elevada ao ar. Um ser cuja figura estava admiravelmente materializada se serviu desta tela para se mostrar. Ele se aproximou sequencialmente de todos os presentes e

mostrou seu rosto e perfil. O coronel Okolowicz, o Coronel Zaraski e o Tenente Modrzejewski dizem ao mesmo tempo: “É Battisti! Bom dia, Battisti! E viva a Itália!”. Battisti foi um patriota italiano enforcado pelos austríacos durante a guerra. Contaram a Geley que essa entidade se manifestou pela primeira vez numa sessão de Kluski durante uma estada sua em Florença. Geley notou uma cabeça energética, de pele bem morena, bigode bem feito e uma barbicha protuberante. A cabeça era coberta por um gorro de pele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.414).

Enquanto a aparição estava perto, Geley, pediu permissão para apertar a mão dele. Geley colocou sua mão direita para trás. Logo em seguida, sua mão é apertada forte e cordialmente. Geley percebeu a sensação comum de um aperto de mão de amigo. Em seguida, a tela então repousa sobre a mesa. Cinco minutos se passaram sem nenhum fenômeno e novas luzes apareceram. A tela foi novamente tomada e elevada ao ar. Um novo ser se mostrou tão perfeitamente materializado quanto o outro. Foi primeiramente em direção ao Sr. Przybylski, que se sentiu abraçado por braços invisíveis. Com a luminosidade da tela, ele afirmou reconhecer seu filho. O ser lhe beijava a testa, as bochechas e as mãos e ainda se mostrava. Depois, ele foi à direção da Sra. Przybylska que gritou e manifestou tanta emoção que a manifestação cessou por um instante. Depois recomeçou. Geley distinguiu o rosto de um adolescente louro sem barba, afirmando ser a figura muito viva. O ser virou-se em direção ao Sr. Przybylski e ficou bastante tempo perto dele. Geley neste momento escutou um sussurro indistinguível. Cinco minutos de calma se passaram. De repente, várias luzes brilhantes aparecem atrás do médium e se propagaram de maneira diversa. Geley detectou uma espécie de candelabro que oscilava, um raio retilíneo bem fino de cerca de 0,5m uniformemente brilhante e uma série de luzes; abaixo delas flutuava numa névoa fluorescente. As luzes se deslocavam com vigor atrás de Geley e depois entre Geley e o Coronel Okolowicz. A tela foi colocada sobre a mesa. O Coronel Okolowicz se sentiu beijado. Geley viu claramente um braço em volta do seu pescoço e uma cabeça encostada na sua. Viu também uma mão luminosa fazer o sinal da cruz na sua testa. O coronel, emocionado, diz reconhecer sua mãe. O ser vai para perto de Geley e lhe mostra sua cabeça e mãos na claridade da tela. Geley não viu bem os traços

da face. A cabeça estava coberta com uma espécie de xale de lã. Neste momento, o ser pega sua mão direita e coloca em sua cabeça para que Geley sinta seus cabelos. Geley relatou ter a sensação de uma lã grossa e, em relação ao odor, sentiu um perfume bizarro que emanava desta entidade, às vezes de rosas e às vezes de ozônio. Com curiosa insistência, a entidade lhe fez ver mais o xale de lã que os traços da sua face. Seguindo seu relato, Geley passou a sentir que a entidade se movia atrás dele e apoiava suas mãos no encosto de sua cadeira, como se quisesse ser guiada na escuridão e depois retornou em direção à Okolowicz. Geley tem a impressão absolutamente clara de um ser vivo. Enfim, a tela repousou sobre a mesa e tudo cessou sendo que já era quase meia-noite. O médium começou a ter soluços e a sessão foi interrompida. Kluski, exausto, se deitou no sofá (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1924, p.414).

4.14. Novas experiências com o médium F. Kluski em julho de 1924

4.14.1. Sessão de 3 de julho de 1924, às 22:30h na casa do Kluski

Os assistentes foram o Dr. Geley, controlador da direita, Madame X., controladora da esquerda, Sr. Charpentier e Sr. Y. O médium demonstrava uma grande fadiga, além de ter passado por uma série de contrariedades antes do início da sessão. Ainda que a sessão tenha sido bem-sucedida, foi inferior às precedentes. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.29).

Ao final de meia hora, apareceram as luzes habituais, antes discretas e depois intensas e bem visíveis. Geley percebeu o odor de ozônio habitual. Mas, ao mesmo tempo, havia um perfume especial que chegava com o vento. Diversos contatos foram sentidos pelo Sr. Charpentier e por Geley. As mãos que lhes tocavam eram quentes e tinham todas as características de mãos humanas, às vezes mãos de crianças e às vezes de adulto. Sobre a mesa de experiências estava o recipiente com parafina. Os controladores tiveram a ideia de substituir a tigela costumeira por uma caixa cilíndrica de 0,5m de altura. Geley esperava, através disso, obter um molde de uma mão e de um antebraço inteiros. Para o espanto de todos, foram vistas as mãos luminosas virem por cima do cilindro, hesitarem e depois se afastarem sem

mergulharem na parafina. Os dedos impregnados de parafina quente tocaram Geley e o Sr. Charpentier. Depois disso, esperaram por longos quinze minutos, sem que percebessem o borbulhar habitual da parafina. Finalmente escutaram o ruído que esperavam, ou seja, a parafina transbordando do recipiente e derramando sobre a mesa e em suas pernas, felizmente protegidas por linho. Dois moldes são logo colocados ainda quentes e macios entre suas mãos. Ocorre então um período de calma. Passado algum tempo, ocorreram sucessivas manifestações de duas entidades que se faziam ver com a ajuda das telas. A primeira entidade era “Battisti”, que teve as características descritas nas sessões precedentes. A segunda era de um oficial polonês também já familiar. Geley percebeu que o seu quepe estava admiravelmente materializado, distinguindo os quatro ângulos do quepe e a viseira de couro. A entidade lhe mostrava incessantemente seu quepe e, depois, já com a tela, ela batia na viseira de couro e todos escutavam esse barulho. Como de costume, o médium teve soluço e a sessão foi suspensa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.29).

Geley fez duas observações nesta sessão. A primeira é que percebeu a hesitação das entidades em mergulhar suas mãos no tubo de parafina, e concluiu que a hesitação era absolutamente natural já que se esqueceram de colocar o cilindro na tigela para evitar que a parafina, durante a confecção dos moldes, não escorresse e não sujasse o ambiente e suas roupas. Nesse sentido, concluiu que as “entidades” tiveram melhor senso que os experimentadores mergulhando a mão muito discretamente e, ao invés de obter um molde grande de antebraço que Geley queria, só se obtiveram dois moldes de mãos de crianças. A segunda observação é a de que ficou surpreso com a insistência das entidades em lhe fazer observar seus acessórios, quais sejam, lenço, quepe, boina e botões do uniforme. Nesse campo, sabe-se a dificuldade de interpretação dessas criações efêmeras de objetos. Concluiu que tinha muito a aprender sobre o assunto (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.30).

4.14.2. Sessão de 11 de julho de 1924 às 23h

A sessão aconteceu após um jantar qualificado como divino por Geley, oferecido aos amigos pelo Sr. Kluski. A disposição do círculo ocorreu da seguinte forma: médium; Dr. Geley, controlador da direita; Sr. Sypniowski; Sr. T. Pawlowski; Dr. L. Starzowski; Coronel Okolowicz; Sr. B. Walukiewicz; Conde Ostrorog Wolski; Tenente Modrzejewski, controlador da esquerda. Precauções habituais foram utilizadas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.30).

O médium entrou rapidamente em transe. Todos viram logo uma série de magníficas luzes. Essas luzes eram por vezes de oito a dez simultaneamente e eram vistas em todas as partes do ambiente, bem altas e bem longe do médium. Eram grandes como moedas de cinco francos. Diversos contatos foram sentidos pelos assistentes. Uma mão fina acariciou o pescoço de Geley que sentiu um beijo em sua testa. Mãos luminosas “flutuavam” sobre a mesa em volta do recipiente de parafina. Eram tão luminosas que clareavam toda a mesa, o recipiente, o médium e o círculo dos assistentes. Mãos mergulhavam e borbulhavam na parafina e tocavam Geley com dedos impregnados de parafina. Moldes quentes e ainda macios eram colocados em suas mãos. Depois, o recipiente de parafina era erguido, transportado acima de suas cabeças e colocados no chão atrás de Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.30).

Alguns instantes de calma se passaram. Depois as entidades passaram a se manifestar. “Battisti” apareceu primeiro. Ele se mostrava bem. Geley lhe perguntou se ele teria alguma mensagem para o Professor Santoliquido. Ele lhe respondeu simplesmente dando tapas amigáveis sobre seus ombros. Depois o homem jovem da segunda sessão se mostrou, o filho do Sr. Przybilski. Ele reclamava docemente da ausência do pai. Depois um oficial polonês morto nas trincheiras da armada russa durante a guerra. Ele usava o uniforme russo e um dos assistentes, o Coronel Okolowicz, diz reconhecê-lo. Depois vem a mãe de Okolowicz. Em seguida, uma entidade cujo olho direito estava coberto com uma faixa preta. Um dos assistentes disse que era um de seus amigos mortos por um câncer no olho e que costumava usar essa faixa preta nos últimos meses de sua vida. Depois, surgiu uma manifestação qualificada por Geley como magnífica. Foram vistas, atrás de Okolowicz e a três metros do médium, várias luzes bem

vívidas sendo que, de repente, duas grandes mãos luminosas clarearam o ambiente. Com essa luz, foi visto um homem vestido de roupas flutuantes, sendo que sua cabeça estava envolta em panos finos. A aparição durou pelo menos cinco segundos e as mãos luminosas esboçavam gestos incompreensíveis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.31).

A maior das telas foi agarrada por outra entidade que foi imediatamente em direção a Geley, ficando entre o médium e Geley, que viu o que descreve como uma bela cabeça e bigodes, com traços enérgicos e sérios. Um turbante de musseline branca envolvia o crânio. Os assistentes dizem: “É um Turco.” Ele se mostrou sucessivamente a todos. E todos gritaram: “Viva a Turquia!” E ele responde bastante distintamente em turco: “Viva a Polônia!” Ele disse a Geley no ouvido outras palavras que não foram compreendidas e soltou a tela. Todas as aparições eram vívidas e davam a impressão de estarem vivas e tão normais quanto os seres vivos, afirmou Geley. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.31. Tradução nossa).

Durante todo o curso dessas aparições, luzes magníficas não pararam de se mostrar. Eram revestidas de todas as formas: pontos brilhantes, nebulosos, ou grandes faixas iluminadas. Muitas mãos luminosas. Um forte cheiro de ozônio se espalhava, misturado a um cheiro de perfume já sentido e que parecia com rosas. A sessão terminou às 00:15h (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1925, p.31. Tradução nossa).

4.15. Conclusão

O controle em face do médium durante as sessões nos experimentos acima mencionados foi feito bem de perto, buscando a certeza de que os moldes eram feitos durante as sessões e com parafina fornecida por ele. Geley secretamente adicionou substâncias parafina, como forma de controlar o material usado durante os experimentos. Esse tipo de controle foi positivo e permitiu mais uma vez afirmar categoricamente que os moldes foram obtidos durante as sessões em que estava presente e com a sua parafina macetada.

Também moldadores de renome de Paris da época, como C. Gabrielli, fizeram várias tentativas fracassadas de produzir artificialmente,

pelos mais diversos meios, luvas similares às que lhes foram submetidas, concluindo que é impossível compreender como os moldes de parafina do Doutor Geley (1924) foram obtidos.

Além do exposto, o Serviço de Identidade Judiciária foi chamado para conferir se as digitais dos moldes eram as mesmas do medium. O resultado foi negativo.

Concluo diante do exposto que não há indício de fraude face às fontes primárias pesquisadas.

CAPÍTULO 5 - JEAN GUZIK

Figura 63 - Foto de Jean Guzik.

“Nós afirmamos completamente nossa convicção de que os fenômenos obtidos por Jean Guzik não são explicáveis, nem por ilusões ou alucinações individuais ou coletivas, nem por qualquer engano”. Manifesto dos 34.
(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.391. Tradução nossa).

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre a mediunidade ectoplásmica do médium polonês Jean Guzik. O médium polonês produzia formas humanas em que se via principalmente o rosto luminoso, rostos vivos em que saíam vozes roucas indefiníveis de suas bocas. Também foram materializadas formas de animais, como um cão, um outro animal

semelhante a um esquilo e uma cabeça volumosa de urso recoberta de pelos. Também produzia fenômenos com telecinésia em que objetos se moviam a distância, além de os experimentadores relatarem toques durante as sessões.

O presente capítulo foi dividido em duas partes. Na primeira parte tratarei das sessões que se realizaram em Paris, com Guzik, de novembro de 1922 até maio de 1923, no Instituto de Metapsíquica Internacional, que teve como resultado um relatório, documento histórico chamado de Manifesto dos 34. Na segunda parte tratarei por considerar importante fonte histórica, apesar de terem ocorrido fora do Instituto de Metapsíquica Internacional, as experiências relatadas pelo Dr. Wilhelm Neumann. Nessa ocasião, o médium polonês esteve na cidade de Baden-Baden de 5 a 12 de dezembro de 1923 e, durante esse período, cerca de trinta pessoas estiveram com ele por doze sessões, às quais, com exceção de uma, Neumann assistiu a todas pelo menos parcialmente.

5.1. As sessões que se realizaram em Paris, com Guzik, de novembro de 1922 até maio de 1923, no Instituto de Metapsíquica Internacional.

As sessões que se realizaram em Paris, com Guzik, de novembro de 1922 até maio de 1923, no Instituto de Metapsíquica Internacional, foram sessões de demonstração. Mais de oitenta personalidades da elite parisiense assistiram às sessões a partir de novembro de 1922 realizadas no Instituto de Metapsíquica Internacional e, salvo três ou quatro que tiveram a infelicidade de estar em sessões muito raras negativas, todos se declararam convencidos. Eram profissionais de várias especialidades, personalidades públicas e até políticos dentre os presentes. Entre as especialidades estavam professores de medicina, professores de direito, membros da Academia de Ciências e da Academia Francesa, médicos e escritores reconhecidos, engenheiros e peritos da polícia. De acordo com sua especialidade, os seus métodos de julgamento deviam ser diversos um do outro. Porém, mesmo assim, todos declararam ao fim estarem convencidos da realidade metapsíquica dos fenômenos realizados por Guzik. Todos tinham algo em comum, a

preocupação apenas pela verdade. Não estava em jogo nenhum interesse pessoal, nenhuma crença ou opinião filosófica já que o grupo compreendia católicos, materialistas, espiritualistas, idealistas e indiferentes. O resultado foi o relatório de síntese extremamente prudente e moderado, mas bem afirmativo e que foi assinado pelos principais colaboradores. Este relatório menciona os fatos registrados com certeza por todos os experimentadores e entrou para a história como o Manifesto dos 34. O documento apresenta trinta e cinco assinaturas, mas, devido a um equívoco tipográfico, entrou para a história como o Manifesto dos 34 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.133).

Foi uma grande vitória para a Escola Francesa de Metapsíquica. Além de todas as personalidades que formavam a opinião na época, estava presente e assinou o manifesto o grande representante da Escola Inglesa de Metapsíquica, Sir Oliver Lodge, membro da Sociedade Real da Inglaterra. Após ter dado parecer contrário sobre a fundação do Instituto de Metapsíquica em 1919, conforme já exposto no primeiro capítulo desta obra, com, dentre outros argumentos, o de que o temperamento para pesquisas na metapsíquica dos franceses era diverso do temperamento dos ingleses, evidenciando pela primeira vez de forma explícita a diferença entre as Escolas Francesa e Inglesa. Após todo o problema ocorrido com a médium Eva Carriere em 1920 na Society For Psychical Research, na qual foi acusada sem provas de estar trapaceando, além de todos os outros fatos ocorridos já descritos no capítulo 3, o que evidenciou mais uma vez a diferença entre a Escola Francesa, mais interessada em fenômenos objetivos como a materialização e o ectoplasma e a Escola Inglesa, mais interessada em fenômenos subjetivos com a telepatia, Lodge, com a participação e a assinatura do Manifesto dos 34, reconhece de forma explícita a Escola Francesa de Metapsíquica.

5.1.1. O Controle

Com relação ao controle do médium, este tirou a roupa na presença de ao menos dois dos controladores antes de entrar na sala das sessões e vestia um pijama sem bolso. Durante as sessões, ele foi seguro pelas duas

mãos, o dedo mínimo de cada mão foi enganchado ao dedo mínimo da mesma mão de cada um dos dois controladores. Além de uma fita adesiva curta, com comprimento apenas suficiente e duplamente selada com bola de chumbo esmagada com uma pinça e com as iniciais do I.M.I., unindo o pulso direito e o pulso esquerdo do médium aos pulsos esquerdo e direito dos controladores. Essa ligação era inviolável e foi necessário cortar a fita para libertar as mãos do Médium, tornando-se impossível o uso de suas mãos mesmo se elas não estivessem seguras. Os controladores asseguraram o contato estreito e permanente com seus corpos, especialmente dos pés e pernas, com o corpo, pernas e pés do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.133).

Foi constatado que durante toda a duração das sessões, o médium permaneceu absolutamente inerte. Quando ele produzia um fenômeno importante, seu corpo e suas mãos tremiam, mas ele nunca esboçou movimento, mesmo de baixa amplitude. Excepcionalmente, ele levava para trás, o mais longe possível dele, a mão de um ou outro controlador, com o objetivo de querer constatar certos fenômenos descritos mais distantes. Sob estas condições, apesar da escuridão, o controle físico era absoluto, e o controle de Guzik sempre se deu com uma extrema simplicidade e garantia (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.134).

Um controle tão rígido como o realizado sobre o médium, tinha como objetivo afastar qualquer boato ou desconfiança de fraude. Entre os presentes, além de personalidades da época, estava o Dr. Bayle, licenciado em Ciências e chefe do Serviço de Identificação Judiciária na Prefeitura da Polícia. É sempre bom lembrar que, neste período, os médiuns muitas vezes eram perseguidos pela polícia, acusados de fraude. Porém, neste experimento, havia um membro da polícia durante os procedimentos e que, ao fim, assinou o Manifesto dos 34 ratificando a veracidade dos fenômenos ocorridos.

A presença do Sr. Paul Ginisty, homem de Letras, redator do jornal *Petit Parisien* e do Dr. Héricourt Huc, diretor do jornal *Dépêche de Toulouse*, testemunhas dos fenômenos e inclusive signatários do Manifesto dos 34, garantiu uma ampla divulgação midiática dos experimentos com legitimidade face à presença das duas personalidades. Lembrando que, na época, os

membros do Instituto de Metapsíquica Internacional sofriam diversos ataques da mídia, em especial Gustave Geley.

Na revista *Revue de France* de 1º de novembro de 1923, o Sr. Marcel Prevost, signatário do Manifesto dos 34, resumiu suas impressões relativas às sessões a que assistiu. Ele declarou ter observado contatos, toques, golpes, deslocamento de participantes, movimento de objetos sem contato e luzes mediúnicas. As condições de controle lhe pareceram muito satisfatórias. Na publicação da revista de 15 de novembro de 1923, o colaborador do Instituto René Sudre publicou um estudo sobre metapsíquica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.390).

Em relação ao controle dos experimentadores, todos ficavam de mãos dadas e estavam unidos, pulso contra pulso, ligados com algemas de pulso fechadas com cadeados tão curtos quanto possível (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.134).

Não bastava controlar o médium, era necessário também controlar os experimentadores de forma bem radical. Basta imaginar personalidades da época dotadas de grande prestígio e poder, mas que durante os experimentos estavam presas a algemas, pulso contra pulso e de mãos dadas umas às outras. Sem dúvida, temos uma imagem bem inusitada, mas que aconteceu.

Além de todo o empenho e habilidade para convidar todas estas personalidades a participarem dos experimentos, o que de certa forma retrata a importância das experiências metapsíquicas para a época, fica evidente a vontade de comprovar os fatos e afastar de todo o modo qualquer acusação de fraude. Geley aqui pensou em todas as possibilidades de acusação que poderiam ser criadas. No controle da sala, as portas das salas onde as sessões foram realizadas estavam trancadas à chave, por dentro, e seladas com fitas coladas e assinadas por um dos controladores. A tampa metálica da chaminé estava completamente descida até o chão e selada. Alguns experimentadores vedaram as janelas. Não havia móveis nesses cômodos ou armário suscetíveis de ocultar um cúmplice eventual. As hipóteses de escotilhas, armários ocultos, painéis giratórios e outros, não poderiam ser invocadas pelas seguintes razões:

a) Um relatório abrangente de M. Legros, arquiteto graduado, residente à Avenida Daumesnil número 26 Bis, que inspecionou completamente a sede do Instituto de Metapsíquica Internacional, declarou formalmente que as paredes, o chão e o teto eram completamente normais;

b) Repetidamente, o chão estava, antes da sessão, completamente coberto com serragem, de modo que caso fosse elevado algum alçapão, este seria notado inevitavelmente. Deve notar-se que, nessas condições, na serragem ficariam os sinais dos pés, o que não foi observado;

c) Sessões positivas foram realizadas no apartamento particular de quatro experimentadores, quais sejam: o Professor Richet, o Professor Cunéo, o Doutor Bord e o Doutor Bour; (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.134).

Portanto, o texto do relatório descreveu todas as precauções tomadas contra a fraude do médium ou mesmo contra uma eventual fraude de qualquer colaborador para que não restasse nenhuma dúvida com relação à veracidade dos fenômenos observados. O documento marcou então uma data importante na história da metapsíquica. No entanto, foram feitas duas objeções.

A primeira objeção foi relativa à escuridão. Geley explica que o médium Guzik de fato precisava, geralmente, da escuridão. Entende que certamente teria sido possível treiná-lo a realizar a experiência sob luz vermelha, mas para este treinamento teria sido necessário sacrificar várias semanas, o que significaria praticamente todo o tempo de que dispunham (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

Geley destaca primeiramente que a maior parte dos médiuns conhecidos trabalhavam sob iluminação. As sessões de Eva C. sempre foram realizadas não apenas sob luz vermelha, como também sob luz branca. As sessões de Eusapia Paladino passavam-se sob luz vermelha, as de Willy S., nas demonstrações do Dr. de Schrenk-Notzing, também. No Instituto de Metapsíquica Internacional, as experiências com Franck Klusky foram realizadas sob luz vermelha. Os objetores não levaram em consideração a claridade habitual das sessões metapsíquicas, e foram bastante intempestivos em censurar sobre a escuridão nas sessões de Guzik, argumenta Geley, sendo que, na verdade, a iluminação não necessariamente

fornecia controles mais eficazes, uma vez que mesmo os ilusionistas operam à luz do dia. A iluminação facilitava, em certa medida, o controle, mas não o substituía. Por outro lado, a luz não era estritamente indispensável quando o controle era perfeito, assim como o foi em sua última série de experiências, conclui (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

A segunda objeção como consequência da primeira é a da onipotência do ilusionismo. Argumentava-se que o público, e mesmo as pessoas cultas, criavam, sobre este assunto, ilusões singulares. Para Geley, sem dúvida, os ilusionistas pareciam conseguir prodígios, mas sua capacidade tem limites bastante estritos. Para um bom ilusionismo, três condições seriam necessárias, quais sejam, a liberdade de movimentos do ilusionista, o uso de material ou aparelhagem fraudados e cúmplices (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

Contra tais argumentos, expõe Geley que nas sessões o médium era inteiramente despido e vestido com uma roupa fornecida pelo Instituto e previamente checada. Durante a duração das sessões, o médium era preso pelas duas mãos, seus punhos eram atados com uma fita aos punhos de cada controlador. Suas pernas e seus pés eram imobilizados, ele não dispunha de nenhum instrumento e nenhum meio de fraudar o experimento. O médium não podia modificar a sala, afirma, uma vez que só entrava ali durante as sessões. Além disso, modificava-se sistematicamente o local, e muitos fenômenos aconteciam no apartamento privado de quatro dos colaboradores. Qualquer colaboração de cúmplices estaria fora de questão, pois portas e janelas eram seladas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

Sobre a cumplicidade entre um ou vários participantes, sem mencionar a questão moral, argumenta que seria materialmente impossível, uma vez que todos os assistentes estariam de mãos dadas, controlavam-se mutuamente e estavam unidos punho a punho por curtas correntes com cadeado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

Em relação ao convite de ilusionistas, afirma que esta formalidade foi observada várias vezes. Robert Houdini, o rei dos ilusionistas, assistiu anteriormente a diversas sessões, saindo maravilhado delas e certificou a autenticidade dos fenômenos: “Minha arte de ilusionista”, escreveu, “é

incapaz de as reproduzir”. Dois ilusionistas ingleses renomados, Sr. Dingwall e Sr. Price, assistiram às sessões de Schrenk-Notzing e afirmaram que qualquer fraude estaria fora de questão. No Instituto de Metapsíquica Internacional, argumenta Geley que não tiveram tempo de convidar ilusionistas conscienciosos e competentes e que o fariam posteriormente, não por julgarem útil para suas condições de controle, mas simplesmente para não deixar passar qualquer objeção sem a refutar (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.209).

Em seu último argumento, antes de concluir estas reflexões sobre o controle, Geley expõe que a melhor prova da perfeição do controle realizado pelos estudiosos da metapsíquica, nas sessões, é fornecida pelo constrangimento extremo de seus adversários habituais que perceberam que, de acordo com as atas das sessões do Instituto Geral de Psicologia, bem como as das sessões do Dr. de Schrenck-Notzing e aquelas do Instituto de Metapsíquica Internacional, nem Eusapia, nem Willy Sch., nem Franck Kluski, nem Guzik poderiam trapacear. Argumenta que eles compreenderam tão bem que desistiram de acusar os médiuns. Mas em vez de reconhecer honestamente seu erro ou pelo menos admitir uma dúvida, eles se agarravam desesperadamente em um último e miserável recurso, qual seja, o de acusar de fraude os próprios participantes, conclui. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.209).

5.1.2. Os Fenômenos

Foram observados uma série de fenômenos inexplicáveis no estado dos conhecimentos científicos da época e penso que hoje ainda. Entre esses fenômenos havia aqueles que não se produziram em todas as sessões positivas, tais como impressões digitais na argila e as manifestações luminosas. Estas últimas eram acompanhadas de sensações de toques e de sons articulados concomitantemente. Esses fatos por não terem sido observados por todos os experimentadores, foram postos de reserva, apesar de sua importância. Os experimentadores no Manifesto dos 34 se limitaram a afirmar a realidade de duas categorias de fenômenos: (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.135).

Na primeira categoria, os movimentos, por vezes muito extensos, de objetos diversos, sem nenhum contato do médium e fora do seu alcance, a um metro e meio, por exemplo. Para ficarem seguros de toda a ilusão de observação e de todo erro de memória, esses objetos foram cuidadosamente identificados e marcados minuciosamente e muitas vezes colados ao chão ou na mesa de apoio pelo papel colante (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.135).

Na segunda categoria, contatos e toques bem frequentes e bem diversos como sensações recebidas nos braços, no dorso, nas costas e na cabeça dos controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.135).

Por vezes, no fim das sessões, o médium ainda em estado de transe guiava a mão de um ou outro de seus controladores para trás e para cima, o mais longe possível dele. Sob essas condições, o dorso da mão ou do braço do controlador percebia, repetidamente, os contatos materiais. Portanto, o grande objetivo de tais experimentos era, mesmo que reduzindo a quantidade de fenômenos registrados, que se encontrasse uma interseção de fenômenos em que todos os presentes tenham visto e concordado. De tal fórmula nasceu o Manifesto dos 34 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.135).

Os signatários assinaram abaixo do seguinte texto: “Nós afirmamos completamente nossa convicção de que os fenômenos obtidos por Jean Guzik não são explicáveis, nem por ilusões ou alucinações individuais ou coletivas, nem por qualquer engano” (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.391. Tradução nossa).

Cabe ressaltar que faltaram algumas assinaturas de colaboradores que enviaram sua adesão por carta (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.390).

Os signatários do manifesto foram: Joseph Ageorges, homem de Letras; Bayle, licenciado em Ciências, chefe do Serviço de Identificação Judiciária na Prefeitura da Polícia; Dr. Benjamin Bord, ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. Bour, diretor da Casa de Saúde da Malmaison; Dr. Bourbon; Dr. Stéphen Chauvet, antigo interno, laureado, medalha de ouro dos hospitais de Paris; Dr. Cunéo, professor da Faculdade de Medicina, cirurgião dos hospitais; Capitão Deprès, antigo aluno da Escola Politécnica; Camille Flammarion, fundador e primeiro presidente da Sociedade Astronômica da França, Diretor do Observatório de Juvisy; Dr. Fontoyon, ex-interno dos hospitais de Paris, diretor da Escola de Medicina de Madagascar; Pascal Forthuny, homem de Letras; Dr. Gustave Geley, ex-interno dos hospitais de Lyon, laureado com o primeiro prêmio de tese pela Faculdade de Medicina; A. De Gramont, doutor em Ciências, membro do Instituto de França; Paul Ginisty, homem de Letras, redator do jornal *Petit Parisien*; Georges, licenciado em Ciências, engenheiro (ESE); Jacques Haverna, chefe do Serviço Fotográfico e do Código do Ministério do Interior; Dr. Héricourt Huc, diretor do jornal *Dépêche, de Toulouse*; Dr. Humbert, chefe da Secção de Higiene da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha; Comandante Keller, do Estado Maior do Marechal Fayolle; Dr. Laemmer; Dr. Lassablière, chefe de laboratório na Faculdade de Medicina; Prof. Leclainche, membro do Instituto de França, inspetor-geral, chefe dos Serviços Sanitários do Ministério da Agricultura; Sir Oliver Lodge, membro da Sociedade Real da Inglaterra; Mestre, professor da faculdade de Direito; Michaux, inspetor-geral das Pontes e Calçadas, ex-Conselheiro de Estado e Diretor das linhas Férreas; Dr. Moutier, ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. Osty; Marcel Prévost, membro da Academia Francesa; Professor Charles Richet, membro da Academia de Medicina e do Instituto de França; Dr. Rehm, homem de Letras; Dr. Jean-Charles Roux, ex-interno dos hospitais de Paris; René Sudre, homem de Letras; Professor Santoliquido, representante das Ligas da Cruz Vermelha junto à Sociedade das Nações; Prof. Vallée, diretor do Laboratório Nacional de Pesquisas Sanitárias (*REVUE MÉTAPHYSIQUE*, n.3, 1923, p.135).

5.1.3. As sessões do médium Jean Guzik no Instituto de Metapsíquica Internacional em Varsóvia, similitudes

Foi explicado o porquê das sessões realizadas no Instituto de Metapsíquica com o médium Jean Guzik terem sido apenas sessões de demonstração. Estas sessões, em número de trinta em 1922 e cinquenta em 1923, permitiram convencer muitas personalidades da elite parisiense e trinta estudiosos e escritores famosos, a maioria profundamente céticos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

Conforme já dito, J. Guzik realizou oitenta sessões no Instituto de Metapsíquica. Anteriormente, Geley teve a oportunidade de estudar, por várias vezes, o médium de Varsóvia, em cerca de cinquenta sessões. As sessões de Varsóvia foram realizadas na casa de amigos ou na sede da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos. Tiveram diversos colaboradores, membros desta sociedade, oficiais da Missão Francesa e algumas personalidades notáveis. O controle consistia essencialmente em prender as mãos do médium e a imobilização de suas pernas. Sem ser tão minuciosamente perfeito quanto no Instituto Metapsíquico, dava ainda assim uma real segurança. Todos os assistentes davam-se as mãos, controlando-se reciprocamente. Os fenômenos obtidos, seja em Varsóvia, seja no Instituto de Metapsíquica Internacional, foram sempre exatamente os mesmos. Eles apresentavam, às vezes, diferenças de grau ou intensidade, mas nunca de natureza. Para demonstrar tal similitude, Geley publicou, por extenso, o relatório de uma das boas sessões de Varsóvia e também o de uma das boas sessões do Instituto de Metapsíquica (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.207).

5.1.3.1. Sessão de 14 de setembro de 1921, às 21h, em Varsóvia, na casa do príncipe Lubomirski

O relatório foi feito a partir das anotações pessoais de Geley e tomado após a sessão e segundo as notas de Sr. Gravier, presidente da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.210).

O cômodo que foi colocado à disposição pelo príncipe Stephan Lubomirski era uma sala de 6m de comprimento por 4m, no térreo. Em uma das extremidades da sala havia uma janela dupla, hermeticamente fechada. Ao lado, à direita e à esquerda, duas portas duplas fechadas com chaves e ferrolhos. Não havia armário na sala. Na extremidade oposta à da janela, bem no fundo da sala, havia uma jaula de barras de metal, dentro da qual se poderia encerrar seja o médium, seja os objetos a serem movidos por telecinese. Esta jaula tinha apenas uma porta lateral. Ela continha uma cadeira muito pesada, acolchoada e coberta em couro. A mesa para experiências foi colocada a cerca de 1,50m da jaula. Os participantes foram dispostos na seguinte ordem: o médium J. Guzik, de costas para a jaula; controlador da esquerda, Dr. Geley; controlador da direita, Sr. de Jelski. Entre Geley e Jelski estavam os Srs. Ossowiecki, Lebiedzinski, Príncipe Lubomirski e Gravier. Todos os assistentes estavam de mãos dadas. Os dois controladores seguravam cada um uma das mãos do médium e imobilizavam suas pernas. O ambiente estava sob escuridão total (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.210).

Guzik não fazia nenhum movimento. Seu estado psíquico e moral era excelente e rapidamente adormeceu por cinco minutos. Rapidamente, os participantes pressentiram uma presença estranha por trás do médium. Barulho de passos são ouvidos em torno do círculo. De repente, apareceram clarões. Vários, em muitas direções. Geley viu até quatro de uma vez, bastante distanciados uns dos outros. Duas luzes gêmeas, do tamanho de vagalumes, aproximavam-se de Jelski. Rapidamente, foi visto um rosto se formar perto dele, iluminados por estas duas luzes. Nesse momento se ouve um murmúrio em polonês: "Zygmunt", que significa Sigismundo. O fenômeno desapareceu, mas as duas luzes persistiam. Elas foram até perto de Geley que vê, então, formado, um rosto humano. Era a fisionomia de um homem jovem. Os olhos eram vivos. Um véu encobria sua cabeça e escondia o topo de seu crânio e seu queixo. A aparição durou de quatro a cinco segundos. Depois, Geley se sentiu beijado nas bochechas e na testa e ouviu palavras em polonês que não entendia. A "entidade" passava por trás de Geley e, várias vezes, o pressionava fortemente com as duas mãos, simultaneamente, nos dois ombros. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.210).

Geley ficou muito satisfeito, pois o fenômeno, da forma como observou, não poderia ter sido produzido de maneira fraudulenta pelo médium. Teria sido necessária a presença de um comparsa, fazendo o papel do "fantasma". Geley expressou em voz alta o seu contentamento. Então a entidade voltou-se para Jelski. Falou longamente em polonês. Parecia dizer "Sou Sigismundo. Está tudo bem. Contem comigo. Pegarei uma cadeira, colocarei sobre a mesa e me sentarei nela" (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.211. Tradução nossa).

Logo em seguida, ouviu-se um barulho dentro da jaula, atrás do médium. A porta abriu-se com estrondo. Depois, Geley teve a impressão de que uma cadeira passou por cima da sua cabeça e foi colocada suavemente sobre a mesa, entre suas mãos. Logo após, uma coluna de luz branca foi vista sobre a cadeira. Em cima desta coluna, distinguiam-se as duas luzes gêmeas, à altura onde seria a cabeça de um homem sentado à cadeira. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.211).

O médium acordou em seguida. A luz é acendida e a cadeira estava sobre a mesa. Era aquela cadeira que estava dentro da jaula. Geley classifica que a ação telecinética foi das mais extraordinárias pois a cadeira, muito pesada, estava a cerca de 2m do médium. A porta da jaula era lateral, à esquerda, conseqüentemente, ao lado de Geley. O fenômeno foi, então, muito complicado, com a abertura da porta da jaula, a retirada da cadeira, o transporte da cadeira por sobre suas cabeças até a mesa, sem tocar suas cabeças nem suas mãos, em plena escuridão. Considera absolutamente impossível que esta ação telecinética tenha sido o resultado de uma ação fraudulenta do médium já que este último não fez qualquer movimento e sua mão esquerda não largou a mão de Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.211).

Para um estudo comparado, Geley descreve o relatório de uma das sessões do Instituto Metapsíquico.

5.1.3.2. Sessão de 26 de maio de 1923, às 20:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Professor Santoliquido, controlador da esquerda, Sr. Haverna, controlador da direita, Dr. Stephen Chauvet, Sr. Huc, Srta. V e Dr. Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.211).

Sobre as precauções observadas, elas constam no relatório coletivo descrito no início deste capítulo. A sessão teve duas partes. O médium estava bastante doente. Uma forte bronquite o havia enfraquecido muito. Tinha tido crises de febre. Além disso, seu estado de ânimo não estava bom. Estava triste e sentia saudades de casa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.211).

Na primeira parte, Guzik dormiu longamente, por volta de vinte minutos. Enfim, o transe começa. Calafrios atravessam suas mãos e pernas, fortemente presas. De repente, o Sr. Haverna percebeu contatos múltiplos sobre seu braço esquerdo, sobre as costas, depois sobre o lado direito. Sentia qualquer coisa volumosa que tentava entrar no bolso do seu paletó. Comparou a sensação com algo como o contato de um focinho de cachorro. Depois todos os assistentes ouviram claramente fortes barulhos de passos. Eles eram lentos, firmes, e se deslocavam em torno do círculo. Uma mesa retangular, situada a um metro atrás do médium e fixa ao solo por fitas adesivas, moveu-se. Ouviram o barulho que ela produzia arrastando-se lenta e longamente pelo assoalho. Ouviu-se, ao longe, o estrondo de uma cadeira caindo. Com este barulho, o médium acabou acordando. As luzes foram acesas e constataram que a mesa deslocada foi arrastada até a parede do cômodo, à direita e à frente do médium, a 2,5m de seu ponto inicial. A cadeira tombada estava à esquerda da mesa. Ela foi arrastada junto com a mesa e se encontrava entre ela e a parede (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.212).

Depois de uma meia hora de descanso, a sessão recomeçou, nas mesmas condições. Ao final de aproximadamente dez minutos, duas belas luzes apareceram. Elas se dirigiram primeiramente em direção ao Prof. Santoliquido, depois ao Sr. Haverna. No momento em que elas se encontravam perto deles, ouviram algumas palavras indistintas e os controladores localizaram o murmúrio ao mesmo nível das luzes. Depois as luzes voltaram para perto de Santoliquido e ele viu, de repente, iluminado por elas, um rosto feminino. De novo, ouviu-se a mesa, recolocada, no intervalo

entre as duas sessões, atrás do médium, a um metro dele, sendo arrastada pelo assoalho, à esquerda de Guzik. O médium acordou, as luzes foram acesas e constataram que a mesa deslocada estava a dois metros de seu ponto de inicial. Ela percorreu um trajeto de um quarto de círculo, passando entre cadeiras e poltronas sem as mover (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.212).

Para Geley, entre a sessão de Varsóvia e a sessão de Paris, apareceu a evidente constatação de que os fenômenos tinham sempre a mesma essência entendendo ser interessante publicar o conjunto de suas observações sobre a mediunidade de J. Guzik. Concluiu que a mediunidade de Guzik apresentava esta particularidade de ser pouco variada. Seu rendimento era bastante regular e nisso ela era infinitamente preciosa. Mas ela era muito raramente pontuada por fenômenos inesperados (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.212).

Geley apresentou um estudo resumido e intercalou trechos das atas analíticas que lhe pareciam ser particularmente interessantes, considerando sucessivamente: primeiro os fenômenos luminosos, as materializações visíveis e o fenômeno da pneumatofonia, todas manifestações geralmente relacionadas a Guzik; segundo, a movimentação de objetos sem contato; os toques, impressões digitais e psicografia.

5.1.4. Fenômenos luminosos, materializações visíveis, pneumatofonia

Os fenômenos luminosos produzidos por Guzik não tinham mesma a intensidade e a variedade das que se constataram em Kluski, mas eles eram significativamente regulares quando o médium estava em boa saúde. Suas manifestações foram classificadas da seguinte maneira: quando apresenta saúde debilitada, cansaço, fadiga, estado emocional desgastado, ocorrem fenômenos simples de toques e contatos. Quando apresenta saúde mediana ocorrem materializações invisíveis com pequenos movimentos. Quando apresenta bom estado físico e emocional ocorrem luzes, materializações visíveis, vozes e grandes movimentos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.213).

O esquema habitual das manifestações luminosas ocorria da seguinte forma: as luzes se formavam geralmente perto do médium, mais frequentemente por trás dele. Parecia que o núcleo de condensação ou da emanção ectoplasmática estava, quase sempre, a uma curta distância atrás dele ou, às vezes, a seu lado. As luzes apareciam bruscamente com pontos luminosos da grossura e da intensidade de vagalumes e desapareciam da mesma maneira. Eram geralmente acopladas, duas a duas. De longe, os dois pontos luminosos pareciam formar apenas um, mas de perto os viam nitidamente separados. Essas luzes se deslocavam rapidamente, iam e viam, oscilavam, subiam e desciam. Elas se aproximavam de um ou outro assistente, bem perto da cabeça, e então o assistente e seus vizinhos imediatos, às vezes todos os participantes, viam um rosto mais ou menos bem formado. As duas luzes pareciam então dois pontos brilhantes, um sobre o lábio superior e o outro sobre o lábio inferior (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.213).

Em outros casos, as luzes se espalhavam como que se aproximando de um assistente e avistava-se uma nebulosidade da dimensão aproximada de um rosto. Os participantes mais próximos conseguiam distinguir todo o rosto luminoso. Quando a manifestação era fraca, as luzes se afastavam um pouco do médium. Quando ela era forte, elas iam bem longe dele e faziam uma volta em torno do círculo. As luzes emanavam um leve odor de ozônio (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.213).

Constatou-se que, em geral, uma manifestação de pneumatofonia estava ligada ao fenômeno luminoso. Via-se a boca da “Entidade” abrir-se, formada pelos pontos luminosos dos dois lábios, e ouviam-se palavras debilmente pronunciadas. A voz era muito diferente de uma voz normal, muito especial. Ela parecia oriunda de algum tipo de movimento vibratório do ar sobre os lábios e produzida mais por uma aspiração que por uma expiração. Não tinha as características da voz que vem da laringe. A voz era com frequência muito pouco nítida para ser compreendida, mas em certos casos ela era perfeitamente clara. As luzes iluminavam apenas rostos. Com alguma frequência, elas apareciam também à extremidade dos dedos, permitindo vê-los nitidamente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.213).

Geley disse anteriormente que as luzes apareciam e desapareciam bruscamente. Havia, no entanto, algumas exceções. Aconteceu que os lábios luminosos, depois de terem beijado a testa ou as bochechas de um assistente, deixaram, no local de contato, como que uma secreção também luminosa que permaneceu iridescente por vários segundos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.214).

A seguir, a título de exemplo, alguns trechos das atas:

5.1.4.1. Sessão de 13 de setembro de 1921, às 17h, em Varsóvia, no Consulado da Dinamarca, um velho hotel com quartos enormes

Geley controlava a mão direita e a perna direita do médium. Um oficial polonês, cujo nome não foi anotado, controlava a mão e a perna esquerdas. Outros assistentes foram o Sr. Du Bourg de Bozas, Ossowiecki, Príncipe Lubomirski e de Jelski. O médium demorou a dormir, cerca de vinte e cinco minutos. De repente, Geley viu, à sua direita, uma coluna levemente luminosa da altura de um homem em pé. O topo tinha a forma de uma bola, da dimensão de uma cabeça humana. Quase em seguida, tudo se desfez. Um instante depois, perceberam-se clarões repetidos, dois a dois, atrás do médium. Duas destas luzes foram até perto de Geley que viu então, claramente, um rosto humano. Era um homem jovem, de nariz curvo. O topo e a base do rosto desapareceram sob neblina ou véu. A aparição se esvaiu depois de dois ou três segundos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.214).

5.1.4.2. Sessão de 15 de setembro de 1921, às 18h, na casa do Príncipe Lubomirski

Os controladores foram o Dr. Geley e de Jelski. Os outros participantes foram os Srs. Gravier, Príncipe Lubomirski e Ossowiecki. Muito rapidamente, ocorreram fenômenos luminosos, dois pontos fosforescentes se deslocavam na sala a grande velocidade. Ossowiecki, com sua clarividência, relata ter visto uma coluna de luz da altura de um homem em pé, atrás do médium e um pouco à sua esquerda. Em princípio ele era o único a ver, mas

rapidamente ela se definiu e foi vista por todos. Desta coluna, bruscamente destacavam-se dois pontos luminosos que saltaram até perto do rosto de Ossowiecki. Todos viram uma cabeça que pairava nitidamente diante do rosto de Ossowiecki que, surpreso, se afastou energicamente. A cabeça da “Entidade” se afastou um pouco e depois recomeçou o mesmo movimento. Uma pausa se seguiu. Um ponto brilhante se aproximou lentamente de uma placa de sulfeto de zinco, colocada sobre a mesa, diante de todos, com a face luminosa voltada para a mesa. A placa foi bruscamente suspensa, muito alto, depois a viram descer lentamente e ser colocada suavemente nas mãos do Príncipe Lubomirski. Ao fim da sessão, apareceu um tipo de coroa luminosa, com uma franja de raios de baixo para cima. Esta coroa se elevou, subiu lentamente e regularmente até o teto e desapareceu bruscamente. O fenômeno durou quase trinta segundos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.214).

5.1.4.3. Sessão de 29 de setembro de 1921, às 17h, no apartamento do Príncipe Lubomirski

De 15 a 29 de setembro as seções diárias foram medíocres, sem que se entendesse o porquê. A sessão de 29 de setembro foi muito melhor. Geley controlou a mão e a perna esquerdas de Guski. M. de Jelski controlou a mão e perna direitas. À direita de Geley, a Condessa T., em seguida seu irmão, um jovem de vinte anos e, depois dele, o Médico-Major Camus. Foi colocada sobre a mesa uma placa de sulfeto de zinco, cuja face luminosa estava voltada para o tampo da mesa. Desde o começo, Geley viu se interpor, diante da fenda luminosa que passava entre a placa e a mesa, uma massa opaca, da qual destacavam-se dois dedos. Os dedos seguravam um lápis que estava sobre a mesa, sobre o papel. No momento seguinte, Geley viu o lápis ereto, escrevendo. A Condessa T. teve exatamente as mesmas impressões. Depois uma mão acariciou e deu um tapinha no ombro de Geley. Em seguida foram vistas belas e numerosas luzes e contornos de rostos luminosos. Estes rostos se aproximavam da sua orelha e murmuravam palavras que não foram compreendidas. Em seguida, uma mão luminosa se formou, se aproximou e tocou sua testa. Geley sentia bem os dedos, cuja temperatura era normal. A

mão dava a volta no círculo e tocava todos os outros assistentes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.215).

5.1.4.4. Sessão de 29 de setembro de 1921, às 21h, na casa do comandante de M. (da Missão Militar Francesa)

O comandante controlava a mão esquerda e Geley a mão direita. Entre outros fenômenos, ocorreram materializações mais complexas que o normal. Uma coluna esbranquiçada se formou por trás do médium e se aproximou de um dos assistentes, o general polonês L. Viu-se claramente o rosto, com dois pontos luminosos sobre os lábios. A cabeça estava à altura de um homem em pé. De repente, uma voz um pouco surda, como sempre, pareceu ser produzida ao nível da boca da "Entidade". Ela falava em alemão. Uma longa conversa aconteceu entre a aparição e o general, falaram apenas sobre banalidades. O fenômeno durou bastante tempo, ao menos nove minutos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.215).

5.1.4.5. Sessão de 19 de abril de 1922, às 17h, na casa de Madame Wodzinska

Os assistentes foram o Professor Richet, controlador da esquerda, e a Sra. Wodzinska, controladora da direita. Os demais participantes foram Dr. Geley, Srs. Ossowiecki e Gravier. As luzes foram apagadas, mas a porta deixava passar, por uma fresta, uma luz forte o suficiente para que as silhuetas dos assistentes ficassem visíveis. Muito rapidamente apareceram luzes, em pares, duas a duas. Elas iam e vinham, subiam e desciam até quase tocar os assistentes. Quando elas se aproximavam de um ou outro assistente, as luzes iluminavam subitamente figuras mais ou menos bem formadas. Geley conseguiu distinguir sobretudo um rosto juvenil, de menino ou menina. Todas as aparições tinham a cabeça coberta por um véu suave. Quanto este véu entrava em contato com a figura dos assistentes, ela lhe dava a impressão de uma musselina extremamente delicada e tênue. Os rostos eram iluminados, tanto pelos dois pontos habituais dos lábios quanto por pontos luminosos localizados na ponta de dois dedos pressionados

contra eles. Pela claridade vinda da porta mal fechada, via-se, perfeitamente, uma mão escura que tocava o Sr. Gravier e a Geley, em seguida (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.216).

5.1.4.6. Sessão de 21 de abril de 1922, às 17h, na casa de Madame Wodzinska

Os controladores foram o Professor Richet e o Dr. Geley. Desde o início do transe do médium, a aparição de luzes duplas iluminavam rostos incompletos e nebulosos. O Professor Richet sentiu duas mãos apoiarem-se simultaneamente sobre seus dois ombros. Uma “Entidade” bem formada deu a volta no círculo e tocou a testa dos assistentes, deixando, no local tocado, uma mancha luminosa que persistiu por um bom tempo, vários minutos, com alternâncias de luminosidade mais forte e de luminosidade mais fraca (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.215).

5.1.4.7. Sessão de 30 de abril de 1922, às 17h, na sede da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos

Os controladores foram o Professor Richet e o Dr. Geley. Os assistentes foram os Srs. Gravier e Ossowiecki e a Sra. Ossowieka e de Jelski. Depois de alguns contatos, as luzes apareceram. Geley viu três luzes simultaneamente, em pontos diferentes. Duas dessas luzes flutuavam sobre o grupo de assistentes, indo de encontro uma da outra e se unindo. Ouviu-se então, distintamente, um estalo de beijo, depois uma conversação banal em polonês (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.215).

A partir de agora seguem abaixo as reuniões do Instituto Internacional de Metapsíquica. Como veremos, as manifestações, apesar do controle mais completo, permaneceram as mesmas. Apenas as mais notáveis serão mencionadas.

5.1.4.8. Sessão de 3 de dezembro de 1922, às 21h no salão do Professor Richet

Essa sessão foi admirável para Geley, e dividida em duas partes. Depois do jantar, na casa do Professor Richet, todos se instalaram para a sessão. O controlador da esquerda foi o professor Richet e o controlador da direita foi o professor Leclainche. A disposição se deu na seguinte ordem: médium, Prof. Richet, de Gramont, Dr. Geley, Sra. Geley, Sra. Richet, de Jelski, Prof. Leclainche e o médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.217).

Sob uma grande escuridão e após uma longa espera, cerca de meia hora sem nenhum fenômeno, o médium dormiu profundamente, ouvia-se sua respiração calma e pausada. Ele tinha tido, anteriormente, alguns calafrios, mas dormiu novamente. Nesses casos, entendia-se que os controladores deviam chacoalhar suave e rapidamente as mãos do médium para tirá-lo do sono profundo sem, no entanto, o acordar. Era uma manobra delicada. O Professor Leclainche, depois de várias tentativas, conseguiu, enfim, e logo em seguida os fenômenos começaram a desenrolar. O médium estremecia o corpo todo e gemia. Imediatamente, uma luz, gorda como um vagalume, atravessou rapidamente o grupo, desde o Sr. de Garamont até o Sr. Leclainche. Depois outras luzes apareceram em torno e acima do médium. O Professor Richet e o Professor Leclainche anunciaram os contatos. Uma bola nebulosa em forma de disco, larga como duas mãos, atravessou o grupo e desapareceu perto do médium. De repente viu-se, contra o Prof. Leclainche, duas luzes muito brilhantes. Logo após ele foi violentamente atingido na face e nas costas. O médium também recebeu golpes muito fortes e acordou. Suspendeu-se a sessão. O médium fumou, bebeu chá e uma tacinha de conhaque durante o intervalo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.215).

Retornaram em quinze minutos. Na volta, a Sra. Le Bert, filha do Professor Richet, juntou-se à sessão e controlou a mão direita do médium. A Sra. Geley controlou a mão esquerda. A disposição se dava da seguinte forma: Sra. Le Bert, Dr. Geley, de Jelski, Sra. Richet, Leclainche, Richet, de Gramont e Sra. Geley (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.215).

Os fenômenos foram imediatos. A Sra. Le Bert sentiu, atrás da cadeira, a presença de um ser que batia e arranhava o encosto da cadeira. Viram-se luzes sobre a Sra. Le Bert e em torno do médium. Estas luzes eram

pequenas e numerosas. Elas se moviam lentamente, se aproximavam e se afastavam dos assistentes, por vezes subindo bem alto. A Sra. Le Bert sentiu-se beijada várias vezes. Dois braços enlaçavam seus ombros. O Dr. Geley sentiu, por duas vezes, um beijo de dois lábios quentes sobre sua testa. Geley e o Sr. de Garamont perceberam o roçar de um véu sobre suas faces. Ouviu-se uma voz indistinta perto das orelhas da Sra. Le Bert que não compreendeu o sentido das palavras pronunciadas. Por várias vezes via-se, perto da Sra. Le Bert, o esboço de um rosto luminoso. Depois, duas luzes gêmeas se elevaram muito alto, por volta de 1,5m, por sobre o médium. Ouviram claramente: "Adeus" e as luzes se distanciaram. Três golpes violentos foram desferidos sobre as costas do médium, que acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.218).

5.1.4.9. Sessão de 5 de dezembro às 16h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

A sessão teve três partes. Na primeira parte, o controlador da direita era o M.E.S. e o controlador da esquerda o Professor Richet. Os assistentes ficavam dispostos na seguinte ordem: médium; Professor Richet; Eugène Caucau, Conselheiro Geral de Saône-et-Loire; Cornillier; de Jelski; Forthuny; Geley e Sra. M.S. Todas as mãos, tanto dos médiuns como dos assistentes foram unidas por um fio de lã amarrado a cada punho, de maneira que qualquer movimento de mais de vinte centímetros seria impossível para o médium, bem como para cada um dos assistentes. As lâmpadas elétricas foram apagadas. Percebeu-se então que, na janela esquerda do salão, as cortinas opacas foram mal fechadas e deixavam passar, de alto a baixo, um raio de luz bastante vivo. No final, o Sr. S. notificou contatos sobre seu braço esquerdo. O médium gemeu e se agitou um pouco, sua cadeira se mexeu ligeiramente à direita, como que para colocar o médium ao abrigo do raio de luz. Uma poltrona pesada, localizada atrás do Sr. S., foi primeiramente encostar neste último para depois repousar-se contra a janela que deixava passar a luz. O médium acordou em seguida. Constatou-se então que a poltrona mexida havia virado de costas, com os braços para trás da cortina,

com a intenção óbvia, mas não realizada, de obstruir a luz (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.218).

A segunda parte se deu nas mesmas condições de fechamento das portas, de controle do médium e de controle recíproco. Guzik tomou chá e uma tacinha de conhaque durante o intervalo. O controlador da direita foi a Sra. S. e o controlador da esquerda foi o Sr. Cauca. A ordem do círculo se deu da seguinte forma: Sra. S., Sr. S., Dr. Geley, Forthuny, de Jelski, Cornillier e Cauca (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.218).

O Professor Richet sentou-se fora do círculo, num sofá. Quase no mesmo momento depois de apagadas as luzes, a Sra. S. comunicou que existiam contatos em seu braço esquerdo. Luzes muito vivas da dimensão de uma ervilha atravessavam o círculo e realizavam circuitos variados. Por várias vezes os controladores perceberam luzes mais fracas, porém grandes, ovais ou em disco, da dimensão aproximada de um rosto normal. Essas luzes eram nítidas, mas efêmeras. As luzes se elevavam às vezes muito alto, parecem ir até o teto. Elas se aproximavam dos assistentes, sobretudo da Sra. S., do Sr. S., dos Srs. Cauca e Cornillier. No momento preciso do contato das luzes com estes participantes, eles diziam: "Eu fui tocado" ou "Eu fui beijado". A Sra. S. sentiu, por três vezes, dois braços que a enlaçavam, duas mãos que apoiavam sobre seus ombros. Depois ela foi beijada na testa. Estes toques segundo o relato eram muito doces e jamais grosseiros. O Sr. S. experimentou sensações semelhantes. Sr. Cauca, também. As sensações dos dois controladores às vezes eram simultâneas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.219).

5.1.4.10. Sessão de 11 de dezembro de 1922 no Instituto de Metapsíquica Internacional

Os controladores foram, René Sudre e a Sra. de C. Os assistentes foram Geley, Sra. Sudre e Sra. Clément. As luzes gêmeas passaram diante de todos os assistentes, que se sentiam, alternadamente, ao contato das luzes, beijados por dois lábios quentes. Apenas Geley não foi beijado. Quando chega a vez da Sra. Sudre, o beijo foi dado sobre sua bochecha esquerda, a mais longe do médium. Foi distinguida a luminosidade do

fenômeno, o rosto da Sra. Sudre e, junto a ele, a silhueta do rosto supranormal que a beijou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.219).

5.1.4.11. Sessão de 12 de dezembro de 1922 no Instituto de Metapsíquica Internacional

Os controladores foram o Dr. Fontoynt e o Sr. Jean Meyer. Os assistentes foram o Sr. e a Sra. S., S. Cornillier, Sra. Jean Meyer, Dr. Geley e de Jelski. Depois de dez minutos de espera, os fenômenos deram início. Os contatos ocorreram sobre os controladores, belas luzes, algumas pequenas e muito brilhantes, outras espalhadas como que em nebulosas da dimensão de um rosto. Estas luzes descreveram circuitos variados e às vezes subiam muito alto. Todas as vezes que elas tocavam um participante, este dizia: "fui tocado" ou "fui beijado". O médium parecia, em alguns momentos, envolvido por uma nuvem ligeiramente fosforescente. O Sr. Jean Meyer sentiu-se longa e frequentemente beijado. O Dr. Fontoynt, igualmente. Ele notificou um contato de lábios muito nítido (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.219).

5.1.4.12. Sessão de 15 de dezembro de 1922 no Instituto de Metapsíquica Internacional

Os controladores foram o Sr. Marcel Prévost e a Sra. Sudre. Os assistentes foram o Sr. Marcelo Prévost, Dr. Fontoyant, Sra. Sudre, Sr. Cornillier e a Sra. X (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.220).

Importante o relatório pessoal do Dr. Fontoynt. Suas impressões são muito parecidas com as de Geley:

“Eu, Doutor Fontoynt, Diretor da Escola de Medicina de Antananarivo, membro correspondente da Academia de Medicina, certifico ter assistido junto ao Dr. Geley, no Instituto Internacional de Metapsíquica, à terça-feira, dia 12, e à sexta-feira, 15 de dezembro de 1922, a sessões metapsíquicas e afirmo ter constatado os seguintes fatos que me parecem dignos de serem relatados:

I — Sessões de terça-feira, 12 de dezembro de 1922, às 4:30h.

Eu servia como controlador e segurava a mão direita do médium, minha orelha direita estava, portanto, junto à orelha esquerda do médium. Em nenhum momento deixei de estar em contato. Do mesmo modo, minha orelha esquerda estava acoplada à orelha direita de minha vizinha, a Sra. Meyer. Meu pé direito e minha perna direita estavam unidos ao pé esquerdo e perna esquerda do médium, e em nenhum momento perderam contato. Houve três pequenas sessões separadas por entreatos de cerca de dez minutos. Primeira sessão. Vi formarem-se, dos lados e atrás do médium, luzes fosforescentes e tive a impressão de que qualquer coisa de indeterminada se formaria perto de mim. Eu fui então tocado, várias vezes, nas costas e nas partes laterais do tórax, por massas bastante resistentes que faziam pressão sobre mim e me tocavam de leve. Em outros momentos essas massas me batiam, mas sem provocar dor. No nível da omoplata direito, levei três tapinhas de uma mão, como quando alguém está em meio a uma multidão e quer chamar a atenção de uma pessoa diante de si. O contato dessas mãos era suave, macio e era realizado por uma superfície que variava do tamanho de uma mão ao tamanho de um prato grande. Muitas vezes minha cadeira foi balançada e uma vez eu tive a impressão, do lado da perna direita e do lado direito do quadril, do contato de um animal de tamanho considerável, como de um cachorro. O médium dormia mal. Segunda sessão. Senti novamente as pressões, novos toques, depois apareceram luzes flutuantes que se formavam tanto à direita quanto à esquerda do médium, seja fixando-se em um local, seja circulando em volta da sala a uma certa distância. Quando essas luzes passavam perto de mim, eu sentia sobre o rosto ou sobre as mãos, e às vezes sobre ambos, mas sucessivamente, como que o contato de um lenço de seda ou de uma echarpe rapidamente agitada. O médium também dormia mal desta vez. Assim como anteriormente, houve alguns sobressaltos e choramingos no momento da produção dos fenômenos que relatei. Estes sobressaltos eram precedidos por um tipo de tremor que, com leves vapores pouco luminosos, formavam como que um halo e, com um tipo de fosforescência na face do médium, me permitiam antever a aparição consecutiva de fenômenos anormais. Terceira sessão. O médium dormiu rápida e profundamente, muito melhor do que antes. Os tremores e sobressaltos de seu corpo, particularmente das mãos e do tórax, apareceram mais rapidamente. Senti novas carícias, leves toques e compressões bastante fortes. Depois vi passar muitos raios de luz, como da outra vez. Um deles, tendo se dirigido a mim, tocou minha testa. Senti, no mesmo instante, algo como um tecido se esbarrar nas minhas mãos; depois, no mesmo lugar da testa onde a luz havia me tocado, fui nitidamente beijado. Um beijo frio cuja sensação desapareceu rapidamente. Isso durou apenas alguns segundos. No momento do desaparecimento dos raios, que

sumiram bem alto entre o médium e a pessoa que estava à minha frente do outro lado da mesa, eu ouvi no pronunciar-se de uma voz rouca duas palavras indistintas. Pouco depois, senti passar novamente sobre meu rosto algo como um tecido de lã ou talvez até algo como cabelo ou barba longa. Em seguida senti novamente, ao nível da bochecha esquerda, por duas vezes, lábios que me beijavam a bochecha, no mesmo lugar. Beijos bem diferentes do primeiro. Eram quentes, premidos - longos - tanto que a impressão deles continuou nítida para mim durante muito tempo, por pelo menos quinze minutos. A sessão foi encerrada. A impressão desses beijos ainda persistiu sobre minha bochecha pelos momentos seguintes.

II — Sessões de sexta-feira, 15 de dezembro de 1922, às 4:30h.

Houve duas sessões separadas por um curto intervalo de aproximadamente dez minutos, aproximadamente. Durante essas duas sessões, eu ocupei o mesmo lugar, à esquerda do médium, separado dele pelo Sr. Marcel Prévost, que servia de controlador. Na primeira sessão, vi apenas, por várias vezes, luzes que circulavam na sala. Uma delas passou entre minha cabeça e a do Sr. Marcel Prévost. Não senti nada. Na segunda sessão, vi várias luzes circulando. Sobre a mesa, diante de mim, havia um pedaço de papelão revestido de uma substância maleável capaz de ser impressa. Este papelão foi suspenso e depois caiu na minha cabeça, atingindo-me com força, para dali cair sobre a mesa quase no lugar onde se encontrava antes, mas virado do outro lado. Ouvi barulhos de beijo. Ouvi o barulho de uma pesada mesa arrastando e, de fato, pude constatar, depois da sessão, que uma mesinha redonda muito pesada de tampo de mármore havia sido deslocada. Nesta mesinha encontravam-se dois lápis e algumas folhas de papel timbrado do Instituto de Metapsíquica. Um desses lápis foi lançado ao espaço e caiu ao pé da mesa em torno da qual nos encontrávamos, sobre a Sra. X. O lápis foi então suspenso da mesa onde estava para ser lançado por cima da cabeça do médium, passando por uma outra mesa, sobre o assistente mais afastado. Pude constatar, assim que o médium acordou, que sinais claramente parecidos com letras da escrita cursiva francesa foram traçados, a lápis preto, sobre uma das folhas do papel, mas era impossível ler e compreender o que quer que seja. Percebi que faltava um dos lápis e era aquele recebido pela Sra. X.

Paris, 16 de dezembro de 1922.

Dr. FONTOYNONT.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.220. Tradução nossa).

5.1.4.13. Sessão de 17 de dezembro de 1922, às 17h, no Instituto de Metapsíquica Internacional

Os controladores foram o Sr. Marcel Prévost e a Marquesa de B.; e os assistentes, Srs. Marcel Prévost, de Jelski, Geley. A disposição do círculo se deu da seguinte forma: Guzik, Marcel Prévost, Sr. de Jelski. Sra. Marcel Prévost, Sra. X., Dr. Geley e a Marquesa de B. Ao fim de cinco minutos, os fenômenos começaram. Contatos ocorreram sobre a Sra. de B., depois sobre o Sr. Marcel Prévost. A cadeira deste último foi puxada para trás com força e três golpes violentos, cujo barulho foi ouvido por todos, foram desferidos em suas costas. Belas luzes apareceram à direita e à esquerda do médium. Elas descreviam seus círculos habituais e foram ao contato do Sr. Marcel Prévost e da Sra. de B. Estes últimos sentiram-se beijados. Todos ouviram o estalo de beijos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.222).

5.1.4.14. Sessão de 17 de dezembro de 1922, às 21h, no Instituto de Metapsíquica Internacional

Os controladores foram o Dr. Osty e o Sr. Ageorges. Os assistentes foram o Dr. Geley e o Sr. de Jelski. Luzes muito bonitas se formaram atrás do médium e, tanto quando se pode avaliar, longe dele, de 1m a 1,5m. Os controladores foram tocados e beijados. Depois, uma bela névoa fosforescente, da dimensão de um rosto, se aproximou de Ageorges e Osty, bem perto da suas cabeças. Eles distinguiram claramente um rosto luminoso bem formado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.222).

Sobre este assunto, segue-se a ata redigida pelo Dr. Osty:

“...Luzes fosforescentes acendem próximo à cabeça do médium e avançam em direção aos assistentes. Sinto-me beijado na testa por uma boca úmida, como se fosse humana, e vejo dois lábios luminosos, afastando-se suavemente de mim, mexendo-se, proferindo algumas palavras em língua estrangeira. A massa luminosa aumenta imediatamente de tamanho, parece-me que tem de 10cm a 45cm de altura. Ela dirige-se ao Sr. Ageorges. Este sinaliza logo em seguida que tem diante de seus olhos três quartos de um belo rosto de homem, do qual vê os olhos, o nariz, o

bigode, os lábios.... Um ou dois minutos depois, as luzes indefinidas vêm até meu rosto. Sou beijado na testa, na cabeça e minhas bochechas são acariciadas como que por mãos humanas. Outros contatos, numerosos e vívidos, sucedem-se arrebatadamente sobre minha face, minha cabeça e meus ombros...”
(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.223).

Durante as cinquenta sessões da primavera, das quais participaram, alternando-se, os signatários do relatório, os fenômenos luminosos foram menos marcantes que os anteriores. O médium estava num estado de saúde ruim e suas habilidades estavam seriamente prejudicadas. Nas sessões em que foram observadas as luzes, estas últimas foram certamente idênticas àquelas já descritas. Abaixo a descrição das sessões com base nos relatórios de dois participantes, o Sr. Paul Ginisty e o Dr. Bourbon (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.223).

5.1.4.15. Sessão de 9 de maio de 1923, às 21:30h, no Instituto de Metapsíquica Internacional

O Controlador da esquerda foi o Professor Vallée e o controlador da direita o Sr. Paul Ginisty. Foi percebida uma luz. Era, ao que parecia, uma pequena esfera. De repente, Ginisty teve a sensação de que um rosto luminoso se aproximava do seu rosto como que para beijá-lo, o que o fez sentir um certo asco. Depois, muito perto de sua orelha, palavras foram murmuradas, pausadamente, como que pressionando os lábios. Não foi possível entender o sentido, mas com certeza eram palavras que foram pronunciadas. Durante este curto espaço de tempo, uma luz flutuava, à sua esquerda, sobre sua cabeça. A voz se calou subitamente e a impressão de uma presença desapareceu. O fenômeno cessou. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.223).

5.1.4.16. Sessão de 2 de maio de 1923, às 21:30h, no Instituto de Metapsíquica Internacional

Os assistentes foram o Dr. Cuneo, Dr. Chauvet, Dr. Osty e o Dr. Bourbon. O Dr. Bourbon controlava a mão e a perna direita. O Dr. Bourbon sentiu sobre sua sobrancelha esquerda um leve roçar e viu uma luz viva, não longe de seus olhos. Olhou, sem mexer a cabeça, tão atentamente quanto pôde. Ela tinha uma cor ligeiramente azulada, como que de quando ocorre um curto-circuito. Era muito viva, mas sem ser perturbadora, apesar de sua proximidade, de quatro a cinco centímetros. Nenhum barulho acompanhou esta manifestação, mas Bourbon percebeu nitidamente o odor de ozônio. Esta luminosidade se apagou após ter brilhado durante dois ou três segundos. Além disso, antes de vê-la, ouviu os assistentes do outro lado da mesa notificarem haver visto uma luz e depois ela se apresentou por trás dele, sobre sua cabeça. Concluiu que o ozônio, além da oxidação lenta do fósforo e de circunstâncias químicas específicas, se produzia apenas ao longo de manifestações de energia elétrica. Todos viram e todos as testemunhas concordaram. Os outros participantes também notificaram as mesmas impressões (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.4, 1923, p.223).

5.1.5. Telecinésia e sensação de toques e contatos

Estas duas ordens de fenômenos estavam geralmente relacionadas. Os fenômenos de telecinésia eram os mais frequentes em Guzik. Eles eram, na maioria das vezes, plenamente satisfatórios. Com efeito, entendia Geley que eles não poderiam, pelo menos em grande parte, serem produzidos de maneira fraudulenta pelo médium.

Argumentava em primeiro lugar que eles nunca tiveram como objeto a mesa utilizada para os experimentos. Esta mesa, em torno da qual os participantes sentavam-se e formavam a corrente, tinha apenas o papel de permitir-lhes repousar seus antebraços e evitar a fadiga. Os movimentos telecinéticos eram realizados sempre longe do médium e sem nenhum contato com a sua pessoa. Eles eram em geral muito complicados, os objetos muito pesados, cadeiras, poltronas, mesas eram deslocados em diversas direções, jogadas para longe dos assistentes, levadas até a mesa de experimento por sobre a cabeça dos participantes. Eles descreviam, por vezes, trajetos complicados, sempre com uma segurança impressionante,

apesar da escuridão. Argumentava que, para reproduzir, por meios normais, deslocamentos dessa ordem, só havia dois meios possíveis, quais sejam, a utilização de um cúmplice invisível circulando na sala e o emprego de um sistema de cordas com alavancas ou polias (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.376). Nos reportando à descrição dada, pelo relatório dos 34, das condições de controle, é visto imediatamente que nenhum desses processos de fraude seria possível nas sessões.

Com relação aos toques, distinguiam-se três tipos de sensações de toque ou contato nas sessões de Guzik. No primeiro tipo, os toques davam a impressão de serem produzidos pelas mãos ou por uma cabeça humana. Os beijos, com sensação de dois lábios quentes, eram os mais frequentes. Nestes casos, a visão estava de acordo com o toque, pois os rostos eram geralmente luminosos, como já foi explicado. Os toques das mãos eram também os mais nítidos. Um dos fenômenos mais impressionantes para Geley consistia na sensação simultânea de duas mãos. Frequentemente um ou outro participante era fortemente apanhado por duas mãos, nos dois ombros. Tinha-se, então, a certeza matemática de que não poderia se tratar de fraude do médium, que estava, naquele momento, com uma das mãos atada à sua (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.376).

O segundo tipo ocorria quando a força de Guzik estava fraca, os toques e contatos pareciam produzidos por membros amputados. Segundo relatos, era uma impressão nítida, mas menos interessante do que aquela dos membros bem formados (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.377).

O terceiro tipo ocorria de forma muito frequente. Nele os toques não davam a impressão de formas humanas materializadas, mas de formas animais. Esta era uma das particularidades mais impressionantes da mediunidade de Guzik, afirma Geley. Tudo se passava então como se um animal de tamanho bastante variável estivesse na altura desses toques. Podiam os participantes ser acariciados, roçados, mordidos, lambidos ou arranhados. A maior parte dessas formas animais lembravam cães, às vezes outros animais como esquilos, gatos, etc. Uma observação interessante é que era raro que estas manifestações animais fossem acompanhadas de fenômenos luminosos. Podiam ser apreciadas apenas pelo toque (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.377).

Para Geley, esses fenômenos mereceriam um estudo sério, entendendo que seria necessário, antes de mais nada, treinar Guzik a suportar um pouco de luminosidade. Seria necessário também fotografar estas formas animais. Enquanto aguardava que estes dois objetivos fossem cumpridos, entendia que deveriam evidentemente ser muito prudentes em suas análises. Nesse sentido, as manifestações, tais como as conheciam somente pelo sentido do tato, davam a impressão de formas animais vivas. Dizia vivas pois estas impressões, de fato, não eram as mesmas que resultariam do contato de um animal empalhado ou de um manto de pele, por exemplo. Elas sugeririam sempre a presença de um animal vivo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.377).

As precauções tomadas para assegurar o controle perfeito foram sempre as mesmas nesta série de experiências, conforme o relatório dos 34. O resultado dessas precauções foi o que se poderia considerar como inadmissível qualquer hipótese de fraude baseada nas seguintes condições: a) liberação de uma ou das duas mãos do médium; b) utilização de instrumentos ou de quaisquer objetos conduzidos por ele; fraude da sala, utilização de fios, bastões, etc.; c) ação de um cúmplice (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.377).

Ficaria restando a hipótese de uma fraude do médium pela utilização de seus pés. Geley e sua equipe não julgaram útil acorrentar as pernas do médium, mas foi pelas seguintes razões: a) os pés da cadeira do médium, as cadeiras dos controladores e as pernas dos controladores formavam, por trás das pernas de Guzik, uma barreira intransponível; b) os controladores não perdiam em nenhum momento o contato com membros inferiores do médium. Eles seguravam tão fortemente as duas pernas pressionadas contra as suas, que Guzik, depois de algumas sessões, havia desenvolvido equimoses cutâneas próximas às junções internas do fêmur; c) o médium guardava absoluta imobilidade e com certeza não poderia executar nenhum dos movimentos complexos que teriam sido indispensáveis para projetar uma das pernas para trás; d) mesmo admitindo que, por mais impossível que fosse, Guzik tivesse conseguido liberar uma perna, ele não teria jamais conseguido produzir, desta maneira, os fenômenos mais elementares, como os contatos nas pernas ou nos braços de seus controladores ou os movimentos de

objetos localizados atrás dele. Portanto, conclui que, mesmo nesta hipótese, a grande maioria dos fenômenos continuariam inexplicáveis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.377).

A seguir apenas os relatos das sessões que estiveram sob estrito controle conforme descrito no relatório dos 34. Nesta série de sessões, os fenômenos foram relativamente menos elaborados que os das sessões do inverno, por conta do delicado estado de saúde de Guzik, que estava afetado pela bronquite e pela febre, além de uma profunda anemia. Entretanto, não deixaram de ser comprobatórios.

5.1.5.1. Sessão de 9 de abril de 1923, às 16:30h, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Professor Richet, o Sr. Raymond P., o Sr. Sudre, a Sra. P., a Sra. G., Dr. Geley e o Sr. De Jelski. O Professor Richet controlou a mão esquerda e o Sr. P. controlou a mão direita. As precauções foram integralmente respeitadas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.378).

As luzes foram apagadas apenas depois que os participantes foram amarrados, punho a punho, por correntes com cadeado, e os punhos do médium foram presos por curtíssimos cordões chumbados aos punhos dos controladores. As portas foram fechadas e trancadas. O médium foi inteiramente despido e vestido com um pijama sem bolsos, pertencente a equipe de controladores. Guzik estava muito cansado por conta de uma viagem de cinco dias, ele tossia e tinha um pouco de febre. A sessão aconteceu em duas partes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.378).

Na primeira parte, ocorreu uma longa espera, durante a qual os participantes conversavam em voz baixa. Nenhum fenômeno importante ocorreu. O médium estava em transe incompleto e dormia agitado por uns calafrios. O Sr. Raymond P. relatou alguns contatos. Os contatos eram produzidos por algo como uma espuma ou membro acolchoado, ou ainda a pata de um animal. Os contatos começavam pelo braço esquerdo, nos ombros e sobre a cabeça. A sessão foi interrompida por um acesso de tosse

que fez com que o médium acordasse (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.378).

A segunda parte ocorreu às 18h. Os fenômenos foram tão fracos quanto na primeira parte, mas os contatos foram recebidos pelo Professor Richet e se deram da seguinte forma: após quarenta minutos de completa escuridão, nada ocorria. Então Richet sentiu um leve contato, um roçar do seu lado esquerdo. Pouco depois, como se Guzik tivesse adivinhado que Richet julgava que ele poderia ter feito isso com a própria cabeça, ele levou seu braço para trás e para o alto, até tocar a caixa metálica colocada atrás de Richet. Tratava-se de uma jaula preparada para, eventualmente, prender o médium durante um experimento. Não a usaram nas sessões de Guzik. Richet sentiu, entre a caixa e seu cotovelo, um leve roçar de alguma coisa macia. Era impossível que fosse sua cabeça ou qualquer outra parte de seu corpo. Pouco depois, o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.379).

5.1.5.2. Sessão de 10 de abril de 1923, às 16:30h, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Sr. Cornillier, a Sra. Cornillier, a Sra. P. e o Sr. Raymond P. O controlador da direita foi o Sr. Cornillier e o controlador da esquerda o Sr. Raymond P. O controle habitual do médium, da sala e dos participantes foi observado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.379).

Na primeira parte do experimento, depois de uma longa espera, pontuada pela conversa em voz baixa entre os participantes, Sr. Cornillier sentiu-se tocado e apalpado por todo o corpo. Ele tinha a nítida impressão de que uma mão acariciava a sua cabeça, seu tórax, se insinuava dentro do bolso interno de seu casaco e puxava um lenço, que estava neste bolso do lado esquerdo. O médium foi acordado por um acesso de tosse. As luzes foram acesas e foi encontrado o lenço do Sr. Cornillier sobre os joelhos deste último. Este lenço trazia quatro nós bem apertados, nos quatro cantos. O controle das mãos foi perfeito, os cordões chumbados permaneceram intactos. Na segunda parte do experimento nada ocorreu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.379).

5.1.5.3. Sessão de 11 de abril de 1923, às 20:30h, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o professor Leclainche, do Instituto da França; o Professor Cunéo, cirurgião; a Sra. G., Dr. Xavier Leclainche; Dr. Geley e o Sr. de Jelski. O controle habitual da sala, do médium e dos assistentes foi realizado. A mão direita era controlada pelo Professor Leclainche. A mão esquerda, pelo Professor Cunéo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.379).

A primeira parte do experimento se deu sob escuridão. Ocorreram conversas e um longa espera de trinta minutos. O professor Cunéo sentiu-se tocado e notificou contatos muito nítidos em seu braço direito, na perna e nas costas. Segundo suas impressões os contatos davam a impressão de um membro amputado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.380).

Na segunda parte, o professor Cunéo não estava mais presente. O controlador da esquerda era o professor Leclainche. O controlador da direita era o Sr. Xavier Leclainche. As manifestações foram mais rápidas que na primeira parte, cerca de oito ou dez minutos depois do começo e mais fortes. O Professor Leclainche recebeu um golpe, de punho, talvez, na bochecha esquerda, ou seja, a bochecha mais distante do médium. O golpe foi violento e doloroso. Ele não foi produzido nem pela mão do médium, que estava imobilizada, nem por seu pé, já que o controle das pernas estava perfeito e o Professor Leclainche sentia o tempo todo o contato do joelho e do pé do médium. Imediatamente depois, notou-se algo como a materialização de um animal, da dimensão de um cachorro de tamanho médio. Todos os participantes perceberam o odor característico e muito forte, um cheiro de cachorro molhado que sempre acompanhava esse tipo de manifestação. Este odor apareceu desde o começo da manifestação e desapareceu instantaneamente junto com ela. Ouviu-se uma respiração curta, como é normalmente a respiração dos cães. A forma roçou o Sr. Xavier Leclainche, passou entre suas pernas, depois sob sua cadeira e depois por trás de si. Neste momento o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.380).

5.1.5.4. Sessão de 12 de abril de 1923, às 20:30h, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional

O controle habitual da sala, do médium e dos assistentes foi realizado. Os participantes foram o Dr. Osty, a Sra. Osty, Dr. H., Dr. Geley, a Sra. G., o Sr. Cornillier e o Sr. de Jelski (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.380).

Na primeira parte do experimento, o controlador da esquerda foi o Dr. Osty. O controlador da direita, o Dr. H. Ocorreu uma longa espera e uma conversa banal entre os presentes. Depois, ocorreram contatos sobre o Dr. H., que se sentiu tocado no peito, na cabeça e na perna esquerda. Ele declarou que seu controle estava perfeito, a perna esquerda do médium estava imobilizada contra a sua (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.380).

Na segunda parte do experimento, o Dr. H. não estava presente. O controlador da esquerda era o Dr. Osty e o controlador da direita era a Sra. Osty. Depois de uma curta espera, ocorreu a manifestação de uma forma animal, com odor característico. Os dois controladores tiveram a impressão muito nítida da presença de um cãozinho que saltava sobre a cadeira, depois sobre seus joelhos, roçava e acariciava, parecia brincar com sua cadeira (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.380).

5.1.5.5. Sessão de 13 de abril de 1923, às 16:30h, no laboratório do Instituto de Metapsíquica Internacional

O controle habitual do médium, da sala e dos participantes foi realizado. Os participantes foram o Professor Richet, o Sr. Garçon, Sr. e Sra. Sudre, Dr. Geley e o Sr. de Jelski (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.381).

Na primeira parte do experimento, o controlador da direita foi o Professor Richet. O controlador da esquerda foi o Sr. Garçon. Ocorreu uma longa espera de 45 minutos. Conversas banais ocorreram. Professor Richet

recitou versos. Nenhum fenômeno ocorreu a não ser alguns contatos com o Professor Richet.

Na segunda parte do experimento, o controlador da esquerda foi M. Garçon e o controlador da direita foi a Sra. Sudre. Depois de uma espera de quase meia hora, ocorreu a manifestação de uma forma canina, com o odor habitual. Esta forma roçou a Sra. Sudre, passou sob sua cadeira e depois brincou com a carteira que ela tinha sobre os joelhos. Esta carteira lhe foi retirada. Depois da sessão, a carteira foi encontrada ao chão, a 1,5m atrás da Sra. Sudre, à sua direita. A Sra. Sudre encontrava-se entre o médium e a carteira (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.381).

5.1.5.6. Sessão de 14 de abril de 1923, às 21h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Em decorrência da decepção pelos fracos resultados obtidos nas sessões precedentes, os integrantes do experimento decidiram abandonar o laboratório, que impressionava negativamente o médium. O laboratório causava-lhe a impressão, dizia, de uma sala de operações. A sessão de 14 de abril e as seguintes, exceto aquelas que foram feitas fora do Instituto, foram realizadas ou no grande salão do Instituto ou no salão particular do Dr. Geley. O controle da sala foi como sempre completo, da forma indicada pelo relatório dos 34 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.381).

Os participantes foram o Professor Leclainche, o Professor Cunéo, Doutor Rehm, Doutor Osty, Doutor Geley, Doutor Bord e o Sr. de Jelski. Os lacres das portas foram colocados pelo Professor Cunéo, que escreveu neles seu nome. O controlador da esquerda foi o Professor Cunéo. O controlador da direita foi o Doutor Rehm (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.381).

A despeito da mudança do local, tratou-se de uma sessão com resultados fracos, pontuada apenas por contatos muito nítidos e repetidos sobre o Professor Cunéo. Estes contatos foram sobre seu tórax, à direita, e nas costas. O controle das pernas estava perfeito, inclusive o médium disse que foi machucado, durante o transe, pela pressão exercida em seus joelhos. Depois de uma pausa de aproximadamente quinze minutos, a sessão

recomeçou nas mesmas condições, mas nenhum fenômeno se produziu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.381).

5.1.5.7. Sessão de 15 de abril de 1923, às 16:30h, no salão particular do Dr. Geley

Os participantes foram o Professor Leclainche, o Sr. Xavier Leclainche, o Conde Potocki, Dr. Geley, a Sra. G. e a Sra. D. O controlador da esquerda era o Sr. Xavier Lechainche. O Controlador da direita, a Sra. D. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. Os lacres da sala foram colocados pelo Professor Leclainche, que assinou seu nome neles (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.382).

Na primeira parte do experimento, ocorreu uma espera de quinze minutos com conversas banais em voz baixa. Depois, ocorreu o transe do médium pontuado por tremores em suas mãos. Os dois controladores notificaram contatos e golpes. Depois, tiveram a impressão de que uma forma animal os acariciava e roçava em suas pernas, nos lados direito e esquerdo, nas costas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.382).

Na segunda parte do experimento, ocorreu o transe rápido do médium com manifestação semelhante às precedentes. Depois, ocorreram fenômenos telecinéticos consideráveis. Sobre uma mesa localizada atrás do Sr. Xavier Leclainche, a 1,5 metros do médium, encontrava-se uma grande bandeja de couro marroquino. Esta bandeja foi pega e jogada ao chão juntamente com os objetos que estavam sobre ela, quais sejam, o candelabro e a caixa de fósforos. Os participantes perceberam barulhos não muito nítidos em torno do círculo. E, novamente, a bandeja de couro foi jogada ao chão e levantada muito alto, depois foi largada e caiu com um estrondo tão grande que acordou o médium. As luzes foram acesas e os lacres das portas e as correntes dos punhos do médium e dos assistentes estavam intactas. No chão foi vista a bandeja de couro, atrás do Sr. Xavier Leclainche, que estava, portanto, entre o médium e a bandeja e, ao lado da bandeja, encontrava-se o lenço da Sra. D., que estava sobre seus joelhos ao começo

da segunda parte da sessão. O lenço estava amarrado pelos controladores em três dos cantos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.382).

5.1.5.8. Sessão de 16 de abril de 1923, às 20:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Professor Richet, a Sra. Le Ber, o Sr. Sudre, Dr. Geley e o Sr. de Jelski. O controlador da esquerda era o Professor Richet. O controlador da direita a Sra. Le Ber, sua filha. O controle habitual do médium, dos assistentes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.382).

Na primeira parte do experimento, depois de um curto período de espera, durante o qual o Professor Richet recitava versos em voz baixa, o médium treme e entra em transe. Os controladores perceberam contatos nos braços, nas pernas e nas costas. Dois golpes foram desferidos contra eles. O Professor Richet recebeu um golpe bem no rosto, sobre a bochecha, e a Sra. Le Ber, um golpe no peito. Ouviu-se barulho de passos. O médium foi acordado por um acesso de tosse (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.383).

Na segunda parte do experimento, ocorreram as mesmas condições. Os contatos foram prolongados sobre os controladores que ouviram o barulho de passos. Cadeiras foram ruidosamente deslocadas. Os lápis que estavam sobre uma mesa a um metro atrás do médium foram pegos e bagunçados. Ouviu-se o barulho de lápis escrevendo. De repente, uma pesada cadeira foi levantada sobre a mesa de experiências por sobre as suas cabeças, sem tocar ninguém, e foi colocada sobre a mesa. Tratava-se de uma cadeira acolchoada que pesava cerca de cinco quilos. Foi observado exatamente onde ela estava, a 1,5 metros do médium, atrás da Sra. Le Ber. Foi constatado que um papel branco que estava sobre uma mesa atrás do médium, junto com os lápis, trazia garranchos ilegíveis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.383).

A seguir, a título comparativo, as notas do Professor Richet. Trata-se de um relatório resumido da sessão de segunda-feira, 16 de abril de 1923, às 20:30h:

“A sessão de segunda-feira, 16 de abril de 1923, foi muito bela e simples. Eu me dei conta de um fato surpreendente. À mesa, Guzik, eu à sua esquerda, minha filha Adèle Le Ber à sua direita – as mãos unidas por um laço impossível de se desfazer. Eu tinha verificado que o laço era sólido e que não poderia ser removido, tanto na mão direita quando na mão esquerda de Guzik. Assim, tanto minha filha quanto eu mesmo segurávamos sua mão apenas envolvendo nosso dedo mínimo ao dedo mínimo dele! Ele não fez nenhum movimento, nenhum movimento. Meu joelho está perto de seu joelho. Do mesmo jeito que está Adèle. Os outros participantes estão presos por uma corrente com cadeado. ESCURIDÃO ABSOLUTA.

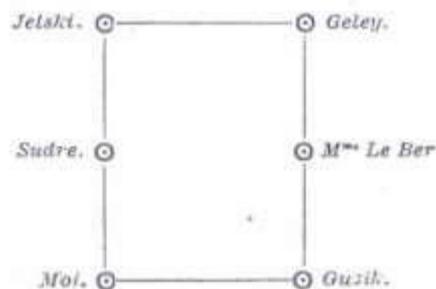


Figura 65 – Disposição dos participantes.

Então ouvimos barulhos atrás de Guzik –como se tocasse a mesa que estava atrás de nós. Depois, de repente, uma cadeira foi colocada sobre a mesa – cadeira bem pesada, densa – minha filha sentiu-a passando entre ela e Guzik. Qual era o peso da cadeira? Cinco quilos. Havia alguns rabiscos a lápis sobre os papéis que estavam atrás de nós. Nós tínhamos verificado, antes da sessão, que eles não tinham nenhum traço escrito”.
(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.383).

5.1.5.9. Sessão de 17 de abril de 1923, às 16:30h, no salão do Dr. Geley

Os assistentes foram o Sr. Raymond P., o Conde de C., Dr. Geley, a Sra. Geley e o Sr. de Jelski. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. As portas foram lacradas pelo Sr. de C. O controlador da direita foi o Sr. de C. O controlador da esquerda, o Sr. P. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.384).

Na primeira parte do experimento, depois de um curto período de espera, ocorrem manifestações que têm como objeto o Sr. de C. Ele sentiu-se apalpado, friccionado, golpeado do lado esquerdo e nas costas. Declarava ter a nítida impressão da presença de um animal atrás de si. Tais manifestações foram intermitentes, paravam e recomeçavam. Ao mesmo tempo que elas apareciam, os presentes perceberam um odor desagradável de cachorro molhado, que desapareceu instantaneamente assim que acabaram as manifestações. Percebeu-se barulho de passos, muito claros, por trás dos dois controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.384).

Na segunda parte do experimento, os mesmos fenômenos reproduzem-se, mas, dessa vez, eles foram mais acentuados junto ao Sr. P. Este último declarou ter tido a impressão da presença de um grande animal nas suas costas. Ele percebeu um contato firme sobre seu ombro direito. Recebeu golpes nas costas e na cabeça. Ouviram-se barulho de passos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.384).

5.1.5.10. Sessão de 18 de abril de 1923, às 20:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os assistentes foram o Doutor Rehm; Doutor Bord, ex-estagiário do Hospital de Paris; Doutor Osty; Doutor Geley; Conde de Potocki; a Sra. D. e a Sra. G. O controlador da direita foi o Doutor Bord. O controlador da esquerda foi o Doutor Rehm (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.384).

O controle habitual do médium, dos assistentes e da sala foi realizado. As portas foram lacradas pelo Dr. Rehm. Durante as duas partes da sessão, manifestações idênticas produziram-se. Os dois controladores, especialmente o Dr. Rehm, perceberam contatos e toques diversos, golpes nos ombros e nas costas. O Dr. Rehm teve a impressão de ter a seu lado um “animal” com cheiro de cachorro. Sua cadeira e ele mesmo foram violentamente puxados para trás, tendo se deslocado aproximadamente 0,75m. Cabe observar que o Dr. Rehm era um homem forte e muito pesado e este deslocamento necessitaria de uma força considerável. Cadeiras e poltronas foram ruidosamente arrastadas por trás do círculo. Uma mesa

muito pesada, coberta de mármore, e localizada a um metro atrás do médium, foi deslocada a 0,6m. Os dois controladores notaram, antes do começo dos fenômenos, como que um barulho de fervura ao lado e atrás do médium. Eles perceberam nitidamente que o médium era o centro transmissor das forças que estavam em jogo ali (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.384).

5.1.5.11. Sessão de 19 de abril de 1923, às 16:30h, no salão do Doutor Geley

Os assistentes foram Sir Oliver Lodge, Lady Lodge, o Sr. Cornillier, a Sra. Cornillier, o Sr. Fortuny, Dr. Geley, a Sra. Geley e o Sr. de Jelski. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. As portas foram lacradas por Sir Oliver Lodge. O Sr. Fortuny estava preso ao piano, longe do círculo, cerca de 1,5m, por um cordão chumbado. Tratava-se de uma espécie de corda reforçada que envolvia pequenos pesos de chumbo que, na pesca, era usada para dar peso à tarrafa. Ele tocava o piano suavemente durante toda a sessão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.385).

Na primeira parte da sessão, os controladores foram Sir Oliver Lodge e Lady Lodge. Ocorreram contatos sobre Sir Oliver. Ouviram passos surdos por trás do médium. Diversos objetos foram arrastados com barulho, fora do alcance do médium, a 1,5 metros atrás dele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.384).

Na segunda parte ocorreram contatos sobre Lady Lodge. De repente, uma luz dupla se produziu, eram dois pontos brilhantes, como dois vagalumes, muito próximos um do outro. Os fenômenos começaram à esquerda do médium. As luzes oscilavam de Lady Lodge a Sir Oliver Lodge. Ocorreu uma exclamação muito exaltada de Sir Oliver Lodge que semidesperta o médium e fez com que o fenômeno cessasse. O médium retomou o transe e as luzes reapareceram. Elas se aproximavam da orelha de Lady Lodge que ouviu então palavras nitidamente pronunciadas, mas que ela não compreendeu. O médium foi acordado por um acesso de tosse (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.385).

Seguem abaixo as notas de Sir Oliver Lodge:

“Primeiros fenômenos: barulhos e arranhões perto da cadeira do médium e dos móveis. Uma caixa de ferramentas perto da chaminé é derrubada. São os alicates de vedação, uma caixa cheia de balas de chumbo perfuradas, tesouras e fitas, tudo destinado ao controle do médium. Sou atingido como que por um cachorro. Tenho a impressão de que um animal bastante gordo está tentando introduzir o focinho na abertura do bolso da calça. Em seguida, um intervalo, o médium sai por dez minutos. Segunda parte: repetidamente uma pequena luz aparece à direita e acima da minha cabeça e toca levemente minha sobrancelha, depois há como que uma tentativa de fala. Lady Lodge também foi tocada, nas costas, e vê uma pequena luz brilhante se aproximar dela, uma luz dupla, acompanhada de voz. As duas luzes, dizem, iluminam dois lábios. O som se reproduz, mas novamente não é compreendido”.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.385 nossa tradução).

Sobre a sessão de 19 de abril de 1923, segue abaixo o relatório de Lady Lodge:

“Nós estávamos todos sentados em torno de uma mesa redonda, com os punhos unidos uns aos outros por correntes com cadeados... Oliver e eu estávamos cada um de um lado do médium, presos a ele com nossos dedos entrelaçados aos dele durante toda a sessão. O médium fala apenas polonês, em decorrência disso, seu amigo sempre o acompanha. Sr. de Jelski estava sentado do outro lado da mesa, da mesma forma acorrentado e com os dedos entrelaçados aos dedos de seus vizinhos. Nós colamos papéis sobre as portas fechadas e nesses papéis assinamos nossos nomes. Estávamos envoltos na escuridão, mas o Sr. de Jelski tinha uma lâmpada de luz vermelha que podíamos acender para ver se todas as mãos estavam bem arranjadas. Depois de um momento, ouvimos arranhões como os de um pequeno cão a alguma distância do médium. Uma caixa de ferramentas foi derrubada. Alguma coisa me tocou de forma doce sobre as costas. Uma pata poderia ter dado essa sensação. Oliver sente o nariz de um cachorro farejando o bolso de sua calça diversas vezes. Vejo mais tarde duas pequenas luzes, que não iluminavam nada, flutuarem até mim sobre a mesa e desaparecerem atrás do médium. Depois elas voltam e tocam minha cabeça com uma “doçura pesada” bastante surpreendente vindo de coisas tão leves. Eu me arrependo por estar de chapéu, teria apreciado poder sentir melhor o toque. Eu disse então: “querida luzinha”. Ela me responde com uma voz de homem muito suave. Como eu não entendi, pergunto: “diga-o novamente”. Ela responde mais uma vez, mas eu não pude compreender e então tudo desaparece. As duas pequenas luzes moviam-se falando, juntando-se e separando-se como dois lábios, mas eu não vi

lábios formados, apenas os dois pontos de luz, e ouvi a voz. Isso foi tudo o que houve nesse dia”.
(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.386. Tradução nossa).

5.1.5.12. Sessão de 20 de abril de 1923, às 16:30h, no salão do Dr. Geley

Os participantes foram Sir Oliver Lodge, Lady Lodge, o Professor Richet, a Sra. Le Bert, Doutor Lassablière, o Sr. Sudre e Doutor Geley. Os controladores foram Sir Oliver Lodge e Lady Lodge. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foram realizados. As portas foram lacradas por Sir Oliver Lodge (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.386).

Os mesmos fenômenos ocorreram nas duas partes da sessão com contatos repetidos e variados sobre os dois controladores. O chapéu de Lady Lodge, colocado sobre o sofá, a 1,5 metros do médium, foi levado por duas vezes sobre a mesa das sessões. No fim da sessão, o médium dirigiu a mão de Lady Lodge, presa à sua, para trás, tão longe quanto possível e fez com que tocasse um ser do tamanho de um homem, peludo e imóvel (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.386).

A seguir as notas de Sir Oliver Lodge:

“Primeiros fenômenos: fui tocado nas costas por algo como um punho. Depois alguma coisa passa pela minha cabeça, escorrega pelo meu rosto e cai sobre as minhas mãos. É o chapéu de Lady Lodge, vindo do sofá atrás dela, à direita. As mãos do médium foram o tempo todo seguras pelo meu dedo mínimo.

Lady Lodge foi tocada por algo como um animal doméstico, o médium leva para trás suas mãos entrelaçadas às suas e ela sente, com as costas da mão, algo como um peito peludo de um grande cachorro em pé sobre as patas ou de um homem pequeno. Para Richet, poderia ser um homem primitivo. Além disso, nós ouvimos o barulho de passos que pareciam mais de homem do que de cachorro. As damas acreditam que poderia ser um macaco grande ou um orangotango. Lady Lodge foi a única que sentiu dessa vez. A sensação de tocar esses pelos, que parecem recobrir um peito rígido, foi muito estranho. O fenômeno apresentou-se à altura da cabeça de Lady Lodge, que estava sentada. Não há luz, apesar de nosso desejo de que houvesse. Depois de um intervalo, como anteriormente, a sessão recomeça nas mesmas condições. Segundo fenômeno: Toques na orelha e no

pescoço, cabelos bagunçados, mas apenas em Lady Lodge. Ela descreverá, adiante, o que sentiu. O chapéu que havia sido recolocado sobre o sofá durante o intervalo volta subitamente à mesa. O episódio do selvagem, cachorro ou macaco peludo, considero o mais curioso de todos. Evidentemente já havia acontecido, pois as damas falavam desse ser que lhes parecia um grande macaco. O médium não fala durante a sessão, parece dormir, e se os participantes conversam entre si, devem fazê-lo calmamente, não podem se exaltar, sob pena de acordar o médium. Tudo o que é dito, deve ser em voz baixa. A voz direta foi ouvida dessa vez, mas ninguém entendeu o que dizia.

OLIVER LODGE”

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.387. Tradução nossa).

Abaixo o relatório de Lady Lodge da Sessão de 20 de abril de 1923.

Relatório de Lady Lodge:

“Estávamos sentados e acorrentados, como na primeira sessão, mas, dessa vez, eu havia tirado o chapéu e o colocado, juntamente com minha jaqueta, sobre um sofá que estava a minha direita, de forma que estivesse longe o suficiente para que eu não pudesse alcançá-lo, menos ainda o médium, que estava à minha esquerda. Eu me senti primeiramente acariciada nas costas como que por um membro amputado. Este membro, ou mão, ou pata, vai até meus cabelos e tira a rede que os segura. Sinto em seguida qualquer coisa passar pela minha cabeça, era meu chapéu, lançado até Oliver. Em seguida, ocorre um intervalo. Acendemos a luz. Depois a sessão é reiniciada nas mesmas condições. Sinto-me fortemente empurrada nas costas pelo membro ou mão ao qual me referi acima, mas nada, no entanto, dava a sensação de dedos. Desta vez meus cabelos foram um bocado desarrumados e fui tocada na nuca. De repente, o médium leva meu braço para trás. Eu estava como sempre presa a seu punho, meus dedos tocavam os seus. Ele me fez tocar com a mão um corpo em pé atrás de mim à altura de meu ombro. Era muito firme, coberto de pelos ou de pelúcia espessa e eriçada, como o peito de um cachorro. Era algo muito surpreendente sentir este ser por trás de mim! Meu chapéu, que viram-me colocar sobre uma das almofadas do sofá, fora do alcance de todos nós, foi então jogado por cima da minha cabeça e caiu diante de Oliver. O que mais me espantou nessa sessão foi tocar o ser atrás da minha cadeira, coberto desses pelos espessos e eriçados. Devo ter passado minha mão sobre uma superfície de aproximadamente um pé. Ele parecia muito benevolente”.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.387. Tradução nossa).

5.1.5.13. Sessão de 21 de abril de 1923, às 20:30h, na sala de jantar do Doutor Bord

Os assistentes desta sessão foram o Doutor Bord, Doutor Rehm, Professor Leclainche, a Sra. D., Doutor Bord (sic), Doutor Geley e o Sr. de Jelski. Um piano tocou na sala vizinha durante a sessão. O controle habitual foi realizado e a única porta foi lacrada pelo Dr. Rehm. O controlador da direita era o Dr. Bord. A disposição ocorreu de forma que entre o Dr. Rehm e o Dr. Bord estavam o professor Leclainche, o Sr. de Jelski, Dr. Geley e a Sra. D. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.388).

Na primeira parte do experimento, ocorreu uma espera bastante longa, cerca de uma hora. Depois, deu-se uma respiração barulhenta e entrecortada do médium, com ligeiros sobressaltos. Logo em seguida, os fenômenos começaram com barulhos de passos atrás do médium e atrás de seus controladores, abafados pelo tapete, mas nitidamente ouvido por todos. Ocorreram contatos muito claros e fortes sobre o Dr. Rehm, sobre seu braço, ombro esquerdo e costas. A sua cadeira foi puxada, mas não forte o suficiente para ser deslocada. O médium tossiu e acordou depois de vinte minutos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.388).

Na segunda parte do experimento, depois de vinte minutos de repouso, a sessão foi retomada nas mesmas condições. Os fenômenos se reproduziram mais ou menos de forma semelhantes. Depois o Dr. Rehm sentiu sua cadeira ser fortemente puxada. Ele se levantou um pouco e a cadeira foi arrastada contra o médium. Ao mesmo tempo, sentiu alguns tapinhas amigáveis na parte baixa das costas e uma pressão induzindo-o a se aproximar do médium e se sentar novamente na cadeira deslocada. Nessa nova posição, ele se encontrou literalmente grudado ao médium, braço a braço, perna com perna, de maneira que poderia perceber claramente todos os movimentos de qualquer parte do corpo deste último. Nessas condições, o Dr. Rehm sentiu ainda mais toques. Depois, o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.389).

5.1.5.14. Sessão de 22 de abril de 1923, às 16:30h, no salão do Dr. Geley

Os participantes foram o Professor Leclainche; o Sr. Huc, diretor do jornal *La Dépêche de Toulouse*; o Sr. Xavier Leclainche; a Sra. Clément; o

Sr. Legros, arquiteto; a Sra. Huc; a Sra. G.; o Conde Potocki e o Dr. Geley. O controle habitual foi realizado. As portas foram lacradas pelo Professor Leclainche. O controlador da direita foi o Sr. Huc e o controlador da esquerda foi o Sr. Xavier Leclainche (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.389).

Na primeira parte do experimento, depois de quinze minutos de espera, ocorreram toques sobre o Sr. Huc, em seu braço esquerdo, dos lados, na barriga e nas costas. Esses toques foram contínuos e muito fortes. Ocorreram barulhos de passos atrás do médium e do Sr. Huc. Ocorreram também deslocamentos barulhentos de objetos. De repente, todos sentiram um objeto que parecia ser uma cadeira ou poltrona sendo transportada sobre a mesa das sessões. Este móvel passou por cima das cabeças dos participantes e foi colocado muito suavemente sobre a mesa, sem tocar a mão dos participantes. Era uma cadeira de aproximadamente quatro quilos, e foi encontrada virada sobre a mesa, com o espaldar para cima. Ela estava a aproximadamente um metro do Sr. Huc antes de começar a sessão. O controle foi considerado excelente. O Sr. Huc e o Sr. Xavier não largaram a mão do médium e as correntes estavam intactas. As pernas dos controladores tocavam as do médium. Desta forma, puderam garantir a ocorrência da telecinésia (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.389).

A segunda parte dos experimentos se deu nas mesmas condições. Ocorreram toques sobre o Sr. Huc. Sua cadeira foi puxada com grande força para trás e arrastada junto com ele. O deslocamento foi de aproximadamente 0,75m e depois foi recolocada em seu lugar. O piano, que estava aberto, cujo teclado estava a 1,5m do médium, foi tocado. Os participantes ouviram tocar as notas mais agudas, que eram as mais próximas do médium. Para Geley, o fenômeno, nessas condições de controle, não seria passível de imitação fraudulenta. Depois ocorreram pancadas sobre a madeira do piano. Depois de uma longa espera, mais nada se produziu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.389).

5.1.5.15. Sessão de 23 de abril de 1923, às 11h da manhã, no salão do Dr. Geley

A partir da sessão de 23 de abril até a sessão de 27 de maio de 1923, foi realizada, junto a J. Guzik, uma nova e curta série de sessões, pontuadas por uma inovação interessante, qual seja, uma tela de sulfato de zinco de 0,60m por 0,50m suspensa horizontalmente a 1m da mesa de experiências. Sobre o tampo da mesa, nas bordas, foi colocada, em círculo, uma fita fosforescente da largura de dois dedos destinada a ser recoberta pelas mãos dos assistentes. Sob as mãos do médium foi colocada, da mesma forma, uma tela fosforescente de 0,25m por 0,25m. Esta luminescência era forte o suficiente para permitir ver bem as mãos do médium e dos participantes e de distinguir suas silhuetas. Isto lhes permitiu perceber formações ectoplasmáticas em torno do médium. As condições de controle permaneceram as mesmas conforme o Manifesto dos 34 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.390).

Os participantes foram Sir Oliver Lodge, Lady Lodge, Professor Richet, Sra. G. e Sr. de Jelski. Foi realizado o controle habitual do médium, dos participantes e da sala. Os acontecimentos limitaram-se a contatos e golpes fortíssimos sobre Sir Oliver Lodge e Professor Richet, controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.6, 1923, p.390).

5.1.5.16. Sessão de 23 de abril de 1923, sessão da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram Sra. Le Bert, Sra. G., Dr. Lassablière, Dr. Briau, Sr. Sudre, Sr. De Jelsky, Sr. Llaguet – diretor do Serviço Sanitário de Bordéus, Sra. L. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. Na primeira parte os controladores foram o Dr. Briau e Dr. Lassablière. Na segunda parte os controladores foram a Sra. Le Bert e o Dr. Lassablière. Ocorreram golpes e contatos nos controladores. Golpes em cheio no rosto, bastante fortes. Também ocorreram batidas à distância e ritmadas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.138).

5.1.5.17. Sessão de 24 de abril, às 15h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram Sir Oliver Lodge, Conde A. de Gramont, Sra. de C., Sr. Olliver – conde do burgo de Bozas, e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.138).

Na primeira parte o controlador da direita foi a Sra. de C e o controlador da esquerda foi Sir Oliver Lodge. Ocorreram contatos repetidos e intensos sobre a Sra. de C. Barulho de passos foram ouvidos. A mesa localizada atrás do médium, a cerca de 1 metro, muito pesada, é chacoalhada várias vezes. A manifestação “canina” se produziu. A forma de um cachorro do tamanho de um fox terrier passa por entre as pernas da Sra. de C. e do seu vizinho, Sr. Gramont. Ambos perceberam o contato. O “cachorro” saltava sobre os joelhos da Sra. de C., que sentiu seus pelos, depois sobre os ombros. Eram carícias habituais de um cachorro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.138).

Na segunda parte, o conde do burgo de Bozas foi embora. O controlador da direita era Sir. Oliver Lodge. O controlador da esquerda, a Sra. de C. Quase imediatamente, poderosas manifestações ocorreram. Barulhos de passos impressionantemente nítidos e movimentação de móveis. O papel e os lápis que estavam sobre a mesa atrás do médium a cerca de 1,2 metros foram jogados ao chão. Sir Oliver sentiu múltiplos contatos, a Sra. de C. também. Eram de dois membros, como de duas mãos sem dedos, que tocavam simultaneamente seus ombros. Seu chapéu foi remexido várias vezes sobre sua cabeça. Foram ouvidos cochichos indistintos, depois uma voz fala bem perto da orelha de Sir Oliver Lodge. Todo mundo ouviu, em meio a uma frase incompreensível, as seguintes palavras em francês: “votre nom”⁷. Depois, o mesmo fenômeno se produziu próximo à orelha da Sra. de C. Os participantes não compreenderam as palavras produzidas. O médium tossiu e acordou. Levou a mão da Sra. de C. bem para trás e para o alto. Ela sentiu um ser da altura de um homem em pé e sua mão tocou uma cabeça cabeluda. Ocorreu a mesma manifestação com Sir Oliver Lodge. Depois as luzes foram acesas e foram vistos sinais desconexos traçados a lápis sobre o

⁷ “Vosso nome”. Tradução nossa.

papel branco que estava sobre a mesa atrás do médium e tinha sido jogado ao chão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.138).

A seguir as notas de Sir Oliver Lodge:

“O Sr. de Jelski estava ausente dessa vez. A sessão aconteceu no grande salão do primeiro andar, não no pequeno salão do segundo. Era possível escurecer este salão, mas não tão completamente quanto o do segundo andar. As portas estavam fechadas, trancadas e seladas, os participantes estavam acorrentados, como sempre.

Durante a primeira parte da sessão, a Sra. de C foi quem mais sentiu os contatos. Na segunda parte, ela mudou de lugar comigo e o Sr. do burgo de Bozas tinha ido embora.

A Sra. de C., durante essa primeira parte da sessão, sentiu qualquer coisa que lhe deu a impressão de um grande cachorro. Ela também sentiu um pequeno animal que rolava à sua frente, na barra de seu vestido. Ela disse ainda que suas vestimentas foram puxadas para a frente, como se algo tentasse alcançar o Sr. de Gramont, que, creio eu, sentiu o contato. Eu ouvi o cachorro (?) que se movimentava em torno da cadeira da Sra. de Cerjat.

O fato mais interessante foi o movimento da mesa atrás dos participantes. Ela estava a cerca de uma jarda de Guzik e deslizou pelo assoalho encerado várias vezes. Pareceu que havia se movido aproximadamente um pé, no total, mas eu tive a impressão de que ela foi parcialmente recolocada no lugar depois de ter sido deslocada. Nos pareceu que ela tentava ser suspensa, apesar de não termos provas de que seus pés tenham deixado o solo. Eu não esperava por este fenômeno e não havia tido o cuidado de marcar o local do móvel, mas o fiz na segunda parte da sessão, marcando a posição dos pés da mesa em uma folha de papel. Três dessas folhas estavam sobre a mesa com três lápis. (Tudo isso foi deslocado e jogado ao chão.) A mesa não foi deslocada dessa vez. Mas o papel foi. Nós o ouvimos sendo amassado e encontramos algumas marcas em uma das folhas depois da sessão, bem em cima do meu esboço, marcas estas que certamente não estavam ali antes, pois eu as teria visto: Eu tinha desenhado sobre uma folha completamente branca.

O médium não fez nenhum movimento com as mãos durante essa primeira parte.

Durante a segunda parte da sessão (depois de trocarmos de lugar), eu fui tocado várias vezes; o papel colocado sobre a mesa atrás de nós foi amassado e mexido. O móvel não se deslocou, e alguma coisa atrás de mim não parava de me tocar o braço. Eu disse: "é Fango?" O ser pareceu contente e me tocou duas vezes.

Perguntei se isso queria dizer que sim, e fui imediatamente tocado duas vezes.

Perguntei-lhe se conhecia Raymond e se este último estava presente: "sim", respondeu.

"É Raymond quem me toca?" Responde que não tocando-me apenas uma vez.

Depois ele fala baixinho em minha orelha; sensação curiosa, creio ter sentido um hálito. Primeiro acreditei ser o hálito do Polonês, mas as mesmas palavras foram repetidas várias vezes e os participantes acreditam ter ouvido "vosso nome". Eu não disse meu nome, pois estava ocupado em escutar e observar.

Guzik pega então a minha mão, como sempre presa à dele, levando-a para trás de nós dois, procurando fazer com que eu tocasse a aparição. Esta parece recuar, apenas meu braço a toca. Isso aconteceu várias vezes. Por fim, Guzik faz com que eu levante a mão à altura de uma cabeça, não muito alto, e sinto dois dedos apertarem um dos meus dedos (mas poderiam ser os do médium) e por um instante toquei uma cabeça aveludada com o dorso da mão. Era redonda e dura como a de um homem de cabelos curtos.

A Sra. de C. disse que, em seguida, o ser tocou fortemente seus dois ombros, depois as costas e que sua mão foi pega pelo médium e levada para trás, do mesmo jeito que ele fez comigo. Ela sentiu com a palma da mão uma cabeça redonda e dura de cabelos curtos. A cabeça chegou muito perto de mim e falou algo; senti um hálito quente. Ela também desarrumou meu chapéu, disse a Sra. de C.

O ser, durante esta segunda parte da sessão, era muito grande para ser apenas um cachorro, além disso, falava e parecia contente de que nós tenhamos dado-lhe um nome.

Eu não sei se ele já tinha sido batizado com esse nome, Fango. O Sr. de Jelski não estava presente e Guzik só falava polonês.

No fim, Guzik, em vez de ir embora logo em seguida como de costume, acaba ficando e nos mostra como foi que ele levou minha mão para me fazer tocar o ser. Ele percebe também que havia marcas sobre o papel. Parecia sensivelmente mais satisfeito com o resultado desta sessão do que com o das anteriores. Normalmente ele parecia um bocado melancólico, dessa vez, no entanto, ele se animou e ficou quase sociável.

A voz, que todos puderam ouvir, era muito curiosa. Vinha de muito perto de minha orelha. A Sra. de C. disse que a mesma voz tinha vindo lhe falar, também muito perto de sua orelha, mas não sei se ela compreendeu as palavras pronunciadas. Eu entendi apenas "vosso nome?", repetido três vezes em entonação de interrogação, disse a Sra. de C.

Houve barulhos na sala, como se alguém se movimentasse em um canto a cerca de três jardas. Sentimos, inegavelmente, a presença de alguém.

Estávamos todos acorrentados, e certamente não havia ninguém ali. As portas estavam seladas e fazia um dia claro lá fora, de maneira que se uma porta tivesse sido aberta, a luz teria inundado o ambiente.

Essa sessão foi a mais interessante de todas às que eu assisti. Parece que em outras sessões algumas notas foram tocadas ao piano. Tentaram, em minha presença, obter os mesmos resultados, sem sucesso.

Apenas uma sensação estranha de ouvir alguma coisa se mover fora do círculo que nós formáramos, de ouvir barulhos atrás de nós, móveis se deslocando; em uma das vezes o barulho parecia vir do canto mais afastado da sala, atrás de uma mesa que estava às costas de Geley. Depois da luz acesa, não vimos nada. Os movimentos eram bastante ostensivos, mas o objeto deslocado continuava no mesmo lugar após a movimentação. Que ninguém havia ido ali depois que a luz foi acesa era fato, mas não prova nada: havia qualquer coisa na sala enquanto estávamos na escuridão. É bom lembrar disso quando vemos crianças com medo do escuro”.

(REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.141, nossa tradução).

5.1.5.18. Sessão de 25 de abril, às 20:30h da noite, na casa do Professor Cunéo

Os participantes foram o Prof. Cunéo, Prof. Leclainche, Sra. V. D., Dr. Osty, Sra. G., Sr. de Jelski e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da esquerda foi o professor Cunéo e o controlador da direita, Sra. G. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.141).

Na primeira parte os contatos foram muito violentos sobre o professor Cunéo. Foram golpes muito fortes nas costas. Também ocorreu uma manifestação “canina” em que uma forma de cachorro acariciava as pernas do Prof. Cunéo e da Sra. V., sentada à sua esquerda. A forma passava entre as pernas da Sra. V. por baixo de suas saias e lhe lambia os joelhos. Na segunda parte, o Dr. Rehm estava presente, mas nada aconteceu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.141).

5.1.5.19. Sessão de 27 de abril de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram a Sra. Le Bert, Prof. Richet, Dr. Lassablière, Dr. Humbert, Sr. Sudre e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.141).

Na primeira parte, o controlador da direita foi o Dr. Lassablière e o controlador da esquerda foi o Dr. Humbert. Ocorreu uma longa espera. Ocorreram contatos com o Dr. Hubert, muito nítidos e numerosos, além de barulho de passos e deslocamento de móveis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.141).

Na segunda parte, o controlador da direita foi o Professor Richet e o controlador da esquerda foi o Dr. Lassablière. O médium, em transe desde o início, foi bruscamente acordado por um acesso de tosse de um dos participantes. Depois esperaram, em vão, por mais de meia hora. Perceberam que o médium estava inerte. O Dr. Humbert falou com ele em russo. Ele respondeu que não conseguia dormir. Geley propôs que ele caminhasse um pouco, o que ele aceitou. Geley se desacorrentou, acendeu a luz, aproximou-se dele, que dava alguns passos para o lado, e colocou sua mão esquerda diante de sua cabeça e sua mão direita atrás. Muito rapidamente ele dormiu e sofreu os calafrios e sobressaltos característicos. Rapidamente Geley apagou a luz e voltou ao seu lugar, formando a corrente com seus vizinhos, Dr. Humbert e Sr. Sudre, mas sem ter tempo de se acorrentar. De repente, fenômenos intensos ocorreram. Violentos contatos sobre o Dr. Lassablière; a manifestação canina, um “cachorro”, roçou suas pernas, subiu em seus joelhos, circulou por trás de suas costas, entre as costas e o encosto da cadeira e subiu em seus ombros. Os móveis foram deslocados ruidosamente, todos ouviram barulho de passos pesados. Novamente um acesso de tosse do médium o acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.142).

Guzik pediu uma terceira tentativa, depois de cinco minutos de pausa. Nessa terceira parte, o Sr. Sudre foi embora. O controlador da direita foi o Dr. Lassablière e o controlador da esquerda o Dr. Humbert. Rapidamente ocorreram contatos repetidos sobre o Dr. Humbert e a manifestação canina. Um lençol de linho, colocado sobre uma poltrona a 1,5 metros do médium, na intenção de favorecer certas manifestações, foi levado sobre a cabeça do médium e depois depositado sobre a mesa. Na sequência o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.142).

5.1.5.20. Sessão de 28 de abril de 1923, às 21h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Dr. Chauvet, Prof. Cunéo, Sra. V.D., M. M., Sr. de Jelski e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. Chauvet e o controlador da esquerda o Prof. Cunéo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.142).

Na primeira parte, rapidamente, em cerca de dez minutos ocorreu o transe do médium. Foram contatos violentos sobre o Dr. Chauvet que se queixava baixinho. Ocorreram barulhos de passos. De repente, apareceu uma luz atrás do médium, esta luz frequentemente entrava em contato com a cabeça do Dr. Chauvet e depois com a do Prof. Cunéo. Neste momento todos ouviram cochichos perto da orelha do Dr. Chauvet. Uma segunda luz apareceu perto da mão do Dr. Chauvet, desapareceu e reapareceu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.142).

Na segunda parte, M. de Jelski foi embora. O controlador da direita foi o Professor Cunéo e o controlador da esquerda foi o M. M. Muito rapidamente o médium entrou em transe. Ocorreram pancadas repetidas sobre o Prof. Cunéo e depois sobre M. M. Depois se deram barulhos de passos extremamente nítidos, atrás do médium e bastante longe dele. Móveis foram deslocados ruidosamente. Uma cadeira, que havia sido colada ao chão pelo Dr. Chauvet com fita crepe foi puxada ruidosamente. Ela estava a aproximadamente 1,5 metros do médium e ricocheteou o chão ao ritmo de uma peça de piano tocada na sala ao lado. Geley perguntou em francês: “responda batendo uma vez para não e duas para sim. Você entende francês? – Sim. – Você é amigo de algum de nós? – Não. – Amigo do médium? – Sim. – Poderia levar a cadeira sobre a nossa mesa? – Sim.” Ouviu-se a seguir a cadeira ser jogada ao chão. Todos tiveram a impressão de que ela seria levantada. Ela de fato foi, mas atingiu a cabeça do médium, que gritou e acordou. A cadeira foi lançada ao chão e foi encontrada, após a sessão, a 1,3 metros do círculo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.143. Tradução nossa).

O médium voltou a dormir imediatamente e os fenômenos continuaram tão violentos e intensos quanto antes. A tela colocada sobre a mesa atrás do médium foi lançada a dois metros. Ouviram um barulho de escrita sobre a mesa atrás do médium. Contatos repetidos ocorreram em M. M., que agradeceu. Barulhos de passos foram ouvidos. Depois o médium acordou. Foi constatado que os lacres da sala estavam intactos. A tela de proteção da lareira também estava lacrada e intacta. Todos os participantes se declararam convencidos. Acharam os papéis brancos, que estavam sobre a mesa, atrás do médium, borrados por traços a lápis e algumas linhas, ilegíveis, haviam sido escritas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.143).

5.1.5.21. Sessão de 29 de abril de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Professor Leclainche, o Professor Vallée, o Sr. Huc, Conde Potocki, Sra. L., Sra. H., Sra. G. e Doutor Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.143).

Na primeira parte, o controlador da direita foi o Sr. Huc e o controlador da esquerda o Sr. Vallée. Depois de quinze minutos de espera, ocorreram vários contatos muito nítidos sobre o Sr. Huc, em seus braços, ombros e costas. Também se deram barulhos de passos e deslocamento barulhento de móveis. A mesa pesada de tampo de mármore que estava atrás do médium foi ruidosamente deslocada. O Sr. Vallée percebeu, por sua vez, dois fortes contatos em seu ombro e queixo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.143).

Na segunda parte, o controlador da direita foi o Professor Vallée e o controlador da esquerda foi o Sr. Huc. Geley instalou um potenciômetro em sua lâmpada vermelha para controlá-la. O potenciômetro estava sobre a mesa, diante de Geley. O fio passava por trás do Professor Vallée e estava ligado à tomada atrás do médium. Logo no começo, este fio foi puxado com extrema violência. O potenciômetro, brutalmente desmontado, foi recomposto com muita dificuldade. Por repetidas vezes ocorreu o mesmo

puxão violento para arrancar os fios. Geley enrolou o fio em seus dedos. Por duas vezes percebeu uma tentativa de tração, como que um teste para ver se o fio estava mesmo preso. Percebendo sua resistência, a força não insistiu mais. Nenhum outro fenômeno se produziu, apesar da longa espera. Ficou evidente que, apesar da explicação dada ao médium, a presença da lâmpada e do potenciômetro produziu uma ação inibidora (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.143).

5.1.5.22. Sessão do 30 de abril de 1923, às 21h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Sr. Lucien Michaux, Inspetor Geral de Pontes e Estradas; Dr. J.-Ch. Roux; Dr. Lassablière; Dr. Humbert; Prof. Richet; Sra. Le Bert; Dr. Geley e Sr. de Jelski. Ocorreu o controle habitual do médium, dos participantes e da sala. O controlador da direita foi o Sr. Michaux e o controlador da esquerda foi o Dr. Humbert (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.144).

Na primeira parte ocorreram contatos sobre o Dr. Humbert. Foram ouvidos barulhos de passos. A mesa pesada atrás do médium foi deslocada com o barulho (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.144).

Na segunda parte, o controlador da direita foi o Dr. Roux e o controlador da esquerda foi o Sr. Michaux. Ocorreram contatos violentos e repetidos sobre o Sr. Michaux, seu braço foi dirigido pelo médium para trás, o máximo possível, e foi recolocado com violência sobre a mesa por um "membro ectoplasmático" que o pegou pelo antebraço. Uma poltrona pesada, atrás do Sr. Michel, foi deslocada. Ocorreram contatos sobre o Dr. Roux, que recebeu um golpe que pareceu ser de punho sobre o olho esquerdo e bastante violento (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.144).

5.1.5.23. Sessão de 1 de maio de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram Duque de B., Sr. B., Sra. P., Sr. Raymond P., Sra. de C., Conde de la R., Conde Georges de C. e Dr. Geley. O controle

habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da esquerda foi o Duque de B. e o controlador da direita o Sr. B. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.144).

Na primeira parte, os contatos sobre Sr. B. foram repetidos e discretos, tocando-lhe o braço e as costas. A mesa de madeira, atrás do médium, foi deslocada ruidosamente. Uma cadeira de 4Kg localizada a 1,5 metros atrás do médium foi levantada e caiu novamente batendo com um dos pés no chão. Respostas escritas aparecem no meio dessa cadeira com questões em francês. Geley pediu que a cadeira fosse levada para cima da mesa de experiências. As forças se reuniram e, ao fim, todos tiveram a impressão de que a cadeira foi levantada. Ela chegou à mesa, virada ao contrário. Um dos pés bateu na testa do Duque de B., que gritou e acordou o médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.144).

Na segunda parte, rapidamente, ocorreram contatos sobre o Duque de B. Todos escutaram barulho de passos e o deslocamento ruidoso de móveis. Também ocorreu a manifestação "canina" em que um cachorro fedido tocava com o focinho os dois controladores. Ocorreu uma pausa de cinco minutos, de repente, apareceu uma luz, como a de um vagalume, por trás do médium. A luz se deslocava lenta e graciosamente pelo ar. Ela ia de um a outro controlador, aproximando-se de seus rostos. Eles notavam um por vez, o beijo de dois lábios. Estes beijos sonoros eram ouvidos por todos os participantes. O fenômeno se repetiu por duas vezes. Os controladores também ouviram, ao pé da orelha, alguns cochichos incompreensíveis. Depois, novamente, ocorreu o deslocamento de móveis. O Duque de B. recebeu um golpe, vindo da esquerda, em sua costela esquerda, a mais distante do médium. Uma cadeira, que haviam colado no assoalho a 1 metro do médium, foi arrancada e jogada bruscamente para trás da Sra. P., a mais ou menos 2 metros do médium. O papel e os lápis colocados sobre a mesa atrás do médium foram jogados ao chão. Às seis horas, o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.145).

5.1.5.24. Sessão de 2 de maio de 1923, às 20:30h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram Dr. Chauvet, Pr. Cunéo, Sra. V. D., Dr. Osty, Srta. G., Dr. Bourbon e Sr. Edouard H. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Sr. H. e o controlador da esquerda foi a Srta. G (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.145).

Na primeira parte do experimento, se deram contatos repetidos sobre o Sr. H. Ocorreram golpes em seu braço e costas. O lenço do Sr. H. foi pego de dentro de seu bolso. Dois nós são feitos e então o lenço foi jogado ao chão atrás de Guzik (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.145).

Na segunda parte do experimento, o controlador da direita foi o Dr. Bourbon e o controlador da esquerda foi a Srta. G. Ocorreram contatos sobre Dr. Bourbon. Uma luz apareceu atrás do médium e se aproximou do Dr. Bourbon que a observava cuidadosamente. Frente as exclamações dos participantes, ela desapareceu. Muitos barulhos de passos foram ouvidos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.145).

5.1.5.25. Sessão de 3 de maio de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Capitão Desprès, antigo aluno da Escola Politécnica; Sr. Maurice Privat, escritor; Sr. Sudre; Sra. S. e Dr. Geley. Os controladores foram o Sr. Privat e o Sr. Desprès. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.145).

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos sobre Sr. Privat. Este último teve a impressão de que um cachorro brincava com ele colocando as patas sobre seus joelhos, cutucando seus bolsos com o focinho e dali puxando um jornal. Em certo momento, o Sr. Privat notificou múltiplos contatos, simultâneos. Enquanto os fenômenos descritos acima persistiram, ele teve a sensação da presença de um outro animal menor que saltava sobre sua cadeira e atacava suas costas. O Capitão Desprès notificou em seguida a sensação de contatos múltiplos. Ele também teve a impressão de sentir carícias de um cachorro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.146).

Na segunda parte do experimento, ocorreram batidas que foram percebidas à distância, sobre a mesa localizada a 1,3 metros atrás do médium. Os golpes davam respostas coerentes às perguntas feitas pelos participantes. O Sr. Privat percebeu contatos, algo que lhe dava a impressão de um cachorro que saltava sobre seus joelhos e lambia seu rosto. O Sr. Privat fez de tudo para evitar essas carícias desagradáveis. Depois, as manifestações cessaram e após alguns minutos de calmaria, todos viram uma luz que se formava atrás do Sr. Privat, entre ele e o médium. Esta luz se aproximava do rosto do Sr. Privat, que declarava ver "um olho bem formado, fosforescente". A luz desapareceu. Depois, uma outra luz se aproximou do Sr. Privat, que declarava ver um rosto humano. Ele ouviu: "boa noite". Uma luz foi em direção ao Sr. Desprès, que também viu os traços de um rosto humano e sentiu que algo esbarrou nele, depois foi beijado e ouviu algumas palavras em polonês. Às 18:15h o médium acordou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.146. Tradução nossa).

5.1.5.26. Sessão de 4 de maio de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Professor Richet, Professor Vallée, Sra. Le Bert, Dr. Héricourt, Dr. Lassablière, Dr. Humbert e Dr. Geley. Foi realizado o controle habitual do médium, dos participantes e da sala (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.146).

Ocorreram contatos sobre o Dr. Héricourt, múltiplos e variados. Notou sobretudo um contato doce como o de uma carícia sobre o ombro esquerdo, o mais distante do médium. Uma cadeira localizada atrás do Dr. Héricourt foi deslocada com barulho, revirada e empurrada pela esquerda (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.146).

5.1.5.27. Sessão de 5 de maio de 1923, às 20:30h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Dr. Chauvet, Sr. Paul Ginisty, Dr. Bourbon, Sr. Melusson, Sr. Ageorges, Dr. Rehm e Dr. Geley. O controle habitual do

médium, dos participantes e da sala foi realizado. Além disso, os controladores espalharam serragem uniformemente sobre todo o assoalho (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.146).

O controlador da esquerda foi o Sr. Ginisty. O controlador da direita foi o Dr. Rehm. Nas três partes da sessão ocorreram contatos sobre o Sr. Ginisty, repetidos e nítidos, sobre seus braços, costas e ombro esquerdo. Algo revistou seus bolsos. Todos ouviram um barulho de lápis, que estava sobre a grande mesa atrás do médium. Depois da sessão, encontraram traços de serragem nos locais onde o Dr. Ginisty tinha sentido os contatos, especialmente na parte mais baixa das costas. Havia marcas sobre o assoalho que lembravam pegadas de um cachorro de porte médio. Sobre o papel branco que estava na mesa grande, encontraram um grande S maiúsculo a lápis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.146).

5.1.5.28. Sessão de 6 de maio de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Dr. Bour, Dr. Osty, Sr. Thiébault, Sra. G., Sr. Xavier Leclairche, Dr. Geley e Sra. D. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. Bour. O controlador da esquerda foi o Dr. Thiébault (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

Na primeira parte do experimento, ocorreram vários contatos sobre o Sr. Thiébault, barulhos e deslocamento da tela sobre a mesa, atrás do médium, a cerca de 1,5m (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

Na segunda parte do experimento, ocorreram contatos sobre o Dr. Bour, nos braços e costas. Seu braço foi empurrado para longe do médium, para trás, e foi tocado por três vezes (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

5.1.5.29. Sessão de 7 de maio de 1923, às 21h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Prof. Richet, Sra. Le Bert, Sr. E., Sra. M., Dr. J.-Ch. Roux; Dr. Geley e Sr. de Gelski. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. Os controladores foram o Sr. e a Sra. M. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

Na primeira parte, os controladores foram o Sr. e a Sra. M. e ocorreram contatos sobre a Sra. M. Na segunda parte, os controladores foram a Sra. M. e o Dr. Roux. Nada aconteceu, apesar da espera de uma hora e dos passes que Geley realizou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

5.1.5.30. Sessão de 8 de maio de 1923, às 16:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Duquesa de T., Srs. de C., Srta. Thomassin e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. Os controladores foram M. e M. de C. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

Na primeira parte do experimento, foram identificadas desde o começo, violentas manifestações telecinéticas. Também ocorreram contatos múltiplos sobre o jovem Sr. de C. e alguns, mais raros, sobre seu irmão. Os móveis foram ruidosamente chacoalhados, fora do alcance do médium. A cadeira do jovem Sr. de C. foi bruscamente puxada para trás fazendo com que ele precisasse ficar de pé. No momento seguinte, ela foi empurrada contra ele, mas, quando ele vai se sentar, ela foi novamente puxada e lançada violentamente, de pernas para o ar, um metro atrás dele. O médium acordou e constataram que o leque da duquesa, que estava pousado sobre seus joelhos e havia acidentalmente caído ao chão, longe do alcance do médium, foi levado a mais de dois metros do outro lado da pesada mesa atrás do médium. Da mesma forma, suas luvas foram encontradas sobre esta mesa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.147).

Na segunda parte do experimento, se deu uma espera de dez minutos; depois, leves e doces toques sobre os Srs. de C. Ouviram barulhos de passos. De repente, uma luz surgiu atrás de Guzik e avançou lentamente em direção ao jovem Sr. de C. e depois em direção a seu irmão. Ela

desapareceu e voltou um instante depois, fazendo círculos no ar, bem abaixo da cabeça do médium. Ela se aproximou pouco a pouco dos dois irmãos, até tocar seus rostos. Eles perceberam que a luz era dupla, uma superior e uma inferior, depois eles ouviram uma frase incompreensível, de onde se destacava uma palavra: morte. Por três vezes o fenômeno se repetiu, nitidamente. A cada palavra, os Srs. de C. viam as duas luzes separando-se e juntando-se novamente, lábio superior e inferior (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.148).

5.1.5.31. Sessão de 9 de maio de 1923, às 8:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Prof. Vallée, Sr. Paulo Ginisty, Dr. Chauvet, Sra. C., Dr. Geley e Sr. de Jelski. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da esquerda foi o Professor Vallée. O controlador da direita, o Sr. Ginisty (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.148).

Na primeira parte do experimento, ocorreram numerosos contatos sobre Sr. Ginisty, em seus braços, costas, ombros e nuca. Ele sentia como se um animal leve escalasse suas costas, uma outra força puxava seu paletó. Havia contatos também sobre o Sr. Vallée, cuja cadeira foi violentamente puxada para trás. Ouviram barulhos de passos e depois de papel sendo amassado sobre a mesa atrás do médium. Uma bola de argila que estava sobre esta mesa foi jogada ao chão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.148).

O médium acordou, mas os fenômenos ainda continuaram por mais cinco minutos e os contatos sobre o Prof. Vallée e o Sr. Ginisty se repetiram. O braço do Prof. Vallée foi levado para trás e para o alto, bem longe, e assim foi tocado repetida e nitidamente pelo lado posterior. Uma cadeira que estava grudada ao chão foi deslocada por 0,5 metros (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.148).

Na segunda parte, nenhum fenômeno telecinético ocorreu. Alguns contatos se deram sobre o Sr. Ginisty. De repente, uma luz apareceu atrás do médium e foi em direção ao rosto do Sr. Ginisty. Os presentes ouviram um

murmúrio incompreensível e sons de beijos. O mesmo fenômeno aconteceu com o Professor Vallée, que notificou sentir um contato no mesmo momento em que a luz tocou sua bochecha. O lenço do Sr. Ginisty foi pego de dentro do bolso frontal de seu paletó e jogado sobre a mesa, atrás do médium, com um nó em cada uma das quatro pontas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.148).

Depois da sessão, as argilas que haviam sido jogadas ao chão foram examinadas. Duas marcas parecidas foram vistas nela com 3cm de comprimento e 1cm de largura. Estas marcas eram compostas por estrias longitudinais bem calcadas e irregulares. Para Geley, não se pareciam com nada em específico, mas eram bem nítidas. Durante a sessão, foi ouvido algo como garras arranhando (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.148).

5.1.5.32. Sessão de 10 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Sr. Marcel Prévost, a Sra. de C., o Sr. Sudre, a Sra. Geley, o Dr. Geley e a Sra. P. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi a Sra. de C. O controlador da esquerda foi o Sr. Marcel Prévost (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos múltiplos sobre a Sra. de C. Também ocorreram a manifestação "canina", além do barulho de passos. A cadeira do Sr. Marcel Prévost foi puxada com violência. A pesada mesa atrás do médium foi deslocada várias vezes. Depois da sessão, constataram que ela tinha feito uma meia volta sobre seus pés direitos e que havia sido inteiramente deslocada perpendicularmente à sua posição inicial (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

Na segunda parte ocorreram os mesmos contatos sobre a Sra. de C. Por duas vezes, ocorreu a aparição de uma luz que foi na direção do rosto da Sra. de C. Esta última ouviu algumas palavras incompreensíveis. Todos os participantes viram essa luz, exceto o Sr. Prévost, pois a cabeça do médium o impediu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

5.1.5.33. Sessão de 11 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram a Sra. Le Bert, a Sra. Richet, Dr. Bour, Dr. Lassablière, Comandante Keller, o Sr. Coyne e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. Bour. O controlador da esquerda foi o Comandante Keller (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

Na primeira e na segunda parte ocorreram contatos múltiplos sobre o Dr. Bour e sobre o Comandante Keller. Seus braços, empurrados para longe do médium, foram tocados e repelidos. A cadeira do Dr. Bour foi violentamente puxada. Uma cadeira colocada a 1,3 metros do médium foi empurrada contra o Comandante Keller. Muitos barulhos de passos foram ouvidos. Ocorreram pancadas longe do médium, atrás dele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

5.1.5.34. Sessão de 12 de maio de 1923, às 20:30h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: o Sr. Bayle, a Srta. Lodge, o Sr. Henri George, a Sra. G., o Prof. Leclainche e o Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foram realizados. O controlador da direita foi o Sr. George e o controlador da esquerda o Sr. Bayle. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos múltiplos sobre o Sr. Bayle. A manifestação "canina" com odor revistou em seus bolsos. Todos ouviram o chacoalhar de uma caixa de fósforos e barulho de passos. Contatos idênticos ocorreram sobre o Sr. George (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

Na segunda parte ocorreram os mesmos fenômenos, particularmente acentuados sobre o Sr. George. Sua cadeira foi puxada violentamente para trás e ele precisou ficar em pé. Depois ela foi empurrada contra ele e de novo jogada para trás, a mais de dois metros, revirada. A argila que estava atrás

do médium, sobre a mesa, apareceu crivada de marcas de unha (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.149).

5.1.5.35. Sessão de 13 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Sr. Marcel Prévost, Sr. Sudre, Prof. Mestre, Sr. Privat, Sr. Xavier Leclainche, Sr. Geley, Sra. P. e Sra. S (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.150).

Na primeira parte do experimento, o controlador da esquerda foi o Sr. Prévost e o controlador da direita foi o Prof. Mestre. Ocorreram contatos sobre o Sr. Prévost, golpes violentos sobre o Prof. Mestre, barulho de passos, deslocamento ruidoso da cadeira localizada a 1,5 metros do médium, que encostava no Sr. Prévost. Uma pequena cesta que estava sobre esta cadeira foi lançada a três metros (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.150).

Na segunda parte do experimento, o controlador da esquerda foi o Sr. Prévost e o controlador da direita foi o Sr. Xavier Leclainche. Ocorreram os mesmos fenômenos e a cesta foi levada até a mesa. Foram contatos repetidos e múltiplos sobre o Sr. Prévost, bagunçando-lhe os cabelos. Seus óculos foram desarrumados (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.150).

5.1.5.36. Sessão de 14 de maio de 1923, às 20:30h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Professor Richet, Sra. Le Bert, Sra. Richet, Dr. J.-Ch. Roux, Dr. Moutier, Dr. Lassablière, Dr. Geley, Sra. M. e Sra. R. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.150).

Na primeira parte do experimento, o controlador da direita foi a Sra. Richet. O controlador da esquerda foi o Dr. Moutier. Ocorreram contatos múltiplos sobre o Dr. Moutier. Ele sentiu como se um animal subisse sobre ele e ouviu o barulho de arranhões. A cadeira localizada a 1,5 metros do médium foi empurrada contra o Dr. Moutier. Uma pequena cesta de vime que

estava sobre a cadeira foi jogada a dois metros dali. Ouviram barulho de passos, numerosos e bem distantes. As batidas responderam de maneira inteligente, às vezes longe dos controladores, às vezes sobre a cadeira do Dr. Moutier. Depois da sessão, foram encontrados vestígios de garras no forro do paletó do Dr. Moutier. O pano estava rasgado numa extensão de 8cm a 10cm, em duas fendas irregulares e paralelas. Notaram também unhas na argila que estava sobre a mesa atrás do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.150).

Na segunda parte do experimento, o Dr. Montier mudou de lugar com a Sra. Richet. Nada aconteceu na sessão, a não ser alguns leves contatos sobre o Dr. Moutier (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.150).

5.1.5.37. Sessão de 15 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram a Duquesa de T., o Conde de C., os Srs. de C., Dr. Bour, Prof. Mestre, Sr. Mestre Filho e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. Bour e o controlador da esquerda o Comandante de C. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

Na primeira parte da sessão nada aconteceu. Geley havia tido uma discussão desagradável com Guzik, antes da sessão, sobre a data de sua partida (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

Na segunda parte da sessão, ocorreram batidas repetidas na cadeira do Conde de C., depois em suas costas, ombros e braços. Seu braço direito foi levado bem para trás por Guzik, de fato completamente fora do alcance do médium, e foi tocado várias vezes na parte de trás. Foram ouvidos barulhos de passos e sutis deslocamentos da mesa atrás do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

5.1.5.38. Sessão de 16 de maio de 1923, às 8:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Conde A. de Gramont, Prof. Vallée, Dr. Ronneaux, Sra. R., Marquesa de B. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

Na primeira parte os controladores foram os Srs. Ronneaux e Vallée. Nada aconteceu. O médium queixou-se de que o Sr. Ronneaux teria apertado dolorosamente seu dedo mínimo. Ele havia recebido, durante o dia, a notícia de que sua filha mais velha estava doente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

Na segunda parte, o controlador da direita foi a Sra. de B. e o controlador da esquerda, Prof. Vallée. Apareceram duas luzes fracas atrás do médium, que se extinguiram quase que imediatamente. Alguns poucos contatos ocorreram sobre Sra. de B. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

5.1.5.39. Sessão de 17 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Sra. M., Sr. Michaux, Sra. G., Dr. Xavier Leclainche, Sr. Jean L. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Sr. Jean L. e o controlador da esquerda a Sra. M. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

Na primeira parte da sessão quase nada aconteceu. Alguns contatos ocorreram nas costas e no braço direito da Sra. M. e foram nítidos, porém, discretos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.151).

Na segunda parte da sessão, o Sr. Michaud tocou piano na sala vizinha durante toda a sessão. Depois de dez minutos de espera, o médium entrou em transe. Uma luz apareceu, do lado esquerdo, atrás dele. Em princípio quase invisível, a luz cresceu e se intensificou pouco a pouco, diminuindo às vezes sua visibilidade, para depois voltar a brilhar. A luz durou um bom tempo, de um a dois minutos e oscilou ao redor do rosto da Sra. M. como se fosse uma borboleta. A Sra. M. ouviu palavras incompreensíveis neste momento. Por duas vezes o fenômeno se repetiu, exatamente igual. Os

participantes ouviram barulhos de objetos deslocando-se atrás do médium. Ouviram também o barulho de lápis rabiscando o papel e de papel sendo amassado. Uma pequena cesta que estava sobre uma cadeira a 1,5 metros de distância do médium foi arremessada a outra extremidade da sala, a uma distância de 4,5 metros por sobre suas cabeças. Outra luz surgiu, dessa vez perto do Sr. L. Ele sentiu o contato do que pareciam ser lábios, quando a luz tocou seu rosto. Depois, houve o contato de uma mão sobre seus braço e costas. Em seguida, ouviu-se o barulho de papel sendo bruscamente amassado. A argila foi jogada ao chão e empurrada para baixo da cadeira do Sr. L., onde a encontraram partida, amassada e com marcas de unhas e de impressões digitais. Um papel branco que estava sobre a mesa atrás de Guzik apareceu com marcas a lápis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.152).

5.1.5.40. Sessão de 18 de maio de 1923, às 21h da noite, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Sr. Painlevé, Prof. Richet, Prof. Leclainche, Sra. Le Bert, Marquesa de B., Dr. Geley e Sr. De Jelski. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.152).

Na primeira parte do experimento, o controlador da direita foi a Sra. de B. e o controlador da esquerda, o Sr. Painlevé. Ocorreram apenas alguns contatos sobre o Sr. de B. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.152).

Na segunda parte, o controlador da esquerda foi o Sr. Painlevé e o controlador da direita foi o Prof. Leclainche. Apenas um contato sobre o Sr. Painlevé, no ombro, e alguns contatos sobre o Prof. Leclainche. Uma luz apareceu atrás do médium e foi em direção ao rosto do Prof. Leclainche, que ouviu palavras incompreensíveis. Uma outra luz se manteve atrás do médium e depois se apagou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.152).

A terceira parte da sessão ocorreu com os mesmos controladores. Uma luz apareceu atrás do médium. Uma caixa de música foi levantada e pousada ao chão atrás do médium, a um metro de sua cadeira, depois foi acionada e tocou, travou bruscamente, tocou novamente, travou de novo e assim por mais três vezes seguidas. Geley ressalta que o funcionamento e

parada da caixa eram acionados por uma alavanca. Em seguida, ouviram a caixa ser furiosamente chacoalhada. A manivela foi arrancada e jogada ao chão. Depois da sessão, encontraram a caixa totalmente revirada e jogada a 1,5 metros do médium, fora de seu alcance (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.152).

5.1.5.41. Sessão de 19 de maio de 1923, às 8:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Sr. Faralicq, Dr. Bour, Prof. Cunéo, Sra. V. D., Sra. G., Prof. Leclainche, Marquesa de B., Conde A. de Gramont e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Prof. Cunéo e o controlador da esquerda foi o Sr. Faralicq (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.152).

Na primeira parte da sessão, ocorreu o contato nítido sobre Sr. Faralicq. Foram batidas e golpes sobre a cadeira do Sr. Faralicq e na cadeira do médium. Um pedaço da cadeira do médium foi arrancado e jogado ao chão. Depois não aconteceu mais nada. Nas outras duas partes da sessão também não aconteceu nada. Na última parte, estavam apenas o Prof. Leclainche, o Dr. Geley, o Dr. du Bour e a Sra. G. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.153).

5.1.5.42. Sessão de 20 de maio de 1923, às 4:30h no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Dr. Bour, Sra. L., Sra. B., Sr. Xavier Leclainche, Sra. G. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. Bour e o controlador da esquerda foi a Sra. B. O Dr. Bour pediu para mudar o lugar do médium, que estava de costas para as janelas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.153).

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos leves sobre a Sra. B. Foram ouvidos barulho de passos. A mesa de madeira que estava atrás do médium, a 1,8 metros dele, foi suspensa e revirada violentamente

para o chão, depois lançada a mais de dois metros à direita do médium, atrás do Dr. Bour. Geley afirmou que este foi sem dúvida um movimento telecinético, uma vez que o médium não teria como alcançar os pés da mesa com seus pés e que ele teria conseguido, no máximo, puxar ou repelir a mesa, nunca a arremessar, revirando-a. Esta mesa, afirmou Geley à época, era muito estável, possuía quatro pés e não poderia ser revirada sem uma grande força aplicada pelo tampo ou, mais dificilmente, num dos pés. O médium acabou sendo acordado pelo estrondo causado pela mesa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.153).

Na segunda parte ocorreram contatos múltiplos sobre a Sra. B., que estava inquieta. Foram ouvidos barulhos de passos de uma nitidez impressionante. O médium acordou com um acesso de tosse, mas a força ainda estava presente. Golpes numerosos precipitaram-se sobre a Sra. B., sobre seu braço que havia sido levado para trás e para cima por uma mão que o apertava. O médium levou a mão do Dr. Bour, passando-a diante de si, para que sentisse os toques. O Dr. Bour foi tocado, nitidamente. De repente, ele sentiu como que uma mordida em um dos dedos, mas a cabeça do médium estava à altura de seu braço. Durante a sessão, por duas vezes, a Sra. B. ouviu um cochicho longe do médium, de quem ela podia ouvir a respiração, mas ela não conseguiu entender o que lhe diziam. O Dr. Bour e ela ouviram simultaneamente a respiração do médium e uma outra respiração (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.153).

5.1.5.43. Sessão de 21 de maio de 1923, às 8:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: General F., Prof. Richet, Sra. Richet, Dr. Geley e Sra. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi a Sra. Richet e o controlador da esquerda foi o General F. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

Na primeira parte ocorreram contatos sobre o General, em seu braço esquerdo, seu ombro e costas, e em seu lado direito o mais longe do médium. Sua cadeira foi puxada várias vezes. Todos ouviram o barulho de passos muito nítidos e o deslocamento de objetos. Uma pequena cesta que

estava a 1,5 metros foi jogada sobre a mesa dos controladores. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

Na segunda parte, ocorreram contatos repetidos sobre o General. Se deram batidas com o pé de uma mesa que estava a 1,5 metros do médium. Foram ouvidas batidas intencionalmente ritmadas. Geley pergunta: “gostaria de responder?” “Sim.” “Entende francês?” “Sim.” “Pode trazer as luzes?” “Não.” Depois ocorrem novos contatos sobre o General. Seu braço foi levado bem para trás e foi tocado. Ele percebeu um contato sobre seu braço direito, atrás. A cadeira, que estava a 1,5 metros, foi deslocada e virada, com o encosto na direção dos controladores. A pequena cesta de vime foi revirada para cima e para baixo sobre esta cadeira. Em um papel em branco, que foi colocado sobre a mesa atrás do médium, encontraram linhas escritas bem de leve e ilegíveis (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154. Tradução nossa).

5.1.5.44. Sessão de 22 de maio de 1923, às 2:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Sr. Arthur Meyer, Sr. Rouché, Sr. Jean Meyer, Conde A. de Gramont, Duquesa de D., Condessa de G., Sra. M. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi Sr. Artur Meyer e o controlador da esquerda foi o Sr. Rouché (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

Na primeira parte, os contatos sobre o Sr. Rouché ocorreram de forma repetitiva e nítida, sobre suas costas, seus ombros e seu braço direito. Ocorreram contatos sobre o Sr. Arthur Meyer. Todos ouviram o barulho de passos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

Na segunda parte ocorreram contatos repetidos sobre o Sr. Arthur Meyer. Uma luz apareceu e se aproximou do Sr. Rouché. Uma outra luz foi na direção do Sr. Arthur Meyer, que ouviu ao pé da orelha palavras incompreensíveis. Apareceu uma terceira luz muito bonita segundo Geley, mas quase que imediatamente desapareceu, escondendo-se entre o médium e o Sr. Arthur Meyer. Na sequência, um acesso de tosse de um dos

participantes acordou o médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

5.1.5.45. Sessão de 23 de maio de 1923, às 8:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram o Prof. Vallée, o Sr. Bayle, o Sr. George, Dr. Laemmer, a Sra. G. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

Na primeira parte, o controlador da direita foi o Dr. Laemmer e o controlador da esquerda foi o Sr. Bayle. Ocorreram contatos repetidos sobre o Dr. Laemmer. No momento em que o médium acordou, seu braço, que havia sido levado para trás, foi tocado e golpeado com força. Ocorreram contatos múltiplos. Uma mão tocou o ombro e uma outra tocou, simultaneamente, a região lombar (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.154).

Na segunda parte, o controlador da direita foi o Professor Vallée e o controlador da esquerda foi o Sr. Bayle. Os contatos sobre o Sr. Bayle foram múltiplos e variados em suas costas; seus braços foram levados para trás ou colocados sobre a mesa. As batidas respondiam inteligentemente. A mesa, atrás do médium, foi deslocada ruidosamente para perto do médium. Os controladores desejavam ver marcas sobre o vidro colocado sobre a mesa, mas não aconteceu (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

5.1.5.46. Sessão de 24 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os Participantes foram: Dr. Bour, Sr. Xavier Leclainche, Sra. G., Sra. B. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. Bour e o controlador da esquerda foi a Sra. B (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

Na primeira parte da sessão ocorreram contatos múltiplos sobre a Sra. B.; a mesa que estava a 1m atrás do médium foi empurrada para o lado

direito da sala, atrás da Sra. B. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

Na segunda parte da sessão ocorreram os mesmos contatos. A cadeira da Sra. B. foi violentamente deslocada. Ao acordar, o médium levou a mão de seus controladores, com os braços esticados, tão longe quando possível e imediatamente eles receberam tapas e contatos no antebraço e braço (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

Depois da sessão, o Dr. Bour se colocou no lugar do médium, para ver o que ele conseguiria fazer com seus pés. Ele constatou que a cadeira do médium, a cadeira dos controladores e as pernas dos controladores formavam uma barreira intransponível e eram um obstáculo total para qualquer fraude com os pés. Além disso, suas pernas e as pernas da Sra. B. estiveram constantemente em contato com as do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

Durante a primeira parte, a Sra. B. ouvira algumas palavras ao pé do ouvido, por três vezes repetidas. No entanto, ao mesmo tempo, o médium estava com a cabeça bem próxima à cabeça do Dr. Bour, que sentia sua respiração à altura de sua bochecha. A Sra. B. entendeu apenas as seguintes palavras, ditas em russo: "eu não posso". Ela tinha pedido, em russo, que levasse uma cadeira sobre a mesa diante deles (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155. Tradução nossa).

5.1.5.47. Sessão de 25 de maio de 1923, às 21h da noite, na casa do Dr. Bour

Os participantes foram: Dr. Bour, Sra. Bour, Sr. X., seus amigos, Dr. Geley e Sra. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

Na primeira parte, o controlador da direita foi o Sr. X e o controlador da esquerda foi a Sra. Bour. Ocorreram contatos sobre o Sr. X. e múltiplos contatos, muito fortes, sobre a Sra. Bour em seus braços e costas (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.155).

Na segunda parte, os controladores foram o Dr. e Sra. Bour. Ocorreram múltiplos contatos sobre a Sra. Bour. Um acesso de tosse

acordou o médium. Neste momento, o braço da Sra. Bour, que havia sido esticado para bem longe do médium, foi apertado e apalpado. O Dr. Bour passou sua mão, a que segurava a mão do médium, por diante dele, até perto de sua mulher. Ele sentiu seus dedos serem agarrados por dedos tépidos, bem formados. A Sra. Bour sentiu uma cabeça cabeluda, diferente da do médium, bem aparada. Algumas notas foram tocadas ao piano aberto atrás do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156. Tradução nossa).

Na terceira parte, ocorreram os mesmos fenômenos. Uma tampa de bule, caída ao chão perto do médium, foi diversas vezes erguida e largada. Finalmente, ela foi levada por cima das cabeças dos controladores e colocada no meio da mesa. A Sra. Bour foi agarrada pela cintura por duas mãos. Fenômeno muito nítido segundo Geley, que aconteceu duas vezes. O piano foi tocado, ouviram-se algumas notas. Também ouviram barulhos na chaminé que estava a 2,5 metros do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156). Um acesso de tosse acordou o médium. Todos estes fenômenos produziram-se imediatamente após o despertar, com o médium falando em russo com a Sra. Bour e consciente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156).

5.1.5.48. Sessão de 26 de maio de 1923, às 8:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Prof. Santoliquido, Prof. Cunéo, Dr. Chauvet, Sr. Haverna, Sr. Huc., Sra. V. D. e Dr. Geley. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Sr. Haverna e o controlador da esquerda foi o Prof. Santoliquido (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156).

Na primeira parte do experimento, ocorreram múltiplos contatos sobre o Sr. Haverna, em seus braços e costas. Algo como um focinho de cachorro tentou entrar em seu bolso, sem sucesso. Ocorreram barulhos de passos, poderosos, de uma nitidez impressionante, segundo Geley, que os descreve como lentos, bem marcados, deslocavam-se em torno do círculo e às vezes bem longe. A mesa, presa ao chão com fita crepe e localizada a 1

metro atrás do médium, foi lenta e longamente empurrada sobre o assoalho. Ouviram ao longe o barulho de uma cadeira caindo. O médium acabou acordando (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156).

Foi constatado que a mesa deslocada se encontrava junto à parede da sala, à direita do médium, a 2,5 metros de seu local inicial. Uma cadeira caída, que estava à esquerda da mesa, estava entre a mesa e a parede (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156).

Na segunda parte ocorreram contatos sobre o Professor Santoliquido. Foram vistas belas luzes, por três vezes, primeiro próximo a Santoliquido, depois, perto do Sr. Haverna. Ouviram algumas palavras incompreensíveis perto dos controladores, no momento em que as luzes estavam perto de seus rostos. O Professor Santoliquido viu um rosto feminino, iluminado por duas luzes. Uma luz chegava perto do Dr. Geley, que estava em frente ao médium. A mesa atrás do médium foi empurrada para a esquerda chegando a 2 metros de seu ponto de partida, passando por entre as poltronas e cadeiras sem tirá-las do lugar, percorrendo um trajeto curvo (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.156).

5.1.5.49. Sessão de 27 de maio de 1923, às 4:30h, no grande salão do Instituto de Metapsíquica Internacional

Os participantes foram: Sr. Ageorges, Dr. L., Sra. M., Sra. L. Dr. Geley e Sr. L. Filho. O controle habitual do médium, dos participantes e da sala foi realizado. O controlador da direita foi o Dr. L. e o controlador da esquerda foi o Sr. Ageorges (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.157).

Na primeira parte ocorreram contatos sobre o Dr. L. Uma cadeira que estava a 1 metro atrás do médium foi arrastada a 2 metros longe dele (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.157).

Na segunda parte ocorreram contatos sobre o Dr. L. Um lápis que foi colocado sobre a mesa atrás do médium, a 1,30 metros, foi colocado nas mãos do Dr. L. A tela fosforescente que estava sobre esta mesma mesa foi jogada ao chão, a 2,5 metros do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.2, 1924, p.157).

5.2. Experiências com o Médium Jean Guzik em Baden-Baden

Considero importante fonte histórica as experiências relatadas pelo Dr. Wilhelm Neumann, apesar de não terem ocorrido no Instituto de Metapsíquica Internacional. O médium polonês Jean Guzik esteve na cidade de Baden-Baden de 5 a 12 de dezembro de 1923. Durante esse período, cerca de trinta pessoas estiveram com ele por doze sessões, às quais, com exceção de uma, Neumann assistiu pelo menos parcialmente (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.45).

Neumann já conhecia Guzik de Varsóvia e havia publicado textos a respeito de sessões sobre as quais Guzik havia lhe dado um breve resumo, na *Gazeta Médica Semanal de Munique* (*Gazette médicale hebdomadaire de Munich*, n. 44. 1923).

As experiências de Baden-Baden não foram tão ricas quanto as de Varsóvia. Algumas foram totalmente ou quase nulas. Mas elas foram, justamente pelo seu lado negativo, extraordinariamente instrutivas e ofereceram informações importantes nesse sentido. Nessas sessões, Guzik trabalhava na escuridão, como na maioria das vezes. No entanto, pôde-se constatar que os fenômenos metapsíquicos se produziram também à luz vermelha, suave. Em algumas sessões, foi usada uma luz de fotografia, de cor rubi, cuja luz permitia a Neumann discernir os rostos de todos os participantes como se fossem manchas claras, levemente iluminadas, bem como todas as mãos pousadas sobre a mesa da sessão (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.45).

O controle de Guzik era garantido pelos dois assistentes, um na direita e outro na esquerda, que seguravam suas mãos ou tinham as suas mãos seguradas por ele. Os controladores foram instruídos a manter contato com as pernas do médium. Além disso, suas cadeiras estavam tão perto da cadeira de Guzik que elas o prendiam como se fossem grades de uma gaiola. Em nenhum momento os assistentes acusaram o médium de alguma fraude, mesmo num cenário em que as experiências de Baden-Baden tenham provocado muito ceticismo e tenha ocorrido até mesmo a tentativa de prendê-lo em flagrante delito. As sessões ocorreram à tarde, aproximadamente das

17h às 19h, e à noite, das 21h às 23h (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.45).

Os resultados positivos alcançados se deram da seguinte forma: em primeiro lugar, os contatos percebidos pelos participantes que estavam perto do médium. Estes foram os fenômenos mais numerosos. Porém em nenhum momento estes fenômenos se estenderam de forma a se afastarem das pessoas mais próximas ao médium. Portanto, os dois controladores e, no máximo, os outros dois participantes próximos a ele perceberam tais contatos. Tais contatos foram de forma geral leves como se tivessem como origem uma almofada inflável ou bem estofada com pluma ou palha. Em outros momentos, foram mais fortes e assustaram os participantes que eram novatos. Em um único caso, que será falado mais à frente, os contatos transformaram-se em empurrões e golpes violentos, de forma que o atingido, um médico familiarizado com as sessões metapsíquicas, gritava e reclamava em voz alta. Os golpes foram dados na cabeça, nas costas, nos braços e nas pernas. Algumas vezes os participantes foram tocados por uma espécie de mão, em seguida, algo como um membro amputado (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.45).

Uma segunda tipologia foram os fenômenos acústicos. Foi ouvido de forma bem frequente um barulho surdo de passos na sala. Sobretudo no início de algum fenômeno telecinético, perceberam com mais ou menos intensidade esses passos abafados extraordinariamente impressionantes, segundo o relato dos participantes. Na maioria das vezes esses barulhos aconteceram atrás do médium, mas, às vezes, os ouviram até perto do segundo participante, à sua direita ou à sua esquerda. Também foram observados com certa frequência pancadas ritmadas, assim como o barulho de arranhões e de móveis e objetos sendo arrastados a até 1,5 metros da cadeira do médium. O médium Guzik era pequeno, media 1,6 metros de altura. Em uma oportunidade, duas ou três cordas de um piano fechado foram tocadas, sem que soassem nenhum acorde em particular. Uma outra vez, ouviram um violão que estava a 120cm da cadeira do médium tocar durante dez minutos e as cordas foram dedilhadas muito agradavelmente, respeitando parcialmente ritmo e melodia. Durante este fenômeno, as

posições do médium e da guitarra estão indicadas como na figura 1 (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.46).

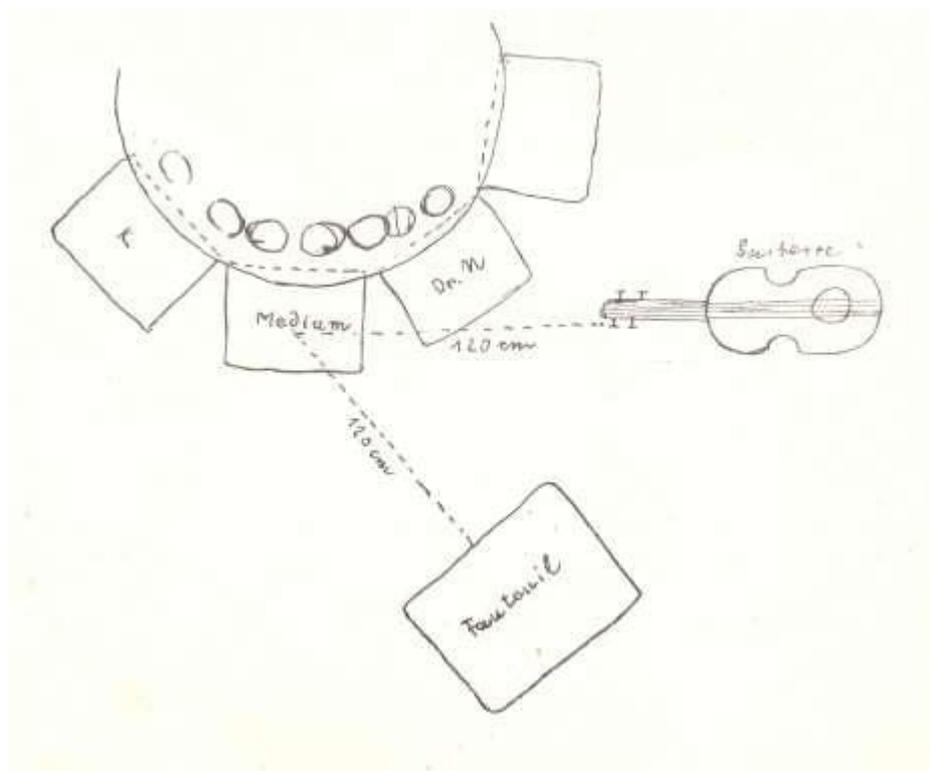


Figura 66 – Organização da sala.

Um detalhe importante é que as cadeiras estavam bem juntas uma contra a outra, de maneira a formar uma barreira, e que entre o médium e o violão encontrava-se a cadeira de Neumann. Durante os dez minutos em que o violão tocou, Neumann não perdeu em momento algum o contato com a mão, o braço, a perna e o pé do médium. O outro controlador declarou que o mesmo havia acontecido com ele. O fenômeno do violão se repetiu em uma sessão posterior, ainda que de maneira um pouco mais falha e menos impressionante. Dentro da tipologia de fenômeno acústico, é preciso ressaltar também os ruídos que acompanhavam os fenômenos telecinéticos que serão descritos adiante. Eles foram tão característicos que Neumann fez sobre eles algumas análises preliminares. Nesse sentido, afirma que, antes que qualquer objeto fosse pego, ouvia-se claramente “algo” que saía do médium e tateava o objeto, tentando pegá-lo. Se o caso fosse, por exemplo, de tocar o violão que estava sobre uma cadeira estofada, ouvia-se primeiro algo se

esfregando sobre o tecido, depois, de repente, ouvia-se a “coisa” alcançar o corpo do violão. Conclui Neumann que era como se houvesse uma grande dificuldade para se chegar ao objeto que será alvo de telecinese. Não era como o toque seguro de uma mão dirigida pela vontade consciente de seu objetivo, lembrava mais os movimentos descoordenados de alguém com paralisia cerebral ao fechar os olhos ou ainda os gestos imprecisos de um bebê (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.47).

Esta “coisa” que se relacionava com o médium e que era dirigida pela vontade de sua personalidade em transe se comportava em princípio mais ou menos como se tivesse à sua disposição estruturas nervosas pouco desenvolvidas. Por vários minutos, os controladores perceberam esse tatear nas proximidades do objeto que seria movido e que enfim era pego pela “coisa” e chacoalhado, aos safanões, enquanto o médium gemia e tremia. E desse jeito aparentemente atabalhado os objetos eram levados com firmeza até seu lugar de destino, de tal maneira que nem eles nem os participantes eram molestados. Ouviam os barulhos do deslocamento e assim conseguiam perceber, principalmente se sabiam localizar de onde vinha um barulho na escuridão ou na penumbra, a sua direção, a sua natureza e a sua velocidade de movimento (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.47).

Uma terceira tipologia era constituída de telecineses de todas as formas e foram frequentemente observadas. Em uma sessão havia, por exemplo, uma mesinha de três pés, à esquerda do médium. O tampo tinha um diâmetro de 50 cm, o móvel pesava aproximadamente 5 kg. O encosto da cadeira do médium estava a 1,50 metros do pé da mesa. Depois que o médium entrou em transe, os participantes ouviram primeiramente os passos, que já eram habituais, na sala. À esquerda do médium estava sentado o Sr. Hutchinson, à direita, estava o próprio Neumann. A mesa se colocou lentamente em movimento, passou entre o controlador da esquerda e o médium, depois também um pouco à esquerda, atinge a cadeira de Neumann bem no meio, tocando seu lado esquerdo e começando, lentamente, mas irresistivelmente, a se insinuar entre o médium e Neumann. Depois, elevou-se no ar e levantou o braço de Neumann de tal forma que foi obrigado a se levantar da cadeira para não perder o contato com a mão e a perna direita do médium. A mesinha passou por baixo do seu braço esquerdo com o tampo à

frente, subiu à mesa, escorregou por cima dela sempre deitada até tocar os participantes do outro lado e finalmente se virou com os pés para cima, com o tampo sobre a mesa (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.48).

Em uma outra sessão que estava ocorrendo com a iluminação de luz vermelha, uma cesta de papéis que estava no chão a mais ou menos 1,25 metros do médium, atrás e à direita dele, moveu-se lentamente até entre a cadeira do controlador da direita e de seu vizinho da direita. Ao mesmo tempo, ouviram muito distintamente os ruídos de alguém tateando, já explicados nos parágrafos anteriores. Em uma outra sessão, um xale branco bastante pesado que estava sobre uma cadeira a 1 metro atrás do médium, foi levado até a mesa. Movimentos de cadeiras e de pequenas mesas, cuja posição dos pés havia sido marcada a giz no chão, foram ouvidos várias vezes e constatados ao fim da sessão, ao medirem os deslocamentos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.48).

Um fenômeno singular aconteceu na segunda sessão à luz vermelha, enquanto Neumann estava como controlador da esquerda e pôde sentir durante todo o tempo as duas mãos do médium. Havia colocado uma boa quantidade de papel branco e um lápis sobre um piano de cauda que estava atrás do médium. O lápis não era apontado há tempos e estava bastante desgastado. Durante a sessão, ouviram “a coisa” pegar o lápis, o que lhes fez imaginar que ela escreveria. Mas assim que acenderam a luz, não encontraram nada escrito, no entanto, encontraram, espalhados pelo papel, oito pequenos montinhos de aproximadamente 1cm de diâmetro, formado por um pó fino, negro e ligeiramente brilhante. Reconheceram este pó como proveniente do grafite do lápis. Se apertassem o dedo sobre um desses montinhos, o papel continuava completamente branco por baixo, e o pó de grafite colava na pele. Tentaram raspar a ponta do lápis com um canivete para conseguir um pó semelhante, mas o que conseguiram foi um amontoado de grãos grossos comparados à poeira impalpável do fenômeno metapsíquico. Neumann entendeu ser impossível explicar esta manifestação (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.48).

De forma geral, esses foram os resultados das sessões de Baden-Baden com Guzik. Os fenômenos descritos não foram muito ricos, principalmente quando comparados com as experiências anteriores em

Varsóvia e Paris. Mas entenderam que isto não era essencial para a comprovação das manifestações metapsíquicas. Neumann argumenta que desde que tenha sido inequivocamente demonstrado que um objeto se deslocou, nem que seja por apenas um centímetro, sem que tenha sido por efeito de qualquer força conhecida até aquele momento pela ciência, não seria mais possível haver dúvidas sobre os fatos afirmados pela metapsíquica. Entende que, infelizmente, as condições de experiência impostas por Guzik para a produção dos fenômenos, tais como escuridão ou luz vermelha, eram tão prejudiciais a uma observação indiscutível que era preciso ver coisas extraordinárias para ser convencido de sua força mediúnica. Entendia que, apesar disso, Guzik era um médium conveniente para as suas pesquisas já que ele não solicita uma sala própria, deixa-se atar e não exigia que todos os participantes formassem uma corrente. Frequentemente havia pessoas fora do círculo e assim mesmo os fenômenos eram obtidos. Guzik só reclamava, ao contrário de outros médiuns, quando aumentavam a luminosidade ou quando acendiam subitamente as luzes. Por esta razão, a luminosidade fotográfica para ele não era possível. Ele recebia, como Neumann pôde comprovar em duas ocasiões desse tipo, um choque que o tornava indisponível para as sessões seguintes. Entendia Neumann que um bom treinamento poderia ajudar bastante, já que, no começo, a maioria dos médiuns é sensível à luz fotográfica, sendo provável que Guzik não tenha sido educado nesse sentido. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.49).

Entendia Neumann que, se quisessem obter com Guzik fenômenos comprováveis, era preciso que ele fosse ajudado e não inibido pelos participantes. Isto implicaria, infelizmente, devendo dizê-lo, pelo ponto de vista do cientista metuculoso, na formação de uma atmosfera conveniente. Sem esta atmosfera nada acontecia. Assim, sentiam-se obrigados, se quisessem ser não apenas metuculosos, mas também bons cientistas experimentais, a levar em conta estas condições e a criar esta atmosfera. Este era um ponto nevrálgico do problema para Neumann, já que os incrédulos não se furtariam a dizer: “ah, mas isso só acontece se acreditarmos. Os céuticos estão excluídos das revelações”. O próprio Neumann já disse isso em outros tempos. Estava firmemente convencido de

que na presença de uma pessoa como ele, inclinada à dúvida, nenhum fenômeno metapsíquico poderia se produzir. Mas tinha Neumann o conhecimento psicológico da importância da “atmosfera psíquica” em experiências desse tipo. Considerava estranho que com tantos psicólogos cientistas experimentais, ainda que muito hábeis, nenhum tenha qualquer noção a respeito da necessidade prévia de uma “atmosfera” para tais experiências. Nesse sentido, nenhum médico iria querer operar seus doentes ou os hipnotizar dentro de uma loja cheia de gente. Argumenta que, em uma sala de operação moderna, evita-se tudo aquilo que poderia excitar os doentes e estabelece-se uma atmosfera relaxante na qual as fases da operação se desenvolvam melhor e mais facilmente do que em um ambiente onde a agitação, a dúvida e os sentimentos hostis reinem. O mesmo acontecia com muitos médiuns e particularmente com Guzik. Não fazia sentido então esperar que um homem dormisse e relaxasse num ambiente em que sentia que era considerado um impostor, ou ainda que se impusessem condições que lhes fossem estranhas, que o deixassem inquieto ou que lhe causassem mal-estar. Isto era pouco hábil psicologicamente e Neumann já se espantara muitas vezes em ver a maneira brutal e pouco inteligente com que constrangiam fisicamente Guzik. A arte do verdadeiro cientista experimental, a seu ver, estava em parecer deixar o médium exercer seu livre arbítrio ao mesmo tempo em que o dirigia e o tomava pelas mãos tão eficazmente que qualquer fraude se tornava impossível ou rapidamente detectável. Afirma que era conveniente ter uma compreensão inteligente, muito tato, no sentido mais amplo da palavra e boa vontade para que se obtivessem experiências frutíferas. Nesse sentido, poderiam ser os maiores céticos no ambiente em que se encontrava o médium, mas deveriam saber ganhar sua confiança. Aqueles que sabiam fazê-lo reconheceriam, a seu ver, a verdade sobre os fenômenos (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.50).

Discorrendo sobre a natureza do estado de transe, Neumann limitou-se a sustentar que, para muitos médiuns, o sono da personalidade consciente era necessário para revelar completamente a realidade da personalidade de transe, aquilo que nomeavam como personalidade parapsicológica, inteligência, operador, controle, demônio, etc. Para tanto, um

sentimento de paz e harmonia se fazia necessário. Nas experiências de Baden-Baden com Guzik, percebeu o quanto é difícil, para os participantes de uma sessão parapsíquica, manterem uma atitude conveniente. Isso tanto para aqueles que estavam prontos a estudar os fenômenos de boa vontade e de boa fé, quanto para doutores hipercríticos determinados a não admitirem nenhuma variável, explicando tudo como trapaça ou sugestão e acusando sempre o médium de fraude (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.50).

Argumenta que, no caso dos primeiros, os crédulos, estes atrapalhavam a sessão pois excitavam-se bruscamente, emocionados com qualquer manifestação subjetiva, a qualquer estalo na madeira dos móveis ou do assoalho, a qualquer luminosidade, onde acreditavam ver a ação de forças "sobrenaturais". Assim, eles comprometiam a tranquilidade dos participantes objetivos e os levavam à contradição e à ironia, tornando os céticos ainda mais malevolentes. A atmosfera ficava direta e indiretamente comprometida. Os "desmascaradores", em princípio, não eram participantes favoráveis às sessões mediúnicas. Tiveram em Baden-Baden médicos que pretendiam prosseguir estudos em psicologia e que, antes de sua primeira sessão, ou seja, antes de saber como as coisas se desenrolariam, combinaram entre si de libertarem-se as mãos da corrente para descobrir eventuais fenômenos. Tais questionadores não conseguiram, em nenhuma circunstância, registrar nenhum insucesso (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.50).

A respeito de uma tentativa de desmascaramento, veja o relato dos fatos:

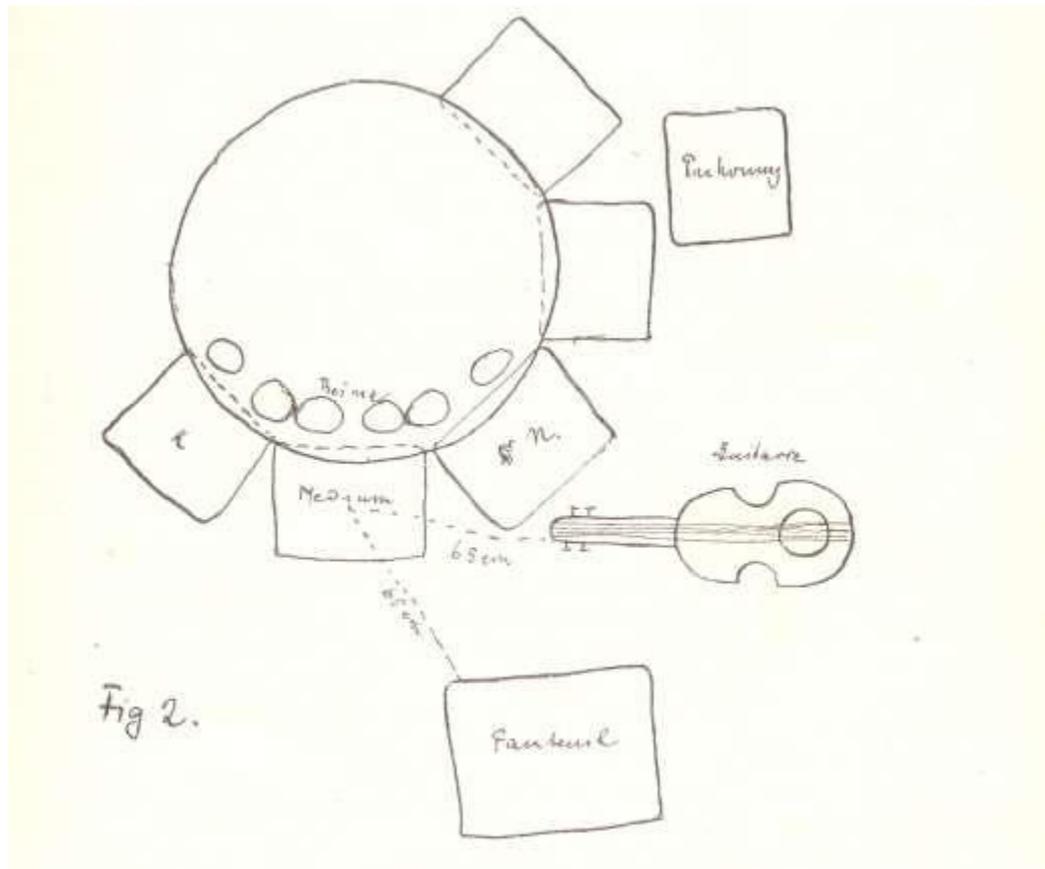


Figura 67 – Organização da sala.

Oito pessoas estavam sentadas em torno de uma mesa redonda, como indica a figura 67. Fora do círculo, encontravam-se o pintor Ivo Puhonny. Puhonny era conhecido por ter criado um teatro de marionetes e gozava de uma certa reputação como prestidigitador e ilusionista. O conceito que ele tinha a respeito da parapsicologia era de que seria preciso considerar todos os fenômenos como fraudes ou passes de mágica dos médiuns. O médium estava instalado de forma a que suas pernas estivessem presas à direita e à esquerda por cadeiras. A direita era controlada por Neumann e a esquerda pelo Sr. K. A cerca de 65cm atrás da cadeira de Neumann, havia uma poltrona bastante pesada sobre a qual repousava um violão grande. Depois que o médium entrou em transe, todos os participantes ouviram o barulho de passos característicos. Depois de vários minutos, ouviram, na poltrona e no violão, ruídos de contato e arranhaduras, sem que o médium deixasse de estar controlado por Neumann e sem que tenha feito qualquer movimento suspeito. Finalmente o violão caiu no chão e em seguida atinge, aos solavancos, o lado direito da cadeira de Neumann, e lhe pareceu que se

levantava encostando-se nela. Pouco depois caiu novamente, escorregando ao chão estrondosamente. Ao fim de alguns minutos, as cordas foram delicadamente pinçadas, de forma pouco harmoniosa. Nesse instante, o Sr. Puhonny levantou-se de sua cadeira e rastejou até o violão que vibrou. Ele descreveu suas impressões da seguinte forma: se aproximou do violão até que tenha colocado, por assim dizer, o nariz sobre ele e fechou os olhos para não ser ferido, se fosse o caso, por qualquer coisa. Enquanto o violão soa, ele retira rapidamente uma lanterna de bolso, munida de pilhas novas e cuja lâmpada estava envolta em papel vermelho. Com essa luminosidade, ele precisou de um ou dois segundos para se orientar, enquanto as cordas ainda soavam, mas não conseguiu ver o movimento das cordas. Em seguida, ele iluminou o braço do violão. No entanto, os sons haviam cessado. Seu olhar pousou por um segundo sobre as cravelhas do violão, porque havia ali a ponta de uma das cordas, pendente, o que chamou sua atenção. Mas não havia nada que pudesse declarar como suspeito. Então ele iluminou o espaço sob a mesa e viu que as pernas do médium estavam ainda bem no seu lugar. Dessa forma, a tentativa de surpreender um golpe fracassou (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.51).

Neumann não saberia dizer se Guzyk chegou a perceber ou não, em seus olhos, a luz sob a mesa. Mas o fato é que ele sofreu, pouco após ligada a luz vermelha, uma espécie de colapso. Ele pressionou fortemente a mão de Neumann e seu dorso afundou sobre o braço esquerdo de Neumann. Suas pernas continuaram quietas. Como ele gemia e estava a ponto de acordar, Neumann o tranquilizou e então ele dormiu novamente bem depois de apagada a luz, mas nenhum fenômeno foi produzido após isso. A luz vermelha era tão forte que Neumann chegou a pensar que Puhonny havia substituído a lâmpada que havia lhe dado por uma mais forte. O controlador da esquerda do médium, Sr. K, declarou ter visto a cadeira e as pernas do médium, assim como o braço do violão, enquanto a luz esteve ligada. Ele também não foi capaz de perceber qualquer fraude. Esta tentativa improvisada de captura, que aconteceu às sete horas da noite, deixou o médium tão esgotado que a próxima sessão, realizada na mesma noite, entre 21h e meia-noite, não resultou em nada mais do que alguns toques sentidos pelos controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.52).

O caso dos contados violentos, relatado acima, ocorreu em uma dessas sessões em Baden-Baden, na qual Guzik estava sendo controlado à esquerda pelo médico neurologista Dr. Zahn e à direita por Neumann. O Dr. Zahn, que era familiarizado com as questões parapsíquicas e havia publicado um ensaio sobre o psiquismo, hipnotizou o médium. Guzik entrou rapidamente em transe e logo todos ouviram os barulhos de passos que já tanto mencionaram ao longo desses relatos, vindos de perto da cadeira de Zahn. O médium gemeu e, de repente, o Dr. Zahn recebeu um golpe tão violento que o fez gritar e protestar em voz alta. Mas os passos atrás do médium tornavam-se mais e mais fortes. O Dr. Zahn recebeu golpes tão violentos que todos os ouviram. Ele reclamava aos berros. O médium acordou, se levantou mal-humorado de sua cadeira e, antes que pudessem acender a luz, saiu da sala (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.53).

Ocorre que o Dr. Zahn, com seu anel, apertou tão fortemente o dedo mínimo da mão esquerda do médium, que era possível observar em seu dedo um profundo sulco. A explicação de Neumann é no sentido de que o descontentamento do médium havia emprestado à manifestação metapsíquica um caráter violento que não era habitual em Guzik. Argumenta que para aqueles que têm alguma experiência na questão metapsíquica, as sessões de Baden-Baden foram bastante interessantes, instrutivas e plenas de hipóteses não apenas do ponto de vista parapsicológico, mas também do ponto de vista psicológico. Argumenta que pode-se ver o quanto é difícil para as pessoas tomarem uma atitude objetiva e observadora face ao desconhecido. Nesse mesmo sentido, argumenta que pode-se ver com quanta presunção e paixão os inexperientes negam e condenam, enquanto deveriam simplesmente observar os fatos para os examinarem e pesarem. Ouviu dois médicos, um judeu e um protestante, declararem seriamente que preferiam converter-se ao catolicismo e acreditar no diabo se ali houvesse de fato ocorrido qualquer telecinese. E outros, católicos, acreditavam, em nome de sua Igreja, dever negar toda a parapsicologia e explicá-la apenas como um feitiço diabólico. Eles poderiam facilmente ser convencidos de que a Igreja Católica tem ideias mais liberais e mais avançadas. Entende que a maioria deles não tinha amor ao próprio ofício, indispensável ao estudioso

que deseja explorar um novo domínio (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.53).

Em 4 de janeiro de 1924, o Dr. Neumann forneceu o relatório de um comunicado que ele enviou à Sociedade Médica de Parapsicologia de Berlim, sobre as experiências com o médium Jean Guzyk e a natureza dos fenômenos mediúnicos. Este é o resumo das suas ideias pessoais (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.54).

Neumann relata uma série de dezessete sessões que teve em Varsóvia e em Baden-Baden com o médium Jean Guzyk, naquele momento tão difamado. Guzyk produziu uma porção de fenômenos metapsíquicos, sobretudo contatos, movimentos à distância, ações a distância de todo tipo, fenômenos luminosos e fantasmas, ou seja, rostos que se movem espontaneamente no espaço e podem falar. Falava-se muito naquele momento de um pretense desmascaramento de Guzyk pelos professores da Sorbonne. Mas ele não foi pego em flagrante em qualquer fraude. Pelo fato de que as ações à distância realizadas por Guzyk poderiam ser imitadas por meio de suas pernas e que não houve fenômenos durante as quatro sessões onde o controle havia sido particularmente severo, os professores tiraram a brilhante conclusão de que o médium havia produzido seus fenômenos de maneira fraudulenta. Entende Neumann como de caráter pouco científico uma argumentação tão pobre. Neumann considerava os fenômenos mediúnicos antes de tudo como uma questão psicológica, biológica e física. A seu ver, os homens não possuíam uma alma simples e una, mas quanto mais um homem é normal, mais ele reduz os elementos constitutivos de sua alma à uma unidade essencial. Esta unificação é tanto menos possível, ou seja, a alma é tanto mais divisível quanto mais ela se parece com a alma daquilo que chamamos de médium. No estado de transe, a alma suplementar, a parapsique do médium, ganharia tanta independência que ela se apresentaria como um ser autônomo, com inteligência, controle, operador, personalidade de transe, demônio, espírito. Mas não lhe foi possível representar uma alma independente sem um corpo que lhe pertença, um *bios*, assim como não poderiam conceber um *bios* sem psique. A parapsique então capta do corpo do médium alguma coisa de corporal, um *parabios*, cuja natureza biológica e física conhecem muito pouco. Sabia apenas que durante

o estado de transe o médium perdia peso, que a "coisa" que saia do corpo do médium podia realizar todo tipo de ações físicas, que ela era suscetível de ser fotografada e de tomar forma de acordo com a vontade do médium. Neumann postula a unidade do teleplasma: as materializações, em suma, todas as produções físicas parapsíquicas, até a clarividência. Uma compreensão dos fatos psíquicos a seu ver virá talvez das novas pesquisas da física, das concepções da unidade fundamental da matéria e da energia. A questão do espaço-tempo e sua relação com a matéria também tem um papel importante na explicação dos fenômenos mediúnicos, inclusive a clarividência. Assim, a parapsicologia ampliará a concepção do mundo, mas ela não pode dar o mínimo esclarecimento sobre as questões do além ou da vida após a morte. Tais questões da vida futura, argumenta, pertenceriam ao domínio da religião e da filosofia e não a este ou àquele fenômeno físico ainda pouco conhecido. Uma separação nítida entre a parapsicologia e o espiritismo ou outras doutrinas análogas é absolutamente necessária, conclui (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.1, 1924, p.54).

5.3. Conclusão

Com Guzik e o Manifesto dos 34, a escola Francesa de Metapsíquica encontrou o seu auge. Eram personalidades de renome da época acorrentadas umas às outras num esforço conjunto de verificar a credibilidade e a veracidade dos experimentos realizados por Gustave Geley e pelo Instituto de Metapsíquica com o médium Guzik.

O Manifesto dos 34 entrou para a história como um documento que corrobora a veracidade dos fenômenos metapsíquicos objetivos. A participação de Oliver Lodge, representante da Escola Inglesa de Metapsíquica e sua condição de signatário no Manifesto dos 34, ilustra a condição da metapsíquica objetiva nos anos 1920.

Concluo face às fontes primárias que pesquisei não haver indícios de fraude nos experimentos com Guzik.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a união de esforços das três personalidades fundamentais, Gustave Geley, Rocco Santolíquido e Jean Meyer, o Instituto de Metapsíquica Internacional pôde ser fundado, porém, bem longe de ser uma unanimidade. Sua fundação foi um marco para a história da parapsicologia, das pesquisas dentro do parapsiquismo e da paranormalidade. Até hoje os médiuns e os cientistas da época são citados, mesmo por quem não teve acesso às fontes de seus registros. Nesse sentido, entendo que a narrativa detalhada de todas as sessões fornece acesso aos fatos ocorridos na Instituição.

Tal relatório detalhado de cada sessão busca também dividir a responsabilidade com o leitor em relação à questão formulada inicialmente, qual seja, existem indícios de fraude face às fontes primárias em relação aos três médiuns ectoplastas estudados ao longo do trabalho? Após a análise dos documentos, não foram encontrados indícios de fraudes. Os três médiuns foram minuciosamente controlados e investigados. Os métodos de controle foram obsessivamente pensados e executados.

No caso de Eva, algumas questões não se explicam, como por exemplo, a materialização da membrana ectoplásmica, que crescia e engrossava, ao mesmo tempo que alongava. Geley (1924) observou com destaque que tal material se comportava de forma oposta ao que faria um tecido de borracha, destacando que não tinha conhecimento de meios que pudessem simular de forma fraudulenta tal fenômeno.

Outro exemplo, também com Eva, é a inexplicável cabeça fotografada. Deve-se notar que, nestas sessões, Geley (1924), relatou que não viu a substância ectoplásmica original nem assistiu à formação progressiva da cabeça fotografada. A cabeça aparecia de repente, completamente materializada, na abertura da cortina. As variações de dimensão da cabeça, às vezes em tamanho natural, e outras vezes consideravelmente reduzida praticamente inviabilizavam uma fraude. O controle com Eva, antes, durante e após as sessões, não deixou nada a desejar conforme todos os relatos. Geley expressou estar absolutamente certo de que Eva não poderia trazer nem receber de alguém uma cabeça de

boneca ou qualquer outro simulacro. Neste caso, além do argumento acima, em sua opinião, as variações de volume da aparição não se explicam.

Mesmo nos polêmicos experimentos de Londres, onde se afirmava como possível a fraude por regurgitação, foi dada a prova de sua ausência. Eva foi obrigada a engolir, antes das sessões, substâncias coloridas, não impedindo a “substância” ectoplásmica de ter, ao sair da boca, uma brancura reluzente. Também lhe foram dados eméticos após as sessões, sem nunca ter constatado uma fraude. Além do exposto não se explicam pela regurgitação a exteriorização de ectoplasma por suas mãos.

No caso de Klusky, argumentou Geley, que a investigação foi feita bem de perto, buscando a certeza de que os moldes eram feitos durante as sessões e com parafina fornecida por ele. Como já descrito, Geley secretamente adicionou substâncias a parafina, como forma de controlar o material usado durante os experimentos. Esse tipo de controle foi positivo e permitiu mais uma vez afirmar categoricamente que os moldes foram obtidos durante as sessões em que estava presente e com a sua parafina macetada.

Soma-se a isso, o fato de moldadores parisienses de renome da época como C. Gabrielli terem feito várias tentativas fracassadas de produzir artificialmente, pelos mais diversos meios, luvas similares às que lhes foram submetidas, concluindo que é impossível compreender como os moldes de parafina do Doutor Geley (1924) foram obtidos. Também foi chamado o Serviço de Identidade Judiciária para conferir se as digitais dos moldes eram as mesmas do médium. O resultado foi negativo.

Já com Guzik foi observada uma série de fenômenos inexplicáveis para os conhecimentos científicos da época e penso que hoje ainda. Entre esses fenômenos haviam aqueles que não se produziram em todas as sessões positivas, tais como impressões digitais na argila e as manifestações luminosas. Estas últimas eram acompanhadas de sensações de toques e de sons articulados concomitantemente. Esses fatos, por não terem sido observados por todos os experimentadores, foram postos de reserva, apesar de sua importância. Os experimentadores no Manifesto dos 34 se limitaram a afirmar a realidade de duas categorias de fenômenos: na primeira categoria, os movimentos, por vezes muito extensos, de objetos diversos, sem nenhum contato do médium e fora do seu alcance, a 1,5

metro, por exemplo. Para ficarem seguros de toda a ilusão de observação e de todo erro de memória, esses objetos foram cuidadosamente identificados e marcados minuciosamente e muitas vezes colados ao chão ou a mesa de apoio pelo papel colante. Na segunda categoria, contatos e toques, bem frequentes e bem diversos como sensações recebidas nos braços, no dorso, nas costas e na cabeça dos controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n.3, 1923, p.135).

Os experimentos com ectoplasma viveram seu auge na França da década de 1920. Seja com Eva, e as polêmicas com a Escola Inglesa de Metapsíquica, seja com Klusky, seus moldes e toda a oposição que sofreu em decorrência do princípio bíblico da imaterialidade da alma. Mas, com Guzik e o Manifesto dos 34, a Escola Francesa de Metapsíquica encontrou legitimidade. A participação de Oliver Lodge, mesmo pertencendo a Escola Inglesa de Metapsíquica, e de outras personalidades que assinaram o Manifesto dos 34, ilustra a condição da metapsíquica nos anos 1920.

Porém, a partir de 1926 ocorre uma diminuição de experimentos com ectoplasma. Tal se deu devido à morte de Gustave Geley e pela nova diretoria agora liderada por Eugene Osty. Isto porque Osty considerava muito raro médiuns de efeitos físicos, as experiências de difícil replicabilidade e de pouca aceitação entre a elite científica da época e a opinião pública. Osty se interessava mais pela metapsíquica subjetiva, mais intelectual e alinhada à escola inglesa, embora também tenha realizado experimentos com ectoplasma durante sua gestão.

Portanto, podemos concluir que, no início da década de 1920, os experimentos com ectoplasma viveram um apogeu e, a partir de 1926, deu-se um declínio decorrente da mudança na diretoria do Instituto e dos argumentos acima expostos.

Sendo assim, concluo terem existido de fato duas escolas de metapsíquica na década de 1920, quais sejam, a Escola Francesa, alinhada à metapsíquica objetiva e aos experimentos com ectoplasma, e a Escola Inglesa, alinhada à metapsíquica subjetiva e intelectual. A evidência dessas duas Escolas como já mencionado se demonstra em primeiro lugar pela troca de cartas, que se encontram em anexo a este trabalho, entre Rocco Santolíquido, Charles Richet e Oliver Lodge, quando da fundação do Instituto

de Metapsíquica Internacional. Nessas cartas existem argumentos explícitos da diferença entre os cientistas franceses e ingleses e seus experimentos; em segundo lugar pelas declarações feitas por Gustave Geley de que os experimentos com Eva, na Society for Psychical Research, evidenciam a falência da metodologia empregada por tal Instituição no estudo e pesquisa experimental da mediunidade física, com ectoplasma, reconhecendo porém todo o mérito da Escola Inglesa na pesquisa com fenômenos subjetivos e intelectuais; em terceiro lugar, o estado de espírito dos experimentadores da Society For Psychical Research, que tinham um entendimento que se tornou tradicional na Inglaterra de 1920, contra a mediunidade física ou objetiva. Já os metapsíquicos franceses não compreendiam este singular estado de espírito, tão oposto ao seu. Para os franceses, o ectoplasma era o fenômeno capital da metapsíquica. Tratava-se nitidamente de uma diferença de formação entre as Escolas Francesa e Inglesa de Metapsíquica; em quarto lugar, as cartas da Sra. Bisson ao Dr. de Schrenck-Notzing, enviadas em 9 de julho de 1920 e 19 de junho de 1921. Nelas relata claramente, conforme já exposto, o clima hostil instalado na Sociedade Inglesa quando dos experimentos com Eva. Afirma que os Ingleses só pensavam em truques e fraudes e que tal comportamento afetava a médium, desencadeando resultados fracos. Concluiu a impossibilidade de experimentos com ectoplasma em Londres, na década de 1920.

Para os metapsíquicos franceses, o ectoplasma era o fenômeno capital da Metapsíquica. Entendiam o ectoplasma como a resolução dos problemas da substância, da forma, da evolução individual e coletiva, sendo destinado a esclarecer o prodigioso mistério da vida. Nesse sentido, consideravam que as descobertas metapsíquicas poderiam significar uma evolução no comportamento da humanidade e que as descobertas com o ectoplasma seriam o grande desencadeador dessa evolução e pacificação do planeta. O Instituto de Metapsíquica Internacional representava o anseio de toda uma geração que perdeu entes queridos durante a guerra, nutrindo esperanças de um mundo mais evoluído e com mais paz.

Ainda hoje, em diversas sociedades podem ser percebidas repercussões do período de experiências com ectoplasma. Por exemplo, as várias técnicas assistenciais com energia se baseiam sobretudo no efeito que

pode existir numa transmissão energética entre duas consciências com fins assistenciais. Como pano de fundo teríamos o ectoplasma, como grande desencadeador de maior potencial energético nesta empreitada. A técnica da Tenepes expressamente expõe: “Ectoplasma. Extração da EC densa, humana, ou ectoplasma, exclusivamente para fins terapêuticos, ou, mais apropriadamente, para terapêuticos” (Vieira, 1995).

Aproveito a oportunidade para registrar a admiração por um cientista francês, Gustave Geley, dedicado à ciência e ao parapsiquismo, e também o respeito pelo empenho de professores e pesquisadores da época que serviram à sua obra, em especial o Instituto de Metapsíquica Internacional. Espero que, de algum modo, a magnificência do passado possa ser destacada por meio da presente investigação.

Antes de encerrar esse trabalho, dirijo uma palavra aos cientistas, historiadores e pesquisadores de fenômenos parapsíquicos. Este trabalho pode conter diagnósticos que podem lhes parecer injustos, se não equivocados. Posso dizer-lhes que os resultados a que cheguei foram fruto de uma lição que faz parte do espírito que Gustave Geley pretendeu introduzir, ou seja, só concluí não haverem indícios de fraude, após cuidadoso levantamento de dados em várias fontes, inclusive depoimentos de pesquisadores da época. Se, apesar disso, as análises e conclusões forem incorretas, o caminho está aberto para revisões e correções. O debate só poderá ser benéfico para a Instituição, para a Ciência e para as pesquisas parapsíquicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marta e Vergara, Moema de Resende. Ciência, História e Historiografia. São Paulo/Via Lettera e Rio de Janeiro/Mast, 2008.

AMADOU, Robert. Les grands médiums. Paris: Editions Denoël, 1957.

BERGER, Arthur S. and Joyce Berger. The encyclopedia of parapsychology and Psychical Research. New York: Ed Paragon House, 1991.

BERGSON, Henri. L'`énergie spirituelle, essais et conférences. Paris: Felix Alcan, 1929.

BISSON, Juliette Alexandre. Les Phénomènes dits de materialization. Étude Expérimentale. Paris: Ed Librairie Félix Alcan, 1921.

Bulletin de l'Institut Métapsychique International, Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Octobre. 1920.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Décembre. 1920.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Janvier-Février. 1921.

CALDERONE, Enquête. La Réincarnation d'après le Docteur Gustave Geley. Paris: Les Éditions Jean Meyer, 1929.

CARVALHO, José Murilo de. A escolar de Minas de Ouro: o peso da Glória. São Paulo, Editora Nacional / Rio de Janeiro, FINEP, 1978.

DANTES, Maria Amélia (Org.). Espaços da Ciência no Brasil. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.

Discours de Santoliquido, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8.

Gazette médicale hebdomadaire de Munich, n. 44. 1923.

GELEY, Gustave. De l'Inconscient au conscient. Paris: Ed Librairie Félix Alcan, 1919.

_____. Essai de Revue Générale et d'Interprétation Synthétique du Spiritisme. Lyon: Imprimerie de L. Bourgeon, 1897.

_____. L' Ectoplasmie et la Clairvoyance. Paris: Ed Librairie Félix Alcan, 1924.

- _____. L'Être subconscient. Paris: Ed Librairie Félix Alcan, 1919.
- _____. Les Preuves du Transformisme et les enseignements de la Doctrine Évolutionniste. Paris: Ed Librairie Félix Alcan, 1901.
- HALE, Lindsay. Hearing the Mermaid's Song: The Umbanda Religion in Rio de Janeiro. 2009.
- KUHN, Thomas. The Structure of Scientific Revolutions. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- LAFUENTE, Antonio Y Juan J. Saldaña. História de las Ciências: Nuevas Tendencias. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1982.
- LATOURET, Bruno. Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique. Paris: La Découverte, 1991.
- _____. Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers Through Society. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1987.
- Leon, Sylvia de Oliveira. Nós a Vocês, Obreiros Mediúnicos Grandeza Astral. Rio de Janeiro. Edição independente, 1971.
- Le Petit Journal, 16 Juillet 1924, Édition de Paris.
- Lettre de Santoliquido à Richet, 3 Octobre 1918, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8.
- Lettre de Oliver Lodge à Richet, 16 de octobre 1918, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8.
- Lettre de Santoliquido à Richet, 8 Novembre 1918, in Archives Institut Metapsychique International, Carton 3, Dossier 8.
- Lettre du chef du bureau du cabinet de la president de la republique (POINCARÉ) sur le sujet de la reconnaissance d'utilité publique.
- Proceedings of the Society for Psychical Research. London: Robert MacLehose & Co. Ltd., University Press Glasgow, Part LXXXII, Vol. XXXII, July 1921.
- _____. London: Robert MacLehose & Co. Ltd., University Press Glasgow, Part LXXXIII, Vol. XXXII, July 1921.
- _____. London: Robert MacLehose & Co. Ltd., University Press Glasgow, Part LXXXIV, Vol. XXXII, July 1921.
- PROST, Antoine. Petite Histoire de la France au XX Siècle. Librairie Armand Colin, Paris, 1979.

Revue Métapsychique, Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Mars-Avril. 1921.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Mai-Juin. 1921.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Juillet-Août. 1921.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.7, Septembre-Octobre. 1921.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.8, Novembre-Décembre. 1921.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1922.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1922.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1922.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1922.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1922.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1922.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1923.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1923.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1923.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1923.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1923.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1923.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1924.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1924.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1924.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1924.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1924.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1924.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1925.

_____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1925.

- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1925.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1925.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1925.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1925.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1926.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1926.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1926.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1926.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1926.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1926.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1927.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1927.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1927.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1927.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1927.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1927.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1928.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1928.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1928.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Juillet-Août. 1928.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1928.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1928.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1929.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1929.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1929.

- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Julliet-Août. 1929.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1929.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1929.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1930.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1930.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1930.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Julliet-Août. 1930.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1930.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1930.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1931.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1931.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1931.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Julliet-Août. 1931.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1931.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1931.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.1, Janvier-Février. 1932.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.2, Mars-Avril. 1932.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.3, Mai-Juin. 1932.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.4, Julliet-Août. 1932.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.5, Septembre-Octobre. 1932.
- _____. Paris, Librairie Felix Alcan, n.6, Novembre-Décembre. 1932.

RICHET, Charles. *Traité de Métapsychique*. Paris: Ed Librairie Félix Alcan, 1921.

SANTOLIVIDO, Rocco. *Discours du Professeur Santolivido*.

SCHMID, Giancarlo Kind. *Breu em Brio – Dialética Poética*. Editora Maple, Rio de Janeiro, 2014.

TOCQUET, Robert. Les Pouvoirs Secrets de l'Homme. Paris: Ed. Les Productions de Paris, Paris, 1963.

VIEIRA, Waldo. Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica; rev. Equipe de Revisores do Holociclo; CD-ROM; 2.146 verbetes; 300 especialidades; 7 Ed.; Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica (COMUNICONS); Foz do Iguaçu, PR; 2012; páginas 92, 3.643,5.960.

Idem; Manual da Tenepes. Rio de Janeiro. Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, Rio de Janeiro, 1995.

ANEXO A – CARTA DE Rocco Santoliquido à Charles Richet em 03 de outubro de 1918 página 1.

Paris le 3 Octobre 1918.

Mon Cher Ami,

Je crois le moment venu de réaliser le grand projet si longtemps caressé par les métapsychistes: de fonder l'institution internationale qui centralisera tout ce qui touche à nos études et permettra d'en aborder tous les problèmes.

Lorsque des hommes de la valeur de Crookes, de Lodge, de Hodgson, de Richet viennent déclarer, en donnant les raisons de leur conviction: "le problème de la destinée et de la fin de l'individu est accessible aux méthodes scientifiques - la question de la survivance ou de la disparition de la conscience personnelle à l'avantissement de l'organisme se pose comme une question expérimentale", il n'est plus permis à personne de se dérober. Tout homme de science, tout homme de coeur a le devoir impérieux d'aider, dans la mesure de ses moyens, à contrôler la formidable affirmation.

Mais les difficultés de la tâche sont en proportion de son importance. Il n'est pas trop, pour en venir à bout, de l'union de toutes les forces de pensée et d'action. Pour une entreprise aussi vaste, la nécessité d'une organisation mondiale s'impose. A l'oeuvre commune intéressant tout ce qui pense, il faut nécessairement un centre d'aboutissement et de rayonnement.

L'institution que j'envisage n'aurait naturellement pas pour but de se substituer aux organisations nationales ou locales ni de rivaliser avec elles. Au contraire, elle en constituerait une sorte de fédération, permettant un meilleur rendement des efforts particuliers et assurant l'union de toutes les bonnes volontés.

Il serait évidemment prématuré, mon cher Ami, de discuter immédiatement un programme détaillé de la future organisation mondiale. Mais les traits principaux de l'oeuvre s'imposent:

Elle devrait :

- disposer d'un office central, avec bibliothèque et archives pour tous les documents.
- installer et diriger des laboratoires.
- rechercher, développer, entretenir des sujets médiumniques, au besoin, à la disposition des sociétés locales.
- entreprendre des expériences de longue haleine.
- diriger des enquêtes générales et approfondies dans le monde entier.

*A Monsieur le professeur Charles Richet
Membre de l'Institut
15 rue de Valenciennes - Paris*

ANEXO A – CARTA DE Rocco Santoliquido à Charles Richet em 03 de outubro de 1918 página 2.

publier un bulletin mensuel (travaux originaux; travaux des autres sociétés ou des chercheurs; exposition des événements relatifs à nos études; analyse des publications parues; revue de la presse...)
envisager enfin et mettre au point toutes formes de propagande.

Le projet que je vous présente, mon cher Ami, n'est pas chimérique. Il a dépassé déjà la période des vœux platoniques et de l'incubation. Des concours précieux lui sont assurés dès maintenant.

Déjà à Paris, un généreux initiateur a réalisé une première fondation, immédiatement signalée par des résultats de premier ordre. Cette fondation me semble destinée à former le noyau du futur Institut métapsychique international.

Il dépend de nos amis d'assurer sa complète réussite. J'appelle donc votre attention sur la nécessité d'obtenir, avant tout, des concours moraux et matériels.

Nous pourrions dès que nous serons sûrs de ces concours, établir, avec l'aide de tous, les statuts définitifs et provoquer la création d'un haut comité international, sous l'autorité duquel fonctionnera l'Institut.

A l'œuvre donc, mon cher Ami; le moment est propice. Les succès de nos armées, le triomphe des idées qui nous sont chères permettent d'entrevoir l'entrée prochaine de l'humanité pensante dans une phase nouvelle et supérieure.

Il faut, qu'en même temps que la paix définitive entre les hommes, la victoire apporte quelque chose de plus; une lueur d'espérance à ceux qui pleurent leurs enfants tués pour l'idéal; un rayon de vérité aux chercheurs de bonne foi.

Cordialement à vous.

Signé: Santoliquido

Tradução Anexo A

Paris, 3 de outubro de 1918

Meu caro amigo,

Eu creio que é o momento certo de realizar o grande projeto por tanto tempo sonhado pelos metapsíquicos: de fundar a Instituição Internacional que centralizará tudo relacionado a nossos estudos e permitirá abordar todas as questões afins.

Quando os homens de valor como Crookes, Lodge, Hodgson e Richet vieram declarar, dando as razões de suas convicções: “o problema do destino e do fim do indivíduo está acessível através de métodos científicos – a questão da sobrevivência ou do desaparecimento da consciência pessoal com a destruição total do corpo se coloca como uma questão experimental”, e já não é permitido a ninguém se eximir, todo homem de ciência, todo homem de coração tem o dever imperativo de ajudar, na medida do possível, a confirmar essa formidável afirmação.

Mas as dificuldades da tarefa são proporcionais à sua importância. Não é demasiado superar a união de todas as forças de pensamento e ação. Para um empreendimento tão vasto, urge a necessidade de uma organização mundial. Para o trabalho em comum que condiz com tudo que se pensa sobre o assunto, há a necessidade de um centro de apresentação de resultados e de difusão.

A instituição que tenho em mente naturalmente não teria por objetivo o de substituir nem rivalizar as organizações nacionais ou locais. Pelo contrário, constituiria uma espécie de federação, permitindo o melhor rendimento de esforços individuais e assegurando a união de todas as boas vontades.

Seria evidentemente prematuro, meu caro amigo, discutir imediatamente um programa detalhado da futura organização mundial. Mas seguem abaixo seus traços principais:

A instituição deveria:

- Ter um escritório central, com biblioteca e arquivos de todos os documentos;
- Criar e administrar laboratórios;
- Pesquisar, desenvolver e manter médiuns, de acordo com a necessidade à disposição da comunidade local;
- Empreender experiências longas;
- Conduzir pesquisas gerais e aprofundadas no mundo inteiro;
- Publicar um boletim mensal (trabalhos originais, trabalhos de outras instituições ou pesquisadores; exposição de eventos relativos aos nossos estudos, análise de publicações semelhantes às da imprensa...);
- Considerar e colocar em destaque todas as formas de propaganda.

O projeto que eu vos apresento, meu caro amigo, não é irrealizável. Ele já passou do ponto de desejos platônicos e de incubação. Muitas provas importantes já lhe são indubitáveis.

Já em Paris, um generoso precursor realizou uma primeira fundação, imediatamente evidenciando resultados da melhor qualidade. Esta fundação me parece destinada a formar o núcleo do futuro Instituto de Metapsíquica Internacional.

Depende dos nossos amigos o endosso de seu sucesso completo e, por isso, solicito sua atenção sobre a necessidade de obter, antes de tudo, provas morais e materiais.

Poderemos estabelecer, assim que tivermos a certeza de tais provas, com a ajuda de todos, os estatutos definitivos e promover a criação de um grande comitê internacional, sob a autoridade do qual funcionará o instituto.

Ao trabalho então, meu caro amigo; o momento é propício. O sucesso de nosso exército, o triunfo de nossas ideias que nos são tão caras, permitem vislumbrar a chegada próxima de uma humanidade pensante em uma fase nova e superior.

É necessário que ao mesmo tempo que venha a paz definitiva entre os homens, a vitória traga algo a mais; uma luz de esperança para aqueles que choram por seus filhos mortos devido a um ideal; um raio de verdade aos buscadores de boa-fé. Cordialmente a vós,

ANEXO B – CARTA DE Oliver Lodge à Charles Richet em 16 de outubro de 1918 página 1.

Traduction"

Marlemont,

Edghaston, le 16 Octobre 18.

Mon Cher Richet,

Il est difficile de savoir que répondre à votre enthousiaste correspondant. Je ne sais s'il est Italien ou Français,

Il ne peut y avoir de doute sur l'importance des recherches et des travaux qui, dans nos pays, seront poursuivis dans cette voie, quand la paix aura libéré les énergies.

La question est de savoir si c'est le moment d'entreprendre une action alliée et internationale. C'est sur ce point que je suis dans le doute.

Le génie de nos différentes nations a ses caractéristiques particulières. Tandis que, sur le continent, le sujet a été traité au point de vue médical et psycho-physique; ce sont les divers automatismes et l'activité mentale qui, chez nous, ont attiré l'attention, et nous ont spécialement amenés à la redoutable question de la survivance.

Je pensais que, dans les pays latins, cette question de la survivance avait été à peine effleurée; les faits étudiés par vous avec tant de soin, semblaient ne vous avoir amené à aucune conclusion, dans un sens ou dans l'autre.

Je pensais aussi que les savants français se souciaient peu de discuter des problèmes de cette nature. Ainsi, pas un seul éditeur n'a consenti à publier une édition française de mon livre "Raymond" quidique, après en avoir abrégé la traduction originale, je l'ai soumise à plusieurs maisons l'une après l'autre, et cela pendant plusieurs mois.

Je suis donc porté à mettre en doute la possibilité d'une action combinée, et je pense que chaque pays ferait mieux de continuer isolément ses recherches. Toutefois la nécessité de quelque organisation centrale, surtout pour le problème financier, est très urgente. Les médiums, pour assurer leur existence, sont astreints à un travail pénible, au détriment de leurs facultés. D'autre part, ils sont en butte à la persécution de la police.

L'antipathie que la Science, l'Eglise et la Loi, témoignent au sujet qui nous occupe, ne peut que paralyser, et l'oppression de la Loi étant la plus forte, est la plus sérieuse.

ANEXO B – CARTA DE Oliver Lodge à Charles Richet em 16 de outubro de 1918 página 2.

- 2 -

Une organisation internationale apporterait-elle un remède à tout cela ? Ne risquerait-elle pas plutôt d'exagérer et d'intensifier les foyers d'opposition ?

Je pense que, pour quelque temps encore, le meilleur travail serait le travail individuel, qu'on poursuivrait tranquillement, sans attirer une attention hostile et sans prendre une attitude agressive.

Ceci en ce qui nous concerne, mais je ne sais jusqu'à quel point il est à désirer que l'on hâte le mouvement qui transformerait la mentalité de quelques individus.

Je suis disposé à prêcher la patience et la persévérance, plutôt que les éclats d'une robuste et exubérante énergie.

L'occasion se présentera elle-même, quand un groupe de plus jeunes, disposant de plus de liberté, prendra le sujet en main avec plus de bonheur.

Une des principales conséquences de notre oeuvre, dans cette voie, aura été de diminuer l'opposition, et d'éveiller graduellement une sorte d'opinion publique.

Les épreuves, causées par la guerre, ouvriront les coeurs aux enseignements des faits; mais je ne crois pas bon de crier des enseignements sur la place publique, et d'essayer de convaincre les gens à leur corps défendant. Le progrès a été lent, mais dans l'ensemble, la lenteur a été salutaire.

De plus, je ne vois pas de société Internationale qui ait accompli un travail scientifique important, excepté pour le catalogue et la vulgarisation de la littérature technique. Les grandes sociétés ont, entre elles, des relations amicales, du moins en avaient, avant la guerre, mais chacune était une Société nationale, et il semble que le meilleur de leur activité ait été dû à cette limitation. La barrière du langage est une vraie difficulté dans les entreprises internationales.

Je suppose qu'il va y avoir une Ligue des Nations, et qu'il pourra y avoir une Ligue des Sociétés Scientifiques et en quelque sorte des Universités. Mais des unités nationales doivent d'abord exister et prospérer, avant d'être combinées en organismes internationaux.

Je ne sais ce que vous pensez de la question et aimerais le savoir.

OLIVER LODGE.

Tradução Anexo B

Mariemont,

Edgbaston, 16 de outubro de 1918

Meu querido Richet,

É difícil saber o que responder ao seu entusiasta correspondente. Eu não sei se ele é italiano ou francês.

Não pode haver dúvida sobre a importância da pesquisa e trabalho que em nossos países vão continuar neste caminho, quando a paz nos terá liberado as energias.

A questão é saber se é o momento de empreender uma ação aliada e internacional. Este é o ponto que estou em dúvida.

O gênio de nossas diferentes nações tem suas características particulares. Ao passo que, no continente, o assunto tem sido tratado no ponto de vista médico e psicofísico; na ilha consideramos os diversos automatismos e atividade mental que, para nós, nos chamam a atenção, e que têm especialmente nos trazido para a temida pergunta da sobrevivência.

Eu penso que, nos países latinos, essa questão de sobrevivência foi muito pouco explorada. Os fatos estudados por vocês com tanto cuidado parecem não chegar a nenhuma conclusão, nem em um sentido e nem no outro.

Eu também penso que os cientistas franceses se preocupam pouco com os problemas desta natureza. Bem, nem um único editor consentiu de publicar uma edição francesa do meu livro *Raymond*, uma vez que depois de ter abreviado a tradução original, eu o submeti a várias editoras, uma após a outra, e por vários meses.

Por isso, estou inclinado a questionar a possibilidade de uma ação combinada, e eu penso que cada país faria melhor se continuasse suas pesquisas isoladamente. No entanto, a necessidade de uma organização central, especialmente para o problema financeiro, é urgentíssima. Os

médiuns, para assegurar sua existência, são submetidos a um trabalho doloroso, em detrimento de suas faculdades. De outra parte, eles são submetidos à perseguição policial.

A antipatia que a ciência, a igreja e a lei testemunham sobre o que nos ocupa, só pode paralisar, e a oposição da lei sendo a mais forte, é o mais grave.

Uma organização internacional carrega uma solução para tudo isso? Não correria o risco de exagerar e intensificar casos de oposição?

Acho que, por algum tempo ainda, o melhor trabalho seria o trabalho individual, que continuamos em silêncio, sem chamar a atenção hostil e sem ter uma postura agressiva.

Isso é o que nos diz respeito. Mas eu não sei até que ponto ele deseja que nós apressemos o movimento, que iria transformar a mentalidade de alguns indivíduos.

Eu estou disposto a ter paciência e perseverança, ao invés de rajadas de uma energia forte e exuberante.

A oportunidade se apresentará, quando um grupo de jovens, tendo mais liberdade, tomar o assunto em questão com mais felicidade.

Uma das principais consequências do nosso trabalho, desta maneira, tem sido reduzir a oposição, e, gradualmente, despertar uma espécie de opinião pública.

As provas, causadas pela guerra, abrirão seus corações para os ensinamentos dos fatos; mas eu não acho bom criar essas lições em praça pública, e tentar convencer as pessoas a defender seus corpos. O progresso foi lento, mas, no geral, a lentidão foi benéfica.

Além disso, eu não vejo qualquer empresa internacional que realizou um trabalho científico importante, exceto para o catálogo e vulgarização da literatura técnica. As grandes sociedades têm, entre elas, relações de amizade, pelo menos tiveram, antes da guerra, mas cada uma era uma sociedade nacional, e parece que o melhor de sua atividade se deve a essa limitação. A barreira da língua é uma dificuldade real em negócios internacionais.

Eu acho que haverá uma liga de nações, e que pode haver uma liga de sociedades científicas e em qualquer universidade. Mas as unidades

nacionais devem primeiro existir e prosperar, antes de se combinarem em organizações internacionais.

Eu não sei o que você pensa do assunto e gostaria de saber.

Oliver Lodge

ANEXO C – CARTA DE Rocco Santoliquido à Charles Richet em 08 de novembro de 1918 página 1.

Paris, le 8 Novembre 1918

Mon Cher Ami,

J'ai lu avec le plus vif intérêt la très importante lettre de Sir Oliver LODGE. Je relève d'abord les deux passages suivants, qui doivent être particulièrement médités.

1°.- "La nécessité de quelque organisation centrale, surtout pour le problème financier, est très urgente. Les médiums, pour assurer leur existence, sont astreints à un travail pénible, au détriment de leurs facultés; d'autre part, ils sont en but aux persécutions de la police."

2°.- "L'occasion se présentera d'elle-même, quand un groupe de plus jeunes, disposant de plus de liberté, prendra le sujet en main"

Ne trouvez-vous pas, mon cher Ami, que ces deux phrases constituent l'apologie du projet et en font ressortir à la fois la nécessité et la possibilité.

En effet le principal résultat de la fondation sera de résoudre la question des médiums, nécessité primordiale et pierre d'achoppement du métapsychisme.

Les médiums sélectionnés, éduqués, entraînés, seront soustraits à la lutte pour l'existence, mis en mesure de se consacrer exclusivement à leur médiumité, et placés à la disposition des sociétés locales ou des groupes de chercheurs.

Pour le 2ème point, la fondation récente, par un généreux initiateur, d'un laboratoire ayant fait ses preuves, le remarquable essor du métapsychisme parmi des savants jeunes et ardents comme J. Ch. ROUX, CHAUVET, MAINGOT, GELEY, etc, prouvent que l'occasion se présente précisément en ce moment.

Passons maintenant aux objections ou difficultés:

1°.- Les différences entre le génie anglais et latin ne sont pas un obstacle. Chacun continuera son évolution suivant sa nature. Les sociétés nationales ou locales garderont toute leur autonomie et leur caractéristique. L'Institut centralisera simplement leurs recherches et s'efforcera d'en tirer les conclusions logiques.

ANEXO C – CARTA DE Rocco Santoliquido à Charles Richet em 08 de novembro de 1918 página 2.

"Centre d'aboutissement et de rayonnement" il facilitera les travaux particuliers, les contacts des métapsychistes du monde entier. Il mettra à leur disposition les moyens, les renseignements, la possibilité des enquêtes, des recherches de longue haleine. Enfin, il s'efforcera de réaliser des synthèses et des mises au point.

2°.- La crainte de surexciter l'opposition au métapsychisme semble exagérée. D'abord, si l'indifférence des milieux savants et officiels est trop réelle, l'hostilité de la police n'existe pas à Paris.

Puis, on assiste à une véritable renaissance de l'idéalisme. Il y a en ce moment, pour les recherches psychiques, une vague d'enthousiasme dont il faut profiter.

L'opposition systématique de jadis a disparu. (Comme le prouve l'accueil fait à l'exposition, au Collège de France, des phénomènes les plus mystérieux du métapsychisme et à l'offensive contre le matérialisme officiel).

3°.- Sir Oliver Lodge ne connaît pas d'exemple de Société internationale ayant accompli un travail utile.

On peut cependant citer l'Office International d'Hygiène publique, pour la lutte contre les grandes épidémies.

Sans doute, les sociétés ne font pas de grandes découvertes; mais leur but n'est pas là; leur but est de fournir aux individus les plus qualifiés les moyens indispensables d'action. Il est aussi, pour celle que nous voulons fonder, de prendre en main la propagande de l'idéalisme. L'enjeu, pour l'avenir, est formidable, il s'agit de savoir si l'humanité aura ou n'aura pas un idéal; si elle s'orientera vers des espérances grandioses basées sur la science - ou si elle sombrera dans le Bolchevisme.

Le dilemme s'impose. Il est urgent. Il ne s'agit pas de se demander si on réussira ou si on échouera. Il y a un devoir à remplir, devoir impérieux, avec lequel l'on ne discute pas.

Je suis bien sûr que tel est aussi votre avis, mon cher Ami.

Cordialement à vous.

Signé:
Santoliquido

Tradução Anexo C

Paris, 08 de novembro de 1918

Meu querido amigo,

Li com grande interesse a carta muito importante de Sir Oliver Lodge. Eu atento primeiro às duas passagens seguintes, que devemos particularmente meditar.

- 1- A necessidade de uma organização central, em especial pelo problema financeiro, é bem urgente. Os médiuns, para assegurar sua existência, são obrigados a um trabalho doloroso, à custa de suas faculdades; por outro lado, eles são submetidos a perseguições policiais.
- 2- A ocasião se apresentará ela mesma, quando um grupo de mais jovens, dispo de mais liberdade, tomar o assunto em mãos...

Não achas, meu querido amigo, que essas duas frases constituem a apologia do projeto e fazem destacar a necessidade e a possibilidade?

Na verdade, o resultado principal da fundação será para resolver o problema dos médiuns, necessidade primordial e pedra no caminho do metapsiquismo.

Os médiuns selecionados, educados e treinados serão isentos de luta pela sobrevivência, sendo capazes de se concentrarem exclusivamente em sua mediunidade, e colocados à disposição das empresas locais ou grupos de pesquisadores.

Para o segundo ponto, a fundação recente, por um fundador generoso, de um laboratório, prova o notável crescimento do metapsiquismo entre os jovens e ardentes estudiosos como J. CH. Roux, Chauvet, Maingot, Geley, etc.,

mostram que a oportunidade surge precisamente no momento.

Passemos agora as objeções ou dificuldades:

- 1- As diferenças entre o gênio inglês e latino não são um obstáculo. Cada um vai continuar sua evolução de acordo com a sua natureza. As sociedades nacionais ou locais manterão toda a sua autonomia e sua característica. O Instituto centralizara simplesmente suas pesquisas e se esforçará para tirar as conclusões lógicas.

“Centro de resultado e de esplendor”, ele vai facilitar os trabalhos particulares, os contatos dos metapsíquicos do mundo inteiro; irá fornecer-lhes os meios, as informações, a possibilidade de investigações, a investigação de longo prazo. Finalmente, ele vai se esforçar para realizar as sínteses e desenvolvimento.

- 2- O temor de excitar a oposição do metapsiquismo parece exagerado. Primeiro, se a indiferença de estudiosos e círculos oficiais é muito real, a hostilidade da polícia não existe em Paris.

Em seguida, há um verdadeiro renascimento do idealismo. Há agora, para a pesquisa psíquica, uma onda de entusiasmo para ser aproveitado.

A oposição sistemática de outrora desapareceu. (Como evidenciado pelo fato do acolhimento feito para a exposição, no Colégio da França, dos fenômenos mais misteriosos do metapsiquismo e a ofensiva contra o materialismo oficial).

3- Sir Oliver Lodge não conhece nenhum exemplo de sociedade internacional com trabalho útil.

No entanto, podem-se citar o Instituto Internacional de Higiene Pública pela luta contra as grandes epidemias.

Sem dúvida, as sociedades não fazem grandes descobertas; mas sua finalidade não está aí; seu objetivo é fornecer aos indivíduos mais qualificados os meios indispensáveis para a ação. É também o que queremos para fundar, para assumir o comando da propaganda do idealismo. O desafio para o futuro é grande, é se a humanidade vai ou não vai ter um ideal; se ele vai avançar para as expectativas grandiosas baseada na ciência ou se ele irá afundar no bolchevismo. O dilema se impõe. Ele é urgente. Não é uma questão para perguntar se teremos sucesso ou se ele irá falhar. Existe um dever a cumprir, o dever imperioso, com a qual nós não discutimos.

Estou certo de que esta é também a sua opinião, meu caro amigo.

ECTOPLASMA
(ENERGOSSOMATOLOGIA)

I. Conformática

Definologia. O *ectoplasma* é o exsudato energético, semimaterial, de características viscosa, leitosa, quase transparente, retrátil, contendo propriedades químicas similares aos componentes intracelulares orgânicos, mais facilmente perceptível quando emanado do soma do parapsíquico ectoplasta, durante os transes mediúnicos de efeitos físicos, promotores dos fenômenos de materializações.

Tematologia. Tema central neutro.

Etimologia. O prefixo *ecto* vem do idioma Grego, *ektos*, “de fora; por fora”. Surgiu no Século XIX. O vocábulo *plasma* também deriva do idioma Grego, *plasma*, “modelar; envolver”. Apareceu na Linguagem Científica em 1836.

Sinonimologia: 1. Fluido energético semimaterial. 2. Fluido holochacral denso. 3. Substância etérea palpável. 4. Energia consciencial semifísica. 5. Energia vital excretada.

Cognatologia. Eis, na ordem alfabética, 22 cognatos derivados do vocábulo *ectoplasma*: *androectoplasma*; *androectoplastia*; *ectoplasmática*; *ectoplasmático*; *ectoplasma*; *ectoplasmica*; *ectoplasmico*; *Ectoplasmologia*; *ectoplasta*; *ectoplastia*; *ectoplástica*; *ectoplástico*; *ectoplasto*; *fitoectoplasma*; *fitoectoplasmia*; *ginoectoplasma*; *ginoectoplastia*; *grafoectoplastia*; *neuroectoplasma*; *neuroectoplasmia*; *zooectoplasma*; *zooectoplasmia*.

Neologia. Os 2 vocábulos *androectoplasma* e *ginoectoplasma* são neologismos técnicos da Energossomatologia.

Antonimologia: 1. Energia imanente. 2. Excreções orgânicas tóxicas. 3. Exsudato inflamatório celular.

Estrangeirismologia: *o background* bioenergético; *o mysterium magnum*; a *telekinesis*; os *raps*; o *poltergeist*; o *be alert* consciencial; o *accident proneness*.

Atributologia: domínio das percepções extrassensoriais, notadamente do autodiscernimento quanto à realidade bioenergética.

Megapensenologia. Eis megapensene trivocabular relativo ao tema: – *Ectoplasma: enigma eletrónico*.

II. Fatuística

Pensenologia: o holopensene pessoal da Parafenomenologia; o holopensene gravitante favorecendo os fenômenos parapsíquicos de materialização; o holopensene investigativo da pesquisa em ectoplasmia; a plasmagem da ortopensenidade pessoal; o energopensene; a energopensenidade; os patopensenes; a patopensenidade; os assistenciopensenes; a assistenciopensenidade; os ortopensenes; a ortopensenidade.

Fatologia: os diversos experimentos impactantes com médiuns ectoplastas refutados pelo paradigma materialista; a defesa da autoimagem e do renome científico coibindo pesquisas mais aprofundadas sobre os fenômenos ectoplásmicos; a falta de financiamento de pesquisas parapsíquicas exercida pelo egocentrismo capitalista; a coragem necessária ao rompimento das barreiras pesquisísticas no âmbito da Fenomenologia Ectoplásmica; a identificação de ectoplastas jovens enquanto epicentros dos fenômenos de *Poltergeist*; as casas malassombradas; as sessões mediúnicas no período da Metapsíquica; o uso da parafina nas pesquisas com materializações; a controversa estrutura química do ectoplasma, $C_{120}H_{1184}N_{218}S_5O_{249}$; as alterações de peso em decorrência da doação de ectoplasma; as fraudes fenomênicas envolvendo os sensitivos ectoplastas; os traumas durante sessões mediúnicas; a fadiga física causada pela intensa doação de ectoplasma; a câmara ectoplásmica enquanto ambiente otimizado para pesquisa e assistência envolvendo a ectoplasmia; os limites do instrumental pesquisístico intrafísico na detecção do ectoplasma; o des-

vio da programação existencial (proéxis) dos parapsíquicos ectoplasta gerado pela vaidade, pelo exibicionismo e pela ganância financeira; a qualificação da intencionalidade necessária ao(à) ectoplasta; a desorganização consciencial do ectoplasta predispondo acidentes de percurso; a premissa da maturidade consciencial em lidar com a ectoplasma pessoal; a influência do ectoplasma sobre o metabolismo orgânico a partir do sistema nervoso autônomo; a hipersensibilidade alérgica respiratória e dermatológica frequentes nos sensitivos ectoplastas; a árvore viçosa doadora de fitoectoplasma.

Parafatologia: o ectoplasma; a ação do ectoplasma sobre a matéria física; a soltura holochacral imprescindível à ectoplasma; a autovivência do estado vibracional (EV) profilático; a sinalética energética e parapsíquica pessoal identificada; o campo energético ectoplásmico; a aplicação da ectoplastia nas sessões da tenepes; a Paracirurgia; a meia-materialização; a materialização irrefutável de consciexes; a leveza vigorosa da ectoplasma; a potencialização da exteriorização ectoplásmica; o domínio maduro das ECs ectoplásticas; a modificação cenográfica dos ambientes extrafísicos; a liberação ectoplásmica desordenada; os chacras da Terra influenciando a vegetação exuberante em fitoectoplasma; a sensibilidade paraperceptiva ao fitoectoplasma a partir do convívio mais íntimo com a Natureza.

III. Detalhismo

Sinergismologia: o *sinergismo Homem-Natureza*; o *sinergismo soma-energossoma-ectoplasma*; o *sinergismo ectoplástico fitoenergias-geoenergias-hidroenergias-aeroenergias-zooenergias-hominenergias*; o *sinergismo patológico riscomania-ectoplasma*; o *sinergismo ectoplasma-efeito físico*; o *sinergismo lignina-fitoectoplasma*; o *sinergismo ectoplasma-acoplamento-clarividência*.

Principiologia: os *princípios da Fisiologia Humana* associados às emanções da ectoplasma; o *princípio da qualificação da quantidade das energias do ectoplasta*; o *princípio de não pensar mal de ninguém*, essencial ao ectoplasta; os *princípios da interassistencialidade* vivenciados a partir da condição de conscin ectoplasta.

Codigologia: o *código pessoal de Cosmoética* (CPC) aplicado ao uso do ectoplasma pela conscin; os *códigos pessoais de organização* atuantes na evitação de acidentes de percurso do sensitivo; o *código pessoal de priorização evolutiva* evitando a dispersão devido à capacidade de realização do sensitivo ectoplasta; o *código grupal de Cosmoética* (CGC) voltado às pesquisas com ectoplasma.

Teoriologia: a emanção do ectoplasma ratificando a *teoria bioenergética da manifestação consciencial*; a *teoria da aplicação do ectoplasma nas práticas interassistenciais*; a *teoria do fitoectoplasma* associada a presença da lignina das plantas; a *teoria da automimese dispensável* fundamentando as práticas energéticas tarísticas do ectoplasta; as *teorias da Metodologia Científica* fundamentando as pesquisas com a ectoplasma; a *teática da recin* qualificando as exteriorizações de ectoplasma; a *teoria da seriéxis* fundamentando o desenvolvimento do ectoplasta.

Tecnologia: a *técnica do estado vibracional* potencializando a ectoplasma; o aprimoramento da *técnica da assimilação simpática* para facilitar a intervenção terapêutica do sensitivo ectoplasta; as *técnicas da desassimilação simpática* das energias conscienciais (ECs) essenciais ao ectoplasta; a *técnica dos registros das parapercepções* otimizando o desenvolvimento do ectoplasta; as *paratécnicas assistenciais a partir do uso da ectoplasma*; a *técnica da Paracirurgia*; a *técnica da interação fitoectoplásmica para aumentar a autectoplasma*; a *técnica do molde de parafina*, usada pela Metapsíquica, na comprovação dos fenômenos de ectoplasma.

Voluntariologia: os *voluntários ectoplastas coadjuutores da instalação de campo energético assistencial*; o *voluntariado ativo das dinâmicas parapsíquicas interassistenciais*; os *sensitivos ectoplastas voluntários de experimentos parapsíquicos*; os *voluntários pesquisadores dos parafenômenos ectoplásticos*; os *voluntários cuidadores das áreas verdes, responsáveis pelo aumento da fitoectoplasma*; os *voluntários da Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial*

em Ectoplasma e Paracirurgia (ECTOLAB); a materialização de ideias a partir dos voluntários das Instituições Conscienciocêntricas (ICs).

Laboratoriologia: o laboratório conscienciológico da Cosmoética; o laboratório conscienciológico da tenepes; o laboratório conscienciológico do estado vibracional; o laboratório conscienciológico de ectoplasma; o laboratório grupal Acoplamentarium; o laboratório da imobilidade física vigil; as dinâmicas de desenvolvimento parapsíquico enquanto laboratório de autopesquisa em ectoplasma.

Colegiologia: o Colégio Invisível da Energossomatologia; o Colégio Invisível da Cosmoeticologia; o Colégio Invisível da Interassistenciologia; o Colégio Invisível da Tenepessologia; o Colégio Invisível da Parafenomenologia; o Colégio Invisível da Parapercepciologia; o Colégio Invisível da Reeducação.

Efeitologia: os efeitos terapêuticos promovidos pelos ectoplastas de cura; o efeito amplificador da ectoplasma na tenepes realizada próxima à vegetação; os efeitos da ectoplasma na clarividência facial; os efeitos do ectoplasma no desassédio interconscencial; os efeitos sobre o sistema nervoso parassimpático promovido pela ectoplasma; os efeitos dos fatores emocionais na manifestação do ectoplasma; os efeitos nosográficos da macro-PK destrutiva; os efeitos do ectoplasma na modificação de ambientes intra e extrafísicos.

Neossinapsologia: os parafenômenos propiciando neossinapses relativas às pesquisas atuais sobre ectoplasma; as neossinapses adquiridas a partir de autexperimentações parapsíquicas; o neuroectoplasma exteriorizado pelo assistente atuando na condição de elemento chave nas neossinapses do assistido.

Cidologia: o ciclo conscin casca-grossa-conscin sensitiva ectoplasta-autopesquisador ectoplasta.

Enumerologia: o ectoplasma dérmico; o ectoplasma muscular; o ectoplasma neurológico; o ectoplasma ósseo; o ectoplasma aeriforme; o fitoectoplasma; o zooectoplasma.

Binomiologia: o binômio consciência-EC; o binômio fenomenológico ectoplasma-olorização; o binômio EV-sensitividade ectoplasta.

Interaciologia: a interação jardim-fitoectoplasma-banhos de energia; a interação lignina-fitoectoplasma; a interação ectoplasma-acoplamento-pararregeneração; a interação ectoplasta-morfogenia-paracenários-desassédio extrafísico; a interação autectoplasma-autodiscernimento-interassistencialidade; a interação Cosmoeticologia-Energossomatologia; a interação Genética-Paragenética nos fluxos de ectoplasma.

Crescendologia: o crescendo patológico ectoplasma descontrolada-acidentes de percurso; o crescendo desbloqueio energético-exteriorização ectoplásmica.

Antagonismologia: o antagonismo psi-ativador / psi-bloqueador nos fenômenos ectoplásticos; o antagonismo cientista conscienciólogo ectoplasta / cientista convencional ortodoxo.

Paradoxologia: o paradoxo de ser necessário controlar variáveis físicas para comprovar a existência do ectoplasma semifísico; o paradoxo de quanto mais o sensitivo-ectoplasta é controlado menos fenômenos ocorrem; o paradoxo de o ectoplasma ser a matéria prima interassistencial e ao mesmo tempo poder ser agente potencializador de doenças orgânicas.

Fobiologia: a espectrofobia; a parapsicofobia; a pesquisofobia; a neofobia.

Sindromologia: a síndrome do terror noturno sofrida pela criança ectoplasta; o diagnóstico diferencial entre os sintomas da ectoplasma e a síndrome vaso-vagal; a ocorrência da síndrome da fome oculta em ectoplastas; o desequilíbrio no sistema nervoso autônomo, pelo incremento da atividade parassimpática, gerado pela ectoplasma, predispondo a síndrome ectoplásmica.

Maniologia: o risco da piromania.

Mitologia: o mito da santidade dos médiuns ectoplastas.

Holotecologia: a energoteca; a potencioteca; a parafenomenoteca; a parapercepcioteca; a experimentoteca; a macrossomaticoteca; a metapsicoteca; a pesquisoteca.

Interdisciplinologia: a Energossomatologia; a Ectoplasmologia; a Somatologia; a Fitoconviviologia; a Psicossomatologia; a Acidentologia; a Autexperimentologia; a Parapercepciologia; a Autodiscernimentologia; a Cosmoeticologia; a Hagiologia; a Homeostaticologia; a Paraterapeutologia.

IV. Perfilologia

Elencologia: a conscin ectoplasta; a isca interconscional lúcida; a conscin minipeça assistencial; a conscin energicista; a conscin parapsíquica; o ser interassistencial; o ser desperto.

Masculinologia: o acoplamentista; o agente retrocognitor; o amparador intrafísico; o atacadista consciencial; o intermissivista; o cognopolita; o compassageiro evolutivo; o completista; o conscienciólogo; o conscienciômetra; o consciencioterapeuta; o macrossômata; o reeducador; o epicon lúcido; o escritor; o evoluciente; o exemplarista; o intelectual; o reciclante existencial; o inversor existencial; o tenepessista; o ofiexista; o parapercepcionista; o sensitivo Carmine Mirabelli (1888–1951); o propositor da Metapsíquica Charles Robert Richet (1850–1935); o pesquisador; o cientista; o projetor consciente; o tertuliano; o verbetógrafo; o verbetólogo; o voluntário; o tocador de obra; o homem de ação.

Femininologia: a acoplamentista; a agente retrocognitora; a amparadora intrafísica; a atacadista consciencial; a intermissivista; a cognopolita; a compassageira evolutiva; a completista; a consciencióloga; a conscienciômetra; a consciencioterapeuta; a macrossômata; a reeducadora; a epicon lúcida; a escritora; a evoluciente; a exemplarista; a intelectual; a reciclante existencial; a inversora existencial; a tenepessista; a ofiexista; a parapercepcionista; a sensitiva Elizabeth Hope, Madame d'Esperance (1855–1919); a pesquisadora; a cientista; a projetora consciente; a tertuliana; a verbetógrafa; a verbetóloga; a voluntária; a tocadora de obra; a mulher de ação.

Hominologia: o *Homo sapiens paraphaenomenologicus*; o *Homo sapiens energisator*; o *Homo sapiens parapsychicus*; o *Homo sapiens catalypticus*; o *Homo sapiens intentionalis*; o *Homo sapiens epicentricus*; o *Homo sapiens interassistencialis*; o *Homo sapiens coterapeuthicus*; o *Homo sapiens tenepessista*.

V. Argumentologia

Exemplologia: *androectoplasma* = quando oriundo da conscin do gênero masculino; *ginoectoplasma* = quando oriundo da conscin do gênero feminino.

Culturologia: a *minicultura fenomenológica primitiva*; a *cultura interassistencial do tenepessismo*; a *holocultura multidimensional do epicentrismo interassistencial ectoplásmico*.

Características. Sob a ótica da *Ectoplasmologia*, eis, por exemplo, na ordem alfabética, 15 características ou propriedades relacionadas ao ectoplasma:

01. **Combinações:** possui combinações paraquímicas com minerais externos ao corpo humano, plantas e tecidos dos trajes do sensitivo ou da sensitiva ectoplasta.
02. **Composição:** apresenta células epiteliais, leucócitos, glóbulos de gordura, muco, características de matéria albuminóide e presença de grupos de núcleos.
03. **Cor:** mostra-se em diferentes cores, tais como cinza, amarelo, branco, verde-oliva e preto.
04. **Elasticidade:** pode alcançar algumas dezenas de metros de extensão.
05. **Estados:** passa por diversos estados, tais como floculoso, difuso, gasoso, leitoso, líquido, semissólido e sólido.
06. **Forma:** assume forma de vapores, bastões, espirais, fio ou fios, cordas ou cordões, teias, raios rígidos ou semirrígidos.
07. **Movimento:** apresenta a propriedade de vibrar, espichar e encolher.
08. **Odor:** pode exalar odor semelhante ao cheiro do ozônio.
09. **Partículas:** agrega partículas estranhas quando retorna ao emissor.
10. **Reabsorção:** é reabsorvido pelo emissor do mesmo modo como ocorreu a exteriorização.

11. **Saídas:** flui a rigor pelos poros e orifícios do corpo, com maior facilidade através da boca, das narinas e dos ouvidos.
12. **Sensibilidade:** apresenta movimentos de retrações, quando em contato com a luminosidade comum, indicando sensibilidade à luz.
13. **Solidez:** extremamente versátil, pode se apresentar-se em estado líquido, sólido, seco ou duro, materializando as formas de pessoas, animais e objetos.
14. **Tato:** em relação ao tato pode apresentar-se fria, gelatinosa, grudenta, úmida, untuosa ou viscosa, às vezes, repulsiva ao toque físico. Lembra o toque em teia de aranha.
15. **Visibilidade:** passa por estados de visibilidade e de invisibilidade.

Fenômenos. Concernente à *Parafenomenologia*, eis, em ordem alfabética, 10 exemplos de fenômenos parapsíquicos associados à presença e exteriorização de ectoplasma por parte do sensitivo:

01. **Agênera.**
02. **Autotransfigurações.**
03. **Grafoectoplastia.**
04. **Macropsicocinesia** (Macro-PK destrutiva).
05. **Meia-materialização.**
06. **Mesas girantes.**
07. **Olorização.**
08. **Paracirurgia.**
09. **Raps.**
10. **Telecinesia.**

Hipóteses. No âmbito da *Pesquisologia*, eis 5 hipóteses na tentativa de explicar a gênese ectoplásmica, descritas em ordem alfabética:

1. **Hipotálâmica.** A produção de ectoplasma está diretamente intrincada com o hipotálamo pelo acionamento dos sistemas termorreguladores orgânicos.
2. **Mitocondrial.** A mitocôndria por ser a usina energética celular é a responsável pela produção de ectoplasma.
3. **Parassimpática.** O transe parapsíquico estimula o sistema nervoso autônomo parassimpático acarretando descoincidência dos veículos de manifestação consciencial promovendo a maior liberação de energia provinda do energossoma.
4. **Química.** O ectoplasma é parte da energia química decorrente das ligações atômicas das moléculas dos alimentos, liberadas pela ativação muscular.
5. **Transmutativa.** O ectoplasma não é produto orgânico interno exteriorizado e sim da transmutação da energia cósmica, absorvida da Natureza através da respiração em energia densa e exteriorizada na forma de vapor.

Sintomas. No âmbito da *Sintomatologia*, eis 50 ocorrências produzidas pela ação do ectoplasma, descritos em ordem alfabética:

01. **Agitação psicomotriz.**
02. **Arrepios.**
03. **Artralgias.**
04. **Balonamento.**
05. **Bocejo.**
06. **Bolo na garganta.**
07. **Coceira na garganta.**
08. **Contração da galea aponeurótica.**
09. **Contrações abdominais.**
10. **Dilatação da narina.**
11. **Dispnéia.**
12. **Distensão abdominal.**

13. Engasgo.
14. Eriçamento dos pelos.
15. Eritema.
16. Eructação.
17. EV espontâneo.
18. Excitação sexual.
19. Fome.
20. Frio.
21. Hipersalivação.
22. Incremento da diurese.
23. Interferência em aparelhos elétricos.
24. Lacrimejamento.
25. Lassidão.
26. Mioclonias.
27. Náuseas.
28. Olorização.
29. Palpitações.
30. Peristalse.
31. Pigarro.
32. Pirose.
33. Pressão no palato.
34. Prurido.
35. Saliva grossa.
36. Sensação de aumento do peso corpóreo.
37. Sensação de corrimento nasal.
38. Sensação de gosma na garganta.
39. Sensação de tocar em teia de aranha.
40. Sibilos respiratórios.
41. Sonolência.
42. Sudorese fria.
43. Tamponamento auditivo.
44. Tensão nas panturrilhas.
45. Tiritação.
46. Tonturas.
47. Tosse seca.
48. Tremores palpebrais.
49. Visão embassada.
50. Zumbidos.

VI. Acabativa

Remissologia. Pelos critérios da *Mental/somatologia*, eis, por exemplo, na ordem alfabética, 15 verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia*, e respectivas especialidades e temas centrais, evidenciando relação estreita com o ectoplasma, indicados para a expansão das abordagens detalhistas, mais exaustivas, dos pesquisadores, mulheres e homens interessados:

01. **Agudização do autoparapsiquismo:** Parapercepciologia; Homeostático.
02. **Auto-herança parapsíquica:** Seriexologia; Homeostático.
03. **Codesaparecimento dessomático:** Dessomatologia; Neutro.
04. **Conscin tenepessável:** Interassistenciologia; Homeostático.
05. **Desintermediação:** Parapercepciologia; Neutro.
06. **Dinâmica parapsíquica:** Parapercepciologia; Homeostático.
07. **Fenomenalidade:** Fenomenologia; Neutro.
08. **Fenomenologia holossomática:** Parafenomenologia; Neutro.

09. **Macropsicocinesia destrutiva:** Megaparapatologia; Nosográfico.
10. **Marca parapsíquica:** Parapercepciologia; Neutro.
11. **Parapercepção impressiva:** Autoparapercepciologia; Neutro.
12. **Qualificação das energias conscienciais:** Energossomatologia; Homeostático.
13. **Recurso parapsíquico:** Parapercepciologia; Neutro.
14. **Subjetividade objetiva parapsíquica:** Parapercepciologia; Neutro.
15. **Usina consciencial:** Energossomatologia; Neutro.

FAZER PESQUISA NO ÂMBITO DA ECTOPLASMIA COM FINALIDADE TERAPÊUTICA É DESAFIO PRIORITÁRIO PARA AS CONSCINS LÚCIDAS QUANTO À RESPONSABILIDADE INVESTIGATIVA DETALHADA DA INTERASSISTENCIOLOGIA.

Questionologia. Você, leitor ou leitora, na condição de conscin intermissivista, mapeou fenômenos de *efeitos terapêuticos ectoplásmicos* gerados a partir de si? Já desenvolveu interesse genuíno e teático nas pesquisas sobre ectoplasmia interassistencial? Quais os resultados?

Bibliografia Específica:

1. Leite, Hernand; *Inter-relação Tenepes e Paracirurgia na Dinâmica Interassistencial Holossomática*; Artigo; V Fórum da Tenepes & II Encontro Internacional de Tenepessistas; Foz do Iguaçu, PR; 21-23.12.09; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Ed. Especial; Vol. 13; N. 1; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 1 E-mail; 6 enus.; 4 refs.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Janeiro-Março, 2009; páginas 27 a 32.
2. Leite, Hernand; *Parapercepções em um Campo Assistencial Holossomático*; Artigo; II Jornada de Parapercepciologia; Foz do Iguaçu, PR; 14-16.07.06; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Ed. Especial; Vol. 9; N. 3; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 1 E-mail; 40 enus.; 1 tab.; 3 refs.; 1 anexo; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Julho-Setembro; 2005; páginas 305 a 317.
3. Munari, Luciano; *Ectoplasma: Descobertas de um Médico Psiquiatra*; Revisores: Julieta Leite, Margareth Rose Fonseca Carvalho; 168 p.; 31 refs.; 1 email; 11 enus.; 12 fotos; 10 ilus.; 1 website; 21 x 14 cm; br.; Editora do Conhecimento; Limeira, SP; 2008; páginas 51, 60, 61, 136, 137 e 141.
4. Richet, Charles; *Tratado de Metapsíquica (Traité de Metapsychique)*; trad. Maria José Marcondes Perreira; & João Teixeira de Paula; 328 p.; 2 fotos; 6 tabs.; alf.; ono.; 21 x 14 cm; enc.; Lake; São Paulo, SP; 2008; página 12.
5. Rossa, Dayane; *Ectoplasmia e Relações Interassistenciais*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 15; N. 4; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 1 E-mail; 13 enus.; 2 notas; 12 refs.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Outubro-Dezembro; 2011; páginas 567 a 576.
6. Rossa, Dayane; *Estudo da Ampliação da Clarividência Facial a partir da Potencialização de Campo Ectoplásmico*; Artigo; III Jornada de Parapercepciologia & I Fórum de Pesquisas das Dinâmicas Parapsíquicas; Foz do Iguaçu, PR; 16-18.07.10; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Ed. Especial; Vol. 13; N. 4; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 1 E-mail; 17 enus.; 3 gráfs.; 1 ilus.; 1 planilha; 10 refs.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Outubro-Dezembro; 2009; páginas 292 a 306.
7. Tubino, Matthieu; *Saúde e Ectoplasma: A Ação do Ectoplasma Visão Prática e Dissertações Filosóficas*; 224 p.; 6 caps.; 2 citações; 2 E-mails; 34 enus.; 2 fórmulas; 1 foto; 18 ilus.; 1 minicurriculo; 1 website; 21 x 14 cm; br.; Astipalea; Campinas, SP; 2009; páginas 66, 71, 143, 148, 149, 152, 194, 195, 200, 204, 205, 210 e 211.
8. Vieira, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; revisores Alexander Steiner; et al.; 1.232 p.; 18 seções; 525 caps.; 150 abrevs.; 16 E-mails; 1.156 enus.; 1 escala; 1 foto; 3 gráfs.; 42 ilus.; 1 microbiografia; 1 sinopse; 2 tabs.; 2 websites; glos. 300 termos; 1.907 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 4ª Ed. rev. e aum.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1999; páginas 170, 172, 278 a 281.
9. Zolet, Lílian; & Buononato, Flávio; Orgs.; *Manual do Acoplamentarium*; revisores Antonio Pitaguari; et al.; 160 p.; 1 E-mail; 63 enus.; 16 filmes; 24 fotos; 8 gráfs.; 27 ilus.; 64 pesquisadores de fenômenos parapsíquicos; 8 planilhas para autopesquisas; 5 tabs.; 151 taxologia dos sinais energéticos; 1 website; glos. 171 termos; 808 refs.; 6 anexos; 28 x 21 cm; br.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2012; páginas 37 a 39.

H. L.